

15º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

RELATÓRIO FINAL

Rondonópolis-MT
18 a 22 de julho de 2023





15º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE RELATÓRIO FINAL

**Rondonópolis-MT
18 a 22 de julho de 2023**



15º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

RELATÓRIO FINAL

**Rondonópolis-MT
18 a 22 de julho de 2023**

Ampliada Nacional das CEBs

Secretariado para o 15º Intereclesial das CEBs

www.cebsdobrasil.com.br;

<https://www.facebook.com/CEBsdoBrasilOficial>;

<https://www.youtube.com/c/CEBsDoBrasil>

**15º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS COMUNIDADES
ECLESIAIS DE BASE**

CEBs: Igreja em Saída, na busca da vida plena para todos e todas.

"VEJAM! EU VOU CRIAR NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA" (Is 65,17ss).

Equipe de redação: Assessores e assessoras do 15º Intereclesial, Equipe de secretaria do 15º Intereclesial, Equipe de Liturgia do 15º Intereclesial

Relatório: Conceição Aparecida de Souza (SC)

Organização: Secretariado para o 15º Intereclesial, Marilza José Lopes Schuina

Revisão: Neuza Mafra, Ir. Eurides Alves de Oliveria

Projeto gráfico e diagramação: Wállison Mota

Capa/fotos: imagens do 15º Intereclesial

Fonte: Renan Dantas/comunica15; Jorge Mirandinha/Verbo Filmes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

15º encontro intereclesial das comunidades
eclesiais de base : relatório final /
organização Marilza José Lopes Schuina,
Secretariado 15º Intereclesial. -- 1. ed. --
Rondonópolis, MT : Ed. dos Autores, 2024.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-01-06801-5

1. Comunidades cristãs 2. Espiritualidade -
Cristianismo 3. Fé (Cristianismo) 4. Igreja e
sociedade 5. Misticismo 6. Religião I. Schuina,
Marilza José Lopes. II. Secretariado 15º
Intereclesial.

24-213455

CDD-200

1ª Edição
Julho de 2024

**15º ENCONTRO INTERECLESIAL DAS COMUNIDADES
ECLESIAIS DE BASE**
**CEBs: IGREJA EM SAÍDA, NA BUSCA DA VIDA PLENA PARA
TODOS E TODAS**

“VEJAM! EU VOU CRIAR NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA” (Is 65,17ss).

ORAÇÃO 15º INTERECLESIAL DAS CEBs

Ó Santíssima Trindade,

Somos escolhidos/as para participar da vida divina, por isso,
Nós, te saudamos, te louvamos, te glorificamos e
Te adoramos, Pai, Filho, Espírito Santo- Comunhão de amor e de Misericórdia.

Jesus Cristo entregou a sua vida

Para reconduzir na unidade e salvar os filhos de Deus dispersos.

**O Espírito Santo faz nascer a Igreja, como comunidades de fé,
de partilha, comunhão, vida fraterna e missão.**

Senhor, somos chamados/as para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo,
Inseridos no meio do povo, comprometidos com o Reino de Deus
Com a justiça e a paz, a solidariedade e a misericórdia. [...]

Queremos ser ‘Igreja em Saída, na busca de vida plena para todos e todas’.

**Queremos assumir com alegria a missão profética de ir ao encontro
dos irmãos e irmãs, de modo especial, os esquecidos,
sofridos, doentes, sem pão, sem casa, sem trabalho.**

Nós te pedimos, Trindade Santa, pelas

[...] Comunidades Eclesiais de Base:

Que a força do Espírito Santo anime as comunidades; dê entusiasmo
à missão, para ‘*criar novo céu, nova terra*’ e fazer surgir uma Igreja
Sinodal, ministerial, que tem como centro a Eucaristia, a Caridade e a Missão.

**E assim a humanidade inteira possa alcançar a unidade no Seu amor,
a vida plena e a salvação.**

Amém, Axé, Awerê, Aleluia! Oino Gódo!

(Dom Juventino Kesting, + 28 de março de 2021- Rondonópolis-MT)

AGRADECIMENTOS

Queremos louvar e agradecer, bendizer ao Senhor pela maravilha que foi este 15º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base.

O Senhor abençoe e proteja a todos e todas que trabalharam pela animação das CEBs do Brasil, em todo o processo de realização do encontro: antes, durante e depois.

“Saúde aos doentes * a alegria aos tristes

Esperança aos desanimados * E a benção de Deus pra você” (D. Juventino Kesting).

Secretariado para o 15º Intereclesial das CEBs

Sumário

Apresentação	6
Introdução.....	8
I - 1º Dia.....	11
1.1- Saudação do Papa Francisco.....	12
1.2 – Declaração de abertura - Dom Maurício da Silva Jardim – Diocese de Rondonópolis-Guiratinga (Bispo Anfitrião).....	12
1.3 – Reflexão - Dom Neri J. Tondello – Diocese de Juína/MT (Bispo Referencial das CEBs/CNBB/Regional Oeste 2)	13
1.4 - Saudação de D. Jaime Spengler (Presidente da CNBB)	14
1.5 - Saudação de Ana Belém (Argentina) – da Articulação Continental das CEBs..	15
1.6 – Crônica do 1º dia – (Pe. Vileci B. Vidal, assessor Ampliada Nacional das CEBs).....	16
II - 2º Dia	18
2.1 - Plenária Amazônia - regionais Norte 1 (Norte do Amazonas e Roraima), Norte 2 (Amapá e Pará) e Noroeste (Acre, Rondônia e Sul do Amazonas).....	19
2.1.1 – Ver, escutar e sentir os clamores da Terra e dos Povos - Dorismere Almeida de Vasconcelos	19
2.2 – Plenária Caatinga - regionais Nordeste 1 (Ceará), 2 (Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte) e 3 (Bahia e Sergipe)	38
2.2.1 - Ecologia, política e economia: reflexões sobre a realidade brasileira - Francisco Antônio Crisóstomo de Oliveira (Thiesco)	39
2.3 – Plenária Cerrado - regionais Nordeste 4 (Piauí), Nordeste 5 (Maranhão) e Norte 3 (Tocantins, Sudeste do Pará e Nordeste do Mato Grosso).	41
2.3.1 - CEBs: os pequenos que Deus chamou para ajudar nos grandes desafios sociais e eclesiais - Ir. Denise Alves Morra	41
2.4 – Plenária Mata Atlântica - regionais Leste 1 (Rio de Janeiro), Leste 2 (Minas Gerais) e Leste 3 (Espírito Santo).	45
2.4.1 - Realidades que não se vê no caminho da libertação: “eu acredito que o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor”- Pedro Ribeiro de Oliveira.....	45
2.5 – Plenária Pampa - regionais Sul 2 (Paraná), Sul 3 (Rio Grande do Sul) e Sul 4 (Santa Catarina).....	49

2.5.1 - A crise do qual vivemos – Pe. Paulo Adolfo Simões	50
2.6 – Plenária Pantanal - regionais Centro Oeste (Distrito Federal e Goiás) e Oeste 2 (Mato Grosso)	53
2.6.1 – A 6ª Semana Social Brasileira como chave para a Análise de Conjuntura - Daniel Seidel.....	53
2.7- Plenária Casa Comum - regionais Sul 1 (São Paulo) e Oeste 1 (Mato Grosso do Sul)	59
2.7.1 – A teimosa e corajosa esperança do povo - Edward Guimarães	64
III - 3º Dia	66
3.1 – Partilha das plenárias do VER	67
3.1.1 – Plenária Amazônia – Regionais Norte 1, 2, Noroeste	67
3.1.2 – Plenária Caatinga – Regionais Nordeste 1, 2, 3	70
3.1.3 – Plenária Cerrado – Regionais Nordeste 4, 5, Norte 3.....	79
3.1.4 – Mata Atlântica – Regionais Leste 1, 2, 3	86
3.1.5 – Plenária Pampa – Regionais Sul 2, 3, 4.....	87
3.1.6 – Plenária Pantanal – Regionais Oeste 2 e Centro Oeste.....	93
3.1.7 – Plenária Casa Comum – Regionais Sul 1 e	95
Oeste 1	95
3.2 – Entre o VER e o JULGAR – CEBs: o despontar da 4ª geração Pedro A. Ribeiro de Oliveira.....	102
3.3 – JULGAR - Horizontes da esperança - Tea Frigerio – mmx	111
3.4 – Plenárias temáticas	127
3.4.1 - Plenária CEBs e educação – Gabriela da Silva e Michelle Gonçalves	127
3.4.2 - Plenária CEBs e questões ecológicas – Andrei Thomaz Oss-Emer	133
3.4.3- Plenária CEBs e poder na Igreja/sinodalidade – Ir. Eurides Alves de Oliveira, Neuza Mafra	140
3.4.4 – Plenária 1: CEBs e dimensão político-social – Pe. Dário Bossi	145
3.4.5 - Plenária 2: CEBs e dimensão político-social - Pe. João Maria	151
3.4.6 - Plenária CEBs e Economia de Francisco e Clara – Peterson Prates	153

Princípios da economia de Francisco e Clara(Fonte: https://Economiadefranciscoeclara.Com.Br/10-Principios-Da-Economia-De-Francisco-E-Clara/)	153
3.5 – Crônica do dia – Missão e Mística das CEBs (Edward Guimarães)	157
IV - 4º Dia	162
4.1- CEBs e Dimensão político-social - Plenária Casa Comum	166
4.1.1 - CEBs e dimensão Político-Social – Plenária Mata Atlântica.....	167
4.2 – CEBs e poder na Igreja/sinodalidade – Plenária Pampa.....	169
4.2.1 – CEBs e poder e Sinodalidade na Igreja - Plenária Amazônia	171
4.3 - CEBs e economia de Francisco e Clara - Plenária Pantanal	172
4.4 - CEBs e educação – Plenária Cerrado.....	173
4.5 - CEBs e ecologia Integral – Plenária Caatinga	175
4.6 - Testemunhos – NOSSAS CAUSAS	177
4.6.1 – A causa da juventude - Michelli Gonçalves, Pastoral da Juventude/Brasil..	177
4.6.2 – A causa indígena - Anastácio Peralta, liderança indígena Guarani-Kayowá /MS.....	178
4.6.3 – Causa das mulheres e pela Reforma Agrária Popular – Itelvina Maria Masiolli, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MT	179
4.6.4 – A causa dos migrantes – Adriana Pitta Silva, Agente da Pastoral do Migrante/Roraima	180
4.6.5 – A causa do povo negro - Peterson Prates, CEBs/São Paulo.....	181
4.7 - Fortalecendo as CEBs do Brasil: Desafios e cuidados na caminhada – Francisco de Aquino Júnior.....	182
4.8- Plenárias por regionais.....	185
4.9 – Celebração dos Mártires da Caminhada.....	186
4.10 – Crônica do dia.....	187
5.1 – Escuta das Plenárias dos Regionais	190
V - 5º Dia	190
5.1.2 - Elencar 03 (três) compromissos a serem assumidos pelas CEBs em vista de uma Igreja autenticamente sinodal e uma sociedade mais justa e fraterna, para os próximos 04 anos.	195

5.1.3. Como vamos retomar e/ou fortalecer as comunidades (círculos bíblicos, grupos de reflexão, etc) e a inclusão e a participação da juventude na caminhada das CEBs?.....	197
5.2 – Um olhar sobre o AGIR.....	200
5.3 – Moções e mensagens do 15º Intereclesial	202
5.3.1 – Moção de apoio em defesa do direito originário dos povos indígenas	202
5.3.2 – Moção de apoio aos catadores e catadoras de materiais recicláveis do Brasil.....	204
5.3.3 – Mensagem das Comunidades Eclesiais de Base do Brasil (CEBs) aos bispos do Brasil – CNBB	205
5.3.4 – Carta ao Papa Francisco.....	209
5.3.5 – Mensagem às Comunidades.....	211
5.3.6 – Carta dos bispos presentes no 15º Intereclesial.....	214
VI - Celebrações	217
6.1 - Celebração de abertura (presidida por uma mulher)	218
6.2 – Celebração Ecumênica	228
6.3 – Celebração Indígena	230
6.4 – Celebração Martírial	232
6.5 - Ofício da manhã – FESTA DE MARIA MADALENA - Discípula amada de Jesus, apóstola dos apóstolos	245
6.6 – Celebração Eucarística - Encerramento do 15º Intereclesial das CEBs – 16º Domingo do Tempo Comum – Ano A.....	252
O Trem das CEBs agora segue rumo ao 16º Intereclesial no Regional Leste 3 – Espírito Santo – Diocese de Cachoeiro de Itapemirim	266
VII - Anexos	266
7.1. Os números do 15º Intereclesial das CEBs (Marilza J. L. Schuina)	267
7.2. Apreciação dos resultados da consulta realizada junto aos regionais sobre os impactos da realidade do país e da realidade da igreja na vida das Comunidades Eclesiais de Base (Pedro A. Ribeiro de Oliveira/ 05-06-2023)	272
7.3. Cordel do Intereclesial – Aureolino Santana (Manaus/Regional Norte 1)	285

APRESENTAÇÃO

*Somos a Igreja em saída o novo vai acontecer
O céu abrindo as portas para este povo acolher
Vou criar novo céu e nova terra
para que todos tenham vida plena. (Pedro Nery, ROO)*

Está chegando até você a publicação do que foi o 15º Intereclesial das CEBs, que com as bênçãos da “Divina Ruah” aconteceu em Rondonópolis, nos dias 18 a 22 de julho de 2023. Um encontro marcado pela alegria, vivendo ainda os reflexos da pandemia da COVID-19. Estar vivos e poder se encontrar. Essa dimensão de continuidade da caminhada, marcada pelo abraço, pelo carinho entre todos e todas. Alegria do encontro!

O encontro caminhou, foi celebrado, vivido intensamente depois de 05 anos de um processo de preparação que contribuiu para a formação e animação das CEBs, um processo de participação a serviço da vida plena para todos e todas que procurou encontrar saídas para que o reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré seja uma realidade para cada homem e cada mulher que participou do Encontro.

Um momento de esperança. Algo que estávamos precisando. Uma característica fundamental foi essa alegria profunda do encontro. Experimentamos a alegria de quem vive e quer viver a liberdade de anunciar e partilhar o Evangelho de Jesus Cristo entre todas as pessoas, culturas, povos, tradições, derrubando os muros de medos e preconceitos que nos divide e dificulta a fraternidade.

As CEBs são um grande sinal de esperança para a Igreja Sinodal, uma experiência sonhada e vivida pelas comunidades de comunhão participação e missão.

“As CEBs, qual mulher grávida, continuam gerando o novo, recriando os caminhos de libertação, sob o impulso do verbo sair, que funciona como um fio condutor de toda a nossa existência. De Gênesis a Apocalipses, a caminhada do povo de Deus se deu sob a inspiração da Divina Ruah, fomentando um permanente sair. Do ventre da mulher ao

ventre da pachamama, saímos sempre em busca da vida plena” (mensagem do 15º Intereclesial às Comunidades).

Sendo uma dimensão importante da Igreja do Brasil, as CEBs estão vivas e, somos Igreja e queremos colocar nossa experiência de uma Igreja sinodal, em saída para as periferias e devolver aos pobres a atenção e o protagonismo na vivência do Evangelho.

Caminhar juntos, estar juntos, fazer juntos. Você é convidado a fazer essa experiência (escuta, construção, diálogo) de abertura ao outro, à outra, “arrancar e arrasar, demolir e destruir, construir e plantar”, de mãos dadas, nessa bonita missão de fazer o Evangelho de Jesus ressoar, tocando os corações de todas as pessoas onde cada um se sinta incluído.

Secretariado para o 15º Intereclesial das CEBs

INTRODUÇÃO

*Somos gente nova vivendo a união,
somos povo semente de uma nova nação ê, ê.
somos gente nova vivendo o amor,
somos comunidade, povo do senhor; ê, ê. (Zé Vicente, CE)*

O texto que virá a seguir é uma “colcha de retalhos”, mas em sentido positivo. Quando os retalhos estão unidos eles formam um todo, uma colcha com uma função importante. O esforço por cobrir todo o intereclesial poderá ser notado. Evidentemente, haverá lacunas, mas em um encontro desta envergadura, com uma metodologia participativa, corre-se o risco de perder alguns “retalhos”. Porém, será possível, ao ler, visualizar um acontecimento importante para a caminhada da Igreja no Brasil. Desde a Celebração de Abertura, presidida por uma mulher, o encontro foi sendo costurado como uma grande festa que faz brilhar os olhos e aquecer o coração.

Encontro acolhido pelo Povo de Deus de Rondonópolis através de Dom Juventino Kesting, de saudosa memória, que assumiu o Intereclesial na perspectiva de animação das CEBs, Comunidades Eclesiais de Base. E Dom Maurício, sucessor de Dom Juventino, prosseguiu o caminho para a Terra Prometida.

Todos os regionais da CNBB estiveram presentes através dos mais de mil participantes (gente de base, agentes de pastoral, religiosos, religiosas, padres, bispos), acolhidos pelas famílias. Também participaram e foram acolhidos os indígenas, os irmãos e irmãs de comunidades tradicionais, quilombolas e os de outras igrejas e religiões.

O 15º Intereclesial, com o método ver-julgar-agir, aprofundou o tema: *CEBs – Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas, e o lema: “Vejam! Vou criar um novo céu e uma nova terra!” (Is 65,17)*. Tudo que foi falado e produzido por escrito, será sintetizado no texto que se segue, conforme o próprio encadeamento do encontro.

No VER – apresentou-se a realidade da vida eclesial, política e social. Partindo das perguntas, “como a realidade do país impacta a vida das comunidades?” e “como a realidade da Igreja impacta na vida das comunidades?”, identificaram-se os principais gritos e desafios e que respostas concretas podem ser dadas para a superação desses gritos e desafios. As plenárias com os nomes dos biomas (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal) indicavam um compromisso das Comunidades Eclesiais de Base com defesa da vida, vida humana e vida da natureza. A grande plenária, a “Casa Comum”, a busca integral do Bem Viver.

No JULGAR – os horizontes da caminhada, um olhar bíblico-teológico para identificar “o que anima as CEBs hoje, na missão de ser Igreja em saída para as periferias, a serviço da vida plena para todos e todas?” e um olhar pastoral com os temas das dimensões da cultura eclesial, política e social: CEBs e dimensão político-social, CEBs e poder na Igreja-sinodalidade, CEBs e Economia de Francisco e Clara, CEBs e Educação e CEBs e questões ecológicas- ecologia integral.

Para o AGIR, os “compromissos a serem assumidos pelas CEBs em vista de uma Igreja autenticamente sinodal e uma sociedade mais justa e fraterna” e “como vamos retomar e/ou fortalecer as comunidades (círculos bíblicos, grupos de reflexão) e a inclusão e participação da juventude na caminhada das CEBs?”.

As testemunhas do Reino apresentam as causas comuns das Comunidades Eclesiais de Base: juventude, povos indígenas, mulheres, povo negro e migrantes, indicando que essas causas não são pautas de alguns, mas de todos e todas. É hora de escutar e cuidar do outro, da outra e do mundo, a Casa Comum.

O texto também faz o registro das dimensões celebrativas, de cartas e moções apresentadas no encontro. Nosso desejo é que ele seja um documento no qual se possa perceber o quanto este caminho eclesial contribui para o processo de evangelização em perspectiva sinodal. Boa leitura.

18 DE JULHO DE 2023 (TERÇA-FEIRA) DIA DA CHEGANÇA E DO ENCONTRO



18 DE JULHO DE 2023

Num clima de muita alegria, esperança, afeto, encontros, reencontros, sonhos comuns que os participantes do 15º Intereclesial das CEBs chegavam com suas delegações, na cidade de Rondonópolis/MT, para juntos vivenciarem e partilharem a caminhada das CEBs do Brasil.

As delegações começaram a chegar às primeiras horas do dia e foram acolhidas nas paróquias pelas famílias das comunidades, recebiam seus crachás de identificação e o material com as informações e orientações para os dias do encontro.

As equipes de alimentação das diversas comunidades prepararam café e um gostoso almoço para todos que chegavam deste nosso imenso Brasil, vindos de ônibus, avião, barco, carro.... Esse é o povo das CEBs, o povo do caminho, que não cansa de lutar e esperar!

Aconteceu a abertura oficial do encontro, às dezoito horas, com a animação da equipe local. Todos os participantes foram acolhidos na CASA COMUM, que durante essa semana será a nossa casa. Foram dadas as boas-vindas para todos os povos de todos os cantos do Brasil, a alegria inspirou e brotou no Centro de Eventos Santa Terezinha- CEST, neste início de noite, neste local, que será a nossa Casa Comum

A acolhida aos participantes, trouxe presente as características marcantes de cada grande região, suas lutas, suas dores, suas conquistas, sua cultura. Toda a diversidade das CEBs do Brasil esteve presente na Celebração de Abertura.

1.1- SAUDAÇÃO DO PAPA FRANCISCO

Quero estar próximo de vocês neste 15º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base. Continuem trabalhando, vão adiante!

Não se esqueçam: Igreja em saída. Este é o tema. Igreja em saída. Sim, a Igreja é como água: se a água não corre no rio, ela fica estagnada, adocece. Por outro lado, a Igreja quando sai, quando caminha, se sente mais forte.

Eu os abençoo, sigam em frente. E que a Igreja de vocês seja sempre “em saída”, não escondida.

Deus os abençoe. A Virgem cuide de todos e rezem por mim.

(Papa Francisco)

1.2 – DECLARAÇÃO DE ABERTURA - DOM MAURÍCIO DA SILVA JARDIM – DIOCESE DE RONDONÓPOLIS-GUIRATINGA (BISPO ANFITRIÃO)



Na alegria do Evangelho, como Igreja missionária, sinodal e samaritana, em saída permanente às periferias existenciais e geográficas, despojada de poder e desejosa de uma salutar descentralização, acolho a todos e todas que percorreram as estradas do nosso país e rios da Amazônia.

Aqui em Rondonópolis chegamos por causa de Jesus Cristo e seu Evangelho, reafirmando a força e importância das comunidades. Declaro aberto o 15º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas.

1.3 – REFLEXÃO - DOM NERI J. TONDELLO – DIOCESE DE JUÍNA/MT (BISPO REFERENCIAL DAS CEBs/CNBB/REGIONAL OESTE 2)

“Eu vou criar novos céus e nova terra...Farei do meu povo uma alegria”. Deus já começou, chegou a nossa vez. O novo céu começa a partir de uma comunidade de base bem animada. Com um povo bem feliz, alegre faz a diferença. Uma comunidade cheia de coragem impregnada de compromisso com a vida dos mais sofridos e abandonados da terra, eis o novo céu e a nova terra.

Começa com o respeito aos Direitos Humanos. O novo céu e a nova terra alinham-se com a dignidade de todo ser humano. Não ao racismo, mais sim à biodiversidade cultural. Não ao patriarcalismo, mas sim a uma sociedade pautada na “civilização do amor”. Um novo céu e uma nova terra se faz com “pão em todas as mesas da páscoa nova certeza, a festa haverá e o povo a cantar aleluia”. Alimentos sem veneno. Novo céu e nova terra começa com saúde que vem da natureza. Com a floresta em pé. Direitos indígenas preservados. Proteção das crianças e vulneráveis. Devolver sonhos aos jovens, começa com acolhida, defesa, promoção e integração dos refugiados.

O sistema do novo céu e uma nova terra, precisa vencer o sistema que fabrica os pobres. Sistema que concentra a riqueza e o capital. O sistema do paradigma da produção ao máximo, consumir tudo e lucro total, está longe do Evangelho da “vida em abundância para todos”. “Na festa da partilha, Jesus é o nosso pão, presença que anuncia o milagre do amor. Se houver acesso igual aos bens de criação, justiça e paz na terra então se abraçarão”. A liberdade e a democracia, jamais ficarão fora do novo céu e da nova terra, antes coroam o reino de Jesus de Nazaré, o peregrino da amizade.

Um novo céu e uma nova terra se faz com uma Igreja a caminho, superando a igreja do banquinho, antes uma Igreja em saída, na fé a caminho. Se faz novo céu e nova terra com a escuta do grito da terra, o

clamor das águas, o sopro das plantas, o belo das flores, o canto dos pássaros e o sofrimento dos pobres.

Um novo céu e uma nova terra requer uma Casa Comum organizada através da Oikonomos (Lei da casa que rege a Economia Solidária de Francisco e Clara), e uma Oikologos (uma ecologia integral do cuidado). Requer conversão sinodal e correção fraterna. Requer comunhão, missão e participação entre os habitantes da casa comum, a Amazônia de Deus.

Que os inimigos voltem à amizade, os adversários se deem as mãos; que a busca da paz vença os conflitos; que o perdão supere o ódio e a vingança dê lugar à reconciliação. Demos alegria ao Deus da vida, do novo céu e da nova terra.

1.4 - SAUDAÇÃO DE D. JAIME SPENGLER (PRESIDENTE DA CNBB)

Queria dizer dois pontos. Um primeiro que a fé para nós é graça. Um segundo ponto é que estamos num momento de Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão. Adicionaria: corresponsabilidade. Que nos leva a missão: ser sal da terra, luz do mundo, fermento de transformação. A nossa vida de comunidade vale a pena se cooperarmos para deixar o mundo um pouco melhor para que todos tenham vida e vida em abundância.

Vamos em frente! Vale a pena fazer parte dessa comunidade de fé, dessa Igreja. Se desejamos algo de novo para essa Igreja e para a sociedade depende de nós. Estamos num momento histórico que traz um desafio: será que nós não precisamos também iniciar um caminho de renovação? Precisamos de lideranças jovens, de ousadia. Deixemo-nos provocar por isso também. Muito obrigado e bom trabalho.

1.5 - SAUDAÇÃO DE ANA BELÉM (ARGENTINA) – DA ARTICULAÇÃO CONTINENTAL DAS CEBs

Eu não falo português e por isso peço desculpas. Peço licença. Eu venho de um território habitado pela nação indígena. Meu nome é Ana Belém, tenho 55 anos, não sou religiosa. Muita gente me perguntou isso. Apesar de não ser religiosa, mas pratico atos religiosos. Sou professora de história. Sou discípula, amiga, companheira. Estou muito feliz de estar pela primeira vez, mas que não seja a última. Estou no Brasil porque compartilhamos as opções de caminhada dos companheiros da CEBs Continental. Estamos fazendo um serviço em equipe da CEBs continental, um trabalho coletivo para levar adiante uma articulação continental das CEBs. Temos 18 países e cada país tem ligação e companheiros e companheiras juntos nessa caminhada de articulação. Todos juntos com Rosy (El Salvador) e Benedito Ferraro (Brasil), trazemos a vocês um abraço.

Felicito por todo o trabalho que vocês realizam. Escutar a vocês é vibrar e mostrar que vocês e nós não estamos sozinhos e sozinhas, mas unidos, como nos diz o Papa Francisco. As CEBs devem estar unidas e no meio dos pobres. Trago um presente da Assembleia Nacional das CEBs da Argentina. Estivemos reunidos em abril e já sabíamos desse encontro. Argentina envia a vocês esse presente. É uma imagem da ressurreição pintada por Perez Esquivel, que foi prêmio Nobel da paz.

O objetivo da articulação continental das CEBs é escutar e aqui escutei muitas coisas. Vou mencionar apenas duas: formação. Na articulação continental existem vários espaços de formação. Perguntem aos seus representantes. Juventudes: existe um espaço de graça muito bonito que contempla a tradição latino-americana, que se chama “Bendita Mezcla”, que nesse momento está no Paraguai. Quero lembrar um grande companheiro que todos conhecem, que é o pe. José Marins. Obrigado pela partilha. Muito ânimo na articulação continental. Rezem por nós. Um abraço fraterno.

1.6 – CRÔNICA DO 1º DIA – (PE. VILECI B. VIDAL, ASSESSOR AMPLIADA NACIONAL DAS CEBs)

Estamos iniciando em Rondonópolis - MT o 15º Intereclesial das CEBs do Brasil e queremos compreender o sentido da Igreja em saída com a identidade das CEBs. A vida plena é o novo céu na terra. Deus nos chama para continuar o Reino entre nós: estar perto de todos aqueles que anseiam por dignidade, justiça, paz e reconciliação. E Jesus nos alerta: "sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5).

Vivemos numa realidade marcada por conflitos que exigem o testemunho de fé e o serviço comum ao mundo. O Intereclesial é o momento de escutar, numa perspectiva sinodal, pessoas e comunidades engajadas na luta pela proteção do meio ambiente e pela construção da amizade social. Ainda podemos acreditar na possibilidade de um mundo novo, mais justo e fraterno. Trata-se de um novo mundo dentro de um mundo velho em desintegração. Podemos assemelhar a compreensão de um novo jeito de ser Igreja dentro de uma estrutura eclesial necessitada de revitalizar o Concílio Vaticano II no processo que já começou de descolonização, descentralização e desclericalização, considerando os círculos bíblicos que possibilitam os fiéis leigos e leigas se tornarem teólogos e teólogas, os conselhos comunitários que proporcionam de se tornarem sujeitos eclesiais nas comunidades e o compromisso evangelizador e missionário no meio dos pobres e marginalizados.

Somos chamados a continuar a construir "novo céu e uma nova terra", mostrando que a promessa de Deus está presente aqui e agora quando amamos o pobre, a viúva, o escravo, o doente, quem está na prisão, o marginalizado. Essas pessoas são a carne de Cristo e tocar a carne de Cristo nos faz bem. Por isso é preciso ir às periferias: ser uma Igreja em saída e sinodal, presente na luta do povo, contribuindo com a superação de uma economia que mata, dando continuidade à formação da consciência das pessoas e de uma ecologia integral no enfrentamento a grave crise socioambiental, tendo como perspectiva o BEM VIVER.

Sejam bem-vindos e bem-vindas ao 15º Intereclesial das CEBs para juntos vivermos, nestes dias, a alegria do Evangelho!



19 DE JULHO DE 2023 (QUARTA-FEIRA) VER A REALIDADE DA CAMINHADA

*Ninguém solta a mão de ninguém! Ninguém solta a mão.
Pode se chegar, pode vir celebrar ninguém solta a mão.
(Diego Noda/RS)*

Os participantes do 15º Intereclesial das CEBs foram para as suas plenárias regionais.

Hoje é o dia do **VER** – o dia de olhar a realidade social e a realidade eclesial a partir dos Regionais. Todos e todas se reúnem nas 07 plenárias, sendo uma a **Casa Comum** e as demais localizadas em outras 06 paróquias, que receberam o nome dos biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampas, Pantanal.

Os grupos de trabalho receberam nomes de frutos/alimentos de cada bioma:

Amazônia: Abiu, Açaí, Cacau, Castanha do Pará, Cupuaçu, Guaraná, Jambu, Murici, Pupunha, Tucumã.

Caatinga: Cajá, Caju, Coco, Fava, Juá, Licuri, Macaúba, Macaxeira, Mandacaru, Umbu.

Cerrado: Babaçu, Bacupari, Baru, Buriti, Cagaita, Gueroaba, Jatobá, Manga, Mangaba, Pequi.

Mata Atlântica: Acerola, Banana, Café, Cambuci, Juçara, Lichia, Mamão, Morango, Pitanga, Taioba.

Pampa: Araçá, Butiá, Caqui, Caxixi, Erva mate, Maçã, Nectarina, Pêssego, Pinhão, Uva.

Pantanal: Araticum, Bocaiúva, Embaúba, Gravateiro, Guavira, Jaca, Jenipapo, Marmelada, Palmito, Tucum.

Casa Comum: Abacaxi, Abóbora, Cenoura, Goiaba, Jabuticaba, Laranja, Maracujá, Melancia, Melão, Tomate.

Durante todo o dia os participantes permaneceram no seu bioma refletindo sobre o **VER**, a partir da escuta realizada com os regionais: Como a realidade do País impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base? Como a realidade da Igreja impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base?

A noite deste dia foi destinada para a convivência com as famílias. Os participantes puderam ficar com as famílias acolhedoras para uma noite de conversa, conhecimento, troca de experiências e partilha dos bens, dos dons e do alimento.

II - 2º DIA

2.1 - PLENÁRIA AMAZÔNIA - REGIONAIS NORTE 1 (NORTE DO AMAZONAS E RORAIMA), NORTE 2 (AMAPÁ E PARÁ) E NOROESTE (ACRE, RONDÔNIA E SUL DO AMAZONAS).

2.1.1 – VER, ESCUTAR E SENTIR OS CLAMORES DA TERRA E DOS POVOS - DORISMEIRE ALMEIDA DE VASCONCELOS¹

Quando o Senhor, chamou e encontrou-se com Moisés no deserto vasto no monte Horebe e lhe disse: “Certamente tenho observado a opressão e a miséria sobre meu povo no Egito, tenho ouvido seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei o quanto estão padecendo. Por esse motivo desci a fim de livrá-los das mãos dos egípcios e tirá-los daqui para uma terra boa e vasta, onde mana leite e mel, porque conheci as suas dores”(cf. Ex. 3), ecoa firme também o clamor amazônico, faz-nos lembrar do que lemos nos relatórios e escutamos novamente do grito de clamor que nos vem nessa manhã, mas também faz nos lembrar dos nossos mártires amazônicos: Ir Cleusa, Pe Ezequiel, Ir Dorothy, Ir Adelaide, Claudio e Maria do Espírito Santo, Dema, Chico Mendes e tantos outros anônimos, porque nos faz compreender o valor da missão batismal que interliga a fé e a vida pela profecia. Todo cristão e cristã, que carregaram em sua vida de missão e caminhada e, nos lembra que devemos carregar também o dom de ser profeta, ou seja, de estarmos atento aos sinais dos tempos na Amazônia, no Brasil e no mundo para anunciar os desígnios de Deus e denunciar o que vai contra o plano de Deus, autor da vida e, portanto, tudo o que gera morte. É também a missão de todo filho e filha amados de Deus.

É uma missão encarnada na realidade, Igreja que se entrosa com a realidade. São Paulo VI, expressou em 1972: “Cristo aponta para Amazônia”. A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia, no meio dos povos, de tal modo que aparece um rosto eclesial bem definido. Um

¹Articuladora Territorial da REPAM-Brasil, ativista socioambiental, leiga da Ordem Franciscana Secular, auditora do Sínodo para Amazônia e membro da coordenação do Núcleo de Mulheres e Amazônia da REPAM e Núcleo de Novos Ministérios e Ministerialidade das Mulheres da CEAMA. (Brasília).

rosto amazônico na diversidade sociocultural de e na defesa da casa comum e na promoção da vida em todas as suas dimensões, sobretudo quando é ameaçada pelos impactos causados por um equivocado conceito de progresso que confunde desenvolvimento com crescimento meramente econômico, material e de exploração sobre os bens comuns, deixando de promover a justiça e o bem-estar de todos e todas.

Lembremos que o caminho de encarnação do próprio Cristo que caminha com seu povo também se faz por inculturação e interculturalidade, onde todos e todas somos protagonistas e vivenciamos um processo de ver e escutar para poder discernir, sempre iluminados pelo Espírito de Deus. Essa identidade da Igreja, que somos todos nós, faz-nos Igreja da escuta, do diálogo e da partilha com as pessoas, com a realidade e a história de cada território, onde ela, em saída, alarga sua tenda e vai às ruas, às periferias existenciais e geográficas desses territórios.

Por isso, a evangelização se torna libertadora, à luz do Mistério de Cristo e de sua Páscoa. A evangelização tem que assumir o modelo de integral e libertadora que ao servir, dialogar, anunciar e testemunhar tenha a consciência sobre a dignidade da pessoa humana em sua condição de filho ou filha de Deus, porque são pressupostos para a libertação da humanidade. Isso implica que a Igreja deve envolver-se em tudo que atinge a dignidade e a liberdade da pessoa humana. “Foi para liberdade que Deus nos criou”. Seu projeto de vida é de dignidade, liberdade e plenitude. E quando os sinais de ameaça à essa dignidade avançam como tem avançado pela Amazônia em vários ciclos, desde a seringa, a castanha, o ouro, os grandes projetos de infraestruturas, as hidrelétricas, as monoculturas e a mineração, cabe e caberá a nós, Igreja, povo de Deus, firmar uma evangelização libertadora. Lembremos de Lc 4, 14-32:

Então, pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galileia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor. E ensinava nas suas sinagogas, e por todos era louvado. E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e,

quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração, a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, apôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor. E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos.

Isso nos leva a uma Igreja servidora, profética, comunitária, orante, Madalena, misericordiosa e missionária que interliga em sua ação, evangelização e a promoção humana. **“Uma Igreja em saída, que vai ao encontro das periferias sociais, culturais e existenciais”, para que “todos tenham vida plena”:**

É uma Igreja aberta a todos e todas, ao planeta, aos povos, raças, culturas ou credos.

É uma Igreja missionária que sai de si mesma e vai ao encontro dos pequenos, dos pobres, dos desvalidos e sofridos da humanidade, os/as “preferidos/as de Deus”.

É uma Igreja que ajuda as Comunidades Eclesiais de Base, as pastorais, os serviços, os movimentos eclesiais e populares a abraçarem as causas fundamentais que sustentam a Comunidade, a Humanidade e a Casa Comum, interpelando-os a uma evangelização de proximidade e cuidado.

No lema “Vejam! Eu vou criar um céu e uma nova terra” (Is 65,17), o Profeta Isaías indica que o tempo da Igreja em saída, é agora: é tempo de reconstruir, de recomeçar, de esperar. É a hora das CEBs, caminhando com Jesus de Nazaré, se colocarem mais uma vez na dianteira de um novo tempo.

Por isso, estamos hoje aqui: tirar as sandálias dos nossos pés, porque o lugar onde nos encontramos é um chão sagrado: Comunidades Eclesiais de Base reunidas no solo sagrado de Rondonópolis.

“Somos Povo escolhido e na frente assinalados com o nome do Senhor...”.

Nessa consciência de fé e vida temos a missão de caminhar juntos como comunidades eclesiais de base, hoje especialmente em VER e ESCUTAR a nós mesmos, as outras irmãs e aos outros irmãos, mesmo que tenhamos feito toda a caminhada de preparação, mesmo trazendo em nossos cestos, nossas borocas e sacolas todos os nossos saberes e pensamentos ancestrais, de nossa vivência cotidiana, de nossa navegação nos encontros das águas. Sempre é importante continuar a VER, REVER e VER com outro olhar, ESCUTAR e em muitos momentos APRENDER-DESAPRENDER e REAPRENDER para navegar em águas mais profundas, do igarapé, às margens das margens, ao leito do rio, do rio ao mar que nos leva a centralidade de nossa fé.

Ver é um contemplar a realidade que desfigura o projeto de Deus, a dignidade e a vida plena do nosso povo, “ter um olhar de irmãos e irmãs que sabem sentir e sofrer pelos sofrimentos, pela dignidade violada, pela falta de justiça [socioambiental] que muitos hoje estão sofrendo. Ver e se reconhecer irmãos e irmãs e não desconhecidos e inimigos”. O Papa Francisco mesmo nos orienta:

O VER deve ser um ato minucioso e, ao mesmo tempo, abarrotado de empatia. É fundamental observar a realidade não apenas com um olhar técnico, mas ao vê-la sensibilizar-se, solidarizar-se, e descobrir o que pode ser feito, que contribuição pode ser, efetivamente, oferecida. O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar (cf. FRANCISCO, 2015, n.19).

“Abre a janela meu bem, vem ver o dia que vem, deixa o sol entrar...”

É necessário como diz a canção, abrir as janelas e olhar para fora e, assim, mergulhar na realidade, observando atentamente a complexidade que constitui a sociedade na qual estamos inseridos. Estar pronto para ver e escutar os clamores que ecoam da Mãe Terra e dos povos, guardiães do “Bem Viver”.

Por outro lado, conhecer é mais do que adquirir conhecimentos e domínio técnico. Conhece-se na medida em que este conhecimento se torna vivencial e se traduz em decisões, posturas e ações direcionadas ao serviço da VIDA em plenitude para todas e todos. É caminhar com Jesus pelas galileias da vida amazônica e converter integralmente e cotidianamente para sermos comunidades eclesiais de base canais de diálogo, serviço, anúncio e testemunho de fé e vida primando pela interculturalidade, profetismo, identidade amazônica e compromisso, atitude e ação de fé e vida junto a essas realidades.

Compreender que como CEBs estamos vivenciando e atuando em um território Amazônico que constituem aproximadamente 60% do bioma amazônico, uma vida que pulsa ligada e integrada de forma vital e nutritiva que garante a sustentabilidade e o limite da vida do planeta, com uma rica biodiversidade, pluriétnica, um poliedro cultural. Com um ciclo de água conecta ecossistemas, culturas e o desenvolvimento sustentável da região e a contribui para o equilíbrio de outros ecossistemas, de outros biomas e regiões do planeta.

Assim como já fala a Encíclica Laudato Si “Tudo está interligado”. Possuidora de saberes ancestrais que nos ensinam a viver em harmonia com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo, pois existe uma intercomunicação entre todos os elementos do cosmo, em que não há excludentes e nem excluídos e que se firma um projeto de vida plena a todas e todos, devido a conexão entre a água, o território e a natureza, a vida comunitária e cultural, Deus e as várias forças espirituais. Ou seja, entender a centralidade do caráter relacional transcendente dos seres humanos e criação. Uma única forma de organizar-se que se origina na família e na comunidade, e abrange o uso responsável de todos os bens da criação.

É possível conseguir melhores condições de vida, um desenvolvimento sustentável protagonizado e refletido pelos povos amazônicos e manter a harmonia com seus modos de vida tradicionais.

Para isso necessita estar sempre dialogando entre sabedoria e a tecnologia de seus ancestrais e aquelas adquirida modernamente.

Todavia, todos nós sabemos que a Amazônia hoje é uma beleza ferida e deformada, território de dores e violências. A destruição da natureza tem impactos negativos na vida dos povos. Uma única crise socioambiental aponta as várias ameaças que o território amazônico vem ecoando: apropriação e privatização dos recursos naturais; concessões legais de exploração da matéria, ouro e outros minérios; caça e pesca predatória; megaprojetos não sustentáveis; poluição causada pelas indústrias extrativistas e lixões urbanos que têm gerado consequências sociais e aumentado a desigualdade social e fome na Amazônia; doenças derivadas da poluição; narcotráfico, crime organizado e grupos armados ilegais; alcoolismo; violência contra mulheres, exploração sexual; tráfico e exploração de pessoas; venda de órgãos; turismo sexual; perda da cultura original e de identidade; migração forçada e avanço no índice de migração interna e externa; deslocamento forçado de grupos indígenas de isolamento voluntário; criminalização e assassinatos de lideranças e defensores dos territórios. Por trás de tudo isso estão os interesses econômicos e políticos de setores dominantes, muitas vezes com o apoio de alguns governantes e de algumas autoridades indígenas e comunidades cooptadas. As vítimas são sempre os mais vulneráveis como crianças, mulheres, adolescentes, jovens e idosos.

Segundo o Painel Científico para a Amazônia I, este bioma perdeu 870.000 km² de florestas primárias, uma área equivalente a três vezes a superfície do Equador e mais de três quartos da superfície da Bolívia. A isto, soma-se 1.036.080 km² de florestas amazônicas degradadas, que apresentam maior mortalidade de árvores, menores reservas de carbono, temperaturas mais elevadas, menor umidade, maior exposição ao vento e exibem mudanças na composição da fauna e flora. A combinação entre o desmatamento e a degradação das florestas já alcança 26% da mata amazônica. Brasil e Bolívia concentram 90% do desmatamento. A savanização já se produz nesses países, enquanto Equador, Colômbia e

Peru avançam no mesmo sentido. A Amazônia está à beira do ponto de não retorno. Uma pequena mudança pode provocar alterações abruptas do ecossistema por mecanismos de retroalimentação.

Estamos diante do perigo de um colapso sistêmico na Amazônia, devido aos impactos combinados do desflorestamento, incêndios, contaminações multicausais das águas e dos solos (agroquímicos, narcotráfico, mineração, hidrocarbonetos), que degradam ou destroem ecossistemas amazônicos, as agroindústrias (soja, dendê e outras monoculturas), a bioeconomia baseada em commodities e, em geral, a expansão da fronteira agropecuária que já alcança 15% da Amazônia.

A Amazônia é lar de aproximadamente 47 milhões de pessoas, das quais cerca de 2,2 milhões são indígenas (4,6%), que consistem em ao menos 410 grupos étnicos ou nações distintas, incluindo 80 povos que permanecem em isolamento voluntário. São reconhecidas mais de 3.000 terras e territórios indígenas em toda a Amazônia, sob diversos sistemas de posse que, quando somados às áreas de proteção formalmente reconhecidas, representam por volta de 45% da região e protegem quase metade das florestas restantes. Mais de 80% da área ocupada por povos indígenas na Amazônia está coberta pela vegetação, sendo que 35% de toda a mata preservada que ainda restam na América Latina estão ocupadas por povos indígenas.

Existe uma série de atividades extrativistas e macroprojetos na região, os quais ameaçam a integridade cultural e territorial dos povos indígenas amazônicos, sendo mais preocupante ainda a situação dos povos altamente vulneráveis, de contato inicial e em isolamento voluntário, que têm sua própria existência ameaçada. Nesse aspecto, o Informe sobre Povos Indígenas e Tribais da Pan-Amazônia, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH, 2019), aponta as seguintes atividades como severas ameaças à vida dos povos: (1) mineração, legal ou ilegal, que desmata, acumula resíduos na superfície, consome e contamina as águas fluviais e subterrâneas, além de modificar os padrões de assentamento populacional; (2) projetos de infraestrutura, hidrovias, rodovias e ferrovias,

com enormes impactos sobre as terras e águas; (3) hidrelétricas, cuja construção redefine totalmente os territórios ancestrais dos povos; e (4) projetos energéticos de hidrocarbonetos, com impactos similares aos projetos mineradores. A isso, soma-se a expansão do agronegócio, a agropecuária extensiva e as monoculturas.

Segundo o Informe de Avaliação da Amazônia 2021 do Painel Científico pela Amazônia¹, a mineração é fonte significativa de impactos ambientais na Amazônia, com 45.065 concessões mineradoras em operação ou aguardando aprovação, das quais 21.536 sobrepõem-se às áreas protegidas e terras indígenas.

Mesmo diante desses clamores a Igreja na Amazônia tem uma participação e profetismo na vida dos povos, pela memória e doação de vida de seus mártires e da vida das Comunidades Eclesiais de Base atentos aos sinais dos tempos para anunciar os desígnios de Deus e ao denunciarem o que vai contra o plano de Deus, autor da vida e, portanto, tudo o que gera morte. Muitos doaram suas vidas, tombaram para que a vida brotasse e firmasse no território.

Por isso, a cada amanhecer se faz importante lembrarmos essa caminhada amazônica evangelizadora, profética e libertadora, mas novamente fazer o processo de ver e escutar os clamores latentes do território com quem caminhamos comunitariamente para motivar a saída para as periferias existenciais, sociais e geográficas da Amazônia.

Mas isso faz-nos, homens e mulheres, a partir de agora olhar com: olhos de profetas e profetizas para ver e reconhecer a presença do Espírito que fecunda a nossa vida e para responder, nós também: “Eis-me aqui, Senhor. Envia-me” (Is. 6,8), sem medo e sem arrependimentos.

Realidade - ecos da Terra e dos povos dos Regionais

Uma certeza:

“As nossas comunidades não rezam somente uma liturgia dominical, mas rezam uma realidade, uma vida, uma sociedade. A vida

aparece na celebração. Tudo o que o país passa as nossas comunidades sentem”.

“Nossa fé nos interpela a lutar por uma Amazônia e um país mais justo, sinal do Reino de Deus. Pois nossa missão é salgar essa sociedade dando o sabor do Evangelho e iluminando suas trevas de injustiça com a luz de Cristo”.

1. O impacto da realidade do País na vida das Comunidades Eclesiais de Base Amazônicas

Sinais de Morte: situação econômico-financeira e emocional; desigualdade social, fome, falta de oportunidades; o desemprego, os preços elevados dos alimentos, aluguel; renda mais baixa; o excesso de cuidado com a economia, (modelo econômico que gera morte) e a falta de cuidado com social (ausência e distanciamento dos poderes públicos, falta de acesso aos serviços e políticas públicas); as pessoas precisam trabalhar mais, para poder sustentar suas famílias, pois o custo de vida está muito elevado; as dificuldades de subsistência fizeram com que muitas famílias deixassem de participar, contribuir com dízimo, participar dos encontros de formação e pastorais; vias de acesso, transportes: não há estradas, todos os produtos chegam de barco; ou avião, e com os preços dos combustíveis, tudo encarece, exorbitantemente; mesmo com a baixa dos valores destes insumos; desmonte na educação que impedem uma formação que leva a pensar e formar consciência crítica; o desmatamento muda o clima causando desmoronamento das encostas e enchentes nas cidades; o garimpo ilegal contamina os rios com mercúrio e de quem depende dele para sobreviver; implantação de projetos: mineração, agronegócio, hidrelétricas e hidrovias; questão agrária enfraquecida: com a entrada do agronegócio os pequenos agricultores deixam de existir; o agronegócio amplia áreas, expulsa os pequenos, lança venenos, mata a biodiversidade, enche as cidades e cria novas periferias; famílias inteiras são obrigadas a arrendarem suas terras para o agronegócio; os povos indígenas sofrem com

vidas ceifadas com as doenças, descaso dos governos, a mineração, agronegócio e grandes projetos; realidade indígena: sofre com o caos que está o país, o desastre ecológico que afeta diretamente as aldeias de todas as formas: social, mental, psicológica, cultural religiosa; são tantos os males que esse desgoverno anterior nos deixou; o estrago feito nas aldeias; o tráfico de drogas destrói a vida da juventude e das famílias...; infelizmente os vícios já chegaram em nossas comunidades como as drogas, o álcool entre outros; sobre a pandemia não ficamos imune deste vírus, fomos também atingidos; a desinformação as notícias falsas também chegam entre nós, temos dificuldade de entender o que é falso e verdadeiro; a violência, preconceitos, racismos generalizados causam dor e morte entre as comunidades; o benefício que o governo paga às pessoas que não têm renda, é uma burocracia enorme para muitas pessoas se cadastrarem, muitos desistem.

Fragilidades das CEBs: esfriamento das comunidades, movimentos populares e sociais; alto índice de violência e criminalização das organizações sociais; impacta muito na questão de segurança e falta de cuidado com a vida das pessoas, deixando as mulheres, negros e LGBTQTs à mercê do sistema de morte; disseminação de ódio, morte, assassinatos; violência doméstica contra as crianças e mulheres; o contexto pandêmico: a Covid deixou nossas igrejas vazias; pouco investimento nas políticas públicas; polarização política; ansiedade, depressão e outras doenças; destruição das relações familiares; o individualismo na sociedade; a separação entre fé e vida; as fake News; falta de senso crítico; enfraquecimento dos movimentos sociais; aumento da homofobia LGBTQIA+; a juventude sofre perdendo sonhos, esperanças, a vida que reforça preconceitos e discriminações; ha um empobrecimento progressivo; desestruturação das relações familiares, comunitárias sociais; as relações políticas conflitivas; ruptura das relações.

Sinais de Vida: ativação de Políticas Públicas trás impacto positivo; o compromisso de uma Igreja inserida na realidade social, sendo profética com sua missão; as comunidades onde funciona integração das

comunidades, grupos de reflexão mutirões na interculturalidade; as Comunidades Eclesiais de Base impactam a realidade do país, pois ensina o povo a enfrentar os desafios com coragem e buscar melhorias para coletividade e sempre fazendo o caminho de Cristo.

Alerta: necessita fortalecer a democracia e concretizar um projeto de desenvolvimento sustentável, privilegiando as energias eólica e solar, a agricultura familiar orgânica e a produção de meios de transporte elétricos.

Fato: realidade econômica, política, cultural

- O sistema em vigor privilegia o Agronegócio, a Mineração, as Hidrelétricas e deixa em segundo plano, formas de economia popular como a agricultura familiar e pequenos produtores. Esse sistema apoia-se no trabalho precarizado, favorece o desemprego e convive com o trabalho em condição similar à escravidão.
- O panorama brasileiro, onde se destacam também a corrupção, a criminalização dos Movimentos Sociais e a ausência de Políticas Públicas eficientes. Também a Reforma da Previdência e o desmonte dos Conselhos de políticas públicas foram apontados como fatos políticos de impacto nas CEBs.
- A cultura do individualismo, a meritocracia e o indiferentismo como valores que devem nortear a vida das pessoas na sociedade e na economia. Seguido da cultura do ódio, a homofobia, o racismo e outras discriminações. Essa cultura individualista marca o mundo urbano e usa as redes digitais como meio de difusão, atingindo principalmente as juventudes e a família. O fato é agravado pela desinformação, pelo desmonte da educação e pela falta de consciência de classe nos setores populares.

A de se considerar:

- **Convivência Social:** o impacto do período pandêmico e o isolamento, o avanço da violência, destacando-se suas formas domésticas contra mulheres e contra jovens. Povos originários e outros grupos economicamente vulneráveis como quilombolas e ribeirinhos também foram lembrados como vítimas de violências. O apoio ao armamento é um fator para o aumento da violência e da insegurança das pessoas. À violência são associados o tráfico e o uso de drogas, aí incluído o álcool.
- **Fatos conjunturais:** a pandemia da Covid, o novo normal após a pandemia e o negacionismo que questionou a eficácia das vacinas e até a própria pandemia. Também foram mencionadas doenças associadas à pandemia, como a depressão e a ansiedade.
- **Campo da Ecologia e da crise climática** como fatos da realidade que afetam as CEBs.

2. A realidade da Igreja impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base:

Sinais de Morte: os escândalos da igreja afastam as pessoas das comunidades; comunidades à mercê de párocos sem vivência comunitária; os seminários viraram fábricas de senhores feudais; ausência de uma formação no seminário encarnado na vida; quando o bispo local não facilita processos formativos na diocese ou prelazia, os leigos ficam à mercê de sua sorte, lutando com os poucos formados e estes facilitando os processos formativos; a hierarquia eclesial pode travar o processo evangelizador das comunidades; uma igreja católica descomprometida com a política, com o bem comum; o individualismo e o clericalismo tomaram conta, pouco se apoia nas atividades sociais; a Igreja está voltada para o clericalismo sem muita valorização à laicidade; o fechamento de estruturas

para o laicato, para o feminino e o etarismo, e o clericalismo atuam massacrando as comunidades.

Em poucos lugares ainda existe de verdade um espírito sinodal; Igreja instituição impacta a caminhada das comunidades eclesiais de base com suas formas de pensar arcaico e muitas das vezes com um ensinamento até que contradiz o ensinamento do papa em relação ao que diz: que quer uma igreja acolhedora! A Igreja expulsa com seu negacionismo, obrigacionismo. Firma -se uma Igreja templo com padre de altar, não de uma igreja em saída! Se entende fecha a igreja. E não sai para as realidades periféricas, acidentada e no barro.

O não investimento para uma igreja sinodal; falta de formações; pouca aceitação e conhecimento; a não sustentabilidade; fechamento das Igrejas/Igreja particular dentro da arquidiocese; crise eclesial, crescimento dos movimentos conservadores na Igreja; a instrumentalização da religião; a Espiritualidade muitas vezes alienada na vida das comunidades; celebrações ritualística, mesmice; a crise eclesial; o clericalismo; a falta da palavra de Deus encarnada na vida da comunidade; desmobilização das CEBs, devido a não acolhida, falta de apoio e incentivo; pouca formação, desconhecimento dos documentos do Magistério da Igreja; falta de espaço, e o clericalismo que sufoca a participação dos leigos e leigas; aumento do fundamentalismo; a influência da religião: “deus”, pátria e família; a separação entre fé e vida; uma Igreja dividida, uma parte do clero que não vive no meio do povo; enfraquecimento das comunidades rurais; influências de religiões pentecostais; a ausência de uma pastoral de conjunto; as pastorais sociais vistas como algo fora da Igreja; desvalorização das lideranças; as relações dentro da igreja, nas comunidades, nas famílias, estão fragilizadas, devido a polarização da má política; o conservadorismo, devocionismo toma conta da vida das pessoas inibindo as relações e a relação fé e vida.

Sinais de Vida: celebrações das atividades desenvolvidas na Igreja; celebrações da palavra de Deus; participação nos encontros e vivência da realidade da comunidade; ajuda aos mais necessitados; uma

Igreja fiel ao Projeto de Jesus com os mais pobres; que seja dado o direito às mulheres no exercício dos ministérios; positiva, de mostrar a realidade, de buscar a transformação através da coletividade para o bem comum, de lutar pelos direitos sociais e por políticas públicas exercendo a cidadania, sob a luz do Espírito Santo; formação em uma pedagogia pastoral; a Igreja procura ajudar através da Cáritas e outros projetos, e dando suporte no que pode, não só com coisas materiais, mas também com gestos amigáveis e orações; ela se preocupa com os mais necessitados, não só com os da periferia, das favelas, mas também com os ribeirinhos, indígenas...; as comunidades eclesiais de base, Igreja povo de Deus, Igreja de comunhão, partilha, em saída, de caminhada, sinodal; a presença e atuação das mulheres nas comunidades e dentro da Igreja.

Alerta:

- **Há a cultura do “clericalismo”:** há padres que se sentem elite; os seminários fabricam senhores feudais; há muitos clérigos midiáticos, popstar, viajantes; atitudes machistas e sexistas por parte de padres, bispos e seminaristas, com pouca ou quase nenhuma participação de mulheres e homens negras e negros nos espaços de liderança da igreja; comunidades têm ficado à mercê de párocos sem vivência comunitária; a realidade eclesial hoje mostra uma estrutura voltada para o estético, esquecendo o pobre, deixando de ser igreja de base e se tornando uma igreja cada vez mais voltada para o clericalismo; é uma igreja com receio de fazer mudanças e aceitar novas participações, como se isso a fizesse perder o poder que acredita ainda ter. Perguntamos: que tipo de igreja é essa? Estamos caminhando juntos? O altar ainda é espaço de participação ativa e de centralidade apenas de homens brancos.
- **Celebrações e devoções:** celebrações ritualísticas e religiosidade intimista; estrutura conservadora e neopentecostal da igreja favorece as celebrações devocionais; devocionismo, inclusive

para a juventude; a implantação do modo carismático nos ritos e celebrações da igreja, inclusive nas redes de TVs de “inspiração católica”; culto e missa pela TV são bem mais fáceis, falta vida do povo nas celebrações.

- **Divisões na Igreja:** é grave porque são membros da própria Igreja, principalmente dos movimentos responsáveis pelos ataques à CNBB e ao Papa Francisco; grupo majoritário de católicos ignora o magistério da Igreja e rejeita o Papa Francisco; duas eclesiologias: Francisco e uma Igreja sinodal, laical e profética, ou uma Igreja tradicionalista, reacionária, com um Cristo distante da história, contrária à CNBB e à CF; outro modelo de Igreja, dissonante da eclesiologia do Vaticano II.
- **Igreja autocentrada:** Igreja de eventos e não de vivências; Igreja católica descomprometida com a política, com o bem comum; conservadorismo, fundamentalismo; religião de “deus, pátria e família”; “paroquialização” exclui as pequenas comunidades e centraliza as atividades na matriz; a Igreja tem colocado de lado a opção preferencial pelos pobres e está cada vez mais preocupada com a beleza dos templos, as vestes e adornos; o foco apenas na doutrina e nos ritos afasta muitas pessoas; o que realmente impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base são os movimentos pentecostais, que não por acaso proliferam dentro da Igreja.
- **Outras realidades:** anulação e invisibilização das Comunidades Eclesiais de Base pela própria Igreja; desaparecimento das CEBs nas diretrizes da CNBB, substituídas pelas CEMs (comunidades eclesiais missionárias); desvalorização das lideranças; os escândalos da e na Igreja.

Os sinais indicam as seguintes preocupações das comunidades: não se percebe a palavra de Deus encarnada na vida da comunidade; ausência de uma pastoral de conjunto; igreja dividida política e eclesialmente falando. Politicamente porque tivemos um lado

pentecostalista alinhado com a extrema direita e outro lado lutando pela causa social; evasão e desencanto com a Igreja (as pessoas têm a visão de uma Igreja opressora, manipuladora, ostentadora); na pandemia a Igreja (CEBs) de uma certa forma se recolheu, gerando naquele momento certa apatia, distanciamento das atividades que uniam e congregavam as pessoas em torno da Palavra, da animação bíblica e, por conseguinte, do envolvimento comunitário social.

Isso nos chama a atenção para:

- “As CEBs necessitam de guias que as ajudem a manter-se motivadas e com os pés firmes no caminho e no seguimento do Mestre, Jesus Cristo. À medida que a Igreja, por meio de seus líderes, testemunha com gestos concretos e com uma mensagem que toca o coração dos fiéis, as comunidades são beneficiadas”.
- “Foi a partir da Igreja que começamos a despertar para a realidade sofrida e de luta. Então a Igreja hierárquica não pode nos reprimir e sim nos chamar para entrar na roda e, juntos, lutar por um mundo mais justo e fraterno”.
- É fundamental continuar o processo sinodal. As CEBs são indispensáveis para a horizontalização eclesial e a identificação da Igreja com o Povo de Deus, comunitária, solidária, participativa e missionária.
- A Igreja povo de Deus supera a divisão entre clero e laicato: somos todos batizados. Este objetivo pode ser alcançado continuando o processo sinodal, reconhecendo a importância e a competência das mulheres, o entusiasmo dos jovens e a sabedoria dos idosos.

Sinais vitais: a Igreja católica é a maior instituição de caridade e se preocupa com os mais necessitados; resistência do Papa Francisco; Ensino Social da Igreja rumo a uma Igreja Sinodal; resistência nas bases,

animação renovada; esforços de presença de sacerdotes nas Comunidades Eclesiais de Base, mas insuficientes.

Diante desses impactos da realidade, as comunidades percebem os seguintes efeitos:

- Igreja é de comunhão, partilha, em saída, de caminhada e social.
- Igreja instituição impacta a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base com suas formas de pensar arcaico e muitas das vezes com um ensinamento que contradiz o ensinamento do papa!
- A Igreja expulsa com seu negacionismo, obrigatorismo.
- As comunidades eclesiais estão intimamente ligadas à vida da Igreja. Os planos e projetos pastorais são direcionados a elas, pois é nelas que se encontra a realidade da Igreja diocesana. Quando a liderança da Igreja apoia as CEBs e se engaja com elas, isso fortalece o poder dessas comunidades. Isso pode envolver o apoio financeiro, acesso a recursos institucionais ou espaços públicos, ou outras formas de suporte institucional.
- Nossas CEBs são vistas como perigosas, "comunistas".
- As pastorais sociais mais pujantes e mais próximas das CEBs, como Carcerária, Menor, Negro, Causa indígena, Mulher, Migrante, Juventude, Terra etc. têm pouca aceitação, como se fossem algo fora da Igreja.
- Não se investe numa igreja sinodal.
- Falta de formação nas comunidades e de lideranças.
- Esvaziamento dos conselhos paroquiais.
- Há resistência em compreender a existência das CEBs. Para muitos cristãos e padres, CEBs "foi no passado".
- O projeto das CEBs é fazer adesão ao Caminho de Jesus, mas está encontrando dificuldades para armar sua tenda dentro e fora da Igreja.

- Uma resposta resume tudo isso: “As comunidades dentro dessa estrutura conservadora e neopentecostal da igreja, permite-se apenas as celebrações devocionais. Não reflete as diversas realidades sociais, culturais e econômicas existentes. Muitas não seguem as orientações da CNBB de vivência dos tempos fortes das campanhas como CF, Semana da cidadania, Grito dos Excluídos e Excluídas, Jornada Mundial dos Pobres... E os cristãos leigos e leigas vão se calando para não criar conflito com o padre”.

Algumas saídas apontadas:

- Continuar o processo sinodal. As CEBs são indispensáveis para a horizontalização eclesial e a identificação da Igreja com o Povo de Deus: comunitária, solidária, participativa e missionária.
- As Pastorais Sociais precisam ser fortalecidas com urgência.
- Reconhecimento dos Ministérios para as mulheres.
- O princípio básico de uma vida plena, em comunidade e de uma sociedade justa para todos e todas é a busca do bem viver, dentro de uma ecologia integral. Sonhamos uma igreja empenhada em levar o conhecimento para as pessoas sobre a construção de igualdades entre os povos e etnias, e que esteja em harmonia com as pessoas e comunidades, praticando a compreensão, a partilha e o fortalecimento da espiritualidade.
- A Igreja é mãe. E como mãe acolhe e orienta seus filhos e filhas. Mas depende muito de quem está à frente da diocese ou Paróquia. Se todos/as ouvissem o apelo do Papa Francisco haveria verdadeira unidade.
- As CEBs encontram força na ressurreição e são sinais de esperança. Mesmo diante desta dura realidade, os sonhos, as utopias e as esperanças continuam e nossas lutas por uma vida melhor. Tudo faz parte da Pedagogia do Fermento: fazer crescer, transformar

para o espírito de justiça, solidariedade e inclusão, tornar-se forte e dar sustento.

- A Igreja deve ser e viver o Evangelho. Ir na contramão da sociedade - realidade que mata e buscar a conversão, visitar o primeiro amor, fazer a memória.
- Somos aquela pequena porção, o resto de Israel, que resiste, se levanta e segue!
- Temos um outro modelo de Igreja: CEBs uma Igreja sinodal.
- As CEBs se constituem enquanto modelo de Igreja profética, ecumênica, centrada na Palavra que liberta. Manter esse modelo de igreja será cada vez mais desafiador, do contrário dependeremos cada vez mais dos nossos padres e bispos para propagar e fortalecer essa igreja presente e atuante no meio da comunidade.
- Assim, mesmo que ecoe os clamores da Terra e Povos em relação a Terra, Teto, Trabalho, Águas e Florestas há também um caminho que sempre vem sendo semeado, frutificado e firmado na caminha dos territórios.

A resistência e existência atrelada aos 3 Ts:

TEIMOSIA sem perder a **TERNURA** para a **TRANSFORMAÇÃO** da sociedade e da própria Igreja dividida, em todo esse caminhar profético das CEBs, REPAM, CEAMA, os Organismos, Comissões Pastorais, Mutirão pela Vida da Semana Social Brasileira, processo sinodal, XV Intereclesial das CEBs, Congresso Missionário e tantos outros caminhos que as comunidades vão tecendo vida e fê.

Firmando e efetivando os sonhos de Francisco:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.

2.2 – PLENÁRIA CAATINGA - REGIONAIS NORDESTE 1 (CEARÁ), 2 (ALAGOAS, PARAÍBA, PERNAMBUCO E RIO GRANDE DO NORTE) E 3 (BAHIA E SERGIPE)

“Eu vi, eu vi, eu vi o surgimento de uma Igreja Sinodal.

Eu vi: pessoas alegres, pessoas dançando, pessoas falando e cantando,

Eu vi uma Igreja de Iguais:

Padres dançando com leigas; leigos de mãos dadas com padres e bispos; vi padres acompanhando os passos de leigas, se esforçando para não errar.

Eu vi pessoas partilhando: a partilha do pão, do café, do suco; a partilha da palavra.

Na fila do povo vi muitos homens falando, se expressando. Vi poucas mulheres se expressando. Tenham coragem vocês mulheres, para soltarem sua voz!

Nesse dia do VER, vi muita empolgação, mas vi ainda pouco profetismo.

Vi que muita transformação, em nossa Igreja, inclusive a volta às bases, depende ainda somente da boa vontade dos ministros ordenados. Deveria depender de "Políticas Eclesiais Públicas", que pudessem ser cobradas pelo Povo de Deus.

Vi, então, uma Igreja Sinodal em construção, comparando-a com a nossa Cultura Popular do Povo Nordestino: inabalável, inesquecível, diversificada, festiva e inclusiva”. (Hermínia Boudens - Assessoria do Regional NE 2)

2.2.1 - ECOLOGIA, POLÍTICA E ECONOMIA: REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE BRASILEIRA - FRANCISCO ANTÔNIO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA (THIESCO)²

Introdução

Nesta conversa, discutiremos algumas reflexões importantes sobre a realidade brasileira a partir de três pontos muito importantes no Magistério de Francisco: Ecologia Integral, Incidência Política e Economia a favor da vida. Exploraremos como esses temas estão interligados e como impactam a vida das Comunidades Eclesiais de Base. Vamos abordar questões como crises climáticas, desertificação das florestas, segurança alimentar, reforma tributária e avanço do fascismo no mundo.

Ecologia Integral

No contexto das crises climáticas globais, o Brasil desempenha um papel fundamental. Com a Amazônia e o Cerrado em destaque, estamos no centro das atenções quando se trata de preservação ambiental. No entanto, a disputa entre a preservação e a exploração predatória desses biomas é intensa.

A mineração e o agronegócio são as principais atividades que ameaçam a ecologia brasileira. Grandes projetos mineradores, muitas vezes liderados por multinacionais, avançam sobre áreas de preservação, destruindo não apenas a natureza, mas também as comunidades que dependem de recursos. Além disso, a desertificação das florestas, que tem afetado todo o país e a especulação imobiliária, que ameaça as cidades e o equilíbrio ambiental, são questões urgentes que desviam nossa atenção.

A agroecologia surge como uma alternativa para enfrentar esses desafios. Valorizar a agricultura familiar, promover a convivência

² Pastoralista no Colégio Vicentino Virgem Poderosa (SP); membro da equipe do Iser Assessoria e da Irmandade dos Mártires da Caminhada. Membro da Ampliada Nacional das CEBs entre 2010 e 2018.

harmônica com a natureza e garantir a segurança alimentar são medidas essenciais para preservar o meio ambiente e garantir a sobrevivência humana no planeta.

Incidência Política

As crises políticas que vivemos hoje aqui e no mundo inteiro têm impacto direto na realidade brasileira. O Brasil passou por mudanças significativas nos últimos anos, e é importante compreendermos as causas dessas transformações.

A questão da fome é um dos temas que vêm sendo amplamente debatido, principalmente através da Campanha da Fraternidade. É fundamental plantarmos comida de qualidade, valorizarmos a agricultura familiar e garantirmos o acesso a alimentos saudáveis para todos.

No entanto, a segurança alimentar e a soberania nacional estão ameaçadas pela produção de alimentos ultraprocessados e transgênicos. A reforma tributária, por exemplo, traz desafios e oportunidades para garantir que uma cesta básica seja acessível e de qualidade para a população. Somase a isto também, a implementação de legislações que liberam o uso de agrotóxicos mortais para a natureza e para a humanidade e o alto financiamento de políticas e ações predatórias do agronegócio.

Além disso, é importante entendermos o papel da política na preservação da natureza e na promoção da justiça social. A defesa dos direitos das comunidades tradicionais, a demarcação de terras e a proteção dos trabalhadores rurais indígenas são algumas das questões políticas que devemos considerar.

Economia para a vida

A economia brasileira também desempenha um papel fundamental na análise conjuntural da realidade brasileira. O Brasil é uma das maiores

economias do mundo, mas ainda enfrenta desafios significativos quando se trata de distribuição de renda e desigualdade social.

O agronegócio e a mineração são setores de destaque na economia brasileira, mas é importante garantir que essas atividades sejam realizadas de forma sustentável e justa. A valorização da agricultura familiar, a promoção do comércio justo e a adoção de práticas econômicas responsáveis são medidas essenciais para garantir um desenvolvimento econômico equilibrado e inclusivo.

Além disso, é fundamental considerar as perspectivas econômicas das comunidades eclesiais de base. O fortalecimento da economia local, o estímulo ao empreendedorismo comunitário e o acesso ao crédito, são algumas das medidas que podem contribuir para a sustentabilidade econômica das CEBs.

2.3 – PLENÁRIA CERRADO - REGIONAIS NORDESTE 4 (PIAÚÍ), NORDESTE 5 (MARANHÃO) E NORTE 3 (TOCANTINS, SUDESTE DO PARÁ E NORDESTE DO MATO GROSSO).

2.3.1 - CEBs: OS PEQUENOS QUE DEUS CHAMOU PARA AJUDAR NOS GRANDES DESAFIOS SOCIAIS E ECLESIAIS - IR. DENISE ALVES MORRA³

Esta partilha surge a partir da experiência vivenciada no encontro de grupos pertencentes aos regionais da CNBB: Nordeste IV, Nordeste V, e Norte III, na etapa do Ver do encontro do 15º Intereclesial das CEBs em Rondonópolis-MT no mês julho/2023.

A ideia principal foi registrar na memória escrita e vivencial as sombras e luzes que nos acompanharam nestes dias e ao mesmo tempo, os

³ Missionária do Sagrado Coração de Jesus, Graduada em Economia, Filosofia e Serviço Social, membro da Comissão de Cuidado e Proteção da Arquidiocese de Teresina. Atual Coordenadora do Comitê Piauiense de Enfrentamento à Violência Sexual contra crianças e adolescentes. Assessora do CEBI e das CEBs Nordeste IV (PI).

impactos destas realidades, seja de nosso país e ou de nossas igrejas nas comunidades de base onde vivemos e somos inserida/os na defesa da fé e da vida.

Na fecundidade e riqueza das partilhas trazemos presente a dimensão da mística e espiritualidade vivenciada por cada uma/um de nós neste oásis de comunhão fraterna e sinodal. Dias fortalecidos pelo Deus da esperança e do profetismo e por uma caminhada no compromisso com os pequenos e muitas vezes invisíveis, de nossa gente que habita as periferias existenciais e somam no sonhar de um mundo justo e fraterno. Fortalecemos nossa profecia, nossas lutas por direitos sociais, o bem viver, a ecologia integral e o amazonizar-se como maneira de ser e viver.

Nas apresentações dos três regionais evidenciou-se que nosso país permanece marcado por inúmeras desigualdades sociais, pelas políticas do neoliberalismo, pelas perdas causadas pela COVID-19, agravadas pelo negacionismo que vivenciamos num passado próximo.

Em nossas partilhas, sentimos as dores da violência do campo e da cidade, principalmente no extermínio de mulheres pelo feminicídio, dos jovens em sua maioria negros, a crueldade exercida pelo poder paralelo do tráfico de drogas, tráfico de pessoas e as balas achadas nas chacinas que acontecem em nossos territórios. As vidas ceifadas de crianças, de indígenas ou mesmo o crescimento dos abusos sexuais em todo Brasil, estatisticamente comprovado através das pesquisas científicas e reportagens amplamente veiculadas pela mídia. Chama-nos atenção o descaso político e o aumento da fome e de situações agravadas pela insegurança alimentar. A inexistência de políticas públicas ou a morosidade das existentes que pouco funcionam. Foram evidenciadas situações envolvendo o impacto destruidor da mineração, do agronegócio em vista do descaso com a mãe terra, com seu ecossistema e a diminuição dos recursos naturais e suas consequências. É necessário pensar na sociedade humana junto com tudo que envolve a nossa Gaia em todas as formas de vida, como afirmado no trecho da música “tudo está interligado como se fossemos um”.

Muito compartilhou-se da necessidade de que as CEBs sejam “sacudidas” a partir deste Intereclesial e voltem a trabalhar fé e política voltando para as bases e fazendo um trabalho pastoral permanente, intenso e incansável, ou como na expressão popular “trabalho de formiguinha”. Aqui cabe o pensamento do Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Sí*: “Não basta que cada um seja melhor(...) aos problemas sociais responda-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias”.

Quando partilhado sobre o impacto da igreja na vida das CEBs, percebeu-se claramente a importância da mesma, como espaço eclesial e sua identificação como Igreja em saída, povo de Deus. A força da Palavra de Deus e a importância do CEBI como ferramenta de resiliência na leitura bíblica e no seguimento de Jesus, foi evidenciado a todo momento.

No entanto, foi apontado o crescimento do patriarcalismo e do clericalismo como doenças que corroem espaços de tecer vidas e podam a participação das pessoas, principalmente dos pequenos grupos de base, causando dores e afastamentos. De formas diversas houve falas de denúncia do autoritarismo dentro igreja, a violência dos abusos sexuais em algumas paróquias e os abusos constantes de poder e de consciência praticados não só pelos padres, mas também por paroquianos muitas vezes ainda mais clericais.

Surgiram também falas sobre as novas formas de “paroquialização”, onde tudo é centralizado na matriz, o pouco espaço para as mulheres, jovens e negros nos espaços de lideranças dentro da igreja e a volta do devocional com seus terços e novenas sem uma prática de comunhão fraterna. Aliado a esta realidade foram apontados o crescimento de estruturas neopentecostais. Ficou evidenciado a existência de duas eclesiologias: a do Papa Francisco alinhada aos ensinamentos do Vaticano II e todo o esforço para vivermos a sinodalidade, a abertura para os cristãos leigos/a, o protagonismo das mulheres e o espaço para as comunidades LGBTQIAPN+, a misericórdia e o profetismo versus um modelo de igreja mais dogmática, que reforça um cristianismo de ajuda, de manutenção,

construções de templo e distante da pastoral popular, da leitura bíblica e sem muito espaços para a escuta.

Também celebramos os sinais de esperança. Um deles foi a própria realização do 15º Intereclesial que teve como iluminação Isaias 65,17ss “Vejam eu vou criar novo céu e uma nova terra”; outros sinais foram a existência do projeto “Encantar a política” como forma de resistência; a Campanha da Fraternidade sobre a fome e toda forma de combate às desigualdades; a defesa dos Yanomamis; a resistência na participação dos conselhos de direito como forma de manter o espaço democrático; o apoio do Papa Francisco e de vários Bispos da Igreja Católica; a força da participação de tantos irmãos de diversas comunidades do Brasil.

Após toda escuta neste espaço profético com seus gritos e desafios e sem pretensão de dar respostas, entendemos que o caminho se faz caminhando, e o resultado concreto de tudo que vimos e ouvimos aponta para a importância de reforçar os espaços que temos e a autonomia dos grupos de base, o estudo da palavra, textos bíblicos a partir da metodologia do CEBI, a importância de grupos de fé e política e de cavar espaços para os leigos e leigas não só na Igreja, mas nos espaços sócios políticos, a luta diária para estar com os pobres vivenciando a espiritualidade encarnada e o seguimento de Jesus através do fortalecimento de uma igreja de escuta e doméstica, buscando combater toda forma de patriarcalismo e clericalismo. Realizarmos atitudes concretas para crescermos na economia do Bem Viver. Enfim, manter vivo os Sonhos de Francisco:

- Sendo uma Igreja em saída, respeitando as culturas e anunciando com alegria;
- Não tendo medo da diversidade e buscando crescer no diálogo intercultural;
- Descobrimo o Rosto de Deus na Criação “Amazonizando-se”;
- Criando novas perspectivas comunitárias que possibilitem o Reino de Deus;

- Sendo uma Igreja em Saída e Sinodal que cuida e protege, na busca de vida plena para todas as pessoas no aqui e agora da história;
- Que a Ruah com seu sopro de vida nos fortaleça a tecer novo e nova terra (Is 65.17ss) rumo ao 16º Intereclesial das CEBs nas terras capixabas.

2.4 – PLENÁRIA MATA ATLÂNTICA - REGIONAIS LESTE 1 (RIO DE JANEIRO), LESTE 2 (MINAS GERAIS) E LESTE 3 (ESPÍRITO SANTO).

2.4.1 - REALIDADES QUE NÃO SE VÊ NO CAMINHO DA LIBERTAÇÃO: “EU ACREDITO QUE O MUNDO SERÁ MELHOR QUANDO O MENOR QUE PADECE ACREDITAR NO MENOR”- PEDRO RIBEIRO DE OLIVEIRA⁴

Nesta conclusão do *ver*, quero apontar três realidades atuais que não foram apontadas nos relatórios dos grupos, provavelmente porque elas não aparecem no cotidiano das CEBs. Aí entra o papel da assessoria: apontar realidades que normalmente a gente não vê, mas que condicionam nossa Caminhada libertadora. Por isso, ao apontar cada um desses obstáculos aponto também algumas pistas para o *agir*. Para concluir faço uma breve análise da tensão interna na Igreja católica, usando também dados do questionário enviado em preparação ao 15º Intereclesial.

1. A Terra está mudando

Já não há mais dúvidas: começou a fase da emergência climático-ambiental e a cada ano as catástrofes serão piores. Sabemos que a principal

⁴ Leigo católico, casado, pai e avô. Sociólogo, professor aposentado. Foi assessor da CNBB para o Setor CEBs e Análise de Conjuntura (1999 – 2005). Autor de artigos e livros sobre: catolicismo no Brasil, Comunidades Eclesiais de Base, análise da conjuntura social e política, e relação entre Fé e Política (Juiz de Fora/MG).

responsabilidade é dos empreendimentos que destroem a natureza para se apropriar individualmente dos bens comuns – água, minérios, terras agriculturáveis etc. – ou queimam combustíveis fósseis para ter maior conforto. Seus donos, milionários, não economizam energias fósseis, mas são aplaudidos como empresários bem-sucedidos... Nenhuma pessoa sensata dúvida mais da gravidade dessa crise, mas muita gente ainda acredita que o avanço da tecnologia vai resolver o problema, sem perceber que ela não está a serviço de todos, mas sim dos ricos e poderosos.

Diante disso, é imperioso seguir o exemplo do nosso Francisco, que profeticamente clama pela vida de nossa *Casa Comum*, mesmo sabendo que pouca gente lhe dá atenção. Nossas celebrações não podem fazer de conta que está tudo bem e que a vida não está ameaçada: é preciso incentivar a voz profética e incomodar quem está acomodado!

Por outro lado, sabemos que as atuais medidas de proteção ambiental não vão evitar essa catástrofe nem as mortes que ela vai provocar. Por isso, é preciso também pensar desde já como reorganizar a sociedade após a catástrofe. As CEBs cantam “eu acredito que o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor”, e esta é a chave para a construção de uma nova sociedade. Se acreditarmos no menor e desconfiarmos do grande, poderemos construir, após a inevitável catástrofe, uma Terra onde reinem a Justiça, a Paz e o Cuidado da Casa Comum. Missão de quem sobreviver à catástrofe será ajudar as novas gerações a abandonar o sonho do progresso embalado pelo capitalismo e buscar o Bem-Viver fundado na solidariedade e na Amizade Social.

2. Desmorona o mundo unipolar

Há 80 anos terminou a segunda guerra mundial, vencida por dois países: Rússia de um lado e EUA de outro. Em seguida veio a *guerra fria* entre o capitalismo e o socialismo, que só terminou com a derrubada do Muro de Berlim e a decomposição da União Soviética, em 1991. O triunfo dos EUA deu lugar ao mundo unipolar: uma única superpotência

econômica, militar e cultural se impôs a todos os países. Mas a crise financeira de 2008 abalou seu poder e abriu espaço para a China, Índia, Rússia e outros países emergentes. Chega ao fim a hegemonia dos EUA e abre-se a possibilidade de um mundo *multipolar*: vários países com suas áreas de influência. Até chegar lá, porém, o cenário é de guerras locais que têm por trás os interesses das grandes potências. É o caso da guerra na Ucrânia (e agora o massacre do povo Palestino pelo Estado de Israel).

Essas mudanças no panorama mundial ameaçam todos os povos, inclusive os isolados, mas as CEBs parecem estar alheias a isso: o mundo em guerras que matam principalmente os jovens e os pobres, e elas olhando apenas sua comunidade local... Elas têm a obrigação de – pelo menos – repercutir a fala profética de Francisco, que quase sozinho, clama pela paz sem receio de contrariar os poderosos.

3. Enfraquecimento do Patriarcado

Patriarcado não é o mesmo que machismo. É o poder – *arquia*, em grego – do pai de família sobre sua esposa, filhos e filhas, escravos e escravas, terra e patrimônio familiar. Esse sistema de poder, que já se encontrava nos antigos impérios da Mesopotâmia, foi incorporado ao Direito romano e assim chegou até nossos dias. Ele impregna nossa cultura de tal forma, que faz parecer natural a desigualdade de direitos entre homem e mulher e entre quem tem bens e quem não tem. Ao confundir diferença e desigualdade, o patriarcado estabelece uma hierarquia de poderes e de direitos: quem é de ordem superior tem o direito de mandar em quem é de ordem inferior.

Para complicar ainda mais, a religião e a Bíblia santificam a realidade patriarcal. Não é só Abraão, Isaac, Jacó... As Cartas do Novo Testamento também aceitam o patriarcado, embora busquem torna-lo menos injusto. Isso levou as Igrejas cristãs a adotar esse sistema de poder masculino, praticamente sem sofrer contestação. Só nos últimos dois séculos movimentos democratizantes começaram a assumir as causas

feministas, mas já se pode perceber que o sistema patriarcal está sofrendo abalos e não tem mais como legitimar-se. Cabe então levantar a questão sobre como as CEBs devem e podem lidar com esse fato. No mínimo, rever nossa leitura da Bíblia para que ela não venha a legitimar o sistema patriarcal e assumir decididamente a defesa de mulheres vítimas de violência.

Conclusão

Os dados do questionário de preparação para o Intereclesial reforçam o que foi falado nos grupos: temos hoje no Brasil uma Igreja polarizada. Num polo estão os setores oriundos do Concílio Vaticano II, entre os quais estão as CEBs, as Pastorais Sociais, a Teologia da Libertação, e outras expressões da Igreja como Povo de Deus em diálogo com o mundo atual (dos pobres). As CEBs são, com certeza, a **base** do que os Bispos do Brasil disseram ser “*uma nova forma de ser Igreja*” (CNBB, documento nº 25, de 1982).

Ao polo oriundo do Concílio Vaticano II se contrapõe o polo que se opõe a essas mudanças e quer manter a Igreja como ela “sempre foi”. Na realidade, não se trata de retornar ao modelo das primeiras comunidades cristãs, anteriores a sua assimilação ao Império Romano, mas de retomar a “*pequena tradição dos Pios*” de que falava o Pe. Libânio. Ele se referia a uma tradição de dois séculos; eu prefiro falar apenas do Catolicismo moldado desde Pio IX até Pio XII. De todo modo, é uma forma de Catolicismo que rejeita a modernidade instaurada pelo Iluminismo e a Revolução Francesa de 1789, quando a Igreja perde o controle da sociedade e da política. É, portanto, uma tradição que reage contra o fim da cristandade, mas é incapaz de propor alternativa viável de presença evangelizadora no mundo atual, objeto de sua condenação.

O pontificado de Francisco, que se alinha decididamente com o polo oriundo do Concílio Vaticano II e quer deixar nela a marca da sinodalidade, veio tornar mais aguda essa polarização. A possibilidade de

uma ruptura entre o polo *restauracionista* – que pretende restaurar o catolicismo do – e o polo *liberacionista* – que visa liberar a Igreja do sistema de cristandade – não pode ser hoje descartada, porque a distância entre esses dois polos é cada vez mais nítida. Diante dessa realidade, é preciso fazer esforço para guardar a unidade da Igreja, desde que não se abra mão dos rumos nela imprimidos pelo Concílio Vaticano II. Neste sentido, as CEBs devem assumir efetivamente a proposta de Francisco em favor de uma Igreja toda ela sinodal. É em espírito e em forma de sinodalidade que a unidade da Igreja será possível, tornando-se assim um sinal para o mundo atual, tão ameaçado por divisões que o desumanizam.

2.5 – PLENÁRIA PAMPA - REGIONAIS SUL 2 (PARANÁ), SUL 3 (RIO GRANDE DO SUL) E SUL 4 (SANTA CATARINA)

O tema é a Igreja em Saída que vai ao encontro dos irmãos caídos à beira do caminho. Então, Dança aí, Nêgo Nagô! Dança aí, porque o Quilombo é Liberdade e a Liberdade é o teu lugar. Assim começamos o primeiro dia de plenária do Décimo Quinto Encontro Intereclesial das CEBs – 18 a 22 de julho de 2023 - em Rondonópolis-MT. A espiritualidade da diversidade e do aconchego, cantada em todos os ritmos, cheiros, sabores e utopias, se fez a hermenêutica da vida do povo. Vem pra cá, que aqui o Mar se Abriu! Somos a Igreja que escuta, que abraça, que caminha e que canta, mesmo quando tudo parece triste. Estávamos no deserto, sem água, sem pão e sem liberdade, mas a fé no Senhor e no seu povo, e a esperança na ressurreição, nos fez atravessá-lo. Aqui estamos, reconstruindo o Brasil e regando novos sonhos. E sabem por quê? Porque o deserto é lugar de passagem, não é lugar de morada. É assim que nós somos: homens e mulheres de todo o Brasil, movidos/as pela esperança, pela fé e pela utopia de uma Terra Sem Males. Quem disse que não somos capazes de vencer a opressão e de merecermos a liberdade? Ninguém cala a voz de quem sabe a quem serve e a quem segue. Nós somos as CEBs, as Comunidades Eclesiais de Base do Brasil e seguimos a Jesus de Nazaré e servimos à sua Palavra. “Somos a Igreja do amor, do pão partilhado, do

abraço e da paz”, cantamos assim com o Padre Zezinho. Deus vê, ouve e sente o clamor do seu povo e, assim como caminhava com o povo do Primeiro Êxodo, o Acontecimento Fundante de nossa fé, Ele continua caminhando conosco hoje. Nós dizemos isso porque o vimos, o ouvimos e sentimos a sua presença no meio de nós. Nosso Deus é caminhar e canta conosco: “Vem caminhar, o caminho é caminhar”. Por isso, cantamos em prece: “Ouvi o grito que sai do chão, dos/das oprimidos/as em oração!”. E decretamos: que seja justa todas as formas de amar. Partilhamos uma rodada de Pinhão como o nosso símbolo da Mata Atlântica, sobretudo, da Região Sul. O Pinhão é o fruto da Araucária (Pinheiro), é historicamente semeado, segundo a lenda, pela Galha Azul. Sejamos nós Galhas Azuis, semeando pinhão, esperança e fé neste mundo feito para ser bonito e bom! A Galha Azul e a Araucária estão ameaçadas de extinção, mas nós reconstruiremos o Brasil e a Mata Atlântica. É assim que acreditamos no novo céu e na nova terra. Deus nos chama. Estamos aqui, Senhor! (Crônica Poética Sobre Um Momento Profético - João Santiago - Regional Sul 2, Teólogo Poeta e Militante).

2.5.1 - A CRISE DO QUAL VIVEMOS – PE. PAULO ADOLFO SIMÕES⁵

O conhecido filósofo Antônio Gramsci já delineou que uma mudança de época se caracteriza por ser realidade em que o velho está morrendo e o novo ainda não conseguiu nascer. Esse interlúdio é como o crepúsculo em que a luz do dia já se foi, mas os sentidos ainda não se adaptaram ao escuro da noite e por isso captam a realidade com formas distorcidas. Nessas situações surgem todos os tipos de propostas e ideais, as mais estranhas e contraditória e quase nunca há uma proposta que se apresente viável e conquiste as mentes da maioria. O mundo atual

⁵Padre da arquidiocese de Pouso Alegre/MG; secretário executivo do CEFEP (2019-2023).

apresenta várias características desse crepúsculo, inclusive com ilusões de ótica e assombrações (como diz o mineiro matuto).

Também Sygmunt Bauman fala sobre a realidade líquida em que as certezas foram demolidas e as ideias e propostas seguem como a água, permeando tudo, contornando os obstáculos. Atualmente já se fala em realidade gasosa em que os obstáculos já não precisam ser contornados.

São João XXIII, o papa do Concílio Vaticano II, no início da segunda metade do século passado nos convidou a “ler os sinais dos tempos”, repetindo o que Jesus já havia feito no Evangelho.

Para compreendermos a realidade em que vivemos localmente seja no Brasil, em nossos estados, municípios e comunidades é preciso ampliar o olhar e ver o mundo, o universo e as mudanças que já vem sendo analisadas por muitos. Grande parte dos analistas apontam que a Europa vive uma profunda crise interna de sua cultura que corre o risco de desaparecer ou ao menos tornar menos hegemônica. Yuval Harari, israelense, autor de best sellers, em sua obra “Homo Deus”, aponta que a humanidade já passou por duas grandes revoluções: a revolução cognitiva e a revolução agrícola. Agora, segundo Harari, passamos pela terceira revolução, a científica. Essa última traz muitos benefícios para a vida humana, mas também causa grande risco ao planeta terra. E se o planeta adocece, todas as formas de vida correm risco, inclusive a vida humana.

O atual estágio da revolução científica nos coloca em várias crises, que, segundo o Papa Francisco, se entrelaçam. Uma crise é a ambiental, efeito do consumo desenfreado estimulado à máxima potência para aumentar os lucros da pequena porcentagem da humanidade já muito rica. Os efeitos estão aí e são abundantes: elevação da temperatura e do nível dos oceanos, secas, inclusive na Amazônia, inundações, derretimento das geleiras das calotas polares, etc... são eventos climáticos de toda sorte que dificultam a vida humana e das demais espécies no planeta.

Uma segunda crise é a econômica que se apresenta como crise do capitalismo. Apenas 1% da população concentra 99% de toda a riqueza herdada da natureza e produzida pelo trabalho humano. Esse sistema

surgido na Europa no século VI nunca deu conta de distribuir as riquezas produzidas e fazer com que chegassem se não a todos, ao menos à maioria da população, agora entra em mais uma crise aguda com o chamado capitalismo rentista. Grande problema do capitalismo europeu é que ele se desenvolveu explorando as chamadas periferias do mundo (mundo não europeu) como a América Latina, a África e a Ásia.

Quando olhamos o Brasil, o que somos? Somos um país construído sobre diversos genocídios de povos originários, sobretudo dos povos indígenas, e dos africanos traficados para serem mão de obra escrava. Consequentemente temos dificuldades, inclusive de falar de nossa história, por que fazer isso é mexer em nossas vísceras, naquilo que somos. A grande crise do capitalismo é que hoje nem capitalismo é mais, pois a formação dos oligopólios eliminou a competição. Ganha-se dinheiro só com a especulação e não se produz bem de consumo e nem empregos.

O Papa Francisco tem afirmado que esse sistema econômico mata e que uma outra economia é possível. Ele fala das diversas experiências de economia solidária como as que conhecemos no Brasil. Para isso lançou dois grandes movimentos: “Economia de Francisco” no Brasil, chamado de “Economia de Francisco e Clara” e “Pacto Educativo Global”.

A terceira grande crise que vivemos é a da nova governança global que está mudando de mãos, saindo do Ocidente europeu – norte americano e sendo assumida por países asiáticos de culturas milenares como China e Rússia. Nessa remodelação da governança global existe a construção de uma governança multipolar que vem sendo ensaiada por grupos como os BRICS, agora BRICS Plus, que inclui países pobres como o Brasil. Se esse modelo tiver êxito será algo inédito na história da humanidade.

Por fim é preciso dizer que essas grandes crises atingem nossas realidades, nossas comunidades e a vidas de nossos povos. Os mais pobres são os mais atingidos. É preciso levar em conta que o Brasil, como toda a América Latina é um país historicamente explorado e sofre uma exploração violenta, começada pelos colonizadores europeus de ontem e continuada com exploradores financeiros de hoje. Em nossos territórios convivemos

no dia a dia com os sinais claros das crises ambiental e econômica agravadas pelas questões sociais e políticas estruturantes de nossa realidade.

Desde a eleição de Lula para o terceiro mandato, o Brasil volta a ter protagonismo no cenário internacional e o mundo volta a olhar para o Brasil com esperança. Pelas suas dimensões continentais, riquezas naturais, tamanho de sua economia, diversidade étnicas e culturais e de seu posicionamento internacional pacífico e de negociador de conflitos é um parceiro em condições de influenciar as decisões. O mundo olha com atenção e esperança para o Brasil.

Nosso papel, enquanto comunidades de fé vai em duas linhas: manter viva a esperança e desenvolver o sendo crítico para que as pessoas possam se defender da exploração de sempre.

2.6 – PLENÁRIA PANTANAL - REGIONAIS CENTRO OESTE (DISTRITO FEDERAL E GOIÁS) E OESTE 2 (MATO GROSSO)

2.6.1 – A 6ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA COMO CHAVE PARA A ANÁLISE DE CONJUNTURA - DANIEL SEIDEL⁶

Tenho percebido depois de mais de 30 anos de realizar e participar de Análises de Conjuntura que não basta apresentar uma Análise. É preciso criar recursos para comunicá-la, visto que trago a preocupação de que ela contribua para compreensão da realidade e possibilite que quem dela participou, multiplique suas trocas e aprendizagens com outras pessoas da comunidade eclesial, do movimento social, da vizinhança e da própria família. Estamos num tempo que é preciso que nos habilitemos ao diálogo, se queremos “estourar a bola” e viver na prática a missão da “Igreja em saída”, que tão generosamente, Papa Francisco tem nos sinalizado.

⁶Cristão leigo, secretário executivo da CBJP, membro da Comissão Executiva das Pastorais Sociais da CNBB e assessor da REPAM Brasil. É mestre em Ciência Política. E-mail danielseidelf@gmail.com (DF).

Assim, após muita reflexão quero propor uma chave e um simbolismo para compreender o que está acontecendo hoje em nosso país, com um olhar a partir dos prediletos/as de Deus: as pessoas empobrecidas. Este é um dos critérios que o Ensino Social da Igreja nos orienta: pensar a política para o Bem-Comum, o bem de todos/as, incluindo a Mãe-Terra.

A pessoa humana como símbolo e a chave de leitura da 6ª SSB

Vou adotar como símbolo a estrutura física de uma pessoa humana e como “chave de leitura” o que nos oferece a 6ª Semana Social Brasileira, em seu lema: “**Mutirão pela Vida: por Terra, Teto e Trabalho**”, tendo como temas transversais a **soberania**, a **economia** e a **democracia**. Proponho agora que vocês imaginem cada uma das **pernas**: que uma seja a **Terra** (no sentido da agricultura, mas também no sentido dos biomas, da agroecologia, das águas e das Florestas), e a outra seja o **Trabalho**; pois creio que ambos “sustentam a vida humana”. O terceiro T, de **Teto** seja uma “casa”, que remeta à ideia da **moradia**, mas também da **Seguridade Social**: saúde, previdência social e assistência social; **além das demais políticas públicas**: educação, segurança pública, alimentação saudável.

Cabeça: soberania; coração: economia; e braços: democracia.

Seguirei propondo a construção da imagem: agora, proponho que a **cabeça** seja **soberania**, o **coração** seja **economia** e os **braços** seja a **democracia**. A cabeça porque abriga o cérebro, as ideias e o pensamento, podendo assim decidir os rumos; a economia como aquela capaz de gerar vida digna para as pessoas; e os braços que podem se dar as mãos para colaborar e construir o bem-comum, fruto da democracia.

Bom, no momento atual do Brasil, estamos com este “corpo adoecido”, gravemente, por quê? Porque a temos uma **cabeça** submissa aos interesses do Presidente dos Estados Unidos da América, assim não é soberana, não pensa por conta própria; segue um projeto de nação submetido aos interesses das Grandes Corporações internacionais e de lá

recebe ordens. É uma política que gera a morte e que se alimenta da morte (necropolítica), delimitando “zonas de sacrifício” (Amazônia, as periferias das Grandes Cidades, os lugares para se construir usinas nucleares, entre tantos exemplos) para uma elite pequena possa usufruir do conforto da “ordem e do progresso”.

Seu **coração** só pensa no lucro. Passamos do neoliberalismo feroz para o ultraliberalismo que sacrifica vidas humanas para preservar a propriedade, esta sim, colocada como “direito sagrado”. E para mantê-la vale tudo: liberação de maior número de armas de fogo; liberar armas de muitos tiros, antes de uso exclusivo pelas Forças Armadas. E o que é pior, principalmente para áreas rurais, onde estão numerosos conflitos por Terra.

E em seus **braços** a direção é a do fascismo (quando você precisa encontrar um inimigo e demonizá-lo, de sorte, que o único jeito para “salvar a sociedade” seja eliminar todos os seus sinais) e do autoritarismo. Multiplicam-se assim os conflitos dentro das famílias, das Igrejas, colocando o povo contra o povo, estimulando-se a “invasão de hospitais”. Não se deixa espaço para o diálogo. Qualquer pessoa que questione deve ser eliminada: porque pensa. As mãos não estão abertas para formar uma aliança, mas para atacar e agredir as outras pessoas.

Terra e Trabalho como “pernas” e Teto como “Proteção”

Uma das pernas que é a **Terra** se encontra arrasada, devastada, acelerando-se o desmatamento para fazer avançar a pecuária, a monocultura, os agrotóxicos, a mineração, as hidrelétricas. Não se respeita o direito sagrado aos Territórios Tradicionais dos Povos Indígenas e das Comunidades Originárias: pode-se “passar a boiada”! há uma negação da riqueza das diferenças étnicas e culturais. Há o desejo de se impor um padrão único de vida, de produção e do consumo, baseado na concentração, onde muitos se escravizam para ter uma migalha de salário e poucos esbanjam ostentação e conforto de forma opulenta.

A outra perna é o **Trabalho** que se encontra enfraquecido, desregulamentado, sem garantias e direitos. A informalidade está na lei atualmente. A promessa é que a Lei da Terceirização e da Reforma Trabalhista iria multiplicar os empregos. E onde estão. O desemprego que estava perto dos 14% antes da pandemia, está caminhando para 20 a 25% da População Economicamente Ativa (PEA). Os sindicatos enfraquecidos e desmoralizados. A possibilidade de concurso público, nem pensar. Como se constrói o futuro de uma família sem trabalho.

E o **Teto**, a casa, a moradia, a proteção social? Essa se encontra no “balança e quase cai”. Com a vigência da EC 95/dezembro de 2016, que limitou novos investimentos em políticas públicas por 20 anos. Os bispos católicos no Brasil, por meio da CNBB, ainda em outubro de 2016, chamaram a essa proposta de “PEC da Morte”. Foi pura profecia. Quem podia imaginar a situação em que nos encontramos hoje. E para piorar a situação foi aprovada outra Emenda à Constituição: a EC 106/2020. Em plena pandemia, justificada como “PEC do Orçamento de Guerra”, era a PEC 10/2020, para liberar 60 bilhões para os mais de 5.800 municípios e para os Estados e DF; foi aprovado um artigo nela, que permite ao Banco Central doar para os Bancos Privados 1 trilhão e 200 bilhões de reais, por meio de compra de papeis “podres”, ou seja, a cada um real para enfrentar a pandemia os bancos vão ganhar 20 reais. E para gerar o quê? Com isso não se pode contratar novos servidores públicos, nem ampliar a rede de atendimento à atenção básica do SUS – Sistema Único de Saúde e do SUAS – Sistema Único de Assistência Social. Isso para não falar da Reforma da Previdência Social que levou para longe a possibilidade de se aposentar com saúde e, ao mesmo tempo, reestruturou a carreira, elevando os salários dos militares no país.

Crítérios para Discernimento: Alegria do Evangelho e *Laudato Si*

O Papa Francisco com seu magistério, dialogando com a tradição da Igreja no Ensino Social, denuncia: “esta economia mata”, porque

transforma pessoas em números e diz que uma parte tem que morrer (paradigma tecnocrático), não enxerga o ser humano e nem a natureza; e porque privilegia alguns poucos à custa do sofrimento e da morte da maioria.

Na Encíclica *Laudato Si*, sobre o Cuidado com a Casa Comum, ele nos alerta para a **Ecologia Integral**, louvando a Deus pela abundância e bênção que é a natureza, criação divina, colocada para nossa administração, nos fazendo perceber que tudo está interligado. O clamor da Terra e o clamor dos Pobres da Terra. Quando se considera uma vida descartável, outros valores desumanos já tomaram conta do coração. Por isso ele aponta para o diálogo, a cultura do encontro.

Sinais de Esperança

E é este o caminho que os Movimentos Sociais, articulados por meio das Frentes Populares estão buscando para o Brasil. A Frente Brasil Popular e a Frente Povo sem Medo estão com ações unitárias para afastar essa cabeça do corpo chamado Brasil, seja por meio do impeachment, seja pela cassação da chapa eleita, pelo TSE. Mas baseado em que? Na apuração dos crimes cometidos pelo chefe do poder executivo no exercício do mandato e nas eleições. Está sendo comprovada a utilização de dinheiro volumoso de empresários durante a campanha eleitoral para financiar uma “fábrica de mentiras”, as famosas “*fake-news*”, que chegaram pelos nossos celulares e que muitos/as de nós compartilhou pensando que eram “verdades”. Esse é o processo de investigação que está sendo comandado pelo STF – Supremo Tribunal Federal para produção de provas que poderão embasar os dois processos, tanto no STF, como no TSE. A CNBB liderou em 2014 uma iniciativa popular para Reforma Política, que não foi votada, mas que pressionou o STF para que proibisse o uso de dinheiro de empresários em campanhas eleitorais.

São se articulando outras frentes mais amplas como o “Somos 70%” e “Estamos Juntos” antifascistas que estão mobilizando as redes

sociais, com seus manifestos e há três semanas se iniciaram manifestações, principalmente lideradas por jovens de periferia, de torcidas organizadas contra o fascismo e a ditadura, influenciadas pelas manifestações antirracistas nos Estados Unidos, pelo assassinado absurdo de George Floyd, por um policial.

Ressuscitando esse corpo chamado Brasil

Para que ocorra essa mudança de rumos (da cabeça) é preciso unir as mãos de todo o povo brasileiro, homens, mulheres, crianças, adolescentes, juventudes, pessoas idosas, num grande mutirão pela Vida em defesa da democracia. Ampliando os espaços de solidariedade que se multiplicaram neste tempo da pandemia. Criando colaboração e cooperação.

Assim a **cabeça** vai pensar com soberania, vendo que o mais importante é a Vida do Povo, ou melhor, dos Povos, em sua diversidade de Povos Indígenas, Comunidades Tradicionais (quilombolas, ribeirinhos/as, ciganos, nômades, quebradeiras de coco, geraizeiros, entre tantos/as), povos urbanos, das favelas, das baixadas, dos grotões, migrantes e refugiados/as, entre outros. Construindo um projeto popular para o Brasil.

Mas não adianta mudar a cabeça se o **coração** ainda continuar perverso, só pensando em lucro. São nesses momentos que é preciso de elaboração e de pensamento para valorizar a solidariedade e a economia popular solidária e estão se multiplicando os núcleos para pensar, principalmente, mobilizando as juventudes, a “Economia de Francisco e de Clara”, iniciativa de papa Francisco que se realizaria em Assis, Itália, mas que foi adiado.

Assim, a **6ª Semana Social Brasileira** com seu mutirão pela Vida, quer fortalecer as pernas exercitando como os direitos vinculados ao **Trabalho** podem ser restaurados, assim como uma nova relação com a **Terra**, seja pela agroecologia, seja pela agricultura familiar, sem o uso de agrotóxicos, preservando as Reservas e os Territórios Tradicionais na

direção do que apontou o Documento Final do Sínodo e a Exortação Querida Amazônia.

E finalmente é imprescindível que se mobilize para revogação das EC 95/2016 e da EC 106/2020 para que se possa contar com recursos públicos para financiamento de políticas públicas necessárias e suficientes à proteção social da população brasileira, restaurando um **Teto** para cada brasileiro/a. Acreditamos que isso não se realiza sem uma Auditoria da Dívida Pública, que também está pautada nos temas da 6ª Semana Social Brasileira. (Brasília, 2020).



2.7- PLENÁRIA CASA COMUM - REGIONAIS SUL 1 (SÃO PAULO) E OESTE 1 (MATO GROSSO DO SUL)

***Pedro Paulo:** Somos o povo de Deus das Comunidades Eclesiais de Base do Regional Sul 1. Viemos de muitos cantos, trazemos muitos encantos, esperanças e utopias, lutas e desafios. Somos povo de Deus a caminho. Somos também “os do caminho” que com vocês, companheiras*

e companheiros da caminhada, queremos trilhar e buscar essa Igreja sinodal empenhada na vida plena para todos e todas. Como povo de Deus, “os do caminho”!

Canto: *O povo de Deus no deserto andava, mas a sua frente alguém caminhava. O povo de Deus era rico de nada. Só tinha a esperança e o pó na estrada. Também sou teu povo, senhor, e estou nessa estrada, somente a tua graça, me basta e mais nada.*

Cidinha: *Nós somos de um estado de muitas riquezas, um estado rico em recursos, mas bastante desigual. Em nosso estado se explicitam as mazelas na má distribuição de renda, machucando o nosso povo. Mas, a força do crucificado-ressuscitado nos motiva na luta e esperança.*

Canto: *É por causa do meu povo machucado que acredito em religião libertadora. É por causa de Jesus crucificado, que acredito em religião libertadora.*

Pedro Paulo: *Acreditamos nessa Igreja povo, capaz de libertar e multiplicar a vida. Somos o povo da esperança. E nosso estado é bem distinto. Somos de 7 sub-regiões.*

Cidinha: *Das terras de Aparecida, de Botucatu e de Campinas. Das terras de Sorocaba, de Ribeirão Preto e de São Paulo. Do interior, da metrópole e do litoral. Somos Regional Sul 1.*

Pedro Paulo: *Reunimo-nos em abril sob as bênçãos de Francisco de Assis, em Pirassununga, e discutindo o texto do Intereclesial, assessorados pela Cecília Domezi e Pe. Manzatto, onde visualizamos o como a realidade do país afeta as nossas comunidades.*

Cidinha: *As mentiras disseminadas pelas fake news, notícias falas, e as meias verdades que são propagadas pelas redes sociais e mídias corporativas (TV, rádios, revistas, jornais). Nosso povo se torna refém ao não filtrar as informações. As inverdades são compartilhadas pelos próprios católicos suscitando um clima ruim.*

Canto: *Pai, afasta de mim esse cálice de vinho tinto de sangue...*

Pedro Paulo: *As comunidades são afetadas pela má política, por políticos que surgem do nada, sem base popular; utilizam-se dos meios e de promessas falsas para ocupar os cargos públicos. E não cumprem as promessas, pois não têm vínculo com o povo. São políticos que se dizem contra a política.*

Cidinha: *Assim se aprimora a desigualdade, aumenta o número de desempregados. A fome e a miséria imperam, e a violência atinge os mais pobres e vulneráveis. 30% da população com fome. A morte torna-se evidente. Existe uma normalização da morte por um sistema injusto.*

Canto: *“Dai-lhes vós mesmos de comer, e o milagre vai acontecer!”*

Pedro Paulo: *Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo, quando pergunto por que são pobres, chamam-me de comunista, já dizia dom Helder Câmara.*

Cidinha: *As marcas do processo civilizatório brasileiro impõem uma cultura machista e atriarcial, racista, preconceituosa e autoritária. Ó Santa Maria, chama o teu povo pra se unir!*

Canto (só esse refrão): *Negra Mariama. Negra Mariama chama....*

Pedro Paulo: *O capitalismo neoliberal foi fazendo que cada um centrasse no seu próprio umbigo, trazendo um individualismo que quer calar as lutas e as comunidades. A pandemia ressaltou bastante as marcas desse individualismo e indiferença. Por outro lado, tivemos muitos focos de apoio, luta e solidariedade. Diante da morte, juntamo-nos para gerar vida.*

Canto: *Eu vim para que todos tenham vida, que todos tenham vida plenamente.*

Pedro Paulo: *Entretanto, uma marca da realidade atual que ficou explícita destruindo famílias, comunidades e relações, é a dita polarização. A religião foi usada por grupos políticos chamados de “patriotas” para defender modelos de opressão do povo, defender pautas que contrapõem toda a nossa luta pela vida dos pobres.*

Cidinha: *O extremismo de uma extrema-direita que surgiu, revestida de ultra liberalismo que busca o Estado mínimo, promoveu violência e negacionismo como nunca antes na história. Ou, talvez, reproduzindo práticas de movimentos fascistas. É a negação da ciência. Esquecem-se que fé e vida são inseparáveis, e ligam religião com política e não uma fé que gera em nós um ser político. Esquecem-se que nosso Deus está do lado dos pobres e semeiam a ruptura da fé e vida. Semear a justiça para todos, traz a paz tão desejada.*

Canto: *Vai ser tão bonito se ouvir a canção, cantada de novo. No olhar da gente a certeza do irmão, reinado do povo.*

Pedro Paulo: *Os nossos representantes somando com o grande mutirão das CEBs em Pirassununga, discutiu também o que a realidade atual da Igreja impacta em nossas comunidades. Atualmente, numa contramão do Papa Francisco, nosso regional vive muitas vezes uma situação em que se abafa “O povo de Deus que no deserto andava e caminha” em nome de “uma Igreja Santa, templo do Senhor”.*

Cidinha: *Há uma centralização nas matrizes, um conservadorismo, autoritarismo, moralismo e clericalismo exacerbados, sobretudo dos padres novos, que vão semeando essas sementes clericais no meio dos leigos. Há uma clericalização dos cristãos leigos e leigas. Existem fortes marcas de bispos, padres, religiosos, diáconos e leigos e leigas clericalizados.*

Canto: *Igreja santa, templo do senhor. Glória a ti, Igreja Santa. Ó cidade dos cristãos....*

Pedro Paulo: *Esquecemos que somos uma igreja santa e pecadora, inserida no mundo para ser sal e luz no mundo. Os cristãos leigos e leigas esquecem da sua vocação e missão, como Igreja, na sociedade. E essa onda clericalista acaba dificultando a presença de uma igreja profética. Negamos assim o nosso batismo, onde somos convocados a ser “sacerdotes, profetas e reis”, para santificar, ouvir e denunciar, cuidar da casa comum.*

Cidinha: *Nessa dinâmica, o clero age como se fosse “a verdade” e esquece-se que a verdade é Jesus Cristo, caminho, verdade e vida. Os leigos, numa lógica de laikós, classe plebeia e subordinada, esquecem o seu laós, povo eleito e escolhido. Obedecem cegamente ao clero e desconhecem a missão. Muitos são manipulados por medo. Alguns cientes de sua vocação, acabam por ser colocados à parte ou serem criminalizados pelo pároco que influencia a comunidade. Existe um medo de leigos e leigas conscientes.*

Pedro Paulo: *Os leigos e leigas que não são conscientes de sua vocação, nesse mundo de fake-news e manipulação clerical, acabam reforçando uma lógica de fundamentalismos religiosos, maniqueísmos. Isso acaba por dividir a comunidade e propagar confusão. O diálogo e a misericórdia são substituídos por vídeos de padres ou leigos em nome da moral e contra tudo aquilo que promove a vida do povo.*

Cidinha: *Reforça-se o devocionismo intimista, inclusive na juventude, porque isso traz leigos e leigas ingênuos que não contrapõem práticas de igreja clericalista. O devocionismo e movimentos neopentecostais são reforçados para não contrapor o clero.*

Pedro Paulo: *E notamos em nosso regional a imposição por parte do clero de uma igreja dissonante da eclesiologia do Vaticano II. E isso pega grande parte de nossos jovens. Destoa-se da lógica de uma igreja povo de Deus, de uma igreja das primeiras comunidades, de uma igreja em saída, na busca de vida plena para todos e todas.*

Cidinha: *Por isso, as Comunidades Eclesiais de Base não são bem quistas em nosso Regional. E temos pouco apoio. Mas estamos na luta, em comunidade, pois acreditamos que, motivados pelo ressuscitado nos motiva a esperar. Somos povo da esperança.*

Canto: *Eu sou feliz é na comunidade. Na comunidade, eu sou feliz!*

Pedro Paulo: *Essa é nossa contribuição do Regional Sul I. O trem das CEBs não vai parar. Sigamos juntos em comunidade para levar adiante essa Igreja samaritana, misericordiosa, profética, povo de Deus (Os impactos na vida das CEBs, crônica da plenária).*

2.7.1 – A TEIMOSA E CORAJOSA ESPERANÇA DO POVO - EDWARD GUIMARÃES⁷

*Neste tempo tão atroz em que nós vivemos,
com tanta injustiça, desigualdade e violência,
não podemos esquecer das lições da história,
de todos os tiranos que se julgavam onipotentes,
e desejavam impedir o alvorecer da primavera,
destruir a força da fé libertadora no Reino da justiça,
esta fé que sustenta a caminhada e as lutas do povo:
nunca conseguiram apagar a chama frágil da esperança!*

*As estratégias dos poderosos são tão conhecidas,
primeiro tentam destruir o nome do movimento,
e visam tornar ilegítimas suas ações afirmativas,
que procuram garantir a vida digna para o povo,
e difamam com bombardeio diários de fakenews,
ou procuram comprar a consciência dos líderes,
dos homens e mulheres que animam a caminhada:
nunca foi suficiente para destruir a resistência popular!
O alvo, então, passa a ser os que lhe são mais próximos,
os familiares, os amigos e amigas, os companheiros,
e intimidam com cartas anônimas e muitas ameaças,
procuram desmoralizar a utopia, a causa, a bandeira,
e as mediações políticas: o partido, o sindicato, os coletivos,
o que desejam é criminalizar os movimentos dos oprimidos,
e chegam insanamente a matar pessoas comprometidas:
nunca conseguiram paralisar ou impedir as lutas do povo!*

*Denunciam recorrentemente as lideranças nos tribunais,
e, tantas vezes, ao arrepio da lei e a conivência dos que julgam,*

⁷ Teólogo leigo e educador, assessor das CEBs e pastorais. (MG)

mesmo sem haver provas concretas, conseguem condená-los, e, com o objetivo de prendê-los, não temem ações suspeitas, rasgar os princípios basilares de nossa Constituição cidadã, arquitetar a produção e o uso de falsas delações premiadas, ferir o bom senso e até mesmo anular as exigências da justiça: também nunca foi suficiente para destruir a fé na caminhada!

Será que não sabem que perseguição, injustiça e violência, como aconteceu no tempo de Jesus, o Profeta da Galileia, fazem surgir novos profetas e profetisas no meio do povo, que anunciam o dinamismo libertador do Reino presente, e, com muita coragem e iracúndia, denunciam as injustiças, enfraquecem o poder diabólico dos que semeiam a maldade, e, com gestos libertadores, nos mostram a força da verdade? A profecia revela a presença amorosa de Deus no meio de nós!

Na liberdade dos profetas e profetisas o povo se inspira, sabe que pode contar com a graça do Deus estradeiro, e no cultivo diário da memória perigosa de nossa história, ele recorda o sangue de Jesus que foi derramado na cruz, mas também o sangue dos mártires, de hoje e de outrora, e, assim, enfrenta os seus medos da violência e da morte, e, de mãos dadas, continua, teimoso, em suas lutas infindas, até que a realidade seja espaço fecundo e criativo do Reino!



20 DE JULHO DE 2023 (QUINTA-FEIRA) JULGAR - HORIZONTES PARA CAMINHADA

*Venha teu Reino, Senhor! A festa da vida recria! A
nossa esperança e ardor, transforma em plena alegria*

(Silvio Meincke e E. Feichrdt)

III - 30 DIA

Na parte da manhã todas e todos se encontraram na Casa Comum, para partilhar o que foi conversado no dia anterior sobre a realidade e buscar iluminação, discernimento à luz da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja, em tempos de Francisco e das plenárias temáticas: **CEBs e Poder na Igreja-Sinodalidade; CEBs e Educação; CEBs e Questões Ecológicas; CEBs e Economia de Francisco e Clara; CEBs e Dimensão Político-social.**

O dia inicia com a Oração Ecumênica preparada pelos cristãos de outras Igrejas (Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Igreja Metodista), de outras denominações religiosas (de matriz Indígena e de matriz Africana), da Comunidade Taizé, Comunidade Bremen, Centro Ecumênico de Estudo Bíblicos - CEBI, Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular - CESEEP, Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC, presentes no encontro.

3.1 – PARTILHA DAS PLENÁRIAS DO VER

3.1.1 – PLENÁRIA AMAZÔNIA – REGIONAIS NORTE 1, 2, NOROESTE

1- Como a realidade do país impacta a vida das Comunidades Eclesiais de Base?

Norte 1: Olhando as realidades das famílias que participam nas comunidades, principalmente das periferias, se percebe um aumento do desemprego, precariedade da saúde pública (realidade gritante da pandemia). Além disso, a presença cada vez maior das mãos do tráfico de drogas. A situação da polarização política, refletiu no enfraquecimento das relações sociais, seja na família, na Igreja e na sociedade.

Norte 2: Os últimos anos do país foram marcados pela ascensão da extrema direita, tanto na administração da nação quanto nas mais diversas áreas de manifestação política e isso criou um clima de perigo, alerta, criminalização e deslegitimação de movimentos sociais. O impacto que isso trouxe para as Comunidades Eclesiais de Base foi a sua classificação como “coisa de comunista”, em uma tentativa de desmoralizar a existência das CEBs e esse jeito de ser Igreja. Com o atual governo a sensação é de que as CEBs (e os movimentos e pastorais sociais) podem respirar com um pouco mais de tranquilidade, talvez retomando a sensação de segurança e possibilidade de expressão. Nesse contexto é marcante também o aumento dos casos de feminicídios e outros crimes motivados pela cultura do ódio.

Noroeste: A realidade do país impacta em todos os espaços, urbano e campo, sobretudo através do enfraquecimento dos direitos sociais, falta de incentivo a agricultura familiar, e intensificação da pobreza, o que desencadeou o aumento do desemprego, da violência, do narcotráfico e a gritante omissão do poder público na garantia desses direitos essenciais.

2- Como a realidade da Igreja impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base?

Norte 1: A realidade das comunidades é desafiada diante da falta de abertura para a escuta fraterna e o compromisso de caminhar juntos. Nesse sentido observamos como um grande desafio a ser superado, o clericalismo, que enfraquece a vitalidade das comunidades.

Norte 2: Percebe-se um retrocesso na Igreja em relação ao profetismo e missionariedade. Embora o Papa Francisco se esforce em incentivar uma Igreja samaritana, sinodal e profética, em nossa realidade é notório aspectos, como:

- Clericalismo acentuado;
- Desvalorização do laicato e das comunidades eclesiais de base;
- Falta de compromisso com as causas sociais;
- Hierarquia dominante;
- A sinodalidade está só nos documentos, muita fala e pouca prática, bem como com relação a questão ecológica;
- Uma grande parte do clero, não se identifica com as CEBs e, portanto, não incentiva a participação dos fiéis;
- Há um crescente apego às estruturas físicas e pouco investimento à Igreja povo/ comunidade.

A realidade da Igreja vai impactar diretamente nas CEBs, considerando que as comunidades de base estão inseridas na estrutura de paróquias, dioceses. Percebe-se um movimento de conservadorismo na Igreja, através do fortalecimento de determinados grupos. Além disso, há um movimento também de centralização das atividades paroquiais, cujas decisões e direcionamentos estão todos concentrados na figura do pároco e da matriz. De forma muito direta, isso representa um enfraquecimento das possibilidades de ações e mobilizações dentro das paróquias, chegando até mesmo à exclusão de leigos de serviços e importantes espaços de

decisão. Mesmo diante desses desafios a Igreja na Amazônia tem a raiz forte na profecia e as CEBs existentes estão firmes na sua missão, resistência, teimosia, lutas pela justiça e libertação.

Noroeste:

- Diante da presença de grupos extremistas que fazem oposição às iniciativas das comunidades, da caminhada sinodal, e do magistério da Igreja, percebe-se por parte desses grupos, a necessidade de uma verdadeira experiência pessoal e comunitária de encontro com o projeto de Jesus que ajude a viver e retomar a relação fé e vida.
- A pandemia nos fez perceber, que a caridade de forma assistencialista, abafa o profetismo das comunidades, pois pouco incentiva um trabalho de organização, de luta, de engajamento pela conquista de direitos e qualidade de vida.
- Outro ponto relevante é a falta de novas lideranças jovens e seu acompanhamento, onde estes sejam os protagonistas da sua realidade e que se engajem no trabalho das CEBs.

3- Quais os principais gritos e desafios vindos dos regionais que pedem uma resposta das Comunidades?

- **Gritos e desafios:** O modelo de desenvolvimento do capital implantado na Amazônia não corresponde com a vida e realidade dos povos originários, comunidades tradicionais, camponeses e urbanos; o fenômeno do clericalismo na Igreja que massacra, oprime e aniquila, toda a proposta de uma Igreja Sinodal e ministerial, à luz do Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino Americanas e Caribenhas; a realidade do etnocídio,

ecocídio e genocídio, dos povos indígenas e das comunidades tradicionais.

- Protagonismo das juventudes e das mulheres considerando a equidade batismal na Igreja como um todo; ausência de políticas públicas e falta de engajamento do laicato nos conselhos de participação social e nas esferas políticas e acompanhamento aos leigos e leigas nessas instâncias.

4- Como vamos responder concretamente a estes gritos e desafios?

- Formação integral: bíblica, fé e política, transformação social.
- Retomar a metodologia de acompanhamento missionário através dos círculos bíblicos, do método ver julgar, agir e do trabalho de base, adequando a linguagem à metodologia.
- Animar e efetivar a Pastoral de Conjunto em rede de sinodalidade.
- Reconhecimento e valorização da Pastoral da Juventude nas comunidades.
- À luz do discipulado de Jesus de Nazaré e do magistério do Papa Francisco, lutar contra o clericalismo na Igreja, para uma Igreja toda ministerial, profética e sinodal.

3.1.2 – PLENÁRIA CAATINGA – REGIONAIS NORDESTE 1, 2, 3

1. Como a realidade do País impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base?

Nordeste 1:

- As mudanças ocorridas em nossa realidade, tem levado nossas comunidades a andarem por caminhos diferentes daquilo que Jesus nos propõe. O imediatismo e a bruta ação ativista e a própria religiosidade impacta no empobrecimento das comunidades, tendo como consequência a desesperança, a fome, a falta de crença na organização, o desânimo para

participar dos movimentos e eventos, criando uma igreja mais autocentrada, individualista. Devido ao neoconservadorismo vigente nossas comunidades, em sua maioria, não se empenham mais no fazer política, nem mesmo em tempo de eleição. Quando o fazem, é sempre do lado daqueles que sacrificam os direitos do povo e não pensam em políticas públicas que mudam a sociedade.

- Na falta de consciência das pessoas, na divisão nas comunidades. Nossa esperança é melhorar, mas as divisões continuam, inclusive nas pessoas que são igreja. Impacta tanto positivamente como ao contrário pois, pode gerar fome, miséria, desrespeito, individualismo e mortes. Mas com uma postura democrática a sociedade promove a defesa de direitos, garantindo mais vida com terra, trabalho, melhores salários, moradia, saúde e educação de qualidade.
- As pessoas estão cada vez mais buscando sobreviver, estão sem tempo para cuidar do espiritual e do pessoal. Muitas sem perspectiva de futuro, adoecendo. Tem o desafio do mundo do trabalho, famílias que saem pela manhã e só retornam à noite para casa. O estilo de vida é muito urbanizado, e nós ainda não compreendemos que precisamos rever as nossas práticas.
- A conjuntura por si só, já tem essa resposta do impacto. Mas a conjuntura deixada pelo governo anterior apresentou muitas retiradas de direitos em várias áreas, tanto no social como no político. Deixou uma carga inflacionária muito alta, e nesse sistema capitalista os grandes nunca querem perder ganhos. Por isso as taxas tributárias ainda permanecem altas, sendo um desafio grande, tanto para o governo como para o trabalhador. Quando falamos do trabalhador falamos da realidade das comunidades que tem remédios, comidas, gás, roupas, aluguéis, com valores muito altos, tirando até o direito ao

mínimo. Com certeza isso desanima muito nossas comunidades até na lógica da partilha do pão no dia a dia.

- Há uma pressão muito grande por parte de um desenvolvimento falso que prejudica várias comunidades com as perdas dos seus territórios. Um exemplo é dos grandes projetos dos parques eólicos, que destroem os campos de dunas, privatiza os espaços que são usados pelos próprios nativos, sem contar que há projeto de eólica para o mar onde vai prejudicar os pescadores artesanais.
- Uma outra situação é a falta de um sistema de segurança pública que traga mais confiança para a sociedade, que não seja dominado pelas facções e as milícias; uma boa parte dos clérigos se identificam com e como elite e reproduzem suas ideias e valores como "política é ruim", "educação pública nunca vai prestar", "na igreja existe hierarquia e as decisões não precisam ser democráticas..." entre outras coisas que têm feito as pessoas não se sentirem igreja, mas empregadas dela. O serviço não é pesado quando todos compreendem e contribuem no planejamento, nas decisões e na execução.
- Também é necessário trabalhar mais a ideia de coletividade, mas que não seja no campo só de abstração, pois não adianta os clérigos falarem em coletividade enquanto não fazem trabalhos de paróquias em conjunto ou fortalecer a ideia de paróquia horizontalmente, onde a sede é mais uma comunidade entre todas as comunidades; crescente individualismo, mais gente cuidando de si; lutas árduas para reorganização da vida social e comunitária; fragilidade na articulação de parcerias; Estado tem adotado políticas de negação e retirada de direitos, que impactam na vida das comunidades, gera desigualdade, desemprego, o aumento da fome....

- Muito sofrimento do nosso povo, muita gente passando fome; há uma má distribuição de renda permanente. Uma das principais heranças recebidas do governo passado está sendo a indiferença, pois é comum vermos esse comportamento em nossas comunidades. Além disso, a cultura da invisibilidade, algumas comunidades não querem mais saber de pobres e das minorias, têm muita celebração e pouca ação; muitas pessoas nos grupos e comunidades por vezes são influenciadas pelas notícias e desinformação geradas pelas fakes news, sentem uma desesperança pois os graves problemas do país como desemprego e a insegurança alimentar, a violência e o extermínio da juventude são realidades que atingem nossos grupos e comunidades.
- Nosso país passa por uma reorganização política e, quem dera, social. Depois de anos de governos golpistas e autoritários, cujos discursos e atitudes comungavam com o fascismo, estamos tentando retomar o mínimo de governabilidade para o povo. Ainda resta muito a fazer. A fome ainda é gravíssima, a violência, desigualdade de renda, são muitas as famílias sem terra e sem casa; o desemprego ainda assusta; a Covid foi controlada, mas ainda pode ser um problema; a saúde do país ainda é precária, a educação também. Todas essas realidades mexem com nossas comunidades, pois são elas que sofrem as mais pesadas consequências. Nossa fé nos interpela a lutar por um país mais justo, sinal do Reino de Deus. Pois nossa missão é salgar essa sociedade dando o sabor do Evangelho e iluminando suas trevas de injustiça com a luz de Cristo.

Regional Nordeste 2:

- Impactos negativos: fundamentalismo religioso, intolerância religiosa crescente; alienação religiosa que, inclusive, leva à

alienação política; clericalismo - fica difícil caminhar juntos; resistência ao Papa Francisco.

- Impactos positivos: o Ensino Social da Igreja e o chamado do Papa Francisco a uma Igreja Sinodal; resistência das bases, animação renovada.

Regional Nordeste 3:

- Desigualdade social; mineradoras – agrohidronegócio entra na vida dos pequenos agricultores; Escola Família Agrícola “EFASE – Sertão da Bahia em Monte Santo, entre tantas outras; um povo quieto / calado pós eleições: silêncio (direita e esquerda).
- Pela primeira vez os brancos – “cidadãos de bem” são levados aos tribunais da justiça (CPI do 08/01) mas também a CPI contra os pequenos agricultores, povos indígenas e MST; contra o modelo de produção agrícola da partilha e do cuidado da casa comum.
- Retomada das Políticas Públicas/Sociais (assistencialistas) e o povo tende a se acomodar (não crer na imagem de um presidente “salvador” da pátria); a vitória das esquerdas nas eleições foi um “acordão para salvar o capital”; a última eleição representou uma vitória ou uma permissão do capital de um governo progressista consertar o que desfizeram e salvar o capitalismo? Sentimento de inércia pós eleições dos movimentos sociais, partidos políticos, pastorais sociais, por uma sensação de vitória da esquerda que afasta a visão de que a luta precisa continuar.

2. Como a realidade da Igreja impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base?

Regional Nordeste 1:

- Tem se sobressaído e dominado em nossas comunidades, uma mentalidade individualista, uma igreja autocentrada, que se desliga do mundo. Não há respeito à história das CEBs, nem aceitação à Igreja dos Pobres. Teologia da Libertação está ligada à heresia, a ênfase está numa Igreja separada do mundo, imune às misérias sociais, quando muito, há uma caridade superficial, de distribuição de comida e ações que não mudam a vida das pessoas. Há uma estranheza sobre aqueles que ligam fé e vida e se arriscam na mobilização de pessoas em busca de seus direitos. Dizem que a Igreja não tem nada a ver com isso. Nossas CEBs são vistas como perigosas, "comunistas". Isso revela uma parte da Igreja ligada ao conservadorismo social ou neoconservadorismo fascista e violento.
- Divisão nas pastorais; ênfase no clericalismo; falta de espiritualidade e Igreja que só pensa em dinheiro; há pouca preferência por comunidades e falta de apoio para quem está na base mesmo; a igreja pode contribuir para que as pessoas tenham uma fé viva, profética e libertadora com pessoas conscientes de seus direitos e deveres como cristãos; as comunidades dentro dessa estrutura conservadora e neopentecostal da igreja, permitem-se apenas as celebrações devocionais.
- Não refletem as diversas realidades sociais, culturais e econômicas existentes. Muitas não seguem as orientações da CNBB de vivência dos tempos fortes das campanhas como CF, Semana da cidadania, Grito dos Excluídos/as, Jornada Mundial dos Podres... e os leigos vão se calando, para não

criar conflito com o padre. Mas vemos ainda, muitos cristãos leigos(as), enfrentando padres para seguir a missão de Jesus Cristo. Por esse campo temos Igrejas que não querem, e não são proféticas, pois os preferidos de Deus não são os preferidos de muitos que hoje estão nas Igrejas do Brasil como um todo. Para nós é um desafio fazer com que nosso povo tenha fé e acredite em uma Igreja de todos e para todos, pois na grande maioria, ela já fez sua opção. A igreja deixa de participar dos acontecimentos e de tantas injustiças que nosso povo sofre. Há um grande fechamento dos nossos padres, em paróquias que vivem só de sacramentos.

- A igreja ainda é uma estrutura sólida e solidária que possui todas as ferramentas para fortalecer as comunidades, desde que isso esteja claro e evidente dentro do projeto e das ações paroquiais, onde há avaliação das ações e um conselho consciente para reajustar os caminhos sempre que ele estiver se distanciando da proposta; precisa ser uma igreja menos clerical e hierárquica; precisa ser mais acolhedora; mesmo tendo o Papa Francisco na sua insistência por uma igreja sinodal, vemos um retrocesso em muitos aspectos pastorais, principalmente, por meio de uma romanização; muita celebração, muita novena, muito terço, pouca comunhão fraterna; a romanização se dá pelas vestes, comportamentos centralizadores de leigos, clericalismo, devocionismo; há uma dura realidade de viver uma fé desencarnada que se vê autocentrada nas questões internas da Igreja, um clericalismo muito latente; objetivamente nossos grupos e comunidades são ligados à vida paroquial, que não se abre a certas realidades e urgências de uma Igreja em saída para as periferias existenciais; a Igreja nas últimas décadas se tornou cada vez mais conservadora.

- Com a eleição de Francisco como Papa, novos ares chegaram na Igreja, mas as comunidades continuam com atitudes e mentalidade conservadoras e pouco comprometidas com a justiça e com os pobres; não são mais padres, bispos e menos ainda agentes de pastoral os que mais formam e influenciam o povo de Deus, e sim a mídia católica, muito intimista, fechada e moralista. Assim, mesmo nossas comunidades mais comprometidas são tomadas por devocionismos que longe de ser a autêntica devoção que compromete com o Reino, acaba se isolando numa compreensão mágica do sagrado e longe dos irmãos. Precisamos mais do que nunca, ser Igreja em saída para as periferias, como nos pede o Papa Francisco.

Regional Nordeste 2:

- O atual governo federal alimenta a esperança de ser um governo mais democrático, com olhar para a inclusão de minorias e com a execução de políticas sociais; constatamos uma influência negativa dos meios de comunicação: há muita desinformação; faltam mecanismos para enfrentar as máquinas que produzem desinformação; o descaso com o meio ambiente impacta a vida das CEBs: doenças, alimentos não saudáveis, etc; crescimento da extrema direita.

Regional Nordeste 3:

- A Igreja sofre os impactos da sociedade econômica, cultural e líquida (falta de profetismo) mas este se faz presente na sociedade e nas vozes que clamam por vida e justiça; o clericalismo não é somente do clero (padres, bispos, diáconos) mas é também dos leigos e leigas; os Novos Movimentos eclesiais com seus carismas, sacralizam o sagrado, devocional, sentimental e imprimem uma fé longe dos dilemas das CEBs; padres na mídia imprimem comportamentos e

espiritualidades desligadas do contexto das práticas pastorais e missionárias das CEBs e do mundo dos pobres; o suicídio é tema para sair do silêncio e vir a público; depressão, novas doenças no seio das famílias; as famílias que retomam seus ambientes familiares na oração, diálogo, formam um novo ambiente eclesial familiar; a religião como uma coisa materializada – milagres – e distante da realidade da vida do povo, dos pobres, com grandes templos; a proposta do Sínodo não foi abraçada na sua totalidade.

- Qual é o perfil dos novos padres que são ordenados na Igreja? Como se dá a formação dos futuros padres nos seminários? A Abertura do 15º Intereclesial deve ser divulgado – manifestação do ES – momento forte do “Kairós”. Ao sairmos daqui, que propostas e ações concretas este 15º Intereclesial nos leva a fazer? Olhar mais para liturgia e menos missas, até para que a missa seja mais valorizada, abrindo mais espaços para os cristãos leigos e leigas celebrarem, permitindo mais expressão dos diversos segmentos da comunidade, possibilitando que os sacerdotes exerçam outras atividades também importantes que são relegadas a segundo plano pelas agendas apertadas.

3. Quais os principais gritos e desafios vindos dos regionais que pedem uma resposta das comunidades?

Gritos e desafios: O sofrimento das comunidades em decorrência do descaso do poder público; energias renováveis que não são aceitas pelas culturas; problemas ambientais causados pelo grande capital financeiro (mineradoras, multinacionais da geração de energia...); clericalismo pelos ministros ordenados e leigos; necessidade de avançar com o Papa Francisco para uma Igreja Sinodal.

4. Como vamos responder concretamente a estes gritos e desafios em vista de sua superação?

- Investir na agroecologia e agroflorestal para enfrentamento da política do agronegócio, fortalecer as comunidades e amenizar as desigualdades sociais provocadas pelas pelos problemas ambientais;
- Investir na cultura popular da bíblia;
- Ser igreja em saída, ao encontro das necessidades do povo, nas periferias;
- Identificar projetos e ações que sejam possíveis de serem concretizados;
- Carta ao Papa e ao Núncio – com os gritos das comunidades;
- Fortalecer as pastorais da juventude e pastorais sociais;
- Missões populares, retomar o trabalho de base;
- Organização popular (comunidades de base, escolas, sindicatos, partidos políticos, entre outros), retomar as ruas, defender a ciência (vacinas).

3.1.3 – PLENÁRIA CERRADO – REGIONAIS NORDESTE 4, 5, NORTE 3

1- Como a realidade do País impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base?

Norte 3:

- O contexto pandêmico; pouco investimento nas políticas públicas; polarização política; a crise socioambiental, política e econômica; renda mais baixa; violência doméstica, contra criança e mulheres; ansiedade, depressão e outras doenças; destruição das relações familiares; o individualismo na sociedade; a separação entre fé e vida; disseminação de ódio,

morte, assassinatos; o agronegócio que amplia áreas, expulsa os pequenos, lança venenos, mata a biodiversidade, enche as cidades e cria novas periferias; esfriamento das comunidades, movimentos populares e sociais; as fakes news; a economia que mata, devora os pequenos, gera individualismo, miséria; modelo de desenvolvimento econômico que gera morte; ausência e distanciamento dos poderes públicos.

- Fragilidades das CEBs; implantação de projetos: mineração, agronegócios, hidrelétricas e hidrovias; falta de censo crítico; questão agrária enfraquecida com a entrada do agronegócio, os pequenos agricultores deixam de existir; enfraquecimento dos movimentos sociais que levam ao individualismo; desmonte na educação que impedem uma formação que leva a pensar e formar consciência crítica; aumento da homofobia com a população LGBTQIA+; a juventude sofre perdendo sonhos, esperanças, a vida que reforça preconceitos e discriminações; os povos indígenas sofrem com vidas ceifadas com as doenças, descaso dos governos, a mineração, agronegócio e grandes projetos; famílias inteiras são obrigadas a arrendarem suas terras para o agronegócio; a COVID deixou nossas igrejas vazias; a fome, a miséria e a concentração de renda na mão de poucos.

Nordeste 4:

- Se o país vai mal, toda comunidade vai mal. A realidade do país está marcada por inúmeras desigualdades, em todos os campos e níveis (econômico, político, social...) e impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base. Diante de tanto desmando político, da crescente onda de violência, do afastamento do nosso povo da igreja e do crescente número de pessoas sem religião, fica impactada a vida das CEBs, levando a um desânimo, gerando um afastamento da igreja e um

negacionismo, onde prevalece todo tipo de mazelas pessoais, profissionais e sociais.

- Nos últimos anos percebeu-se um comodismo por parte dos Movimentos Sociais. É sinal de que não estamos fazendo e nem assumindo nosso papel, como cristãos, na família, na comunidade e no mundo. Mas durante o desgoverno que durou 04 anos, fato que aumentou de forma assustadora todas as desigualdades, escancarando a fome, o desemprego, a violência... tal situação motivou maior envolvimento nas lutas em defesa da vida e despertou as Comunidades Eclesiais de Base para a participação em ações, como o Pacto pela Vida e pelo Brasil, o Projeto Encantar a Política, a busca pela Formação nos Cursos de Conselheiros para as Políticas Públicas e de muitas formações organizadas e articuladas também pelo CNLB em nível Nacional e Regional.

Nordeste 5:

- Conflitos agrários, por causa da posse e uso da terra, geram violência no campo, contra quem resiste e não quer vender seu terreno; o ambiente onde vivem as comunidades é destruído; o uso de agrotóxicos causa envenenamento, câncer de pele e outros; contaminação dos córregos de água e os rios.
- A implantação de grandes projetos na pré-amazônia e no cerrado maranhense, produzem eucalipto, soja, milho e algodão (agronegócios) – causando 80% de destruição do bioma Amazônia no Estado, com uso de agrotóxicos; a legislação agrária brasileira não proporcionou a Reforma Agrária, apenas regularizou algumas terras e desapropriação de territórios onde vivem as comunidades.
- Ausência ou presença tímida do Estado para investimentos na agricultura familiar – na Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), afeta e atrasa a produção da agricultura familiar, que

se sente abandonada; impunidade dos agressores – seja policiais, jagunços - causa medo e insegurança na vida das comunidades que se sentem intimidadas.

- No governo anterior foram instaladas escolas cívico-militares, implantada uma educação com ideologia militar e afetando o sentido crítico da juventude, traço principal da sua cultura.
- Violência contra mulheres, negras e negros (maioria da população maranhense), população LGBTQIAPN+, com desrespeito, tratamento preconceituoso, agressões e até mortes.
- Ausência de Políticas Públicas para juventude e desprezo pelo trabalho no campo, que emprega mais do que agronegócio, causa desemprego, falta de renda e pobreza.
- Política de cooptação de lideranças - o município é o maior empregador em muitos lugares - perigo de corrupção e dependência das comunidades dos políticos; divulgação de fake News, leva as pessoas e comunidades a tomarem decisões equivocadas.

2. Como a realidade da Igreja impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base?

Norte 3:

- O não investimento numa Igreja sinodal, falta de formações e desconhecimento dos documentos do Magistério da Igreja; a sustentabilidade – falta de investimento nas comunidades; fechamento das Igrejas - Igreja particular dentro da arquidiocese, crise eclesial, crescimento dos movimentos conservadores; a instrumentalização da religião; a Espiritualidade muitas vezes alienada na vida das comunidades; celebrações ritualísticas; a falta da palavra de Deus encarnada na vida da comunidade.

- Desmobilização das CEBs, devido à falta de acolhida, apoio, valorização das lideranças, incentivo e falta de espaço; o clericalismo que sufoca a participação dos leigos e leigas; aumento do fundamentalismo; a influência da religião: “deus, pátria e família”; a separação entre fé e vida; uma Igreja dividida, uma parte do clero que não vive no meio do povo; enfraquecimento das comunidades rurais; ausência de uma formação no seminário encarnado na vida.
- Influência de religiões pentecostais; a negação do papel das mulheres nas comunidades e dentro da Igreja; a ausência de uma pastoral de conjunto; as pastorais sociais vistas como algo fora da Igreja; as relações dentro da igreja, nas comunidades, nas famílias, estão fragilizadas devido a polarização da má política; o desaparecimento das CEBs nas ultimas diretrizes sendo substituídas pelas CEM.

Nordeste 4:

- Um dos impactos mais visíveis da Igreja na vida das Comunidades Eclesiais de Base é a influência da mídia, destaque para as TVs católicas, que disseminam uma prática de fé intimista. Na sua maioria e, de certa forma, causam um modismo nas Comunidades Eclesiais de Base que, não deixaram de reunir e celebrar a Palavra, mas, com uma prática desencarnada da realidade. São poucas as comunidades que permanecem firmes no jeito de celebrar Fé e Vida, na linha do verdadeiro objetivo de evangelizar (anúncio e denúncia) com o testemunho profético de Jesus Libertador.
- Na pandemia a Igreja (CEBs) de uma certa forma se recolheu, gerando, neste momento, certa apatia, distanciamento das atividades que unia e congregavam as pessoas em torno da Palavra, da animação bíblica e, por conseguinte, do envolvimento comunitário social. Foi a partir das CEBs que começamos a despertar para a realidade sofrida e de luta.

Então a Igreja hierárquica não pode nos reprimir e sim nos chamar para entrar na roda e, juntos, lutar por um mundo mais justo e fraterno.

- A Igreja nos despertou para a realidade de CEBs, e, cabe sim a ela, continuar como Igreja viva, para expandir a Palavra de Deus. Nesse sentido precisa-se de mais pessoas que, realmente, tenham compromisso para assim transmitir o conhecimento e saber o que é ser Igreja e o que é viver em comunidade.
- Estamos vivendo um tempo desafiador, saindo de uma pandemia que deixou cicatrizes, com perca irreparável. Como se não bastasse estamos enfrentando a fome, em todos os aspectos, pois, convivemos com comunidades polarizadas politicamente, e isto dificulta falar de comunidade num sentido mais abrangente. Temos uma Igreja dividida política e eclesialmente falando. Politicamente porque tivemos de um lado o pentecostalismo se definindo como extrema direita e um outro lado lutando pela causa social. Esta situação impacta e muito no trabalho de base, onde as comunidades vivem a sua fé, buscando vida digna.

Nordeste 5: Clericalismo, autoritarismo e fascismo de muitos padres novos; ação mais para dentro da Igreja do que “em saída”.

Propostas de superação:

- Continuar e apoiar as Paróquias e Dioceses que investem em Comunidades Eclesiais de Base;
- Discutir melhor o que entendemos por evangelização, por CEBs nos Intereclesiais;
- Não esperar o vigário para atuar e buscar sua autonomia;
- Espera-se maior mobilização do Regional NE5 (dos bispos) para fortalecer as CEBs no Maranhão;
- Igreja mais presente nas periferias.

3. Quais os principais gritos e desafios vindos dos regionais que pedem uma resposta das comunidades?

Gritos e desafios: Fundamentalismo político, religioso, bíblico; dificuldade de acolher as juventudes nas comunidades; articulação de fé e vida- comprometimento dos cristãos da fé com a vida; documentos da Igreja e o papado de Francisco; as novas tecnologias para os agentes de pastoral das comunidades; as redes sociais na informação e desinformação; ausência das políticas públicas para nossas comunidades; clericalismo laical; respeito às diversas culturas de todos os povos – povos originários; destruição do meio ambiente; desafios para uma pastoral libertadora; equilíbrio de forças entre clericalismo; igreja ser de extrema direita católica; igreja que tem dificuldade aos pobres; dificuldade de articular as pastorais sociais; falta de apoio financeiro às comunidades por parte da Igreja; pentecostalismo católico.

4. Como vamos responder concretamente a estes gritos e desafios em vista de sua superação?

- Leitura popular da Bíblia;
- Ser construtores da paz, não perder a ternura;
- Fortalecer a espiritualidade libertadora das CEBs através de grupos de reflexão, celebração da Palavra;
- Superar a dicotomia entre Fé e Vida com formação e estudo dos Documentos da Igreja, em Doutrina Social da Igreja, Fé e Política;
- Despertar para a sinodalidade, participando dos conselhos de pastoral e praticando a pastoral de conjunto;
- Renovação das lideranças; acolher, ouvir a juventude;
- Estimular ou motivar presença dos cristãos em geral nas Pastorais Sociais e atuar junto à população em situação de rua, junto aos encarcerados e outros;
- Criação de fundo para a sustentabilidade das CEBs.

3.1.4 – MATA ATLÂNTICA – REGIONAIS LESTE 1, 2, 3

1. Quais os principais gritos e desafios vindos dos regionais que pedem uma resposta das comunidades?

Os gritos denunciam os desafios enfrentados e podemos categorizar em gritos regionais externos, gritos comuns internos e gritos comuns externos:

Gritos regionais externos: mineração, ecologia e violência.

Gritos comuns internos: Envelhecimento, enfraquecimento e esvaziamento de nossas comunidades, sobretudo no pós pandemia, atingindo também os círculos bíblicos e os grupos de reflexão; juventude e Pastoral da Juventude sob desconfiança, sem apoio; clericalismo em detrimento da valorização do cristão leigo e leiga e dos ministérios laicais; falta de investimento na formação do laicato.

Gritos comuns externos: o afastamento ou falta de apoio da Igreja aos movimentos populares, associações de bairro e outros como juventudes, negros, imigração, mulheres, feminicídios, LGBTQIA+, povos tradicionais, indígenas, encarcerados. Percebe-se também uma forte tensão política.

2. Como vamos responder concretamente a estes gritos e desafios em vista de sua superação?

Desafios externos: ligados à ecologia, exploração de minérios e violência, a criação de moções que apontem caminhos de superação. Fundamental o posicionamento transparente junto às comunidades.

Desafios internos: ligados à Igreja, é muito importante que firmemos os pés na comunidade e não caminhemos sozinhos: CEBs – centralidade da palavra de Deus na caminhada; reconhecer e valorizar a dignidade dos cristãos leigos e leigas, investindo na formação que leve em conta os saberes e as experiências; valorizar a pastoral da juventude como uma parceira natural das CEBs; importância dos processos de escuta em

todos os níveis da Igreja; investir nos círculos bíblicos, sementes de novas comunidades; fortalecer as práticas ecumênicas; para uma Igreja Sinodal, o mais importante é desencadear processos, não brigar por espaço de poder. Francisco tem consciência do tempo e na *Evangelium Gaudium* orienta: a unidade prevalece sobre o conflito e isto não é negar o conflito, mas enfrentar, assumir os conflitos e acreditar que a unidade prevalece sobre os conflitos; a realidade é mais importante que a ideia, saber discernir qual causa assumir; o todo é superior à parte – pensar global, agir localmente – saber fazer essa articulação; saber funcionar como minorias, somos minorias. Para nós, os processos são pequenos, permanentes, resilientes. Não desesperar se os grupos são pequenos.

3.1.5 – PLENÁRIA PAMPA – REGIONAIS SUL 2, 3, 4

1. Como a realidade do país impacta a vida das nossas comunidades eclesiais de base?

A sociedade brasileira é influenciada por fatores estruturais que fomentam as desigualdades: cerca de 1 por cento da população detém 48 por cento da riqueza e do poder brasileiro, com isso manipulam mídias e políticas garantindo o agravamento da defesa de ideologias meritocráticas, egocêntricas e relacionadas ao comodismo. É assim que o cidadão atinge seus objetivos e passa a ignorar a dor do outro.

A realidade impacta na educação esquecida e espoliada produzindo uma população sem senso crítico, alienada e que aceita ideologias implantadas pela mídia e pelas “fake News”, falta de recursos para as universidades e pesquisas. Impacta no aumento da desigualdade social.

No mundo do trabalho, impacta na diferença salarial e horas trabalhadas, entre homens e mulheres. Um grande impacto no crescimento da ideologia do ódio, quando vemos uma sociedade que criminaliza os que estão à margem. A realidade do país tem impacto direto no aumento da violência que se estende na realidade educacional juvenil, na família, e

atinge grupos mais vulneráveis como as mulheres, os negros, idosos, LGBTQIA+.

A realidade do país impacta quando percebemos as comunidades divididas, perdendo seu profetismo e suas lideranças leigas que acabam assumindo a cultura do ódio e deixam de participar dos manifestos e lutas do povo. Gera um sistema econômico excludente sem esperanças para o povo mais pobre e oprimido. Povo depressivo, exposto no índice de suicídios. Gera uma falta de consciência de classe, e governo que destina centavos para o bolsa família e milhões para o bolsa empresário.

Com a pandemia veio o agravamento da economia que gerou mais desemprego, custo de vida mais alto e lucratividade de grupos ricos, aumentando ainda mais as fortunas.

2. Como a realidade da Igreja impacta na vida das comunidades eclesiais de base?

O princípio básico de uma vida plena, em comunidade e de uma sociedade justa para todos e todas é a busca do bem viver, dentro de uma ecologia integral. Sonhamos com uma igreja empenhada em levar o conhecimento para as pessoas sobre a construção de igualdades entre os povos e etnias, e que esteja em harmonia com as pessoas e comunidades, praticando a compreensão, a partilha e o fortalecimento da espiritualidade.

No entanto a realidade eclesial hoje esbarra em uma estrutura muito voltada para o estético, esquecendo o pobre e deixando de ser igreja de base e se tornando uma igreja cada vez mais voltada para o clericalismo. O que se tem hoje, é uma igreja com receio de fazer mudanças e de abrir espaços para novas participações, como se isso fizesse perder o “poder” que ainda acredita ter.

Uma parcela da igreja (povo de Deus) ainda quer o conservadorismo como uma forma de segurança e desta maneira se opõe e contraria a fala e o testemunho do Papa Francisco que prega uma igreja como um hospital de campanha, cujo objetivo é acolher a todos os

necessitados para salvá-los, ou seja, “para curar as feridas espirituais e físicas”.

O Papa Francisco também nos alerta para cuidarmos melhor da casa comum, responsabilidade de todos e todas, indo ao encontro das periferias existenciais- termo novo – e alcançá-las, pois, a alegria do Evangelho é para todos e todas. Ele nos encoraja a sair nas ruas, acolher, sendo humildes e indo ao encontro para saber a realidade do irmão. Essa realidade ainda mantém atitudes machistas e sexistas dentro da estrutura da igreja, com pouca ou quase nenhuma participação de mulheres e de homens negros e negras, nos espaços de lideranças, principalmente no espaço da igreja. O altar ainda é espaço de participação ativa e de centralidade apenas de homens brancos, heteros, fazendo com que as mulheres indígenas, LGBTQIAP+, negros fiquem apenas no serviço braçal ou que não apareçam.

A realidade que atinge as nossas comunidades de base, cada vez mais esvaziadas e adoecidas está assentada em uma ideia de igreja que preza somente pela manutenção da estrutura e assim fomenta ausência das mulheres em geral nos espaços de formação e não cuida dos diferentes.

Outro desafio é a realidade de jovens periféricos pretos que são constantemente abordados/enquadrados pela polícia pela sua raça, e nós enquanto igreja não questionamos isso, ao contrário, fechamos as portas e os olhos para esta realidade. Jovens que estão apenas em espaços de trabalho, a serviço, constantemente cobrados por um padrão a ser seguido dentro do que a estrutura espera, e quando há jovens atuantes, estes são constantemente cobrados para seguirem um modelo de santidade que a igreja muitas vezes não consegue ou finge seguir.

As CEBs encontram força na ressurreição e são sinais de esperança



É preciso fortalecer o entendimento enquanto igreja de que a evangelização das comunidades não é apenas a promoção de eventos para a arrecadação de dinheiro e sim de ações de evangelização pastoral da igreja.

Mesmo diante desta dura realidade, os sonhos, as utopias e as esperanças continuam em nossas lutas por uma vida melhor. Tudo faz parte da Pedagogia do Fermento: fazer crescer, transformar para o espírito de justiça, solidariedade e inclusão, tornar-se forte e dar sustento.

3. Quais os principais gritos e desafios vindos dos regionais que pedem uma resposta das comunidades?

Gritos e desafios: A questão do clericalismo - autoritário, centralizador, nas duas versões: clerical e leiga; a urgência da formação bíblica com a metodologia do CEBI na Igreja; Leitura Popular da Bíblia; voltar às bases; formação dos seminaristas para um novo jeito de ser Igreja de base e missionária, que serve; pensar uma nova metodologia para a catequese, para as Escolas Diaconisa e para os Seminários; a Igreja em Saída precisa apoiar a Economia Popular Solidária para cuidar da Casa Comum; as CEBs vivem uma sensação de orfandade; a necessidade de uma Teologia Pastoral para a Igreja; um plano pastoral: acolhida, vínculos, pertencimento, comprometimento com a Conversão Pastoral, que leve a Igreja a praticar novas relações horizontais.

Síntese:

Uma Igreja caminheira

Uma Igreja ecumênica

Uma Igreja samaritana

Uma Igreja que sabe ouvir.

Uma Igreja convertida ao Evangelho do Amor que não exclui.

Uma Igreja que acolhe LGBTQIAP+, Povos e Comunidades Tradicionais.

Poema Decassílabo

Casa habitada é Casa Comum...

Igreja, irmãos, é para servir...

Oração, Esmola e Jejum...

E coragem para ouvir...

Eu sou, Aquele que mandou ir...

Abomina a fome, a guerra e a escravidão...

A nossa Teologia, é da Libertação...

Nosso Deus é Amor e Vida...

CEBs, Igreja em Saída...

Em permanente Conversão.

(João Santiago, PR)

4. Como vamos responder concretamente a estes gritos e desafios em vista de sua superação?

Assim vamos responder:

- Despertar a liderança entre os jovens, apoiar a Pastoral da Juventude, fortalecer o protagonismo das juventudes; ouvir a juventude; as CEBs estarem mais presentes nas campanhas, como a do combate a violência no campo; retomar o Grito dos Excluídos e Excluídas e participar efetivamente da Semana Social Brasileira; na formação e debates sobre a alimentação segura e saudável, economia solidária, economia de Clara e Francisco; discutir a ecologia integral dentro das comunidades, fortalecer as relações interpessoais, afetivas, principalmente pós pandemia.
- A igreja precisa se posicionar e trabalhar as temáticas de feminicídio e violência sexual; formação integral e permanente para as bases e as lideranças, os cristãos leigos e leigas; aprender a acolher é fundamental. O velho já gastou, mas o novo ainda não está consolidado. É necessário esperar, acolher e incentivar as pessoas que são sobreviventes dos cárceres para novas formas de enfrentamento.
- Fortalecimento e criação das escolas de Fé e Política. Na política, não podemos ficar em cima do muro; incentivar a criação de Políticas Públicas, de trabalho e moradia, especialmente para moradores de rua; efetivar a prática de

uma Igreja sinodal, Igreja verdadeiramente em saída, que acolha as periferias (pobres, casais em nova união, jovens, população LGBTQIAP+).

3.1.6 – PLENÁRIA PANTANAL – REGIONAIS OESTE 2 E CENTRO OESTE

1. Quais os principais gritos e desafios vindos dos regionais que pedem uma resposta das comunidades?

Gritos e desafios:

- A cultura do clericalismo, centralização do poder; Juventudes: a não inserção das juventudes nas comunidades de base, o surgimento de acampamentos, novas comunidades; falta de formação específica para trabalhar com juventudes; as juventudes são vítimas de violência, de confrontos policiais; preconceito racial; o machismo e a LGBTfobia; a vulnerabilidade dos jovens indígenas no meio urbano; grito dos povos indígenas e comunidades tradicionais pela demarcação de suas terras, reconhecimento de seus territórios; luta contra o Marco Temporal; falta de diálogos ecumênicos e inter-religioso.
- Igreja midiática: manipulação do povo diante do mundo digital, padres popstar; ideologia política – o desafio dos extremos partidários divide a igreja e a sociedade; a mulher ser reconhecida e valorizada dentro da Igreja e da sociedade, tendo o seu espaço e direitos garantidos; o aumento do feminicídio e da violência contra as mulheres; o Sínodo da Amazônia ainda é desconhecido por muitos de nós; falta profecia e formação bíblica em nossas comunidades em geral.
- Casa Comum: avanço do agronegócio “selvagem”, dá prioridade ao lucro e não às vidas; contaminação das águas e

alimentos pelos agrotóxicos; mineração, aumento das usinas hidrelétricas e não aproveitamento da energia natural e desmatamento dos biomas.

- Proposta do Papa Francisco: Terra, Teto e Trabalho precisam ser discutidos, compreendidos e concretizados nas comunidades; Economia de Clara e Francisco para contrapor ao capitalismo e a elitização do trabalho.
- Educação popular: a proposta do Novo Ensino Médio e a Educação Neoliberal.

4. Como vamos responder concretamente a estes gritos e desafios em vista de sua superação?

Assim vamos responder:

- A formação para uma igreja sinodal e formação permanente para os padres; formação e inserção da juventude nos diversos espaços na Igreja, nas comunidades, na sociedade; fortalecera pastoral da juventude; diálogo ecumênico e inter-religioso com igrejas pentecostais e neo-pentecostais para uma maior aproximação e compromissos sociais.
- Formação de fé e política para uma participação consciente na vida sócio-cultural-política eclesial; acompanhar as sessões públicas nos conselhos de controle social; reconhecer o espaço e os direitos da mulher na Igreja e na sociedade para superação do machismo religioso e social; caminhar para uma verdadeira Igreja sinodal a partir das bases, com atuação nos CPPs e assembleias; retomar os grupos de bases nas comunidades com formação bíblica para as CEBs serem uma voz e compromisso profético em defesa dos pobres.
- Para contrapor o capitalismo ter presente a proposta do Papa Francisco “Economia de Francisco e Clara”; fortalecer a

proposta de uma educação libertadora, dentro da proposta de Paulo Freire em uma educação esperançada.

3.1.7 – PLENÁRIA CASA COMUM – REGIONAIS SUL 1 E

OESTE 1

1. Como a realidade do País impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base?

Oeste 1:

- Mato Grosso do Sul tem como motor da economia o “Agronegócio”, que reverbera na Igreja e na Sociedade. É um estado extremamente conservador. As comunidades periféricas e tradicionais vivem em constante alerta em função do ambiente reacionário que impera no estado.
- Anastácio, indígena do povo Guarani Kaiowá, fez a denúncia que os povos que vivem no sul do estado, sofrem constantemente ataques por parte dos fazendeiros e da própria polícia.
- Outra realidade é da população carcerária que em sua grande maioria é composta por indígenas e LGBTQIA+, os quais têm pouca ou nenhuma assistência do estado. Apesar disso, existe uma resistência que se manifesta através das CEBs, MST, Pastorais sociais, CIMI, essa Igreja povo de Deus a caminho.

Sul 1:

- A realidade do país impacta, afeta, abala as CEBs pela presença: de mentiras (*fake news*) e meias verdades que são propagadas pelas redes sociais e mídias corporativas (TV, rádios, revistas, jornais), de forma que não se filtra tais informações; inverdades que são compartilhadas pelos próprios católicos.

- Dos políticos que prometem e não cumprem; do grande percentual de desemprego e da fome (miséria); da questão da violência que atinge os mais pobres e vulneráveis (é assustador); da normalização da morte pelo sistema injusto; no país com uma cultura machista, racista, discriminatória, preconceituosa, autoritária.
- Da promoção do individualismo, indiferença (acentuada na pandemia); da polarização (se não pensa igual é rival); da mistura de religião com política, e não de fé e política; de extremismos de direita promotores de violência e de negação da ciência (negacionismo); da má informação (vota-se em candidatos sem critérios).

2. Como a realidade da Igreja impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base?

Oeste 1:

- O Magistério do Papa Francisco ainda se articula de maneira muito tímida entre as comunidades. A realidade eclesial ainda se alimenta dos magistérios de João Paulo II e Bento XVI. Mesmo com um número pequeno de pessoas, as pequenas comunidades (sementes de CEBs) e as CEBs, juntamente com CEBI, CIMI, CPT e Pastorais Sociais, são como fermento na massa e atuam com capilaridade no território, em articulação com os movimentos sociais.

Sul 1:

- As CEBs são impactadas, afetadas, abaladas, pela Igreja, quando: há presença de um conservadorismo, autoritarismo, moralismo e clericalismo exacerbados; há movimentos religiosos de espiritualidade intimista.
- Os próprios cristãos leigos e leigas desconhecem sua missão na Igreja e na Sociedade, acabam dificultando a presença de

uma Igreja profética; os leigos obedecem cegamente porque desconhecem sua missão; chegam a ser manipulados por ameaça ou medo; os fundamentalistas religiosos, maniqueístas, dividem a comunidade porque propagam confusão; não estão imbuídos de misericórdia; prevalece o incentivo para o devocionismo intimista, inclusive para a juventude.

- Os clérigos agem como se fossem os donos da verdade, implantam seu modelo de Igreja, dissonante da eclesiologia do Vaticano II; falta de apoio e acolhida nas comunidades de fé, principalmente para os jovens.

3. Quais os principais gritos e desafios vindos dos regionais que pedem uma resposta das comunidades?

- **Gritos e desafios:** Má distribuição de renda, que gera empobrecimento, desemprego, fome e pessoas em situação de rua, tanto nos grandes centros como nas cidades menores. O Brasil no mapa da fome; soma-se a isso o trabalho urbano, uberização e as novas formas de exploração do trabalho, evidenciadas nas tentativas de retiradas dos direitos dos trabalhadores.
- A exploração do trabalho e o trabalho escravo; fascismo, conservadorismo e a cultura do ódio, polarização gerando a coisificação da pessoa; a má política, que nega a política e gera a miséria do povo; os povos indígenas, originários, quilombolas que são invisibilizados, estão doente e são encarcerados; soma-se a isso a tentativa de passar o Marco Temporal, numa contramão da constituição; o agronegócio, a pulverização e o veneno que mata; mais investimento no agronegócio do que na agricultura familiar; o latifúndio e a ausência de um projeto de reforma agrária e a monocultura exportadora.

- A ausência de formação de lideranças conscientes e proféticas; o clericalismo é a grande ferida; o envelhecimento de nossas comunidades. Encarnar-se na vida do povo traria mais atratividade para a juventude. Aliás, a questão não é apenas estudar formas de estudar como trazer jovens para as comunidades, mas pensar na vida da juventude. Como comunidades, como pensamos a vida e políticas para a juventude?
- A Igreja do Vaticano II e as propostas do Papa Francisco de uma Igreja em saída e sinodal sendo abafadas e caladas por boa parte do clero, religiosos e leigos e leigas, dando lugar a uma igreja da cristandade; formação deficitária e clericalista do clero que dissemina esse tipo de igreja no meio do povo.
- Os refugiados e migrantes - passar da lógica do dar a comida para a lógica da luta pelas causas dos refugiados e migrantes retomando a marcha dos migrantes; a lógica do estado mínimo e neoliberal que suprime as demandas do povo.
- Cristianismo e neoliberalismo são antagônicos e contraditórios; a necessidade da presença da mulher, as lutas das mulheres, inclusive a luta pela vida das mulheres que tem em seus lares o maior local de morte; o feminicídio.
- As novas tecnologias, redes sociais e o mundo das comunicações. Ainda estamos aquém de nos inserir com propriedade nessa área. E se não nos inserirmos, os grandes grupos que promovem notícias falsas ganham os espaços, confundindo, dividindo.
- O adoecimento mental da população, sobretudo após a pandemia, causando desânimo, estresse, ansiedade; isolamento e individualismo implodem o ser comunidade; a educação – a privatização do sistema educacional e num sistema que não provoca o conhecimento libertador; a tentativa de acabar com as CEBs, a identidade e a história, inclusive tentando modificar o nome das CEBs para CEM, sendo que toda a igreja por natureza

deve ser missionária; a questão ambiental - a terra grita e a casa comum precisa ser cuidada - junto a isso, uma nova perspectiva de consumo deve ser pensada; o encarceramento, num Estado violento com a população negra e pobre; o tráfico de pessoas em nome de um sistema que coisifica as pessoas e as torna mercadorias; a nova casa grande e senzalas, explicitando que o racismo em nosso país é estrutural e institucional - está inserido no caminho de nosso processo civilizatório.

- A questão do negro na igreja não pode ser ornamental, mas basilar; a população LGBTQIA+ que sofrem morte, discriminação, preconceito, e ainda não estão inseridos em nosso espaço eclesial; a união e parceria com as pastorais sociais e movimentos sociais; a retomada da formação bíblica de base; a questão imobiliária que traz uma enorme quantidade de famílias despejadas, sem teto e ocupações em situação de risco; a Igreja esquecendo da opção preferencial pelos pobres; o leigo e leiga que não assume a sua vocação e presença na sociedade; o negacionismo explícito nos últimos anos; o grito das populações ribeirinhas.

4. Como vamos responder concretamente a estes gritos e desafios em vista de sua superação?

- **Assim vamos responder:** Criar espaços de debates para as questões sociais, comitês de luta para conscientizar os pares; fortalecer as pastorais e os movimentos sociais; suscitar vocações para as pastorais sociais e engajamento dos cristãos leigos e leigas nas políticas públicas e articulação e organização do povo; trazer a vida do povo para a vida da igreja para que a igreja seja povo.
- Para que a juventude tenha vínculo com nossas comunidades é preciso discutir a defesa da vida da juventude e não apenas oferecer espaços para jovens serem coroinhas; a igreja encarnada traz espaço para juventude; ser igreja em saída – a porta da igreja

tem que estar aberta, não para entrar, mas para sair; dar testemunho e comprometer-se com a causa do povo é a forma de fortalecer o discipulado de Jesus no caminho; multiplicar o espírito e prática das CEBs, revigorando grupos de círculos bíblicos, num sendo resistência, caminhando e seguindo em frente, “como gente simples, fazendo coisas pequenas em lugares pouco importantes” para florescer o reino de vida, justiça, liberdade e fraternidade.

- Lidamos com questões que perpassam as dimensões histórica, emergencial e estratégica, e requerem, por vezes, mudanças sistêmicas, que mexem com diferentes estruturas e requerem uma conversão profunda; aprofundar a formação das CEBs levando em conta as especificidades, e não apenas as diversidades – é necessário que as especificidades sejam acolhidas, para ganharem força e maior capilarização na sociedade: universidades, fábricas, empresas, categorias profissionais, faixas etárias, identidade de gênero e orientação sexual.
- Valorizar o diaconato permanente não como auxiliar do padre, mas como articulador dos serviços de caridade e sociais nas comunidades; reafirmar a identidade das CEBs, banhadas no Concílio Vaticano II, na experiência da Igreja Latino-americana (Medellín já apontava o caminho de libertação) e na vida do nosso povo; retomar o método ver-julgar-agir.
- Motivar as Semanas Sociais Brasileiras numa ligação e união profunda das pastorais sociais e movimentos sociais; criar espaços para uma igreja de comunidades, como povo de Deus, descentralizando das matrizes e indo ao encontro das pessoas nas diferentes realidades; propagar a utopia de um novo céu e uma nova terra, esperando sempre, promovendo uma igreja sinodal e uma educação libertadora; favorecer e articular a pastoral da juventude, que é uma grande parceira de luta e promotora de vocações para pastorais e movimentos sociais; ser igreja pobre, com os pobres, a partir dos pobres; voltar ao Evangelho, numa

relação de diálogo ecumênico e inter-religioso para que todos sejam um; estar próximos às comunidades dos povos originários, acolher e ser igreja também como povos originários, a partir de seu modo de ser igreja, assumindo o bem viver dos povos; elaborar uma carta para o sínodo dos bispos para mostrar que as CEBs estão vivas e destacar a necessidade da opção preferencial pelos pobres; investir na educação popular, com formação em questões sociais; motivar uma nova lógica em relação à casa comum, com atitudes diárias que promovem uma sintonia com a casa comum, com o desenvolvimento sustentável e com uma nova prática de consumo; formação para leigos e uma catequese bem elaborada, trazendo presente fé e vida.

- Defender um Estado que cuida da vida do povo, ou seja, ser contra a lógica do estado mínimo; defender o SUS; capacitar nossos agentes e criar meios para a inserção nas novas tecnologias; superação dos preconceitos, racismo, patriarcalismo, provocando uma sociedade diversa e plural, onde todos tenham vida.



3.2 – Entre o VER e o JULGAR – CEBs: o despontar da 4ª geração Pedro A. Ribeiro De Oliveira⁸



O 15º Encontro Intereclesial de CEBs deixou claro que elas estão hoje noutra patamar de sua existência, já não tendo mais à frente a geração que as criou. Recordo, muito abreviadamente os fatos que marcam cada geração, para em seguida analisar o lugar das CEBs na articulação eclesial que hoje ganha corpo a partir da experiência passada. Para concluir, aponto as grandes causas da atualidade que desafiam a Igreja em sua missão de anunciar e construir um mundo de Paz, Justiça e Cuidado com a Casa Comum.

Memória da Caminhada

A 1ª geração situa-se entre 1960 e 1975. É um tempo marcado pelo espírito do Concílio Vaticano II, quando a Igreja busca renovar-se por

⁸ Leigo católico, casado, pai e avô. Sociólogo, professor aposentado. Foi assessor da CNBB para o Setor CEBs e Análise de Conjuntura (1999 – 2005). Autor de artigos e livros sobre: catolicismo no Brasil, Comunidades Eclesiais de Base, análise da conjuntura social e política, e relação entre Fé e Política (Juiz de Fora/MG).

meio de Comunidades de Base como alternativa à paróquia, elabora o Plano de Pastoral de Conjunto da CNBB e realiza a Conferência Episcopal de Medellín. Essa etapa se conclui com a realização do 1º Encontro Intereclesial, em 1975, quando a reflexão sobre aquelas inovações suscita a preparação de outro Encontro com um ano de preparação.

Entra em cena, então, a **2ª geração**, que vai de 1976 (2º Intereclesial) a 1999. No 2º Intereclesial as CEBs ganham sua fundamentação bíblica – *Flor sem defesa* de C. Mesters – e teológica – *Eclesiogênese*, de L. Boff – e assumem-se como Igreja fruto do Concílio. No 4º Intereclesial (1981) aquela base bíblico-teológica é complementada pela reflexão sobre as práticas de ação na sociedade (no mundo do trabalho rural e urbano, sindicatos, movimentos sociais, partidos políticos), fazendo das CEBs importante ator no cenário da sociedade brasileira. Sua participação nas lutas pela Democracia e pelos Direitos Humanos fica patente na Constituição *Cidadã* de 1988. A hegemonia neoliberal nos anos 90, porém, enfraquece sua ação política, enquanto o crescimento do catolicismo *carismático* respaldado por Roma faz diminuir seu espaço na Igreja.

A **3ª geração** de CEBs, que vai de 2000 a 2022, caracteriza-se por ser uma forma marginal no interior da grande Igreja. Embora elas continuem a contar com o apoio da CNBB – que no doc. 25, de 1982 as reconheceu como “*nova forma de ser Igreja*” – sua presença no espaço eclesial é esparsa, salvo em algumas dioceses onde elas ainda dão o tom à pastoral. Ganham novo alento devido à eleição de Francisco como Bispo de Roma, mas não são muitos os bispos e padres que lhe dão apoio firme. Essa geração atravessa um período difícil, porque sofre o assédio do neopentecostalíssimo nos meios populares e é preterida diante da prioridade à renovação paroquial. Enfim, a pandemia impediu as reuniões presenciais, levando muitos grupos bíblicos a se dissolver, enquanto o obscurantismo e a necropolítica do último governo dificultaram ainda mais a existência das CEBs. Foi então que, no período preparatório do 15º Intereclesial abriu-se espaço para o surgimento de uma **4ª geração** de

CEBs, agora em sintonia com o projeto de Igreja sinodal e em saída para as periferias, como quer Francisco. É o que veremos em seguida.

As CEBs na *Articulação pastoral* da Igreja

As primeiras análises do 15º Intereclesial convergem ao apontar que um de seus pontos altos foi o bom entrosamento entre leigas e leigos representantes das bases, padres, religiosas e bispos. Não tendo a pretensão de reunir representantes de todas as dioceses do Brasil, e sim dos setores de Igreja que estão na *Caminhada*, o Intereclesial foi um grande encontro do que chamo “*Articulação pastoral* da Igreja católica”⁹. Não por acaso, destacou-se a palavra *Intereclesial* para designar o evento que, de fato, não se restringiu à reflexão sobre a realidade e os problemas das CEBs, e sim a questões que afetam toda a Igreja – ou melhor, sua *Articulação pastoral*.

Uso o adjetivo *pastoral* para qualificar a articulação entre setores da Igreja oriundos das diretrizes reformadoras do Concílio Vaticano II, porque ele foi qualificado por Papa João XXIII como um concílio *pastoral*. A Conferência Episcopal de Medellín, em 1968, pode ser tomada como marco inaugural dessa *articulação* entre três novos organismos sintonizados com o Concílio Vaticano II: os organismos de **colegialidade** (Conferências Episcopais), os organismos de **participação** desde as bases populares (Comunidades Eclesiais de Base – CEBs) e novos organismos de **serviço** à sociedade (Pastorais sociais). Cada um deles tem seu campo de ação autônomo e, teoricamente, poderia existir sem os demais; mas, ao se relacionarem de modo articulado, criam um novo agir eclesial. Vejamos cada um desses organismos e suas inter-relações, para entender em que consiste essa novidade.

⁹ A rigor deveria usar o conceito de estrutura, mas preferi falar aqui de *Articulação* para evitar o problema teórico implicado naquele conceito. Ele é tema de um capítulo do livro *Convite à Sociologia da Religião*, a ser lançado em breve.

Na base dessa *Articulação* estão as CEBs. Desde sua origem, no final dos anos 1960, elas localizam-se em periferias urbanas, áreas rurais e outros locais onde a população católica tomou a iniciativa de promover atividades que suprissem suas necessidades religiosas, dada a ausência de presbíteros. Nessas áreas carentes de sacerdotes, a entrega de atividades pastorais a religiosas, leigos e leigas evitava deixar aquela população sem atendimento pastoral e sacramental. Em pouco tempo essas iniciativas esparsas ganharam organicidade e foram assumidas como resposta à proposta de renovação da Igreja pela Conferência Episcopal de Medellín, em 1968. Em 1982, um documento da CNBB refere-se a elas como “nova forma de ser Igreja”.

Estimativa projetada a partir de um amplo levantamento realizado em 1993 apontava a existência de 70 a 80 mil comunidades espalhadas por todo o Brasil. Hoje seu número é certamente bem menor, mas elas continuam a congregar leigos e leigas que se organizam de modo solidário para fazer a celebração dominical, cultivar a Fé cristã pela reflexão bíblica em pequenos grupos e, de alguma maneira, atuar na melhoria das condições do lugar onde vivem. Sua capilaridade social é a chave para explicar sua capacidade de mobilizar pessoas: formadas por pessoas de liderança local e respeitadas por sua prática solidária com pessoas necessitadas e com as lutas populares, elas são capazes de mobilizar a vizinhança para campanhas ou movimentos de reivindicação social. Para essa mobilização é muito importante a cobertura da Igreja: aqui entra o papel dos bispos organizados como Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB.

Por congregar o conjunto dos bispos católicos, a CNBB transcende as particularidades diocesanas e consegue expressar o direcionamento eclesial de âmbito nacional. Isso a torna apta a dar cobertura institucional às mobilizações das bases eclesiais, sejam elas as CEBs, Movimentos, Pastorais da Juventude ou grupos paroquiais. Por esse canal fluíram lutas sociais que não se pode esquecer, como foram as mobilizações contra a tortura e em favor dos Direitos Humanos; em defesa dos povos originários; pela Constituição Cidadã de 1988; pela Reforma Agrária e tantas outras.

Ainda hoje este é um importante conduto de campanhas em defesa dos Direitos Humanos, da Amazônia, contra a fome, pela Vida humana e da Terra, bem como a mobilização suscitada a cada ano pela Campanha da Fraternidade.

O motor dessa *Articulação pastoral* são as Pastorais sociais – da Terra, Indigenista, dos Trabalhadores, Carcerária, da Criança, do Menor, da Saúde, dos Pescadores e outras, inclusive a Pastoral da Juventude – e organismos equivalentes como são as Comissões de Direitos Humanos ou de Justiça e Paz. Por meio de cada uma delas, a Igreja firma sua ligação com um setor da sociedade necessitado de apoio para a defesa de seus direitos. Embora as Pastorais geralmente tenham poucos membros, seu trabalho é muito eficaz porque oferecem a seus agentes – clérigos, religiosas, leigos ou leigas – formação de boa qualidade e a possibilidade de dedicação em tempo integral à pastoral. Assim, esses e essas agentes de pastoral tornam-se referência na Igreja e na sociedade, sendo capazes de mobilizar muita gente em defesa das causas levantadas pelas Pastorais sociais. Por isso são geralmente reconhecidos/as como representantes da Igreja em seu setor de atuação, embora nem sempre contem com o apoio oficial dos bispos locais.

As Pastorais sociais exercem a função de visibilizar a presença da Igreja no setor da sociedade em que atuam, ao mesmo tempo que trazem os anseios e valores daquele setor para a vida interna da Igreja. Essa função de ponte desempenhada pelas Pastorais sociais dá à Igreja um rosto popular, jovem, camponês, indígena, negro, feminino, amazônico etc, conforme sua capacidade de trazer para o conjunto da Igreja os traços do setor da sociedade onde atua. Há, portanto, um duplo movimento: a Igreja prestando serviços à população em suas lutas sociais, e ganhando maior espaço de diálogo com a sociedade. O resultado é a inculturação do catolicismo no Brasil real.

Em resumo: na medida em que as CEBs, a CNBB e as Pastorais sociais se relacionam de modo estável e se influenciam mutuamente, elas engendram o que chamo *Articulação pastoral*. A **CNBB**, com seu prestígio

institucional e situada no **ápice** dessa *Articulação*, garante a identidade católica de seus componentes e os articula em âmbito regional e nacional. As **CEBs**, espalhadas por toda parte nas comunidades locais e atuantes nos movimentos sociais, promovem a mobilização popular desde a **base** dessa *Articulação*. Enfim, as **Pastorais** sociais formam a **ponta** desse tripé ao atuar em setores críticos da sociedade, dando assim à Igreja incidência sobre os temas de ponta da realidade social e política do Brasil.

É essa *Articulação pastoral* da Igreja do Brasil que vislumbrei ao concluir-se o 15º Encontro Intereclesial. As análises feitas até agora foram unânimes em apontar que esse Encontro foi mais intereclesial do que propriamente de CEBs. Com efeito, embora as e os representantes das bases fossem a grande maioria, estavam entre eles e elas muitos agentes de pastorais sociais e de Movimentos. Também entre as religiosas e os padres era grande o número de agentes de alguma Pastoral social ou entidade de ação social. Isso fez do Intereclesial um encontro do “Tripé da *Articulação pastoral*” cuja atividade ultrapassa os limites da instituição católica e chega ao espaço ecumênico e de outras tradições espirituais. Por isso, cabe aqui uma consideração sobre a visibilidade institucional da *Articulação pastoral*.

Essa *Articulação pastoral* em forma de tripé não se apresenta de modo institucional, mas sim como uma **parte** da Igreja que está na *caminhada*. *Caminhada* é uma expressão que pretende dar conta da mudança provocada na Igreja católica a partir da recepção latino-americana do Vaticano II: parte dela o interpreta como **ruptura** pastoral em relação à tradição consolidada nos pontificados que vão de Pio IX a Pio XII, enquanto outra parte quer assegurar a **continuidade** daquela tradição. Embora a distinção entre quem está e quem não está na *caminhada* não seja pautada por critérios objetivos, ela tem sido usada para dar conta das

formas de catolicismo associadas a essa diferente recepção do Concílio Vaticano II¹⁰.

Exemplo de visibilidade da *caminhada* no âmbito diocesano era a Coordenação de Pastoral, organismo fundamental para as dioceses da *caminhada*¹¹. Ao coordenador – em alguns casos, coordenadora – de Pastoral cabia promover a articulação entre os diferentes setores de pastoral, o clero, as CEBs e associações religiosas, conforme as prioridades definidas em assembleias diocesanas presididas pelo bispo. Para isso promoviam cursos e encontros destinados a agentes de pastoral e animadoras/es de CEBs, em resposta aos apelos dos “sinais dos tempos”. Sua eleição pela assembleia diocesana e sua sintonia com o bispo lhe dava autoridade para articular toda a pastoral diocesana, sem se ater aos limites paroquiais, uma vez que os *setores* ou *áreas pastorais* abrangiam mais de uma paróquia. Enfim, o fato de um único espaço – o Centro de Pastoral – congregar todas as Pastorais, inclusive as voltadas para a vida interna – como a catequese e a liturgia – facilitava sobremaneira sua articulação e operacionalidade, ficando a Cúria diocesana com os encargos propriamente administrativos, conforme prescreve o Direito Canônico.

Conclusão

Quando muitos sinais indicavam que as CEBs seguiriam a mesma trajetória de outros Movimentos católicos, que floresceram na 2ª geração, decaíram na 3ª e depois disso perderam sua efetividade – como foi o caso da Ação Católica, Congregação Mariana, Apostolado da Oração, Cursilho e outros – o 15º Encontro Intereclesial sinalizou uma inflexão nessa trajetória. CEBs que se mantêm vivas no interior de paróquias, ainda que muitas sejam deixadas em segundo plano; Pastorais sociais que, apesar da

¹⁰Essa diferença expressava-se nas formas coloquiais de oposição entre “Igreja do Evangelho x Igreja da Tradição”, “Igreja de CEBs x Igreja de Paróquia”, ou “Igreja da Libertação” x “Igreja da Salvação individual”.

¹¹Coloco o verbo no passado, porque não sei se ainda existem coordenações pastorais diocesanas com essa mesma autonomia de ação.

falta de agentes liberado/as, seguem fazendo ponte com os setores mais sofridos da população; religiosas vivendo em comunidades inseridas em ambientes populares; padres e bispos que se articulam para apoio mútuo na *caminhada*; tudo isso é sinal de que o apelo de Francisco por uma Igreja sinodal em saída começa a dar frutos.

Hoje, mais que nunca, é difícil avaliar a probabilidade de êxito dessa 4ª geração das CEBs e da *Articulação pastoral* da qual elas são a base. O mundo atravessa um tempo de muitos riscos à vida – humana e de outras espécies – e é a Fé no projeto de Deus para a Criação que consegue alimentar a Esperança de vermos a Justiça e a Paz a reinar no mundo. Aponto aqui os dois riscos mais iminentes e o desafio embutido no processo de “mudança de época”.

1. A guerra na Ucrânia, opondo EUA e seus aliados à Rússia, já dura mais de ano e meio e poucos são os sinais de paz. Excetuada a teimosia de Francisco¹², insistindo no cessar-fogo para possibilitar a negociação da Paz, os governantes do Ocidente – EUA, Europa e seus aliados – preferem correr o risco de uma guerra nuclear a ceder terreno à Rússia. Não sendo plausível que uma potência nuclear aceite ser militarmente derrotada, é grande a probabilidade do uso de armamento nuclear pela Rússia e seu revide pelos EUA, com efeitos desastrosos para a espécie humana e para a grande comunidade de vida da Terra. É evidente que a *Articulação pastoral* por si mesma não pode influir nos rumos da geopolítica global, mas ela tem condições de quebrar o silêncio dos cristãos – e também dos não-cristãos – do Brasil, se juntar sua voz ao clamor de Francisco pela Paz na Ucrânia e no Mundo.

2. Outra ameaça à vida vem do período de **catástrofes climáticas**, cujos primeiros sinais foram sentidos neste ano e vão agravar-se nos próximos anos, impulsionadas pelo negacionismo prático dos bilionários e suas empresas. Também nesse campo a *Articulação pastoral* é incapaz de

¹² Note-se que nem as principais conferências episcopais do mundo o apoiam nessa iniciativa. No máximo, fazem votos piedosos de êxito em sua busca da Paz.

evitar o pior. Pode, porém, clamar em defesa da Terra e sua *comunidade de vida* pelo menos para impedir que os governantes se curvem aos interesses de empresas que desrespeitam o Meio ambiente, como as petroleiras, o agronegócio, a mineração e outras formas mais brutas de capitalismo de rapina. Isso não impediria o avanço do processo destrutivo, mas pode retardar seu ritmo e evitar piores agressões à vida da Terra.

3. Enfim, assinalo os ataques ao **patriarcado** como componente da “mudança de época” decorrente da dissolução da hegemonia geopolítica da civilização ocidental. Essa civilização traz consigo o modo de organização da vida privada baseado no poder do pai de família: o patriarcado. Embora ele seja historicamente anterior à civilização ocidental moderna, foi a ela incorporado a partir da herança romana – o direito de propriedade do pai sobre as terras, os bens, as mulheres, os filhos e filhas e os escravos – e da tradição judaico-cristã. A expansão colonial do modo de produção capitalista, ao longo de cinco séculos, impôs ao mundo a família patriarcal como forma superior a qualquer outra. Desde o século 19, porém, essa forma de organização da vida privada tem sido contestada pelos movimentos feministas, que cresceram muito desde meados do século 20.

Por sua vinculação histórica com o cristianismo, todo ataque ao patriarcado é percebido como ameaça à família e à ordem cristã. Aí reside uma séria dificuldade para a *Articulação pastoral*: apesar de sintonizar-se com o ideal de libertação da mulher e de sua igualdade fundamental, sente-se frágil diante da dominância masculina no espaço eclesiástico. Qualquer afronta ao patriarcado pode gerar fissuras na instituição eclesiástica, e sabemos o quanto uma instituição teme fissuras... A *Articulação pastoral* encontra-se hoje diante desse desafio: rejeitar o patriarcado aceitando a igualdade de direitos e de poder entre os gêneros, ainda que isso provoque uma rachadura no edifício eclesiástico, ou separar a defesa de relações igualitárias de gênero da defesa da Justiça e da Paz na sociedade.

Esses três fatos da realidade contemporânea parecem ser barreiras insuperáveis a uma Igreja que se dispõe a seguir em frente na missão de

anunciar e construir, nos limites da história humana, o reinado de Deus. De fato, pensando de modo linear, essa Igreja dos Pobres, Igreja da Libertação, nascida do sonho do Concílio Vaticano II parece ser inviável. Mas se pensarmos de modo dialético, perceberemos que é quando se aguçam as contradições entre o novo que nasce e o velho que não quer morrer, que novas forças surgem. Como vem ensinando o ecoteólogo L. Boff, é em momentos de crise/caos que despontam as novas formas de vida no Planeta

Tudo indica que o Mundo atravessa hoje um desses momentos cruciais: a iminência do caos – destrutivo e criativo – suscita, dialeticamente, uma recomposição dos elementos vivos para criar uma ordem inteiramente nova. Nesse contexto, a *Articulação pastoral* nascida da recepção latino-americana do Concílio Vaticano II, agora rejuvenescida pelo ingresso de uma 4ª geração de animadoras e animadores de base, agentes de pastoral, religiosas, padres e bispos, sob o olhar simpático de Francisco poderá fazer uma substancial contribuição à criação da sociedade do *Bem-viver*, inspirada na sabedoria dos povos originários de *Nossa América*.

Assim, concluo esta análise do 15º Intereclesial em tom esperançoso. Ele não deve, porém, obscurecer a diretriz de A. Gramsci para qualquer análise de conjuntura: “pessimismo da razão, otimismo da vontade”. Assim, espero poder ver no 16º Intereclesial, no Espírito Santo, os primeiros passos dados nessa direção.

3.3 – JULGAR - Horizontes da esperança - Tea Frigerio – mxx¹³

CEBs, Eklesia alternativa de novos céus e nova terra

Principiando a conversa retomo o que escrevi no Texto Base do 15º Intereclesial.

¹³ Missionária de Maria (Xaveriana), formada em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, biblista, escritora, militante feminista, assessora do CEBl e das CEBs. (PA).

Inspira-me profundamente a palavra que nos vem do profeta Isaías e que o autor do livro do Apocalipse retoma no final de seu escrito: *vou criar um novo céu, uma nova terra* (Is 65,17; Ap 21,5). Palavras proféticas, palavras apocalípticas. Sim porque hoje nós, amantes da eclesiologia das CEBs, ou como nos propõe Papa Francisco, ser amantes da eclesiologia Sinodal, exige de nós sermos apocalípticos. Apocalípticos, não no sentido de proclamadores e proclamadoras de ruínas e de fim de mundo, mas sim pessoas resilientes que mantem viva a utopia de Jesus de Nazaré, a utopia de Paulo de Tarso de sermos Eklesia, Assembleia alternativa que não se conforma à lógica deste *'mundo'* (Rm 12,2).

As palavras do profeta ressoam em nós criando imagens, pisando realidade, acordando e acalentando utopias. A utopia nasce da realidade. O sonho que ela encerra brota da ausência. Realidade marcada pela ausência do que se sonha: ausência de vida, dignidade, comida, casa, terra, céu. Realidade sofrida. Realidade dura, violenta, até com colorido de morte, mas que não mata a esperança no povo resiliente.

Dois rios de água pura alimentam o esperar: o rio da utopia e o rio do rito.

O rio da utopia tem sua nascente no mito. O mito é coisa séria. É fonte escondida que atua poderosamente, é fonte de água viva (Jo 4,13-14). É memória coletiva do povo, sua origem, sua identidade. No mito o povo expressa quem é, de onde vem e para onde vai. Descreve como se relaciona com o Divino, com a Casa Comum, na sociedade, consigo mesmo. As narrações ajudam a compreender os fatos da vida ligando-os às suas origens. Ajudam a se situar no 'espaço' e no 'tempo' estabelecendo um quadro de referências que dão segurança e identidade.

A utopia/mito acorda a memória da origem de toda expressão de vida, da cultura, dos costumes. Falam de tudo que faz parte da vida. Falam da Casa Comum, da solidariedade humana, da convivência na Casa Comum. Falam da Divindade como origem da vida.

Em tempo de crises, de mudanças, de derrota, quando a identidade é ameaçada, a utopia/mito entra em ação e ajuda o povo a defender-se, a

reencontrar-se, recriar-se através dos ritos, das celebrações, das danças, das peregrinações, das visitas, etc. A utopia/mito torna a vida inteira um rito. E as palavras do profeta Isaías nos ajudam a compreender quem somos, de onde viemos, e para onde vamos.

O segundo rio que alimenta a esperança é **o rio do rito**. A utopia/mito é como uma música. As notas musicais escritas no papel são mudas, mas quando ativadas pelo toque de instrumentos musicais, interpretadas pelas vozes, elas nos conectam e nos fazem entrar em comunhão com a inspiração original do artista. Acreditamos que o artista seja o Divino. Nasce, então, o rio do rito. Quando ativado através das águas do rito, a utopia/mito faz o ‘eu’ da pessoa encontrar o ‘nós’ da comunidade, do povo. Integra a pessoa e lhe dá identidade. Quando o rito é ativado através dos costumes e tradições, das celebrações e romarias, leitura orante e círculos bíblicos, novenas e visitas, narrações e solidariedades, empenho e luta a utopia se torna próxima na realidade. Neste processo a Palavra de Deus nos coloca em contato com a inspiração original que deu origem ao Povo de Deus, ao Povo das CEBs. Faz-nos entrar na correnteza do rio rito que tudo purifica e renova, alimenta a resistência, a esperança se torna a esperar. A correnteza das águas leva, faz o processo acontecer no cotidiano e no social, no pessoal e coletivo, enfim no eu e no nós.

O tempo da utopia/mito é ontem e amanhã. O tempo do rito é hoje. O rito é o espaço onde vivemos o esperar, construímos a utopia. O rito nos coloca em saída, nos faz perceber que a água de hoje não é a de ontem, que a paisagem mudou e, compreendemos que a utopia se realiza na interação entre hoje e ontem, entre mito e rito.

“... O tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos duma cadeia em constante crescimento, sem marcha à ré. Trata-se de privilegiar ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes... gerar processos que construam um povo... desenvolve e alcança uma autêntica razão de

ser a plenitude da existência humana, de acordo com o caráter peculiar e as possibilidades da dita época” (EG 223-224).

Acolhemos o convite do Papa Francisco:

“Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda ação evangelizadora autêntica é sempre ‘nova’” (EG 11).

CEBs: Igreja Sinodal em Saída para as Periferias

A utopia das CEBs tem sua inspiração no Projeto eclesial das Primeiras comunidades cristãs, assim como são retratadas em At 2,42-47:

- ***Reúnem-se nas casas.*** A casa é o lugar onde acontece a novidade. Na casa, não tem a hierarquização que há no templo. As relações são de iguais. A casa é o espaço das mulheres. Então, elas se tornam as diaconisas. Várias vezes, fala-se disso: a casa de Maria, a casa de Lídia, a casa de Priscila e Áquila, a casa de Febe, de Filemón e Ápia. A casa é o espaço que acolhe a comunidade nascente.
- Na casa, são assíduos ao ensinamento dos apóstolos. É na casa que a ***memória de Jesus*** é transmitida, aprofundada e vivida. Quem faz isso não são os escribas ou doutores da lei, mas gente simples, pescadores, lavradores, mulheres, os e as que conviveram com Jesus.
- Na casa, vive-se a ***comunhão fraterna***. Na memória de Jesus e no testemunho de sua prática, os discípulos e as discípulas vivem o serviço à comunidade em espírito de igualdade, fortalecendo a comunhão, partilhando seus bens para que entre eles não houvesse necessitados.

- Na casa, celebra-se a *fração do pão*. Fração do pão que é a memória de Jesus presente no Pão e no Vinho. Celebrar a Ceia, a Eucaristia, partilhando o pão, mantendo viva a memória a prática de Jesus, mantendo vivo o compromisso do Reino.
- A *oração* era o cimento que segurava os três esteios que sustentavam a comunidade: *kerigma – koinonia – diakonia*.

É a nascente de nossa utopia e ela é profundamente sinodal, embora seja como semente que necessita desabrochar.

Papa Francisco nos convida repetidamente a ser uma Igreja em saída, então vamos aprofundar o verbo sair e perceber que este verbo geralmente é acompanhado pela sinodalidade embora este vocábulo não apareça.

Aprofundando o Verbo Sair

Vamos nos perguntar: quais as águas que alimentam as CEBs em saída? Onde buscamos a seiva que faça a árvore crescer e frutificar?

- **SAIR:** caminhar, ir, percorrer, buscar, acreditar, deixar ... podemos continuar a refletir, encontrar sinônimos e assim perceber a profundidade deste verbo.
- **SAIR:** iniciar um processo, um movimento que nos leva a sermos comunidades **LIMINARES**.
- **SAIR:** verbo que tece todo o 1º e o 2º Testamento, como o fio que costura os variados pedaços de pano de uma colcha de retalhos, com seus pontos vai unir, vai tecer uma colcha que ainda hoje estamos tecendo.

Igreja em Saída

Papa Francisco nos ajuda a aprofundar:

- É uma Igreja que **toma a iniciativa, sem medo de ir ao encontro** dos que estão à margem, de chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos e excluídas (cf. EG 24).
- É **passagem** de uma Igreja autorreferencial, centrada em si mesma, para uma **Igreja aberta** à alteridade, porque “*quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem*” (EG 9).
- É acolher o **chamado** a uma **saída missionária** sempre em novidade (EG 20), **sem medo** de enfrentar os cenários e os desafios próprios da missão evangelizadora da Igreja.
- É um convite a uma **nova práxis eclesial**, na visão de Francisco, “*não se pode deixar as coisas como estão. Não nos serve uma ‘simples administração’*” (EG 25).
- Diante dos **desafios da missão**, o papa convida a Igreja a uma saída missionária. Isso é, sair da própria comodidade e ter a coragem de **alcançar todas as periferias que precisam da luz** do Evangelho (cf. EG 20).
- **Igreja em saída é missão**. Missão é o encontro de Deus com o mundo, do Divino com o Humano. Missão é um **processo de integração**, de relação, de comunhão, de urgência, que *não se realiza sem tensões e lutas* (PANAZZOLO, 2006, p. 101).

SAIR nasce da PROVOCAÇÃO de um NÃO, que tem como resposta a PROVOCAÇÃO de um SIM. O verbo SAIR é fundamento, é nascente do sermos Igreja em saída, assim como nossos antepassados e antepassadas o foram: *somos filhos e filhas do sair*. Sair é nossa herança.

Sair é resposta a uma **provocação** que vem através de um **grito**, um **chamado**, uma **situação**. Sempre há um *não vida*, que clama por *vida plena*.

Compreendendo o Verbo Sair

Podemos nos interrogar: qual a Palavra que fundamenta a nossa caminhada de CEBs para ser uma Igreja em saída? Ouso voar como águia sobre nosso Texto Sagrado e apontar umas luzes, a vocês o convite a voar comigo e perceber outras luzes.

- A Divina Ruah saiu para pairar sobre o caos, fazer acontecer a harmonia e o desabrochar da vida (Gn 1,1ss).
- A Divindade desceu, para estabelecer morada no meio do povo teve que sair.

De ponta a ponta, o verbo sair, é o fio que costura todo o texto sagrado.

- Abraão teve que sair e, de saída em saída se tornou nosso pai na fé (Gn 12,1ss).
- Agar teve que sair, se colocar a caminho no deserto, arriscar sua vida e a vida do filho e, na nascente, viu, foi vista e, se tornou mãe de um povo forte (Gn 16,7ss; 21,14ss).
- No êxodo, Javé viu, ouviu e desceu. Ele se deslocou, teve que sair para fazer acontecer a libertação (Ex 3,7ss). O povo teve que sair, caminhar pelo deserto para aprender o bem viver. JAVÉ é como o rio que desce e convida a sair, se colocar a caminho, atravessar as águas para entrar na terra do bem viver.
- Débora teve que sair dos paradigmas de seu tempo para responder ao clamor do povo e dizer com Jael: basta as invasões predatórias (Jz 4 e 5).
- Elias teve que sair do palácio do rei para experimentar que se pode viver do que a natureza e a hospitalidade oferecem, aprender que o Deus na vida é o Deus da brisa, leva sempre novidade, livre e libertador (1 Rs 17; 19,11-13).

- Noemi e Rute saíram e voltando constituíram uma aliança, resgataram leis que asseguravam para elas e para o povo pão, terra, teto e futuro.
- Ester teve que sair dos privilégios de rainha, colocar sua vida em risco para proteger a vida do povo (Est 5).
- Judite teve que sair de sua viuvez para denunciar que não se coloca Deus à prova, se confia Nele acreditando que o Deus verdadeiro agiria libertando através do seu agir (Jt 8,1ss).
- Saiu Maria carregando no ventre o filho anunciado (Lc 1,39), a Palavra que se faz Humanidade e coloca sua tenda no meio do povo (Jo 1,14).

Poderíamos continuar voando e elaborando um cântico/ladainha para cantar, dançar e viver o verbo sair que costura a história da Divindade que sai e caminha com seu povo.

Sair para as Periferias

Sair, para onde? Porque? Para que? Como?

Sair tendo um objetivo, uma meta, um projeto, um processo para fazer acontecer mudança, transformação, vida: passar do não ao sim, da morte à vida. Ao sair sempre exige um deixar, se colocar em movimento, iniciar um processo para fazer acontecer o novo. Olhando bem de perto o texto sagrado não nos apresenta um, uma protagonista, nunca solitária, isolada, um ser heroico, personalista, há sempre companheiros, companheiras, aliados e aliadas, um coletivo comunitário, uma equipe visando a vida, vislumbrando superar o não vida para vida do povo.

Sair e Sinodalidade caminham juntos. Embora nunca isso seja expresso verbalmente. Fixamos nosso olhar sobre alguns panos desta nossa colcha de retalhos para percebermos isso.

Convido a olhar para Paulo: no caminho de Damasco é cegado por um grito que provoca nele um deslocamento, uma mudança, que exige sair de um caminho para enveredar noutro caminho, vislumbrando um projeto,

aos poucos elaborando um método, uma pedagogia, não sozinho sempre em equipe. O chamado é apocalíptico... Nossos tempos são apocalípticos... Jesus é um apocalíptico... Paulo, as primeiras comunidades são apocalípticas. Porque são apocalípticas? O são porque a luz à sua frente é novo céu e nova terra, o Reino.

Já refleti sobre isso no Texto base do XIV Intereclesial realizado em Londrina, pouca coisa mudaria, talvez atualizar as luzes para o hoje. Acredito profundamente que as CEBs devem se tornar comunidades apocalípticas: nova lógica social e eclesial, resiliência, ousadia, ser liminares. Mas aqui quero refletir colocando em paralelo nossa nascente Jesus de Nazaré e perceber como Paulo, embora não tendo conhecido pessoalmente Jesus de Nazaré, bebeu à sua fonte, se tornou sua luz e o guiou no processo de inculturar e decolonizar a Boa Nova.

Jesus nasce, vive em Nazaré, mas a certa altura de sua vida se desloca, sai e se coloca a caminho. O que o faz sair de Nazaré? A realidade! O grito que vem do povo pela opressão do Império Romano, pela estrutura religiosa que colocava o povo à margem. Sair, para ir ao encontro. Sai de Nazaré e se desloca para Cafarnaum provocado pela realidade. Deslocamento que coloca Jesus a caminho, num processo que marcará toda sua vida.

Saulo também sai e se torna Paulo. Judeu tem sua primeira provocação no assassinato de Estêvão, seu amigo, seu companheiro na escola de Gamaliel. No caminho de Damasco “cai” do cavalo; falamos isso para significar que ele foi tocado, provocado a se colocar em saída, do ser profundamente judeu da tribo de Benjamim, circuncidado a se considerar o último dos últimos no conhecimento de Jesus Cristo (Fl 3,7-14). Se coloca em saída.

Jesus sai para onde? Para a beira mar. Sua vida foi colocar-se à margem, geograficamente, socialmente, religiosamente. Sair das estruturas, colocar-se à margem: pensa e age a partir da margem e com os emarginados.

Paulo é trazido por Barnabé na comunidade de Antioquia, pequena comunidade que vivia à margem da estrutura social e judaica da cidade. Desta comunidade sai em equipe e vai percorrer as estradas que conduzem as cidades greco-romanas fazendo-se último com os últimos optando para se sustentar como trabalho manual de tecelão de tendas.

Jesus tem no seu horizonte o Reino. Qual é o horizonte de Paulo? Embora não apareça no seu vocabulário seu projeto é o Reino.

Jesus ao sair à beira mar em Cafarnaum, seu primeiro agir é criar um pequeno grupo de homens e mulheres. Ao mesmo modo Paulo sai em equipe e em cada cidade organiza pequenas comunidades.

O pequeno grupo com o qual Jesus vai percorrendo a Galileia, a Samaria e a Judeia o que faz? Cura, expulsa demônios, inclui, perdoa, restitui a dignidade, abre os olhos, aprende e vive uma nova lógica. Um agir alternativo na sociedade em que estão vivendo: os leprosos ao ser curados são reintegrados na sociedade, as mulheres se tornam discípulas, apóstolas apostolorum, as crianças símbolo do Reino; o ser humano e a vida têm valor, não a lei; seu não à estrutura do templo é radical; à Samaritana que pergunta onde adorar revela que na vida se encontra e adora o Divino porque tudo é sagrado; as estruturas que matam têm que deixar lugar ao amor, ao perdão, à inclusão. O agir de Jesus não é somente ao seu redor, mas um agir também para dentro do grupo: há mulheres, homens, pescadores, judeus, gregos, samaritanos. O grupo vive com Jesus, vive um agir novo, relações novas não só fora, na sociedade, mas um agir novo, relações novas no grupo: entre vocês não deve ser assim (Mt 20,24-28; Mc 10,42-45).

Jesus é marco de mudança na história: ele saiu radicalmente da estrutura de seu tempo, não existe sacerdócio, no agir de Jesus: nasce leigo, vive como leigo, morre leigo. Nas relações com as mulheres, quebra todos os tabus de pureza e desacerdotalizou a estrutura de “igreja/templo” de seu tempo. Jesus sai de Nazaré para fazer acontecer uma mudança, tendo como luz, o Reino.

Igualmente o fez Paulo. No seu andar, ele provocou pessoas a formar pequenas comunidades na estrutura de cidade do império romano, da religião judaica. Pequenas comunidades provocadas a viver novas relações: Priscila e Áquila, Lídia, Onésimo, Filemon, Febe. Homens e mulheres experimentam uma nova sociedade. A ‘eklesia cristã’ deve ser alternativa a ‘eklesia da cidade’.

A Comunidade tem que ser primeiramente um espaço de novas relações “*não há judeu nem grego, não homem nem mulher, não há escravo nem livre* (Gl 3,28)). Paulo traz o Divino na realidade; provoca mudança de linguagem, que levam a mudar de mentalidade, de paradigma, de vivência, de relações.

Em seu primeiro escrito, a 1ª Carta aos Tessalonicenses, afirma repetidamente que Jesus Cristo é o Senhor e não o imperador, ao seu lado repetidamente ocorre o vocábulo irmão. Ao fazer isso convida os cristãos e cristãs de Tessalônica a mudar de paradigma: na comunidade não há estrutura piramidal, na comunidade vive-se relações de irmãos e irmãs.

Na 1ª Carta aos Coríntios escreve: *ouço dizer que uns comem, até passar mal, envergonhando os pequenos, na noite em que Jesus foi entregue ...* (1Cor 11,18ss). Paulo está decolonizando as comunidades greco-romanas, está provocando a inculturar a Boa Nova de Jesus de Nazaré. Na comunidade tem que ter relações alternativas, mas para isso é necessário mudar de paradigma, mudar de mentalidade. *Deus escolheu o que é loucura no mundo, o que é fraqueza, aquilo que o mundo despreza, acha vil, não tem valor isso Deus escolheu...* (1Cor 1,26-31).

Sair geográfico, sair social, sair religioso, sair eclesiológico, sair de paradigmas, sair ... O verbo sair é verbo fundante para o nosso ser CEBs hoje: Jesus – Paulo – CEBs hoje. Sair é processo, se colocar a caminho ...

CEBs em saída, mas sair do que? Sair para onde? Sair como? Dissemos que sair é sempre um deixar: deixar o que? Teremos a coragem de deixar? A coragem de mudar? Qual a identidade do projeto das CEBs? Sair para iniciar um processo. Hoje vivemos numa sociedade plural. Sociedade e Igreja se influenciam reciprocamente, por isso também

vivemos numa Igreja plural. A própria realidade das CEBs é plural. Como conviver com a pluralidade sem perder o carisma histórico das CEBs de Eklesia Povo de Deus, toda ela sinodal?

Ao olharmos para Jesus, para Paulo percebemos com força que não partiram da estrutura, se colocaram à margem. O que é colocar-se à margem? Colocar-se à margem é se colocar no limite, é se tornar liminares. Em todas as sociedades existem pessoas **liminares** (Jesus, Paulo, o Movimento de Jesus, o próprio judaísmo). O que significa isso? Fazer a experiência de um Deus que ouve, escuta, desce e vai ao encontro. Ir ao encontro, dar resposta ao clamor precisou sair, para encontrar se deslocar, descer no limite, à margem, lá onde se eleva o clamor. Vai ao limite. Limite que é recomeço!

Colocar-se no limite, muitas vezes é fruto de rupturas, é acordar a memória de uma sociedade, de uma humanidade cuja centro é a vida e não as estruturas. Numa Igreja que esquece seu arquétipo de ser povo de Deus, qual será o limite que vai acordar o compromisso de ser Igreja povo de Deus? Estar à margem como CEBs, é se tornar um grupo liminar, que acorda na Igreja seus compromissos com a vida, com a casa comum, com os últimos, de ser pobre com os pobres, de ser laical, sinodal, de ser Igreja em saída.

Na celebração de abertura do intereclesial de Crato vibrei quando o bispo em alta voz proclamou: *CEBs é o modo normal de toda Igreja ser*. Vibrei, vibramos! Uma utopia, um sonho! Hoje acordamos deste sonho e experimentamos que as CEBs são um jeito minoritário da Igreja ser. Vivemos numa realidade plural, a sociedade é plural, a igreja é plural, a igreja católica é plural. Como conviver na pluralidade mantendo-se fiel radicalmente à proposta de Jesus de Nazaré de ser comunidade pobre com os pobres, em saída, no jeito sinodal de ser?

Pessoalmente me inspirando em Jesus de Nazaré, em Paulo, no Movimento de Jesus acredito que as CEBs devem ser comunidades liminares. O que entendo por isso?

Comunidades liminares

O que a antropologia define como comunidades liminares? Apresento uma possível definição. “Liminar é um espaço social ambíguo e sagrado no qual uma pessoa ou um grupo é separado por um tempo das estruturas normais da sociedade”.

A definição subentende algumas ideias: as comunidades, as pessoas liminares clareiam as estruturas existentes e ao mesmo tempo provocam mudanças; as sociedades tendem a se estruturar, a se esclerosar nos dogmas, na tradição, nas leis, nos códigos, na moral, nos costumes; por isso cada sociedade gera comunidades, ou pessoas liminares. Inconscientemente uma sociedade, quando se estrutura até se esclerosar, separa alguns indivíduos ou grupos e os assinala de um especial sistema de valores. São projetados nelas os valores que a sociedade está perdendo, seus arquétipos, suas utopias, suas esperanças e sonhos. As sociedades ou grupos necessitam de ‘alguém’ que encarne os ideais em que acreditam e consideram sagrados, e através deles re-articular valores que são considerados arquétipos e que parecem perdidos ou esquecidos. As sociedades precisam dessas comunidades, dessas pessoas, mas ambigualmente podem achá-las irrelevante e até persegui-las, pois elas criticam e apontam transformações. Este processo é uma busca criativa que quer responder as necessidades contemporâneas e ao mesmo tempo alimentar uma nova visão de futuro: novos céus e nova terra.

As CEBs são um chamado à liminaridade. Um chamado a oferecer uma imagem especular na qual as pessoas possam ver refletidas e reconhecer suas buscas, lutas e esperanças de uma existência mais significativa. As igrejas precisam da eklesia das CEBs, mas de uma forma que desafie e inspire o contexto de cada época a recuperar valores arquétipos perdidos.

Carl Jung afirma que quando os símbolos decaem o inconsciente coletivo como vulcões em erupção geram novos arquétipos, pois estes estão inscritos de modo indelével na consciência coletiva. Os valores

arquétipos estão ligados ao: sagrado – cosmos – terra – outros seres humanos em termos de sexualidade afetiva – outros seres humanos em termos de companheirismo e cooperação.

A recuperação destes valores acontece, na maioria das vezes, fora das instituições religiosas, no limite da estrutura social e podemos aqui dizer eclesial. As pessoas encontram criativamente seus caminhos para recuperar o que está em perigo de ser perdido para sempre. Constatamos que as igrejas ao longo da história perderam contato com sua vocação liminar, pois se deixaram domesticar, então surge a interrogação: Qual é o desafio liminar para os nossos tempos?

As CEBs, comunidades minoritárias que guardam em seu bojo a utopia das primeiras comunidades são chamadas hoje a ‘vocação a liminaridade’, são depositárias de uma vocação que não pertence somente às igrejas, às religiões e sim pertence à humanidade, inclusive de quem diz não ter fé.

A liminaridade é processo, é crescimento, é risco a ser vivido, por isso exige criatividade, flexibilidade, fluidez e coragem para entregar-se ao caos. Entregar-nos ao caos é a coragem de embaralhar os elementos e começar do princípio. Como no Gênesis o caos é o princípio da criação (Gn 1,1-2). Voltar ao caos para recriar, irradiar e intensificar determinados valores a serviço da humanidade, da casa comum, da vida.

Sair em Sinodalidade

Na celebração de encerramento, dom Maurício, bispo anfitrião nos brindou com estas palavras: parecia que Papa Francisco caminhava aqui entre nós, sua utopia expressa no seu magistério estava presente nas nossas falas e reflexões ... Sim, nas falas e reflexões, nos cantos e celebrações ecoavam *A Evangelii Gaudium*, *Laudato Si*, *Querida Amazônia*, *Fratelli tutti* ... Uma das falas insistentes de Papa Francisco nestes tempos é o convite a ser uma Igreja em saída, convida as CEBs a retomar a utopia de ser Povo de Deus, de ser uma Igreja Sinodal.

O convite a se colocar em saída nos pede, segundo a reflexão do meu amigo Celso Carias, colocar as CEBs a caminho percorrendo esta trilha para serem comunidades liminares:

- As CEBs deverão ser *Uma Igreja sinodal pobre com os pobres*”. Recordar que os empobrecidos, foram feitos empobrecidos e com eles e elas superar esta violação.
- As CEBs testemunharão *Uma Igreja Sinodal toda ministerial*. Onde os ministérios são distribuídos sem a marca de uma pesada hierarquia. Onde haja serviço em igualdade para homens e mulheres. Uma Igreja sinodal deverá ser toda ela sinodal nas ideias e na vivência.
- As CEBs deverão reaprender que *Uma Igreja Sinodal deve mudar a forma de decidir*. Reaprender a prática do discernimento e do consenso que nasce da base, dos pequenos, dos grupos, das comunidades, das assembleias, na escuta da voz dos últimos, dos pequenos, dos que não são escutados e escutadas.
- As CEBs serão *Uma Igreja sinodal que terá como método a transformação social da sociedade*”: A Evangelii Gaudium afirma que o povo de Deus é sujeito eclesial numa Igreja que é comprometida com os direitos humanos e os direitos da casa comum.
- As CEBs se encantarão novamente por *Uma Igreja sinodal, que se preocupa com a política*, pois a política é o compromisso com o bem comum.
- As CEBs serão a expressão de *Uma Igreja sinodal que é uma Igreja poliédrica*. Poliedro é a figura geométrica que o Papa Francisco tanto fala. Igreja das múltiplas faces, onde as faces estão voltadas umas para as outras, se reconhecem, se respeitam, se acolhem, pois, a diversidade é bela. CEBs é uma face do poliedro.

- As CEBs viverão a utopia de ser *Uma Igreja sinodal que é Igreja de irmãos e irmãs*”. Igreja que vive o mandamento de Jesus *amai como eu vos amei*: Amar no Servir, no Partilhar, dócil ao sopro da Divina Ruah.

As CEBs sempre serão minoria. As CEBs ao serem minoria são liminares, vivem a pedagogia do fermento. O fermento no interior da massa faz brotar o ar, o sopro, o vento, abrindo e, às vezes rasgando nela espaços necessários ao seu crescimento, dando leveza e sabor, criando novos espaços. Convida a colaborar com a elevação ética da humanidade, ajudando as pessoas e as sociedades a tomarem consciência de que a vida saudável depende do respiro: inspiração e expiração, recepção e doação, personalização e comunhão. Porém, rasgar novos espaços numa massa compacta, embora seja fundamental, não será sempre uma atividade confortável. É necessário dar nome a tudo aquilo que prende esta massa ao solo, que não lhe permite ganhar a leveza e o sabor aos quais ela é chamada. O fermento não existe em função de si, mas voltado à existência de um pão nutritivo, saboroso. O pão, não existe em função de si mesmo, mas para alimentar a vida e proporcionar mais prazer e alegria. Do mesmo modo, as CEBs vivendo sua vocação de comunidades liminares são fermento, são condição para o surgimento de um mundo mais bonito, diverso, humano e divino, onde todos, todas possam crer, esperar e amar: novo céu e terra nova (Cfr. Julgar, Texto Base do XV Intereclesial).

Em Rondonópolis, no 15º Intereclesial vivenciamos o que a dona de casa, da parábola experimenta ao amassar o pão, a pacientar que a massa leve, ao confiar a massa ao forno, agora o pão está quase pronto, seu perfume saboroso já se desprende do forno e enche a casa. Assim o futuro que surge no fim da caminhada e já presente no hoje da história, vem como dom de Deus e como fruto da luta do povo que resistiu e resiste na perseguição permanecendo fiel. O futuro que Deus oferece está em gestação no escondido da história, assim como o fermento escondido na massa. Sua semente está no passado do povo que é acordado pela promessa escutada no presente: “Porá sua morada entre eles e elas e serão povo dele,

e ele será o Deus-com-eles, o Deus-com-elas ... Eu serei Deus para ele, ela e ele, ela será filho, filha para mim.” (Ap. 21,3.7).

3.4 – PLENÁRIAS TEMÁTICAS

"Tudo está interligado, como se fossemos um; tudo está interligado, nessa casa comum."

Eu ouvi: A mulher encantada com o caminhar e o rosto das primeiras comunidades cristãs, que se reuniram nas casas.

Eu ouvi: A voz da mulher, proferindo a boa notícia de Jesus Cristo para todas as pessoas, preferencialmente as que não se encontram no centro.

Eu ouvi, ouvi mesmo, que foi dito: "As Comunidades Eclesiais de Base são o jeito normal da Igreja ser."

Eu ouvi o que anima as nossas Comunidades: Permanecer na fé de Jesus (além de ter fé em Jesus);

Permanecer na esperança dos testemunhos das pessoas das CEBs e de todas as lutas populares;

Permanecer no amor à Vida:

O amor à alimentação saudável,

O amor à natureza,

O amor ao próximo,

O amor à liberdade

O amor às causas da justiça,

O amor ao Reino de Deus aqui na terra, O amor ao nosso Bom Deus.

Portanto, permaneceremos na fé, na esperança e no amor. Sabendo que o maior deles, é o amor. (Herminia Boudens Assessora - Regional NE 2)

3.4.1 - PLENÁRIA CEBs E EDUCAÇÃO – GABRIELA DA SILVA E MICHELLE GONÇALVES¹⁴

As Comunidades Eclesiais de Base, historicamente contribuem para a formação integral das pessoas. O modelo de Educação popular

¹⁴Gabriela, educadora, coordenadora nacional da Pastoral da Juventude pelo regional Sul 2 (PR); Michelle, Piauiense, Graduada em Letras, especialista em juventudes no mundo contemporâneo e em docência do ensino superior. Foi secretária Nacional da PJ no triênio de 2020 a 2022, contribui com o GT de formação das CEBs. Ambas são membros do GT de Formação da Ampliada Nacional das CEBs.

vivido pelas CEBs nos ensina que somos o povo que escreve a história. Todos/as nós que fomos ou que somos lideranças em processos de nossas comunidades, somos educadores e educadoras populares. E nós nos movemos como educadores, porque primeiro nos movemos como gente. As realidades não estão alheias a nós. Elas nos atravessam, nos perpassam. A comunidade sente tudo aquilo que o país sente, que o mundo passa. E esses atravessamentos nos interpelam à luta pela construção do Reino.

Nesse 15º Intereclesial, fazer memória histórica de como as CEBs contribuíram para nossa formação de forma popular, é reconhecer as diversas dimensões que perpassam esse caminho comum. O Caminho vivido por nós é educativo. As Comunidades Eclesiais de Base educam o povo para a consciência coletiva, para a valorização dos sujeitos, para a solidariedade, para a vida comunitária, para a crítica social, eclesial e política. Educam o povo para a emancipação, para o movimento de ação-reflexão-ação, para a valorização dos saberes, para saber ler as entrelinhas das realidades e os sinais dos tempos, educam para o amor e a esperança, mas sobretudo, nos ensinam que um grito individual é um grito, mas um grito coletivo se transforma sempre em clamor. Por isso, na nossa plenária sobre CEBs e Educação, faremos um percurso de memória da contribuição histórica que as CEBs tiveram na nossa formação integral, mas também o movimento de perceber a forma como nós estamos contribuindo com esses processos educativos em nossas realidades hoje.

Esse processo de educação popular nos permite caminhar como o povo, de pés firmados nas nossas raízes locais, mas com os olhos firmes no nosso horizonte coletivo: que é o Reino, o bem comum e a paz social. E para isso podemos olhar a realidade através de quatro lentes, apontadas pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (217-237).

A unidade prevalece sobre o conflito

Os conflitos não podem ser ignorados por nós. Precisamos olhar para eles de frente. Eles expõem as contradições e nos ajudam a superá-las em unidade. Mas não uma unidade a qualquer custo, que homogeneíze,

mas uma unidade pluriforme (EG 226-230). A Comunidade se torna a comum-unidade de um povo que caminha para o mesmo rumo. É impossível viver uma educação popular sem a espiritualidade do conflito, sem revisão de vida e revisão de prática.

A realidade é mais importante do que a ideia

Faz-se necessário olhar além do culto às ideias. “A realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. A ideia desligada da realidade é ineficaz. As concepções de ideias muito elaboradas da palavra de Deus, impede de pôr em prática a palavra”. (EG 231-233). Precisamos trabalhar processos educacionais nas comunidades, do jeito que elas são. Valorizando toda a diversidade que ali se faz presente. Sem silenciar saberes, nem gerações. E sempre questionarmos a nós próprios: o que em nós, ainda são movimentos de colonização do outro?

O todo é superior à parte

Não podemos perder de vista aquilo que é local, específico, que nos faz caminhar com as raízes fincadas no chão da nossa realidade, mas sem esquecer a totalidade que é o horizonte do Reino. Temos que lutar cotidianamente com o olhar global: Militância próxima, Horizonte distante. A soma das partes não é igual ao todo. O todo é sempre melhor e cheio da novidade de Deus.

O tempo é superior ao espaço

Temos que saber ler e gerar processos mais que ocupar espaços/realizar eventos. A boa geração de processos garante a continuidade de nossa existência; traz novidade e criatividade para nossa organização. A certeza de que somos arte e parte do novo.

Essas quatro lentes, com toda a experiência histórica efetiva e afetiva que temos, nos ensinam a não deixar esfriar a insurgência de nossa

educação popular: que cria humanidades em meio a cenários de desumanidade. Reciclando morte em vida.

Caminhar com e como o povo é cozinhar a fogo lento essas narrativas de resistências, esperanças, teologias populares, espiritualidades libertadoras. Narrativas de amorosidades, afetos e construções coletivas daquilo que dá sentido à nossa fé: o projeto de Jesus. O Reino de Deus que também é nosso e que se constrói participando da luta e da vida do seu povo. “O Evangelho não cessa de ser boa nova enquanto não for anunciado a todas as pessoas” (Papa Francisco). Este é o sentir-pensar da nossa plenária sobre CEBs e educação 15º Intereclesial.

Realização da plenária

A música: Coração de estudante –de Milton Nascimento embalou o “momento boniteza” de acolhida dos participantes da plenária. Em seguida, foi motivada uma dinâmica: “momento memória” com duas perguntas provocadoras:

- *O que já aprendi nas CEBs?*

- *O que já ensinei nas CEBs?*

Enquanto os participantes refletiam sobre as perguntas, foi cantado o refrão de uma música: “*Sou esta terra, sou essa gente, sou minha memória e sou esta história*”. Na sequência, quatro pessoas da plenária compartilharam, de forma breve, o que ensinaram e o que aprenderam nas CEBs.

A ideia da dinâmica, era começar a plenária enfatizando que todas e todos somos lideranças em processos comunitários, somos educadores populares. Que nessa vivência, nós aprendemos muito, mas também ensinamos. E que todos os saberes são importantes.

O segundo momento da plenária foi conduzido de forma que ficasse exposto que nós nos movemos como educadores porque primeiro nos movemos como gente, as realidades locais, nacionais e mundiais

também nos atravessam e nos tocam. E são esses atravessamentos que nos interpelam à luta pela construção do Reino.

Com essa motivação, foi feita uma memória histórica, de como o modelo de Educação popular vivido pelas CEBs perpassa muitas dimensões, memória de como as CEBs nos educou. Alguns pontos foram elencados:

- As CEBs nos educam para a consciência coletiva;
- Educa o povo para a solidariedade;
- Educa para a sororidade;
- Educa para a vida comunitária;
- Educa para a crítica social, política e eclesial;
- Educa para a emancipação;
- Para o movimento de ação-reflexão-ação;
- Para a valorização dos saberes;
- Educa para o amor;
- Educa para a Esperança;
- Para a Formação Integral;
- Para valorização dos sujeitos;
- Para saber ler as entrelinhas das realidades e os sinais dos tempos.

Esses pontos foram trazidos com exemplos históricos desse caminho. Logo em seguida, foi aberto aos participantes para que trouxessem mais algumas dimensões desse processo que não foram citados.

Após as partilhas breves da plenária, seguimos com a perspectiva de que a educação popular nos permite caminhar com e como o povo de pés fincados nas nossas raízes locais, mas com os olhos firmes no nosso horizonte coletivo: que é o Reino, o bem comum e a paz social. E para isso, foi exposto que podemos olhar a realidade através de quatro lentes, apontadas pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (217-237).

Foram apresentadas as quatro lentes:

1. A unidade prevalece sobre o conflito
2. A realidade é mais importante do que a ideia
3. O todo é superior à parte
4. O tempo é superior ao espaço

Provocações:

Com isso que estamos refletindo hoje, podemos nos provocar sobre o tema do silenciamento de saberes (da diversidade que existe dentro das nossas comunidades: juventude, negritude, questões de gênero, migração, comunidades tradicionais - povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhos, etc; projeto de sociedade; ecumenismo...): será que às vezes nós mesmos não contribuimos para esse silenciamento? No processo de educar até que ponto nós não silenciemos o outro?

1. A valorização geracional é primordial para nossa articulação.
2. Que coisas da nossa prática educadora ainda são movimentos colonizadores?
3. A dimensão da horizontalidade deve ser prioridade: Ela tem sido?
4. Estamos exercitando a escuta sensível?
5. O conflito é importante- como temos lidado com ele nas comunidades?
6. Temos conseguido viver esse processo de revisão de vida e revisão de prática?

Por fim, tudo isso nos anima e nos forma para não deixar esfriar a insurgência de nossa educação popular: que cria humanidades em meio a cenários de desumanidade. Reciclando morte em vida.

Caminhar com o povo e como o povo é cozinhar a fogo lento essas narrativas de resistências, esperanças, teologias populares, espiritualidades libertadoras. Narrativas de amorosidades, afetos e construções coletivas daquilo que dá sentido à nossa fé: o projeto de Jesus. O Reino de Deus que

também é nosso e que se faz participando da luta e da vida do seu povo. Enfatizando que “O Evangelho não cessa de ser boa nova enquanto não for anunciado a todas as pessoas”.

Perguntas para refletir:

1. *O que anima as CEBs hoje na missão de “ser igreja em saída para as periferias, a serviço da vida plena para todas e todos”?*
2. *Que desafios precisam ser superados nas nossas comunidades para que a vivência desse processo educacional coletivo, seja instrumento para a construção do novo céu e da nova terra?*

3.4.2 - PLENÁRIA CEBs E QUESTÕES ECOLÓGICAS – ANDREI THOMAZ OSS-EMER¹⁵

A Ecologia Integral e seus desafios às comunidades

De Seir alguém me chama: “Sentinela, quanto falta para acabar a noite? Sentinela, quanto falta para acabar a noite?” A Sentinela responde: O amanhecer vai chegar, mas a outra noite também. Se querem perguntar, perguntem. Voltem de novo”. (Isaias 21,11-12)

Ver e comunicar a beleza do bem viver

Vimos uma multidão de gente, de muitas línguas e culturas, vimos os povos entrelaçados e irmanados na dança colorida do amor. Vimos pessoas muito vividas proclamando encarnadas visões e juventudes transbordando profecias, entoando canções sonhadas pelas utopias de um tempo novo, de cuidado com a Mulher Terra Mãe e seus territórios espoliados, devastados e contaminados, habitados por povos que resistem

¹⁵Membro da Caritas, da CPT e da Articulação da economia de Francisco e Clara, Doutorando em Filosofia Moral e Política pela Universidade Federal de Pelotas.

através do bem viver. Vimos e ouvimos o grito da vida que há séculos é explorada nestas veias abertas de Abya Yala, a América Latina que habitamos. Percebemos e entendemos o olhar atento dos profetas e das profetizas entre nós, dançamos na ciranda da vida, e estreitamos os abraços já não mais distantes.

Louvamos ao Divino Sopro da Ruah, à Paz inquieta do Criador Misericordioso, ao amor do Abba, Querido Papaizinho de Jesus de Nazaré, que nos ama com amor de Mãe, pedindo para que Ele seja sempre conosco e nós sejamos sempre com Ele. Nós nos entrelaçamos, como os fios do tear de Maria em Nazaré, observamos como o menino Jesus Galileu e seu pai José, os sinais dos tempos, das chuvas, dos ventos e das secas, em nome dos povos migrantes de todos os tempos. Fomos como tendas em Pentecostes, vinhos novos em Caná, pães oferecidos a Elias, e profecia em abundância nas veias abertas destas periferias.

Desde estes nós vividos e entrelaçados pudemos profetizar e anunciar a Ecologia Integral a partir da novidade do Magistério de Francisco, que só pode ser realizada a partir de uma Economia dos Bens Comuns. Porque toda a casa é comum, acreditamos que somos parte do esperar da Economia de Francisco e Clara, que foi luz claríssima e de radiante presença na vida deste 15º Intereclesial das CEBs em Rondonópolis, são novas gerações a encantar-se com utopias maduras, caminhos trilhados, reafirmando propositivamente a necessidade de seguir caminhando rumo a horizontes comuns. À luz Clara da *Ecologia Integral* de Francisco, sentimos os abraços dos povos de braços abertos e fraternos, com mãos que se estendiam e se elevavam ao céu em prece, como as flores dos grandes ipês que, em primaveras resistentes ainda colorem, mas que já coloriram abundantemente as matas de nossos biomas tão devastados.

Nós ouvimos, pela prece do coração, os gritos silenciados do mato tombado, da aldeia arrasada, da roça esquecida, da casa incendiada, dos frutos e minérios roubados. Nós choramos ao ver a terra envenenada, o bioma depredado, o correntão quebrando mato e matando a vida, o fogo que arrasa, a seca que castiga e tantas vezes nos desanima. Nós vimos a

força da água, nos ciclones do sul, que neste ano alcançaram força sem precedente, ferindo a terra e os filhos da terra. Sentimos com seus tremores, que a terra sofre, e que, a seu modo, a natureza segue sendo a voz de Deus em seus sinais.

Nós vimos, ouvimos e reafirmamos que tudo está interligado, e que só há luta porque há cruz, dor, estrada, oração, canto, Páscoa, reconciliação e ressurreição de paz inquieta e inquietante. Nós sentimos que a Ecologia Integral só tem sentido quando nasce da escuta da dor do povo sofrido e ferido que, resistente, se levanta e se coloca a caminho. Nós, unidos por tantos *nós*, sentimos que a paz evangélica foi tão ferida em nossa nação que hoje resgatar o amor evangélico que moveu tantos: Pedro, Paulo, Luciano, Dorothy, Hélder, Dulce, Chico, Margarida, Maria, Clara de Assis e tantas outras, é uma tarefa urgente às nossas bases, no encontro às periferias vivas, desde o testemunho e a fraternidade.

Discernir o dom da vida à luz da Divina Ruah, o sopro do amor

Esta crise não é nova e reflete as consequências da ausência de políticas públicas, tanto a nível nacional, quanto a nível internacional, a respeito da responsabilidade ambiental das grandes empresas, pouco se tem feito de concreto para o cuidado da casa comum, da vida em comunidade e do valor da biodiversidade como dom da criação de Deus. A casa comum dá sinais de todos os males que o capitalismo neoliberal tem lhe infringido. A expropriação dos bens comuns da criação pelo mercado contradiz o direito a bem viver, a habitar um meio ambiente equilibrado no qual as relações entre todos os seres estão mutuamente imbricadas e são tecidas por constantes atos de reciprocidade.

Partilhamos e sentimos em nossa plenária, desde a espiritualidade franciscana e clariana, nos passos do magistério do Papa Francisco os direitos e responsabilidades à vida civil fundamentada na solidariedade, frutos da inter-relação entre pessoas em seus territórios, diferentes semblantes da mesma casa. A vida em comunidade deve ser vivida com

gosto, por isso recordando a Carta Encíclica Fratelli Tutti (2020), afirmamos que a vida em comunidade tem “sabor de Evangelho” (FT 1), e nossa economia precisa estar em unidade e sintonia com a ecologia que buscamos. Somos sementes do Evangelho em nossas realidades, e é a partir da meditação da Palavra, que podemos encarnar em nossas realidades a vivência ecológica e profética de novos tempos, onde o cuidado com a criação e o cuidado uns com os outros esteja acompanhado de uma vida frugal e sóbria.

Sentimos em coletivo que não é possível encontrar caminho da paz inquieta e da concórdia verdadeira em nossas comunidades sem atitudes de encarnação, que nascem de um despojamento profundo e sincero, de uma passagem corajosa pela porta do Evangelho, que é o próprio Cristo. Acreditamos que só é possível trilhar caminhos conjuntos de um pacífico bem viver em nosso continente latino-americano se assumirmos o enfrentamento aos sérios problemas relativos ao meio ambiente que, tomados em seu conjunto, deixam transparecer a grave crise socioambiental em que estamos mergulhados. A casa comum dá sinais de que nosso modo de a habitar não está correto. Hoje, mais do que nunca na história da humanidade em nosso planeta, somos convocados a uma conversão ecológica profunda, reconhecendo que, em nossos modos de vida, temos pecado ecologicamente, ferindo a obra das mãos de Deus, o Criador.

Desde o testemunho de vida da fraternidade de Clara, Francisco de Assis e suas companheiras e companheiros, aprendemos que toda a casa comum é nosso lugar de habitação. Esses jovens, em sua época e lugar, foram capazes de romper paradigmas, indo além dos muros de suas casas e de suas cidades para compreender que toda a terra era seu lar, todos os bosques um convite a habitar a natureza, e cada desafio, do encontro com o lobo feroz, ao cuidado com os pobres e doentes, era um caminho para o encontro com Deus, que é Pai que cuida de todos.

Foi a partir da experiência viva e profética de Assis que o Papa Francisco escolheu fundamentar os caminhos da ecologia e da economia

que a todos nós desafiam no presente momento da história da terra. A crise socioambiental pela qual passa a terra e seus ecossistemas está relacionada ao exacerbado consumo fruto do antropocentrismo e de um paradigma tecnocrático que transformou o mundo em uma sociedade de consumo e descarte. Reconhecemos que o mercado capitalista que formou o sistema-mundo em que vivemos se mantém por um ciclo vicioso de propaganda, necessidade, consumo e descarte, que opera através de um nivelamento monetário do valor da vida, que oprime a terra e seus filhos, a partir de exclusões de: raça, gênero e classe, onde a natureza e aqueles que estamos mais próximos dela (e dependemos de seus ciclos) somos desvalorizados e descartados.

É por isso que as nossas respostas à crise são ao mesmo tempo um ponto de partida e um horizonte de utopia. Podemos fazer nossa parte, enquanto comunidades, buscando nas relações humanas presentes em nossas tessituras socioambientais, caminhos comuns, paradigmas éticos para que a casa comum seja um lugar de memória do martírio, celebração da caminhada e reafirmação da utopia que move o caminhar por uma terra sem males. Na base do chão da vida, a luta e o sonho se entrelaçam e apontam desafios para todas as comunidades, para as famílias, os jovens, para as conquistas e reafirmações de nossas esperanças.

Neste caminho rumo à Ecologia Integral, são nossos companheiros de caminhada todas e todos aqueles que em suas realidades, simples, silenciosas e muitas vezes não reconhecidas, já trabalham para que a casa comum seja um lugar de cuidado, vida plena e mútua comunhão. A casa comum demonstra, através dos desastres ambientais fruto das mudanças climáticas, o quanto os danos que nós, humanidade, lhe provocamos, são sinais dos males desta economia que mata. O nosso coletivo modo de bem viver é o caminho possível.

Motivadas e motivados a reencontrar a alma, ou seja, compreendermos o que anima as CEBs hoje, na missão de "Ser Igreja em Saída para as periferias, a serviço da vida plena para todos e todas", perguntamo-nos como podemos realizar a Ecologia Integral à luz do

Magistério do Papa Francisco, em nossas realidades, em vista à soberania alimentar e ao bem viver de todas as pessoas. Naquele momento da plenária, nos visitou e compartilhou a Palavra o Arcebispo Jaime Spengler OFM, de Porto Alegre. “Ele estará conosco todos os dias, e sua Palavra é fiel!”, recordou-nos o irmão e pastor franciscano. Neste sentido, a Ecologia Integral que ainda hoje nos suscitam as Claras e Franciscos nos convoca para que “criemos novo céu e nova Terra, para que todos tenham vida plena”.

Encarnar-se com economias ecológicas e proféticas

Segue atual e profético o chamado à encarnação, atitude de evangélica vivência da fé. Estar com as pessoas e sentir o Evangelho vivo na vida das sociedades sem deixar ninguém para trás é a primeira das tarefas para os agentes de pastoral das CEBs hoje. A proximidade gera esperança e sentido de pertença. A encarnação evangélica nos convida a compor os Conselhos de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) a partir do nível local até o nacional. A proposição e desenvolvimento concreto de projetos pautados a partir dos temas urgentes: lutar pela soberania alimentar, motivar as feiras de sementes, plantar agrofloresta, cuidar das nascentes, reaproveitar os materiais.

Aprendemos nas CEBs que os direitos da natureza são dons de Deus e nossas responsabilidades cotidianas, especialmente naqueles territórios formados por camponeses, pequenos agricultores, comunidades indígenas e demais comunidades tradicionais: ribeirinhos, sertanejos dos fundos e fechos de pasto, quilombos e seus remanescentes. Mas são também um desafio às comunidades eclesiais nas realidades urbanas onde nos reunimos para a leitura da Palavra de Deus, dialogando com a vida em família e comunidade, na busca de discernimento, portanto, de conhecimento. A Ecologia integral nos move ao engajamento na atuação das pastorais sociais e da organização política, também no acompanhamento e na participação de projetos nos territórios, em especial

naqueles que buscam a reforma agrária e o fomento das redes de agroecologia.

Desde as realidades de nossos territórios e movidos pelos desafios da caminhada de nossas comunidades, reafirmamos optar pela defesa da vida e de seus valores, defendendo a casa comum e seus biomas ante aos megaprojetos energéticos, de extrativismo e mineração. Escolhemos partilhar com toda a humanidade o nosso modo de viver a ecologia, através da medicina natural, da escuta e da atenção a quem chega, sentando-se à mesa para fazer da comunidade uma casa de acolhida e comensalidade. Entendemos que vivemos em um novo tempo político, portanto, precisamos trabalhar por políticas públicas em nossos territórios a nível local e nacional: desde a construção de hortas urbanas e do apoio aos camponeses, à efetivação das políticas públicas, que retomam as compras estatais de alimentos.

Sabemos que o Reino acontece em pequenos gestos, por isso, estar com os pobres significa perceber a realidade encarnada de nosso modo de viver, porque somos a semente teimosa da resistência. Esses sinais de existência e resistência, de forma muito especial, estão presentes quando somos capazes de estimular os camponeses, sobretudo as juventudes, a escolher produção agroecológica como modo de vida, cuidando das sementes crioulas. Essas economias que cuidam da vida já acontecem em nossas comunidades, e a força irradiante de nossa profecia se encontra na valorização dos pequenos sinais do reino que já acontecem em nosso meio. Incentivar, através da construção de políticas para um turismo de base comunitária, por exemplo, de diferentes meios de comunicação popular para formações continuadas e comunitárias, fortalecem a dimensão do bem viver e ressignificam os territórios como lugares de encontro.

A valorização da agricultura familiar é uma pauta que dá voz àqueles que escutam o meio ambiente e as pessoas que nele vivem vem acompanhado do apoio aos ativistas, lutadoras e lutadores de nossas comunidades, especialmente aquelas mais atingidas pelos efeitos das mudanças climáticas e de crimes socioambientais. Queremos reafirmar que

trabalhar cotidianamente por uma ecologia integral que considere todas as pessoas é nosso direito e nossa condição de existência, é uma escolha radical de vida que nasce do Evangelho. Jesus de Nazaré nos ensinou com sua vida e testemunho a não calar diante das injustiças, por isso sabemos que, na defesa da Casa Comum, nós Comunidades Eclesiais de Base somos sementes: pequenas potências das grandes causas do Reino.

Temos muito a fazer em nossas comunidades. Cultivando uma vida frugal, sóbria e feliz, aprenderemos que as lutas pelos direitos da natureza e de todos os seres de um território também é a nossa luta, enquanto comunidades. É fundamental que a comunidade seja um lugar para potencializar as trocas, as feiras, os grupos solidários, buscando formas criativas e possibilidades de recriar novas economias ecológicas e comunitárias. Reconhecer os direitos originários ancestrais dos povos desta terra e de suas economias, por fim, é a condição sem a qual não conseguiremos trilhar estes caminhos de bem viver. A concretização e vivência de uma Ecologia Integral depende da resposta de cada um de nós e da voz de todos nós juntos, sem deixarmos ninguém para trás.

3.4.3- PLENÁRIA CEBs E PODER NA IGREJA/SINODALIDADE – IR. EURIDES ALVES DE OLIVEIRA, NEUZA MAFRA¹⁶

CEBs, sinodalidade e poder na Igreja, um tema amplo, instigante e desafiador para nossas Comunidades Eclesiais de Base que trazem no seu DNA a proposta da sinodalidade. Um projeto de caminhar juntas e juntos como irmãos e irmãs, discípulos e discípulas missionárias de Jesus de Nazaré, numa Igreja Povo de Deus. Igreja de Comunhão, Participação e Missão.

¹⁶Ir. Eurides, religiosa, coordenadora provincial da Congregação do Imaculado Coração de Maria, Graduada em Ciências Social, da Rede Um Grito pela Vida, membro do GT de Formação das CEBs (SP); Neuza Mafra, Assessora de CEBs do Regional Sul 4 (SC). Integra a Ampliada Nacional das CEBs e seu GT de Formação.

Ementa: *As CEBs, são a experiência viva de uma Igreja Sinodal. “Segundo o Papa Francisco, os elementos fundamentais para uma Igreja Sinodal são: o lugar prioritário do povo de Deus, que deve ser escutado e participar ativamente da vida eclesial; a capacitação para a missão evangelizadora de cada cristão, em função de seu batismo; o respeito à consciência de cada indivíduo na Igreja; a autoridade vista na perspectiva do serviço à comunidade; o respeito às instâncias intermediárias na Igreja; a fidelidade ao Espírito Santo sempre a renovar a caminhada dos fiéis; o importante papel enriquecedor dos pobres para o conjunto da Igreja”.*

No intuito de instigar a reflexão desta temática, faremos algumas provocações iniciais que serão ampliadas nos trabalhos de grupos, numa construção coletiva, onde todas e todos, como sujeitos eclesiais ativos, à luz das vivências de suas comunidades e dos saberes compartilhados, poderão fazer suas considerações sobre o assunto.

1. O que é o poder?

Num primeiro momento é necessário compreendermos o que é **poder**. Segundo o dicionário Aurélio poder significa: ter faculdade de; ter possibilidade de, ou autorização para; arriscar-se, expor-se a; ter ocasião, ter oportunidade, meio de; dispor de força ou autoridade; ter força física ou moral; ter influência.... Na palavra poder não se encontra nenhuma intenção pejorativa. E na verdade, abre espaço para inúmeras possibilidades de realizar o bem comum. O problema não está no poder, mas no seu exercício, no abuso ou na omissão.

Falar sobre poder na Igreja em processo sinodal, é imperativo para aprofundar o que disse Jesus em Mateus 23,25-27: *“Sabeis que os chefes das nações as dominam e os grandes fazem sentir seu poder. **Entre vós não deverá ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso escravo”***. O poder ao qual Jesus se refere, é o **poder serviço**, contrário ao poder dominante.

2. A sinodalidade x clericalismo

O poder dominação ainda muito presente em nossas comunidades, vem revestido do: “padrocentrismo”, “bispoctrismo”, “diacocentrismo”, “leigocentrismo”, “clericalismo” ... E sua superação só será possível com uma Igreja missionária, ministerial, mais feminina e ecumênica, sinodal e em saída a serviço da vida plena para todos e todas, optando mais ainda pelos pobres, marginalizados e excluídos.

Ao relançar a sinodalidade como algo constitutivo da Igreja, o Papa Francisco, retoma a proposta comunitária da Igreja à luz da práxis de Jesus, junto aos discípulos/as, a qual encontrou eco nas Comunidades Nascentes (Primeiras Comunidades Cristãs), na eclesiologia do Concílio Vaticano II e nas CEBs Latino Americanas, como ALTERNATIVA CONCRETA a toda forma autoritária e abusiva de poder na Igreja, sobretudo contra a auto referencialidade e o clericalismo.

3. Comunidade Sinodal x Estruturas Eclesiais e Eclesiásticas

A sinodalidade, assumida como dimensão da vida da Igreja, depara-se com o desafio de ser traduzida nas práticas e estruturas eclesiais e eclesiásticas. Os processos sinodais oriundos das reflexões realizadas nas assembleias eclesiais e das sínteses continentais das escutas sinodais, deverão ter como resultado primeiro, *novas formas de participação eclesial* e por conseqüente *mudanças estruturais na forma da Igreja se organizar e atuar*. Esse é o desafio que se apresenta em todos os âmbitos da Igreja: comunitário, paroquial, diocesano, regional e universal. Fazer com que o tripé: Comunhão, Participação e Missão se materializem na atuação de todos e todas em igual dignidade, como sujeitos, revitalizando os espaços de participação existentes (CDP, CPP, CC, assembleias...) ou criando outros. Além de tornar estes espaços, de fato sinodais, onde todos/as animados/as pelo dinamismo do Espírito, exercitem e participem dos processos de discernimento e decisão com direito a vez, voz e voto.

4. As CEBs como espaço comunitário de vivência do *poder serviço*

Desde sua origem no bojo da década de 70, embora sempre em comunhão com a Igreja Instituição, as CEBs carregam a marca de uma processual ruptura com o poder hierárquico e piramidal e inauguram um novo modo de ser Igreja, e por conseguinte uma nova forma de exercício do poder, mais circular, participativo, democrático, e também poliédrico, no olhar do Papa Francisco, inaugurando um rosto de Igreja com serviços e ministérios diversos no âmbito da comunidade; um poder compartilhado na Palavra e na ação solidária e sociotransformadora na igreja e na sociedade. Um poder compartilhado entre “discípulos/as iguais” acolhendo, respeitando as diferenças e incluindo todos e todas, principalmente os pobres e excluídos.

Até os anos 90, esta vivência das CEBs teve uma grande expressão e influência nos processos eclesiais, no interior das igrejas particulares numa bonita experiência orgânica de pastoral (pastoral de conjunto), sendo parteiras de muitas lideranças, pastorais e serviços. A partir do final desta década, houve uma gradativa involução, com a ascensão de uma eclesialidade mais difusa e centralizada nas estruturas de poder da paróquia e na pessoa dos ministros ordenados, clericalizando os cristãos leigos/as como coadjutores/as do padre e a serviço da igreja templo (dizimo, altares, paramentos, ritos...) em detrimento da dimensão comunitária da fé e do serviço aos pobres, além da ascensão dos movimentos eclesiais. A proposta do Papa Francisco, de uma Igreja sinodal, em saída missionária para as periferias, uma Igreja pobre com e para os pobres, é, portanto, uma convocação para, as CEBs reassumirem em sua dinâmica identitária e com a prática comunitária do poder serviço, com a missão de ser sal, luz e fermento de sinodalidade para o conjunto de toda a igreja.

O teólogo João Batista Libânio, insistia que somente numa Igreja *de* CEBs e não apenas *com* CEBs, seria possível descobrir que o mais importante na Igreja é que participemos em todas as instâncias, criando nela uma cultura de comunhão e participação: nas celebrações

litúrgicas, na organização da comunidade, nos serviços e pastorais e na abertura de caminhos novos. Quanto mais participativos forem seus membros, mais vivas serão as CEBs: *solidária, participativa e missionária*.

5. A força das CEBs e dos Movimentos Populares na construção do Projeto Democrático Popular (na construção da sociedade do Bem Viver)

As CEBs trazem no seu DNA a intrínseca relação entre fé e vida e consequentemente entre igreja e sociedade, pois à luz da Palavra de Deus e dos clamores da realidade dos pobres, foram historicamente se constituindo em espaços importantes, com poder de mobilização e organização da sociedade civil, dos movimentos populares. Apoiadas na “opção preferencial pelos pobres” e na Teologia da Libertação (Medellin (1968), Puebla 1979) na Leitura Popular da Bíblia (CEBI) as CEBs compreenderam que o “*Novo Céu e a Nova Terra*”, o *Reino de Deus*, têm sua construção histórica na transformação das realidades de injustiças sociais e na construção de uma “Nova sociedade”: justa, solidária e fraterna. E nesta direção, foram assumindo posturas de denúncia às práticas do poder dominação reinante na sociedade capitalista e ensaiando novas práticas do exercício do poder: participativo e social, a partir “de baixo”, da base, da força dos pobres unidos e organizados. Um poder orgânico, construído através da consciência crítica e do engajamento efetivo nas pastorais sociais e movimentos populares. Nas décadas de 70 e 80 do século XX se dizia: “*As CEBs são sementeiras de Movimentos Populares*” (recordar as lutas e conquistas dos anos 70 e 80).

Da mesma forma, em que houve nas últimas décadas uma involução eclesial das CEBs na conjuntura eclesial, também na sociedade, nas lutas populares houve um distanciamento das CEBs. Ao pensar CEBs e sinodalidade, este apelo para caminharmos juntos e juntas como povo de Deus, sujeitos eclesiais e sociais, numa conjuntura sócio/econômica e

política marcadamente complexa, desumana e injusta é preciso resgatar a participação ativa das CEBs nas lutas dos movimentos populares.

“Não dá para entender que haja participante de CEBs sem ser participante de algum movimento popular. CEBs não são movimentos populares, mas CEBs e Movimentos Populares devem andar de mãos dadas. As CEBs devem retomar sua identidade de sementeiras dos movimentos populares e estes também devem ser sementeiras de CEBs(...) não é possível pensar e lutar pela construção de um Outro Mundo, justo e solidário, e de uma Outra Igreja, justa e solidária, sem unir umbilicalmente as dimensões da mística religiosa e bíblica às lutas populares. (Cf. Frei Gilvander)

Só assim conseguiremos resgatar a força do poder popular, do poder dos pobres, das minorias (mulheres, indígenas, quilombolas, migrantes, juventudes...) e a partir desta *força revolucionária* construir um projeto de Igreja e sociedade que queremos.

Perguntas:

1) *Como percebemos o exercício do “poder” nas nossas comunidades, paróquias e Dioceses?*

2) *Que estratégias são possíveis para superar as formas de “poder dominação” na Igreja e sociedade?*

3.4.4 – PLENÁRIA 1: CEBs E DIMENSÃO POLÍTICO-SOCIAL – PE. DÁRIO BOSSI¹⁷

As CEBs transformaram o papel da Igreja em vários países e pelo Brasil afora, alcançando os movimentos sociais e estendendo-se aos movimentos urbanos na realidade de hoje.

¹⁷Missionário comboniano, assessor da Comissão Sociotransformadora da CNBB (MA).

São presença garantida no Grito dos Excluídos e Excluídas, nas atividades da 6ª Semana Social Brasileira, na Jornada Mundial dos pobres. Estão presentes nas ruas, nos bairros, nos morros, nas vielas, nas ações solidárias, na defesa da terra, dos povos originários...

Uma das características do jeito CEBs de ser Igreja é caminhar juntos de mãos dadas, um encorajando e animando o outro, nas lutas necessárias em defesa da vida.

Para ajudar no discernimento sobre a dimensão sócio-política das CEBs, escolhi três dimensões constitutivas delas, que hoje me parecem particularmente atuais e inspiradoras.



Território

“Onde pisam os pés, a cabeça pensa e o coração ama; ama o coração, pensa a cabeça e os nossos pés pisam neste chão”

“O território é uma construção social; as pessoas o ordenam na inter-relação, o renovam com processos comunitários, com as práticas quotidianas e suas normas e com a metamorfose do tempo em mudança contínua.

O território é o tecido cotidiano no qual as comunidades vivem, trabalham, sofrem, mudam, amam, acreditam e vivem comumente sua existência. É o lugar vital para o trabalho de uma Igreja que se renova diante dos processos de mudança, aberta à escuta e ao diálogo com as diversas realidades vivas e dinâmicas. É ali que Deus se encarna, se revela, caminha com o seu povo”.¹⁸

¹⁸Hna. Mónica Benavides, hdv, palestra proferida no seminário da CLAR sobre Território como lugar teológico.

Uma das características chave das CEBs é o vínculo com o território. Pela explicação de Antônio Bispo, os quilombolas não dizem “aquele território é meu”, mas “eu sou daquele território”. Da mesma forma, dizemos “eu sou daquela CEBs”. Ela não me pertence, sou eu que pertence a ela, porque ela me moldou, me ensinou a ser cristão, cristã, enraizado/a na história das pessoas do território onde vivo!

Porém, aos territórios hoje é imposta uma relação de saque. Saque dos bens comuns, dos conhecimentos ancestrais, das identidades populares. No campo, na cidade e na floresta os mais pobres vêm sendo expulsos das regiões mais ricas de “recursos” (é o nome usado pelo capitalismo), ou das áreas mais prometedoras em termos de especulação. Nas grandes periferias, as relações são despersonalizadas e as pessoas transformadas em atores homogêneos do ciclo de consumo. Neste contexto, uma pequena comunidade de fé, onde se cultivam as relações e se protegem as identidades, é um âmbito preciosíssimo de resistência e humanização. É pela força das espiritualidades que as comunidades conseguem permanecer nos territórios e defendê-los: reconhecem neles suas raízes e seus vínculos ancestrais; sonham, neles, o futuro de seus filhos e netos, e por isso se esforçam, a cada dia, de melhorá-los e torná-los “à imagem da gente”!

A Pastoral da Moradia e Favelas, que está se consolidando neste ano em nível nacional e se inspira e fortalece muito graças às CEBs, tem como lema exatamente isto: “O lar é onde as famílias repõem as energias, convivem dignamente e cultivam as relações, onde podem recostar a cabeça”.

Quero deixar como ícone bíblico deste primeiro passo em nosso discernimento a pequena “CEB” que Jesus costumava visitar antes de entrar nas contradições da grande cidade de Jerusalém: Betânia, casa do pobre, casa dos amigos Marta, Maria e Lázaro. Território de relações, com o perfume do nardo e muitas lembranças, que com certeza ajudaram Jesus a se manter fiel e firme em sua missão.



Política

“Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar. Com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar”

As CEBs foram e continuam sendo um importante ator político, nos bairros e nas cidades, nos conselhos paritários, na formação e na consciência cidadã (veja-se o forte compromisso

assumido, recentemente, no mitirão “Encantar a política”).

Aliás, os espaços abandonados por elas, frequentemente são ocupados por outras expressões cristãs (inclusive católicas) politicamente vinculadas a valores fundamentalistas e interesses mesquinhos.

Mas é da “política melhor” que queremos falar, aquela que Papa Francisco apresenta na encíclica Fratelli Tutti. Neste documento, o Papa diz que um dos nomes da política é Solidariedade. Num outro livro dele (Vamos sonhar juntos), Francisco comenta que “somos chamados como povo a serviço da solidariedade”.

A solidariedade não é só uma prática de soluções imediatas e emergenciais, mas é uma visão que devemos nos empenhar a servir e alimentar, por ser a principal cultura anticapitalista.

As CEBs são mestras em solidariedade; nas periferias urbanas, ela é o catalizador que agrega as pessoas ao redor de uma comunidade e que lhes faz sentir que ainda têm valor e sentido.

Por que solidariedade é um termo político? Já o dizia o Papa João Paulo II: porque significa “pensar e agir em termos de comunidade”. Não seria isso uma profunda revolução estrutural e um desafio radical para nosso ser cristãos? Fratelli Tutti acrescenta que solidariedade é lutar contra

as causas estruturais da desigualdade e enfrentar os efeitos destrutivos do império do dinheiro.

Papa Francisco recorre também às etimologias: solidariedade tem a mesma raiz de “sólido”, porque reduzir a desigualdade é o que garante a estabilidade de uma sociedade. Interessante: num mundo que exalta a solidez e a segurança dos muros, que aparentemente nos protegem dividindo quem tem de quem não tem, o Papa afirma que a verdadeira solidez está... nas redes de relações. Algo muito mais flexível e capaz de se adaptar à fluidez das mudanças. Uma rede capaz de pescar, isto é, de salvar, a humanidade arrasada pelos fluxos desordenados das tempestades de hoje.

Ministerialidade

Somos gente nova vivendo a união, somos povo semente de uma nova nação ê, ê. Somos gente nova vivendo o amor, somos comunidade, povo do Senhor; ê, ê...



A valorização da ministerialidade que as CEBs assumiram na prática, bem antes dos recentes apelos sinodais, se fundamenta na dignidade comum dos cristãos/as, habitados pelo mesmo Espírito, graças ao Batismo.

“Há diversidade de carismas, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversidade de atividades, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para o bem comum” (1Cor 12,4-7).

Além de ser um princípio eclesiológico, um novo modo se viver e pensar a Igreja, a ministerialidade das CEBs nasce como resposta pastoral e criativa aos apelos da realidade. “Não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no coração [da Igreja]”, dizia o Concílio Vaticano II (GS 1); ao mesmo tempo, não é preciso que na Igreja tudo seja referido a seus pastores: este eco de compaixão e compromisso se faz ação subsidiária e articulada nos diversos ministérios que uma comunidade pode instituir.

Há, nas CEBs, um profundo espírito sinodal, se bem nos documentos preparatórios ao Sínodo para uma Igreja sinodal se faça pouca referência a elas (na Síntese da etapa continental fala-se da paróquia como “comunidade de comunidades” e da importância das “pequenas comunidades” (76); citam-se as “comunidades de base” numa breve passagem ao n. 79).

Ao contrário, o Documento de Santarém (42-48) fala abertamente das CEBs, relança o desafio de uma inculturação dos ministérios e exorta ao reconhecimento das mulheres nas instâncias de decisão e no ministério de dirigentes de comunidade.

Se quisermos ser uma Igreja atenta aos gritos da realidade e capaz de respondê-los, precisamos dar espaço à inventividade e à ousadia, na instituição de ministérios e ações pastorais que abram novos caminhos nos âmbitos do cuidado, do diálogo interreligioso, da incidência política, da solidariedade, dos estilos de vida...

As CEBs, livres e criativas, têm um papel essencial nisso, tanto dentro da Igreja, como na sociedade: é impressionante, nos diversos encontros realizados pela 6ª Semana Social Brasileira junto aos movimentos populares, o número esmagador de lideranças que agradecem as CEBs pelo despertar de sua vocação militante.

Que venham muitas outras pessoas, ministérios e organizações sociais comprometidas, à luz do Evangelho, pela vida, a justiça e a paz!

3.4.5 - PLENÁRIA 2: CEBs E DIMENSÃO POLÍTICO-SOCIAL - PE. JOÃO MARIA¹⁹

Creio que não seja preciso convencer alguém que a dimensão sociopolítica é constitutiva da vida da Igreja. A Doutrina Social fundamenta a nossa ação sociopolítica, mas tem seus referenciais no antigo testamento.

Uma das recomendações de Jesus é cuidar das viúvas, dos órfãos, dos estrangeiros. E hoje existem muito mais categorias que se incluem nas recomendações. Mas o fundamento já está no antigo testamento.

A palavra culto aparece na Bíblia 79 vezes. Mas sempre como culto aos ídolos e não como culto dos judeus. A palavra justiça aparece mais de 200 vezes e sempre em ação do Deus dos judeus. O primeiro e o segundo testamento juntos dão mais atenção a justiça que ao culto. Recebi um livro da Visão Mundial, que é a carta das igrejas evangélicas. Ele traz vários textos que os profetas dizem que Deus diz que está cansado dos incensos, dos perfumes. E vai adiante: Deus diz que quer a prática da justiça e que o direito vingue para todos. A prática em busca da justiça e dos direitos das pessoas. Essa prática é a primeira obrigação do cristão. Se a gente se alegra, festeja e canta, na verdade não é pra Deus. Deus não precisa disso. Essas coisas são pra gente se animar. Pra gente animar a caminhada de busca do reino de justiça onde a gente vive.

Política é organização e vem da palavra pólis, grega. Até na família tem o exercício de organização política. Onde 2, 3, 5 pessoas vivem juntas tem que ter organização. As regras são feitas em função de alguém. A organização política caberia ao presidente, aos prefeitos, a nós? A quem? A todos e todas. Como as CEBs se vêm aí? Existem muitas possibilidades de nos envolvermos nas questões políticas de forma individual ou coletiva.

¹⁹Assessor de CEBs e Pastorais da CNBB NE5 (MA) e membro da Ampliada Nacional das CEBs e seu GT de Formação.

Os restaurantes populares no Maranhão são obrigados a dar alimento gratuito aos moradores de rua; o mesmo alimento que as outras pessoas recebem. Construir restaurantes populares nós não conseguimos como igreja, mas o governo pode. Tem capacidade e tem obrigação. O direito com alimentação é direito embasado na constituição.

Com relação as políticas de saúde, no Maranhão muita gente morre na fila. Não está muito bem. No Brasil também. E com relação a educação? No Brasil, não está muito bem. E como estão as escolas católicas? Prefiro nem comentar. Mas a saúde pública, a escola pública é importante. A defesa das mulheres e o direito dos trabalhadores são importantes. Mas deixamos passar a reforma trabalhista. Onde estávamos nós comunidades eclesiais de base? E a reforma da previdência, que era necessária em alguns pontos, mas muitos outros deixamos passar.

Questões para os grupos:

1. *O que anima as CEBs como Igreja em saída para o serviço da vida plena para todos e todas?*
2. *Relatem nos grupos a experiência que vocês têm de políticas públicas ou da dimensão sociopolítica no ambiente que vocês moram. Qual o envolvimento das CEBs nas questões sócio-políticas?*
3. *Como é que nós como animadores e animadoras poderíamos animar as pessoas das comunidades em nosso entorno a também se envolver nessa dimensão sócio-política?*

3.4.6 - PLENÁRIA CEBs E ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA – PETERSON PRATES²⁰

PRINCÍPIOS DA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA (fonte:<https://economiedefranciscoeclara.com.br/10-principios-da-economia-de-francisco-e-clara/>)

Nos 10 princípios da Economia de Francisco e Clara são apresentados os valores da economia que acreditamos e que lutamos para construir nas comunidades.

Princípio 1 – Cremos na Ecologia Integral - (Palavra-Chave: Ecologia Integral)

Cremos em uma ecologia integral, que reconheça as relações humanas, sociais, ambientais, políticas e econômicas, que esteja respaldada nos valores franciscanos e clarianos, que garantam a vida em sua dignidade, e que não seja nociva aos demais seres. Que parta do fundamento de que tudo aquilo que existe e vive deve ser respeitado.

Princípio 2 – Cremos no Desenvolvimento Integral - (Palavra-chave: o desenvolvimento integral)

Cremos que só é possível pensar em desenvolvimento aliado ao cuidado da criação, com a participação dos empobrecidos nos processos de construção das políticas sociais e econômicas. Cremos, assim, no desenvolvimento humano integral como princípio fundamental das mudanças estruturais necessárias, o qual pressupõe a soberania dos povos e a luta nos territórios, e sugere uma economia solidária, fraterna, ecológica e democrática (Fratelli Tutti, 169).

²⁰CEB Sagrada Família - Regional Sul 1 (SP), Secretariado Nacional da Articulação Brasileira da Economia de Francisco e Clara.

Princípio 3 – Cremos em alternativas anticapitalistas -(Palavras-chaves: anticapitalismo e bem viver)

Cremos no Bem Viver porque o capitalismo é um sistema econômico cujas leis próprias geram exclusão e desigualdade (Evangelii Gaudium, 53), pelo que se faz um sistema insuportável, e que precisa ser superado, juntamente do colonialismo e do patriarcado. Cremos que um suposto “capitalismo inclusivo” é contraditório com a opção pelo respeito à criação e por uma ecologia integral e não é a resposta para a crise que vivemos. Cremos, portanto, que o bem viver é a filosofia prática que nos faz caminhar na direção da nova economia construída sob o paradigma da igualdade, da sustentabilidade e da cidadania.

Princípio 4 – Cremos nos Bens Comuns - (Palavras-Chaves: Bens Comuns e papel do Estado)

Cremos nos Bens Comuns porque o neoliberalismo, versão contemporânea do capitalismo, acentuou as características de uma economia que mata, com a idolatria ao capital e ao mercado; cremos se tratar de um pensamento limitado, que recorre à mágica teoria do “gotejamento” como única via para resolver os problemas sociais, a qual, por sua vez, não funciona, pois o mercado não regula tudo (Fratelli tutti, 168); pelo contrário, torna a política refém de uma economia tecnocrática (Laudato si, 189), e prejudica o necessário papel do Estado na garantia dos direitos sociais inalienáveis, pois privatiza direitos e estatiza prejuízos.

Princípio 5 – Cremos que ‘Tudo está interligado’ - (Palavra-chave: Crise Ecosocial)

Cremos que a superação da crise se dá por caminhos onde tudo está interligado, inclusive as soluções diante da crise socioambiental que possuem implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas,

políticas e que afetam principalmente os empobrecidos (Laudato si, 25), os povos originários e tradicionais.

Princípio 6 – Cremos na potência das periferias vivas - (Palavra-chave: as periferias como ponto de partida)

Cremos que o caminho de reconstrução de novas economias passe pelas *“sementes de esperança semeadas pacientemente nas periferias esquecidas do planeta, destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão”* (Papa Francisco). Cremos que é nas periferias que germinam as experiências revolucionárias que brotam das lutas emancipatórias dos movimentos sociais, das comunidades de base, dos povos originários, das articulações populares, e de tantos outros afins.

Princípio 7 – Cremos na economia a serviço da vida - (Palavra-chave: realmar a economia)

Cremos na urgente necessidade de realmar a economia, colocando no centro das relações sociais a vida em sua diversidade e dignidade, na construção de uma nova sociedade mais igualitária, onde mulheres, crianças e adolescentes, negras e negros, povos originários, comunidades LGBTQIA+ e todos os demais grupos oprimidos tenham seus corpos respeitados e direitos garantidos, pautando-se pelos valores da sororidade/fraternidade universal, diversidade do sagrado, justiça social, paz e sustentabilidade.

Princípio 8 – Cremos nas Comunidades como Saída - (Palavra-chave: Território e práxis)

Cremos que a territorialidade, entendida como o espaço de vivência concreta no cotidiano, tem um papel crucial na construção de novas práticas econômicas. Cremos que é desde o chão da existência real e da práxis que se forja o ser político social, potencializando os saberes e

fazerem por meio do protagonismo dos atores locais sendo parte da ação necessária à mudança macro-territorial. Cremos que a decolonização começa por uma reparação histórica, e deve se constituir na luta pelos direitos territoriais sagrados dos povos originários e quilombolas. Cremos na práxis de libertação que valorize efetivamente a pluralidade cultural contra toda a desterritorialização dos periféricos, dos camponeses, migrantes e outros marginalizados.

Princípio 9 – Cremos na Educação Integral - (Palavra-chave: Pacto Educativo Global)

Cremos numa educação pública, gratuita, inclusiva, inovadora, libertadora, ambiental e artística, que atenda às necessidades da sociedade, e que possibilite a aprendizagem de pessoas reflexivas e críticas. Cremos na educação popular como síntese da cultura do encontro. Cremos que o ensino, a pesquisa e a extensão devem estar sempre direcionadas à novas economias, e que a educação básica deve estar integrada na mesma perspectiva.

Princípio 10 – Cremos na solidariedade e no clamor dos povos - (Palavra-Chave: movimentos sociais)

Cremos numa economia sustentável, democrática e fraterna, que rompa com as desigualdades sociais, proporcione a emancipação humana e garanta o direito à terra, ao teto e ao trabalho, construindo mecanismos de geração de renda que fortaleçam a cooperação, a associação e a autogestão. Cremos numa economia pautada na justiça social, que reconheça as diversidades, e que crie redes entre os movimentos sociais a partir dos princípios da economia solidária e agroecológica.

3.5 – CRÔNICA DO DIA – MISSÃO E MÍSTICA DAS CEBs (EDWARD GUIMARÃES)

*Por causa de tua missão,
por nós assumida,
de não deixar cair a profecia,
incômodas,
ao lado dos invisibilizados e
excluídos,
as CEBs serão difamadas e
perseguidas,
acreditem,
no seio da tua Igreja
e nas dinâmicas da sociedade.
Por causa da tua profecia do
Reino,
por escutar e ecoar os gritos
diversos,
da terra, dos pobres e
oprimidos,
empunhar a bandeira justiça,
acolher e curar as feridas,
testemunhar a beleza
da mesa da irmandade,
crucificadas,*

*como Jesus de Nazaré,
as CEBs serão perseguidas,
e os poderosos deste mundo,
acreditem,
continuarão a eliminar,
os que ousam, como ti,
a permanecer fiéis.
Oh Profeta da Galileia,
que fique bem claro,
aos olhos de cada discípulo
aprendiz,
que contemple o que irradia,
dos pés e mãos das testemunhas:
a missão e a mística das CEBs,
que brota do cultivo diário,
da tua liberdade do Reino,
da força do teu Evangelho,
da coragem dos profetas,
da teimosia dos pequenos,
e da tua fidelidade agredida,
por ameaças, tortura e cruz.*

O dia de hoje, quinta-feira, dia 20/07, amanheceu grávido de expectativas provocadas pelo ver, pelo olhar crítico coletivo dos participantes do 15º Intereclesial das CEBs. Uma gravidez sedenta da luz criativa e instigante da Palavra, dos pilares para fundar e firmar a fidelidade, de chaves para o discernimento da direção a seguir, de critérios para nossas ações.

Assim que chegamos no espaço da Casa Comum, embalados pela música comprometida da caminhada, fomos convidados abrir os corações para a perspectiva e horizonte criado pelos desafios e urgências do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. A celebração ecumênica ajudou-nos a aprofundar a percepção de que as CEBs, por causa da centralidade da defesa da vida em sua missão e em sua mística libertadora, são interpeladas a se abrirem, acolherem e se deixarem transformar pelo cultivo da experiência ecumênica e inter-religiosa. A urgência mais forte foi em relação as tradições religiosas de matriz africana e indígena. Se a religião é força para o cultivo da resistência e da vida nova e se os negros e povos originários estão entre as maiores vítimas de nosso modelo e estrutura social, as CEBs não podem ficar indiferentes aos apelos do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Após a celebração passamos à apresentação da síntese do VER, quando as/os coordenadoras/es das sete plenárias apresentaram os impactos da realidade atual da sociedade brasileira e da Igreja católica sobre vida das CEBs. Julgamos desnecessário apresentar aqui qualquer síntese registrada do conteúdo, pois, isso já foi feito em outras instâncias. Apenas alguns destaques: o capitalismo de rapina continua a fazer vítimas, fazer a terra, os pobres, excluídos e oprimidos a gritar forte. O sistema de opressão e morte se tornou ainda mais forte com o advento das mídias digitais e a onda neofascista. Os LGBTQIAP+, as mulheres, os povos originários e quilombolas estão entre as maiores vítimas. Na Igreja Católica, o clericalismo, o patriarcalismo e o silenciamento dos que gritam, das vozes proféticas das mulheres e dos demais cristãos comprometidos com a defesa da vida continuam. Os jovens não têm protagonismo e estão cada vez mais afastados. Mas também há espaços e focos de resistência. As CEBs são interpeladas de muitas maneiras diante desta realidade social e eclesial: afirmar a sua identidade profética, aprofundar a sua mística libertadora, investir na formação das lideranças e, sobretudo, das juventudes.

Logo depois do café, tivemos a oportunidade de ouvir as palavras proféticas de Pedro, nos convidando a aprofundar as interpelações do VER,

nos alertou sobre os desafios para o futuro das CEBs diante da grande ameaça ambiental e das forças hegemônicas do capitalismo de rapina, do colonialismo norte-americano, do patriarcado.

Em seguida, antes do almoço e do deslocamento para os biomas, fomos brindados pela pertinente reflexão de Tea Frigério, que, diante das urgências captadas pela análise da realidade vivida pelas CEBs na sociedade e na Igreja, nos convidou a deixar-nos iluminar e esperar pelo olhar bíblico teológico e pastoral e ampliou os nossos horizontes com uma reflexão já desenvolvida no nosso texto-base que nos fala da utopia que nasce da realidade como mostra o profeta Isaías no lema do 15º Intereclesial. Tea nos falou dos dois rios que alimentam a nossa esperança: o rio da utopia e o rio do rito. O primeiro é onde nasce a força do dinamismo da vida humana e que engendra a cultura, a utopia. Diante do tempo de crise, o Terceiro Isaías anuncia: “Vejam! Eu vou criar um novo céu e uma nova terra.”. Uma palavra que desperta o discernimento e alimenta o esperar coletivo. O segundo é o que nos faz celebrar a vida e que alimenta a nossa esperança, o rito. Pelo rito, o eu de cada pessoa é chamado a encontrar o nós da comunidade, do povo e ativa o movimento e renova o ânimo para a caminhada. Com estes dois rios, as CEBs são desafiadas a ser uma Igreja em saída que alcance todas as periferias, sendo os gritos da terra, dos pobres e oprimidos provocações que nos desinstalam.

Depois do almoço, cada grupo deslocou-se para o lugar marcado para a plenária do bioma correspondente. Fomos para a Paróquia São João Batista, Bioma do Cerrado, com o desafio de refletir na plenária temática do julgar “CEBs e Educação”. (Os demais participantes se deslocaram para as outras 06 paróquias com seus respectivos Biomas). Merece destaque a equipe de animação que garantiu, de fato, com cantos temáticos da caminhada a animação do grupo e de filmagem que tudo registrava.

No primeiro momento, antes do trabalho em grupo, nos reunimos na Igreja onde Marta Bispo, Istélia e Jean (coordenação) fizeram o momento de oração e deram as orientações para os trabalhos da tarde. Em seguida, passaram a palavra para as duas assessoras, Michelle Gonçalves e

Gabriela da Silva, que alternando a palavra de cada uma, brilharam na apresentação, aprofundamento e provocação reflexiva do tema central desta plenária temática. Deixaram claro a importância de sermos “escutadores” e nossas comunidades “palavreiras”: sermos povo que escreve a história e torna as comunidades autoras de seu próprio caminho. Enfatizaram a importância do cultivo da memória e explicitaram as dimensões da educação popular das CEBs. Deram destaque aos ensinamentos do Papa Francisco na sua *Evangelii Gaudium*, quando ele preconiza que: 1. A unidade deve prevalecer sobre o conflito; 2. A realidade é bem mais importante do que a ideia; 3. O todo é superior à parte; 4. O tempo é superior ao espaço. E mostraram a importância destes princípios no dinamismo da caminhada das CEBs e na educação popular. Em seguida, fizeram diversas provocações para despertar o horizonte e o tempo de esperar.

Após a fala das assessoras, os coordenadores apresentaram as duas perguntas para os trabalhos em grupo: 1ª) O que anima as CEBs hoje na missão de ser Igreja em saída para as periferias, a serviço da vida plena para todas e todos? 2ª) Que desafios precisam ser superados nas nossas comunidades para que a vivência do processo educacional coletivo seja instrumento para a construção do novo céu e da nova terra?

Os participantes foram divididos em dez grupos. Este foi um momento muito rico de escuta e partilha, no qual cada participante tinha a oportunidade de contribuir na resposta das duas questões e o relator do grupo registrava e elaborava uma síntese que foi lida e aprovada. Depois do café, voltamos para a Igreja, local da plenária dos grupos. As duas assessoras fizeram um breve comentário ao final das apresentações e foi dada a palavra a dom Zanoni que participou do início ao fim.

Nos deslocamos para a Feira de Economia Solidária na Vila Aurora, onde todos se encontraram para saborear o jantar e, para fechar o dia, participar de ricos shows culturais locais e também do nosso querido Zé Vicente, mestre e artista da caminhada.





**21 DE JULHO DE 2023 (SEXTA-FEIRA)
AGIR - COMPROMISSOS DA CAMINHADA**

*O sol nasceu, é um novo dia! Bendito seja Deus,
quanta alegria! (Pe. Josenildo do Pajeú)*

Estamos todos e todas na Casa Comum. É hora de estabelecer os compromissos assumidos pelas CEBs e para as CEBs a partir deste 15º Intereclesial. Muitas mensagens chegam ao encontro, expressando sentimentos de alegria e esperanças.

A Oração da manhã preparada pelos Povos Indígenas presentes no encontro - Boe Bororo, Chiquitano, Xavante, Rikibaktsa, Xerente, Guarani e Kaiowa, Puroborá, Munduruku, Tupinikin, Tembê, Xukuru do Ororubá, Tremembê, Potiguara, Nambikwara, Kaigang, Macuxi, Wapixana – traz um GRITO pela vida dos povos originários, pela demarcação dos seus territórios e um SOPRO de esperança do BEM VIVER.

A manhã é de partilha da reflexão realizada nas plenárias temáticas. Uma pergunta comum inspirou a todos e todas:

1. O que anima as CEBs hoje, na missão de "Ser Igreja em Saída" para as periferias, a serviço da vida plena para todos e todas?

- A palavra de Deus anima a comunidade - o Evangelho e a fé no Crucificado-ressuscitado nos motivam na resistência e persistência para gestar novo céu e nova terra; os grupos de reflexão que têm nas comunidades/círculos bíblicos - é a palavra de Deus que ilumina e anima; formação bíblica, leitura popular, crítica, orante e libertadora;
- Os pequenos grupos de quarteirão que se reúnem semanalmente nas casas, as visitas missionárias, os gestos concretos de solidariedade; a vida em comunidade, vida em comunidade a exemplo dos atos dos apóstolos com a partilha, a luta e o cuidado com os pobres;
- A experiência da Igreja latino-americana. Uma igreja enlameada em sintonia com a vida das pessoas; a esperança e a mística que nos inspiram, a defesa da vida e da missão profética; resistência que brota da espiritualidade libertadora e profética que carregamos no coração e na vida;
- A CEB não nasce da estrutura, nasce do povo. Essa base alicerçada na realidade é que faz acontecer, é a Igreja povo. Motivados por esse jeito de ser Igreja somos incentivados a participar dos conselhos de direitos, entre outros;
- Participação da juventude nas comunidades;
- A teimosia e a ousadia dos cristãos leigos e leigas; celebrações presididas por cristãos leigos e leigas;
- A lembrança dos mártires da caminhada motiva e anima a caminhada e os gritos do povo nos motiva a ser igreja profética

entre os feridos e os marginalizados; o Evangelho, o testemunho de pessoas que doaram suas vidas em favor do povo;

- O espírito coletivo na caminhada, como igreja transformadora que sente com o povo e escuta os gritos do povo;
- A resistência da agricultura familiar e assentamentos, diante dos latifúndios;
- A percepção de que as CEBs estão se renovando e sendo vistas como a igreja do futuro; a resistência das CEBs, a realização do Intereclesial;
- As pastorais sociais, como a do migrante, da pessoa idosa; As Semanas Sociais Brasileiras, o Grito dos Excluídos e Excluídas, a Campanha da Fraternidade;
- Amor gratuito, a solidariedade, a vivência comum - Teoria da gratuidade; espírito de igualdade;
- Nossas formações e a espiritualidade encarnada; simplicidade das CEBs: “Não apenas de ir levar Jesus na casa, mas também encontrar Jesus que nos espera nesta realidade”;
- O envolvimento comunitário no trabalho sociotransformador, a atuação nos conselhos de políticas públicas; a defesa da Casa Comum, dos direitos humanos e da natureza;
- O pontificado do Papa Francisco, que com suas ações, discursos e orientações e convocação do sínodo, tem motivado o trabalho das comunidades;
- Ecumenismo – espaço da diversidade/pluralidade;
- Todos os regionais apresentam iniciativas de economia sustentável e solidária que venham ao encontro do pacto econômico mundial, proposto pelo Francisco (Laudato Si);
- Denúncia/ resistência à agressão ao meio ambiente e terras indígenas; águas e florestas; iniciativas econômicas, culturais e solidárias, organização de projetos liderados por mulheres, agricultura familiar: produtos naturais/ agroecológicos; armazéns do campo/comercialização de produtos;

- Parcerias econômicas entre campo (trabalhadores rurais e sindicatos) e cidades para incentivo de produção e de renda que visam sustento das famílias e apoio aos projetos da Cáritas e obras diocesanas;
- Dar continuidade ao processo sinodal, não perder de vista o espírito missionário; consciência de sermos discípulos e discípulas a exemplo de Jesus, a consciência de ser igreja em transformação; a vivência do sínodo sobre a sinodalidade, que nos anima e nos convida a alargar as tendas, ir às margens;
- O processo de formação integral baseado na educação popular, que educa para vida, com o coração, com amor, com acolhida a todos, todas e “todes”;
- A certeza de que não estamos sozinhos. Bispos, padres, diáconos, religiosos e religiosas comprometidos com a causa dos pequenos – sinal de esperança de uma igreja sinodal;
- A nossa história, a história da Comunidades Eclesiais de Base e dos Intereclesiais;
- O que anima as CEBs é Jesus e seu Evangelho; a semente de resistência das lutas; a compaixão e a indignação das injustiças;
- A vida, porque toda vida é sagrada, vamos cuidá-la, protegê-la e defendê-la;
- O Magistério da Igreja: Vaticano II, Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida, Magistério do Papa Francisco: LaudatoSÍ, Querida Amazônia, Fratelli Tutti.

Na beleza do encontro, cada plenária temática partilhou suas reflexões específicas, como podemos ver/ler na apresentação de cada tema a seguir.

4.1- CEBs E DIMENSÃO POLÍTICO-SOCIAL - PLENÁRIA CASA COMUM

1. Relatem nos grupos a experiência que vocês têm de políticas públicas ou da dimensão sociopolítica no ambiente que vocês moram. Qual o envolvimento das CEBs nas questões sociopolíticas?

- Participação em associações, conselhos de agricultura familiar, organização de fóruns, representação no poder legislativo, luta pela cultura indígena;
- Pastorais Sociais como afro, saúde, carcerária e outras; Cáritas; Escolas de fé e política;
- Participação em espaços públicos: nos sindicatos, na Câmara, nos conselhos de direitos;
- Participação político-partidária;
- Experiências ecumênicas e inter-religiosas como feiras solidárias de fundos de quintais, que culminam em gestos concretos para os mais necessitados;
- Experiências de articulação para garantia de um melhor sistema de saúde na localidade; combate à fome (fome zero e cozinhas solidárias);
- Projetos de formação política nas escolas;
- Na dimensão comunitária, existem ações das pastorais sociais, atuação da igreja junto com os movimentos sociais;
- Engajamento nos movimentos sociais populares como MST, entre outras.

2. Como é que nós como animadores e animadoras poderíamos animar as pessoas das comunidades em nosso entorno a também se envolver nessa dimensão sociopolítica?

- Participação das pastorais sociais;
- Formação bíblica pé-no-chão;

- Informar e formar pessoas sobre os seus direitos e deveres. Conhecer os fundamentos políticos ligados ao bem comum;
- Criação de escolas de fé e política;
- Ser atuantes nas políticas públicas, disseminando a boa política e incentivando o acompanhamento das lideranças políticas eleitas;
- Explicar a necessidade dos projetos sociais que buscam transformações sociais;
- Conscientizar sobre a compra de votos e políticas de favores;
- Descentralizar o trabalho das paróquias buscando estar mais atuantes nas comunidades, revigorando as comunidades;
- Explicitar as lutas nas quais as CEBs estão inseridas na busca da vida plena das pessoas e da casa comum.

4.1.1 - CEBs E DIMENSÃO POLÍTICO-SOCIAL – PLENÁRIA MATA ATLÂNTICA

1. Que inspirações para o nosso agir vem dos 3 vagões: Território, Política e Ministerialidade?

Território

- Ser essa presença no território ajuda a enfrentar as violações de direitos humanos;
- Dar orientações e formações políticas para o nosso povo, para evitar que caiam nesta cilada reacionária e neonazista, visto a existência de cerca de 300 núcleos neonazistas espalhados pelo país;
- Criar cursos de como fazer documentários, oficinas sobre documentários;
- Criar oficinas sobre cidadania.

Política

- Retomar este processo de fazer, reencantar as pessoas para a política;
- Precisamos falar sobre o bem comum, sobre pensar no coletivo, a ter empatia diante das pessoas idosas, crianças, adolescentes e jovens, das mulheres, dos negros e das comunidades LGBTQIAP+;
- Ser solidários uns aos outros.

Ministerialidade

- Olhar para as juventudes, não apenas cobrar das juventudes, mas acolhê-los com amorosidade;
- Acolher os jovens, através do time de futebol, de teatro;
- Vivência da solidariedade;
- Precisamos incentivar a existência de Grupos de Fé e Cidadania e/ou Fé e Política – para ampliar a participação nos Conselhos de Direito, na elaboração dos Planos Diretores das cidades;
- Dois pontos fundamentais: animação dos Círculos Bíblicos & Oração do ODC nas Comunidades...

4.2 – CEBs E PODER NA IGREJA/SINODALIDADE – PLENÁRIA PAMPA

“A Igreja pode ser representada através de metáforas, mas a Igreja não é uma metáfora. As Pastorais podem e devem caricaturizar a sociedade, mas não podem ser caricaturizadas. As CEBs podem e devem transformar a Igreja em Comunidade de Comunidades, mas não podem ser reduzidas a ritualismos”.

(João Santiago/PR)

1. Como percebemos o exercício do "poder" nas nossas Comunidades, Paróquias e Dioceses?

- Não reconhecimento do pontificado de Francisco por parte de padres, bispos seminaristas e movimentos fundamentalistas;
- O abuso do poder por parte dos mais abastados financeiramente da Igreja, que fazem isso por questões ideológicas;
- Insegurança das lideranças em meio à diversidade de ideias e opiniões que geram o autoritarismo, ou seja, nas paróquias a autoridade vira autoritarismo;
- Perda da cultura popular na evangelização dentro da Igreja, com o avanço do clericalismo; egocentrismo, leigocentrismo;
- Leigo não ocupa o lugar que é seu por direito, aceita as imposições, favorecendo o autoritarismo;
- Formação centrada nos padres e bispos, sendo necessária a formação dos cristãos leigos, para fortalecimento de sua identidade, vocação e missão;
- Falta de maturidade humana, onde o próprio clero sente-se superior pelo lugar que ocupa, ou seja, dono da paróquia, sufocando a participação popular, excluindo as pessoas;
- O Papa Francisco pede uma igreja participativa e ministerial, mas muitos ainda vivem a estrutura piramidal, com CPPs

fechados, concentração de poder; sloganização pessoal de algumas pessoas (pastoral de manutenção);

- Nas CEBs, o poder é partilhado; coordenações compartilhadas; coordenação colegiada.

2. Que estratégias são possíveis para superar as formas de "poder dominação" na Igreja e Sociedade?

- Não perder o sonho da maior participação do leigo em todas as pastorais;
- Sinodalidade vem como resposta para o autoritarismo;
- Investir na formação permanente dos cristãos leigos e leigas como estratégia de dar poder ao povo e que todos e todas atuem como sujeitos na construção do Reino;
- Diálogo dentro da Igreja com as escolas de teologia, fé e política, e outros espaços de formação popular;
- Fortalecer a Pastoral da Juventude, como identidade das CEBs;
- Evangelho na mão do povo, rezar a leitura orante da palavra;
- Exercer o ecumenismo, sem perder a identidade cristã católica;
- Resgate da cultura popular;
- Resistência a problemas fascistas e que não favorecem os pobres; com trabalho de base, trabalho de formiguinha, o trabalho de cupim, de resistência;
- Planejar, legitimar os conselhos e decisões participativas; fortalecer experiências missionárias e sinodais; fortalecer trabalhos pastorais que extrapolam as paredes do templo (trabalhos coletivos);
- Em suma: formação de lideranças, estudo dos Documentos da Igreja; criação de mais espaços de escuta para propiciar uma Igreja mais participativa; fortalecer a criação de grupos de

reflexão, círculos bíblicos favorecem que as comunidades sejam mais autônomas.

4.2.1 – CEBs E PODER E SINODALIDADE NA IGREJA - PLENÁRIA AMAZÔNIA²¹

1. O que anima as CEBs hoje, na missão de “Ser Igreja em Saída” para as periferias, a serviço da vida plena para todos e todas?

- O pontificado do Papa Francisco, que com suas ações, discursos e orientações e convocação do sínodo, tem motivado o trabalho das comunidades;
- O encontro com o Cristo no rosto sofredor dos pobres;
- A dimensão do envolvimento comunitário no trabalho sociotransformador da realidade que estamos inseridos.

2. De que forma podemos lidar/enfrentar com o poder dominador na vida de nossas comunidades?

- Fomentar a consciência da necessidade de protagonismo através da articulação e participação em conselhos sociais e pastorais;
- Fazer um bom discernimento das estruturas de poder dominador dentro e fora da Igreja, como expressão de algo que não corresponde ao caminho de Jesus de Nazaré;
- Crescer na consciência de que temos participação no sacerdócio comum dos fiéis pelo batismo e a partir disso buscar caminhos de diálogo com as estruturas que não garantem a plena participação.

²¹Foram duas plenárias sobre CEBs, poder e sinodalidade na Igreja. Esta teve a assessoria de Celso Carrias, cristão leigo, teólogo e assessor do setor CEBs na Comissão Episcopal para o Laicato/CNBB (2016-2023). Membro do GT de Formação da Ampliada Nacional das CEBs.

4.3 - CEBs E ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA - PLENÁRIA PANTANAL

1. Como as comunidades de base podem motivar iniciativas concretas para novo pacto econômico?

- Olhar o mundo através do olhar do pobre, não esquecer do trabalho, encarnação. Universalizar os 3 Ts: Terra, Teto e Trabalho;
- Articulação com movimentos sociais (MST, MMC), Povos originários para produção e comercialização/distribuição de alimentos saudáveis e artesanato; pensar e articular ações coletivas e inserção ao trabalho e renda, visando auxiliar e fomentar a continuidade de ações existentes e novas ações;
- Auxiliar na articulação da criação das Casas de Francisco e Clara;
- Criar ou ampliar os fundos diocesanos de solidariedade;
- Iniciativas para pacto mundial econômico;
- Combate à fome - apoio a todos os projetos que visam acabar com a fome e à insegurança alimentar;
- Apoio ao pontificado do Papa Francisco e ao seu projeto de casa comum e do pacto econômico mundial;
- Projetos do Fundo Nacional de solidariedade (CNBB - CF) e projetos das Cáritas;
- Acolhida aos imigrantes, indígenas e pessoas de outros países, propiciando presença nas formações e organizações das CEBs;
- Luta pela demarcação das terras indígenas e contra o Marco temporal;
- Comercialização de produtos naturais; reafirmar a partilha comunitária, para uma economia solidária;

- Empoderar as mulheres na metodologia de Paulo Freire, ouvindo a comunidade (como por exemplo a criação da horta comunitária, associações), possibilitando aos agentes envolvidos, sonharem juntos e concretizarem esse sonho;
- Ouvir os clamores, se fazer presente com entidades que já desenvolvem trabalhos que geram uma economia solidária e humanizada;
- Apoiar e fortalecer os pequenos agricultores e estabelecimentos que de fato pensam e vivem uma economia solidária;
- Potencializar a força da organização enquanto comunidades encarnadas na vida do povo, fazendo opção por uma economia de Francisco e Clara, que defende a vida e a partilha entre todos;
- Bancos de sementes crioulas;
- Sermos ousados e persistentes em nossa caminhada;
- Dialogar com os bispos para colocar em prática a economia de Clara e Francisco;
- Evitar comprar de grandes empresas e shopping... valorizar a produção das pequenas propriedades e agroindústrias familiares;
- Conscientizar na escolha de nossos governantes.

4.4 - CEBs E EDUCAÇÃO – PLENÁRIA CERRADO

1. Que desafios precisam ser superados nas nossas comunidades para que a vivência desse processo educacional coletivo seja instrumento para a construção do novo céu e da nova Terra?

- O compromisso com o pacto educativo global;
- Trabalhar a diversidade acolher a população LGBTQIAPM+, respeitando as diferenças;

- Superar o individualismo, o fundamentalismo e o fascismo;
- Fortalecer a formação nas comunidades eclesiais de base;
- Conquistar direitos em relação à educação;
- Voltar às bases, com atitude de escuta atenta; valorizar a identidade coletiva;
- Conhecer e entender a realidade para transformar – ajudar o povo a compreender as causas dos problemas;
- Valorizar a cultura local com seu potencial produtivo;
- Construir processo de formação popular permanente que despertem a consciência crítica;
- Superar o clericalismo em vista de uma igreja sinodal;
- Precisamos ter consciência que o investimento é necessário para superarmos os desafios do processo educacional;
- O relacionamento do poder público com as comunidades: mais atenção, respeito e valorização do povo;
- Atentos(as) aos clamores dos tempos e do povo (escuta);
- Mudança de paradigma da igreja; superar as verticalizações das estruturas;
- Mobilizar os(as) jovens, as mulheres, as crianças na construção da caminhada das CEBs a partir da memória;
- Conseguir alcançar o povo através dos estudos bíblicos, rodas de leitura;
- Falta de participação dos membros das CEBs em instâncias de controle social e nas iniciativas de educação popular;
- Politização da educação para descolonização das comunidades e conquista da autonomia;
- O sistema formal de educação é insuficiente para a formação de cidadãos do Reino com a institucionalização do novo ensino médio e insegurança nas escolas;
- Falta de compreensão do que é uma escola laica;

- Políticas educacionais deterministas; falta de diálogo da educação formal com a realidade local da base, com metodologias participativas, populares e contextualizadoras;
- Superar confrontos e polaridades presentes na comunidade;
- Assumir sem medo a luta na política para conquistar leis de interesse coletivo para o bem comum, disputando espaços e mandatos eletivos.

4.5 - CEBs E ECOLOGIA INTEGRAL – PLENÁRIA CAATINGA

1. Como podemos realizar a Ecologia Integral à luz do Magistério do Papa Francisco, em nossas lutas e realidades, em vista à soberania alimentar e ao bem viver de todas as pessoas?

- Fortalecer as associações de base, a agricultura familiar e a agroecologia; contribuir como Igreja para fortalecer a compra direta da agricultura familiar para as escolas, creches, hospitais e presídios;
- Quebra de comportamentos: descarte de resíduos, ver onde fazer as compras;
- Mudar (e provocar reflexões) a consciência ambiental;
- Trabalho em rede, dando apoio a movimentos sociais que dialogam com as causas ambientais; trabalhar a consciência a partir das crianças e mudar a consciência dos adultos (conversão ecológica) para que tenham uma mudança de postura perante as causas ambientais;
- Criar, fortalecer os guardiões ecológicos (Querida Amazônia) para ação em defesa da Casa Comum, a Mãe Terra, defesa das águas, dos territórios;
- Incentivar a pastoral ecológica nas comunidades, paróquias e dioceses; fortalecer as pastorais sociais;

- Incentivo a feiras e trocas de sementes crioulas, bem como a criação de banco de sementes; proteger as sementes tradicionais dos Povos indígenas e comunidades.
- Mudança de hábitos alimentares, medicinais...;
- Mudança para uso zero de descartáveis nas nossas atividades e encontros pastorais;
- Necessidade de aprender a descascar e não a desembulhar;
- Lutar pela garantia e defesa da demarcação das terras indígenas de todos os povos indígenas do Brasil como ação em defesa da ecologia integral;
- Lutar contra o Marco Temporal e fazer uma ação concreta do 15º Intereclesial das CEBs (uma vigília, abaixo assinado, moção de apoio aos Povos indígenas);
- Que a Igreja possa se posicionar na COP 30 (2025) na defesa dos direitos da Casa Comum;
- Fortalecer o Bem Viver dos Povos indígenas e como Igreja estar abertos para aprender e valorizar a vida, a cultura dos povos indígenas;
- Garantir a proteção dos Territórios Indígenas é garantir a vida dos rios e da floresta, garantia das presentes e futuras gerações;
- Fortalecer na nossa Igreja a teologia da Criação; lutar pela garantia dos Direitos da Natureza.
- Lutar contra a mineração e o modo como a produção energética tem afetado drasticamente as comunidades de base, povos originários, pescadores, indígenas, quilombolas etc;
- Proteger os biomas dos agrotóxicos e lutar para criar leis municipais e estaduais para não uso de agrotóxicos;
- Por em prática a "sobriedade feliz" (DAp), para diminuir o consumismo incentivado pelo modelo capitalista;
- Promover formação dos documentos do Magistério da Igreja e do Papa Francisco;

- Participar efetivamente da política.

4.6 - TESTEMUNHOS – NOSSAS CAUSAS

Minhas causas valem mais que a minha vida.

Minhas causas valem mais que a minha vida.

Minhas causas valem mais, mais, mais que a minha vida.

Nossas...

Pedro Casaldáliga / Vitor Hugo e Antony Ventura

4.6.1 – A CAUSA DA JUVENTUDE - MICHELLI GONÇALVES, PASTORAL DA JUVENTUDE/BRASIL

“Bom dia, sou a Michele, diocese de Picos/Piauí. Estive a serviço da PJ de 2020 até esse ano de 2023. Este ano vamos celebrar 50 anos de existência da PJ no Brasil. Nós da PJ nos reconhecemos como filhos e filhas das CEBs e temos profundo respeito e admiração pela caminhada das CEBs no Brasil e tudo o que ela representa no Brasil, por isso, estamos aqui. Nas CEBs nos reconhecemos e pertencemos. Convido a quem tem até 29 anos para ficar em pé – quem é jovem se aproxime um pouco aqui da frente – convido a olhar os rostos dos jovens. *Deixa-me ser jovem, não impeça de lutar, pois a vida nos convida, uma missão realizar!*”

Nós da Igreja no Brasil precisamos conhecer as Juventudes. Para conhecer precisamos estar juntos. Ocupem esse espaço que é nosso! Temos que reconhecer e amar a juventude. Aqui estão as juventudes da PJ, do meio popular e do meio rural. Estamos na discussão da juventude na ótica das galileias juvenis, precisamos amar, ver onde a juventude está, temos a galileia da juventude mulher que sofre violência, a cada momento mulheres são assassinadas. Temos a galileia da juventude indígena, galileia da juventude negra, galileia da juventude LGBTQIA+, galileia da juventude carcerária, galileia da juventude desempregada, subempregada, a galileia da juventude com deficiência, a galileia da juventude migrante, a galileia da juventude do campo... A galileia das questões existenciais da juventude. A juventude é a que mais sofre com depressão. Como a juventude irá

construir um projeto de vida num país que não nos permite viver e anula a nossa existência? Como construir igreja nesse país? Precisamos olhar com sensibilidade, num país que não nos permite viver. Temos que dizer que a Galileia é um território de conflito, de disputa de poder, mas também é terra fértil, terra boa e Jesus disse partam para Galileia, que lá vocês verão Deus. Na juventude, temos a novidade do Evangelho. Olhem para juventude, nossos rostos. Do chão das galileias brotam muitas iniciativas de resistência. Nós da PJ, PJMP – PJ Rural, nós temos um sentimento de pertença as CEBs, nós que podemos garantir a continuidade da existência e caminhada das CEBs. O que queremos nestes 50 anos de PJ – é continuar construindo um novo céu e uma nova terra junto com as CEBs, reafirmar nosso compromisso de caminhar com as CEBs e aqui desta plenária quem quiser reafirmar esse compromisso com a juventude fique de pé. Porque queremos ir juntos e juntas com vocês, nem na frente, nem atrás, para construir o Reino de Deus”.

4.6.2 – A CAUSA INDÍGENA - ANASTÁCIO PERALTA, LIDERANÇA INDÍGENA GUARANI-KAYOWÁ /MS

“Bom dia a todos e a todas. Estou feliz de ver a poesia e a música. De ver o povo feliz, eu sou feliz porque existo. A terra, a mãe terra é o corpo da mulher feliz. A terra tem as sementes que são os jovens que subiram aqui. O futuro da juventude está na ancestralidade, está na natureza, amar a terra, amar a água. Precisamos nos amar e gostar da natureza. As pessoas têm um compromisso muito forte de dar vida e força para juventude. Precisamos nós cuidar desse futuro. Para dar a vida à juventude precisamos fazer a terra respirar, as sementes nascer e as árvores brotar. Senão não terá vida da juventude. Para isso, precisamos fazer a terra brilhar, as sementes germinar, porque o agronegócio e o veneno estão tomando conta do nosso país, matando e destruindo. Eles só sabem destruir. Precisamos mudar a lógica. No meu corpo tem água, terra e semente. No meu conceito Kayowá-eu sou a natureza, a água que corre sobre a terra é nosso sangue, é nossa vida, porque no meu corpo tem a semente, a flor. A

vitamina está no ar, na terra, na água. A colonização não quer isso, eles querem acabar com toda a natureza. Precisamos entender que queremos um novo céu e uma nova terra. Precisamos fazer parte deste mundo e lutar para preservar a natureza. Quando Deus fez a terra, a água, a semente, ele nos enviou, os povos indígenas para cuidar da mãe da terra, ele mandou todos os seres humanos. Nós somos admiradores da obra de Deus”.

4.6.3 – CAUSA DAS MULHERES E PELA REFORMA AGRÁRIA POPULAR – ITELVINA MARIA MASIOLLI, MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA/MT

“Que alegria poder estar aqui. Sou uma mulher camponesa – de um acampamento daqui de perto. Quero dizer que o MST também se sente reconhecido nas CEBs. Especialmente das CEBs e Pastoral da Terra. Este ano completamos 28 anos de luta e resistência e nascemos aqui nesta região do Mato Grosso. Queremos trazer nosso reconhecimento ao saudoso Dom Osorio, Dom Juventino, que sempre contribuíram com o nosso movimento. Nossa luta não é uma luta separada da luta da classe trabalhadora, para buscar vida em abundância. Vivemos numa sociedade marcada por uma profunda desigualdade social que mata nossos corpos e territórios, com tanta violência. E vai matando a nossa juventude, nossos sonhos, gerando tantas violências e enfermidades. Uma sociedade marcada pelo ódio de tantos seres humanos. Nós como mulheres lutadoras estamos aqui com o pé na porta e não queremos o desenvolvimento deles. Nosso projeto é um projeto de vida, acabar com as contradições e construir uma sociedade pautada no amor, na igualdade, e na preservação das lutas dos nossos ancestrais. A luta pela reforma agraria popular do nosso povo e nos diferentes territórios. É nosso direito ter o alimento saudável e é deste alimento que estamos falando. É uma alegria que parte deste alimento que estão nos alimentando aqui são de nossas mãos. Por isso somos contra essa CPI, que quer criminalizar não somente o MST mas todos os movimentos sociais, acabar com nossa luta. Queremos dizer que a Reforma Agraria é uma luta de toda a sociedade. Papa Francisco nos diz – Nenhuma família

sem teto, sem trabalho, sem terra, sem direitos sociais. Queremos entregar para coordenação do 15º Intereclesial a nossa bandeira de luta, que vem sonhando a vida digna a tantos homens, mulheres e crianças, para sermos o que nós queremos ser, e erguer a cabeça em qualquer lugar. Não podemos pensar a sociedade sem o trabalho do Camponêsque produz nossos alimentos que é vida para todo o nosso povo”.

4.6.4 – A CAUSA DOS MIGRANTES – ADRIANA PITTA SILVA, AGENTE DA PASTORAL DO MIGRANTE/RORAIMA

“Sou Adriana Silva Pitta – eu venho da Venezuela, mas nasci em Bogotá-Colômbia. Quando era criança, seis anos, meus pais vieram morar na Venezuela. Eu sempre fiquei pensando: meu Deus, temos que amar onde nascemos e o país que nos dá teto, trabalho e vida. Então essa raiz de migração que está em meu sangue, surgiu a vontade de vir para o Brasil, porém não queria deixar a Venezuela, sou advogada, especialista na área administrativa. Vim para o Brasil com pouca coisa. Quando cheguei no Brasil fiquei cinco dias em Pacaraima, sem onde dormir e sem conhecer ninguém. No Brasil estudei o ensino fundamental. Quando cheguei aqui, queria conhecer a cultura. Minha filha estava graduando na Venezuela e disse para minha filha para vir para o Brasil. Vieram e não foi como pensei ou como pensava, não trouxe nada da Venezuela, quando cheguei não tinha onde dormir e não conhecia ninguém e sim o meu povo sempre sofrendo em família. Dormiram no chão com toda a família, em frente de um estabelecimento, com minha filha, irmã e filho. Em Roraima procurei uma Igreja católica. Desde pequena participei da Igreja católica. Quando cheguei na Igreja estava lá um ministro presidindo, não era missa e não estávamos acostumados com isso. Depois fui até a Cáritas para descobrir formas de conseguir recursos para a minha filha fazer a universidade. Pediram para trazer o currículo e apresentou na universidade. Quando passa isso, tenho um acidente e quebro o pé e daí passo na catedral e quem cumprimentou foi o padre. E a missa era o Bispo Dom Mario Antônio– ali eu fiz voluntariado nas irmãs Consolatas. Comecei a trabalhar de faxineira.

Minha história é muito longa e bonita, dou graças as Deus, a Dom Mário Antônio e as Irmãs Consolatas. Hoje estou com as missionárias Scalabrianas”.

4.6.5 – A CAUSA DO POVO NEGRO - PETERSON PRATES, CEBs/SÃO PAULO

Primeiro dizer que sou Peterson de Sapobemba da zona Leste de SP. Um jovem como eu, preto, 26 anos. Nós jovens pretos hoje somos maioria na população carcerária. O índice que temos é o índice de assassinato. A carne mais barata do mercado é a carne negra. Nós estamos neste espaço que chamamos “Casa Comum”, mas nos faz pensar no racismo imobiliário, que expulsa os pretos para as periferias. Como discutir os biomas? Falamos de tantos gritos – os gritos que fomos colocando aqui, têm que ser encarnados. Os precarizados da dinâmica do trabalho, escravidão, urberização são a população preta e pesa mais sobre os pretos e pretas e precisamos dizer não ao racismo ambiental. Lá em SP onde moro a média é morrer aos 57 anos, o nome disso é racismo estrutural, não existe bem viver com racismo, com omissão e não existirá novo céu e nova terra, se não atingirmos esses racismos.

A estrutura racista atinge também a Igreja. Na CF/88 discutimos a questão racista. Será que aqui não tem mais pessoas pretas nas equipes de trabalho do que nas assessorias desse nosso encontro? Quanto pretos? Temos o trabalho resistente da população Afro, mas muito ainda precisamos avançar. Para encerrar gostaria de lembrar o que foi dito na missa dos quilombos que repetíamos: **“a alma não é branca o luto não é negro”!** Axé.

4.7 - FORTALECENDO AS CEBs DO BRASIL: DESAFIOS E CUIDADOS NA CAMINHADA – FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR²²

15º Encontro das Comunidades Eclesiais de Base do Brasil. Um verdadeiro Pentecostes. Gente de todos os cantos do país e de outros países da América Latina: lideranças de comunidade, agentes de pastoral, religiosos/as, padres, bispos, membros de outras igrejas cristãs e de outras religiões, militantes de organizações e movimentos populares... Foram dias intensos de convivência fraterna, reflexão e oração sobre os desafios de nossa realidade e a missão de ser “Igreja em saída a serviço da vida plena para todos e todas”. Expressão viva de uma Igreja sinodal: povo de Deus, na diversidade de seus carismas e ministérios, em comunhão ecumênica, inter-religiosa e social, a serviço do Reino de Deus no mundo. Depois de refletir sobre os desafios da realidade (ver) à luz do Evangelho de Jesus Cristo e das primeiras comunidades cristãs (julgar/iluminar), chamamos atenção para alguns desafios e cuidados na caminhada de nossas comunidades (agir):

1. Não desanimar na caminhada

O Concílio Vaticano II e sua recepção na América Latina desencadeou um novo jeito de ser Igreja: Povo de Deus a serviço do Reino de Deus no mundo. É nesse contexto que nascem e se multiplicam comunidades eclesiais de base por todos os cantos de nosso país: fermento/sal/luz de salvação/libertação no mundo. Mas o contexto eclesial atual é muito diferente. Não por acaso, Francisco tem falado tanto contra a auto-referencialidade e o clericalismo na Igreja e tem insistido tanto numa conversão missionária (saída para as periferias) e sinodal (caminhar juntos do povo de Deus na missão). E não por acaso, ele tem encontrado tanta

²²Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte- CE; professor de teologia da Faculdade Católica de Fortaleza e da Universidade Católica de Pernambuco: assessor teológico-pastoral. (CE)

resistência na Igreja. Essa situação pode levar à tentação do desânimo na caminhada: perda do entusiasmo, pessimismo, azedume... uma espécie de depressão eclesial... O desafio aqui é cultivar e irradiar a alegria que vem do encontro com o Senhor e seu Evangelho, mesmo em contexto adverso e como “minorias abraâmicas”. Não esqueçamos nossa vocação de fermento, sal e luz...

“Lutar e crer, vencer a dor, louvar o criador, justiça e paz hão de reinar e viva o amor”.

2. Não desistir da comunidade

Nossa fé nos reúne e nos faz comunidade. A fé se vive em comunidade. O Concílio Vaticano II recuperou a consciência da Igreja como povo de Deus e a Igreja da América Latina concretizou isso em comunidades eclesiais de base. Mas o fortalecimento do clericalismo nas últimas décadas, aliado à crise do comunitário e à centralidade da subjetividade, acaba tornando a comunidade secundária e até desnecessária na vivência da fé. Em geral, nossas comunidades estão reduzidas a culto, catequese e dízimo, quando não são tratadas como fonte de renda e sustentação da estrutura paroquial. O que menos conta é a vida comunitária e sua missão na sociedade. O desafio aqui é recuperar e cultivar a dimensão comunitária da fé: comunidades geográficas ou ambientais; inspiradas nas primeiras comunidades; lugar e instrumento de fraternidade; abertas a todas as pessoas, sobretudo aos pobres e marginalizados; em comunhão ecumênica, interreligiosa e social; expressão privilegiada de sinodalidade: comunhão, participação e missão.

“Eu sou feliz é na comunidade, na comunidade eu sou feliz”!

3. Não banalizar a missão

A Igreja é por natureza missionária. Ela existe para a missão. Mas é preciso ter muito claro qual é a missão cristã. Não se pode identificar a missão com certas atividades pastorais (visitas, missões populares etc.) nem identificar os missionários com quem realiza essas atividades. A

missão cristã é mesma de Jesus: “tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Isso se concretiza na vivência do amor fraterno, no perdão e na reconciliação, na humildade e no serviço aos caídos à beira do caminho, aos pobres e marginalizados. A missão cristã é viver segundo e Evangelho e fermentar o mundo com a força do Evangelho. É um modo de vida. E isso diz respeito a todos os cristãos e se realiza em todos os âmbitos e espaços da vida: família, trabalho, lazer, política, redes sociais, comunidade eclesial etc. Todas as atividades que a Igreja realiza, inclusive o que se costuma chamar “animação missionária”, devem estar à serviço da verdadeira missão cristã que é viver e tornar presente e eficaz o amor de Deus pela humanidade.

“É missão de todos nós Deus chama eu quero ouvir a sua voz”.

4. Não deixar cair a profecia

Enquanto assembleia convocada e reunida pelo Senhor, a Igreja é portadora de sua Palavra no mundo. É chamada e enviada para anunciar, com gestos e palavras, com a própria vida, a Palavra de Deus – também nas horas difíceis e inoportunas. A profecia é a encarnação da Palavra de Deus em contextos bem concretos, particularmente em situações de oposição do projeto de Deus para a humanidade como as situações de injustiça, dominação e marginalização. Não por acaso, a profecia aparece na Escritura sempre ligada ao direito do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro. Ela tem várias dimensões: denúncia, anúncio, consolo. É exercida de modo individual ou comunitário. Realiza-se tanto no cotidiano da vida, como em situações mais dramáticas e extremas. O desafio aqui é “não deixar cair a profecia”, sobretudo em tempos de neofascismo político e religioso. Nossa reação à extrema direita, ao ódio, à mentira, às armas, à violência, é o compromisso inegociável com os pobres e marginalizados na luta por seus direitos.

*“Vidas pela Vida, Vidas pelo Reino, Vidas pelo Reino.
Todas as nossas Vidas, Como as suas Vidas,
Como a Vida d’Ele. O Mártir Jesus”!*

5. Não perder a esperança

Os desafios que a gente enfrenta na sociedade e na Igreja muitas vezes criam em nós um sentimento de impotência e descrença na possibilidade de mudança que gera desânimo e desmobilização. Sem esperança ninguém se mobiliza para a mudança. Mas o ser humano é um ser aberto e em construção. Nunca está pronto. Nada nesse mundo é definitivo. Por isso, a esperança sempre brota. Renasce de onde menos se espera. E o fundamento e a fonte de tudo isso é o Espírito de Deus, pelo qual tudo foi criado, que age na vida das pessoas e na história humana, que renova, sempre de novo e a partir de baixo, a face da terra. Ao dito popular “a esperança é a última que morre”, recorda poética e profeticamente Pedro Casaldáliga: “se morrer, ressuscita”. Somos “povo da Páscoa”, povo da Esperança: “esperança do verbo esperar”; esperança ativa, comprometida, militante; esperança teimosa e perseverante; esperança alimentada nos pequenos passos, no “inédito possível”; esperança processual e a caminho do Reino definitivo...

“Viva a Esperança! Viva a esperança”

4.8- PLENÁRIAS POR REGIONAIS

É hora de estabelecer os compromissos assumidos pelas CEBs e para as CEBs a partir deste 15º Intereclesial. Cada regional se reúne para realizar a sua plenária, respondendo às três questões:

1. *Qual o AGIR das CEBs na busca da vida plena para todos e todas?*

2. *Elencar três COMPROMISSOS a serem assumidos pelas CEBs em vista de uma Igreja autenticamente sinodal e uma sociedade mais justa efraterna, para os próximos 04 anos.*
3. *Como vamos retomar e/ou fortalecer as comunidades (círculos bíblicos, grupos de reflexão, etc) e a inclusão e participação da juventude na caminhada das CEBs?*

4.9 – CELEBRAÇÃO DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA

A noite deste dia é destinada à Romaria e Celebração dos Mártires da Caminhada – defensores e defensoras da vida do povo e da Casa Comum (anexo).



4.10 – CRÔNICA DO DIA

EU VI E SENTI...

Eu vi a vibração e os ecos da grande Casa Comum com expressões vivas através da oração que revelou o poder das diversas línguas dos povos originários.

Eu senti na pele que quando se perde uma língua é o Espírito de um povo que morre.

Eu vi que Deus entende todas as línguas, mas a colonização mata e oprime a vida dos povos.

Eu senti que com a língua temos a expressão do ser. Por mais que poluam, por mais que matem, por mais que queimem nossos troncos, jamais conseguirão destruir nossas raízes.

Eu vi todos os povos irmanados... todos os povos são parentes-irmãos, no mesmo sonho, na mesma luta e na busca da terra sem males.

Eu senti que nossas comunidades vibram e reagem vivamente à convocação do Papa Francisco para a construir uma Igreja em saída.

Eu vi que a Sinodalidade é um caminho de comunhão, participação e corresponsabilidade.

Eu senti que o caminho sinodal nos leva a comunhão. Nos leva a ser missionários... a ser fermento de transformação. A ser sal e luz para um mundo melhor para que todos tenham vida em abundância.

Eu vi que temos de ter e expressar alegria por sermos Comunidades Eclesiais de Base, pois o novo está em nossas mãos.

Eu senti que precisamos ser provocados pelas necessidades de renovação.

Eu vi a Ana Belém, com sua alma latina, pedir permissão para tocar todas as divindades presentes em cada um de nós e nos alertar que para ser CEBs precisamos estar no meio dos pobres.

Eu senti a bendita mistura que os jovens podem nos ajudar a viver...

Eu vi que precisamos olhar para a Galileia da Juventude e que este é o lugar onde podemos encontrar no rosto e no olhar de cada jovem o Cristo presente.

Eu senti que a ancestralidade presente em cada um de nós precisa amar e gostar da natureza.

Eu vi que o agronegócio, a mineração e o marco referencial ferem e matam a harmonia da natureza e, conseqüentemente, ignora a história e a vida de todos nós e nossos povos originários.

Eu senti que sou natureza. Que no meu corpo tem água, terra e semente...

Eu vi que a água que corre por cima da terra corre também como sangue em nossas veias.

Eu senti que de um lado tem um projeto de morte, de destruição. Mas por outro lado temos um projeto de vida, de lutas por melhores condições de vida. É a luta pela justiça social. É a luta para viver o amor, é a luta pela solidariedade e a produção saudável.

Eu vi que das mãos das mulheres camponesas que plantam as sementes, que cuidam da terra e que produzem os alimentos nos vem a garra, o compromisso e a força necessária para lutar, vem a vida...

Eu senti que acolher os migrantes é possibilitar novas experiências para a vida. Não precisamos ter medo do diferente que vem até nós.

Ei vi que o racismo não pode sobreviver no nosso meio. Que a mão do capital pode ser invisível, mas não é cega. Ela pesa e se impõe sobre a maioria preta.

Eu senti que com racismo não teremos bem viver e não se chegará ao novo céu e nova terra.

Eu vi que não podemos desanimar na caminhada... não podemos deixar que nos roubem a alegria de ser CEBs.

Eu senti que não podemos desistir da caminhada. Nossa Fé é comunitária. É preciso cuidar da comunidade.

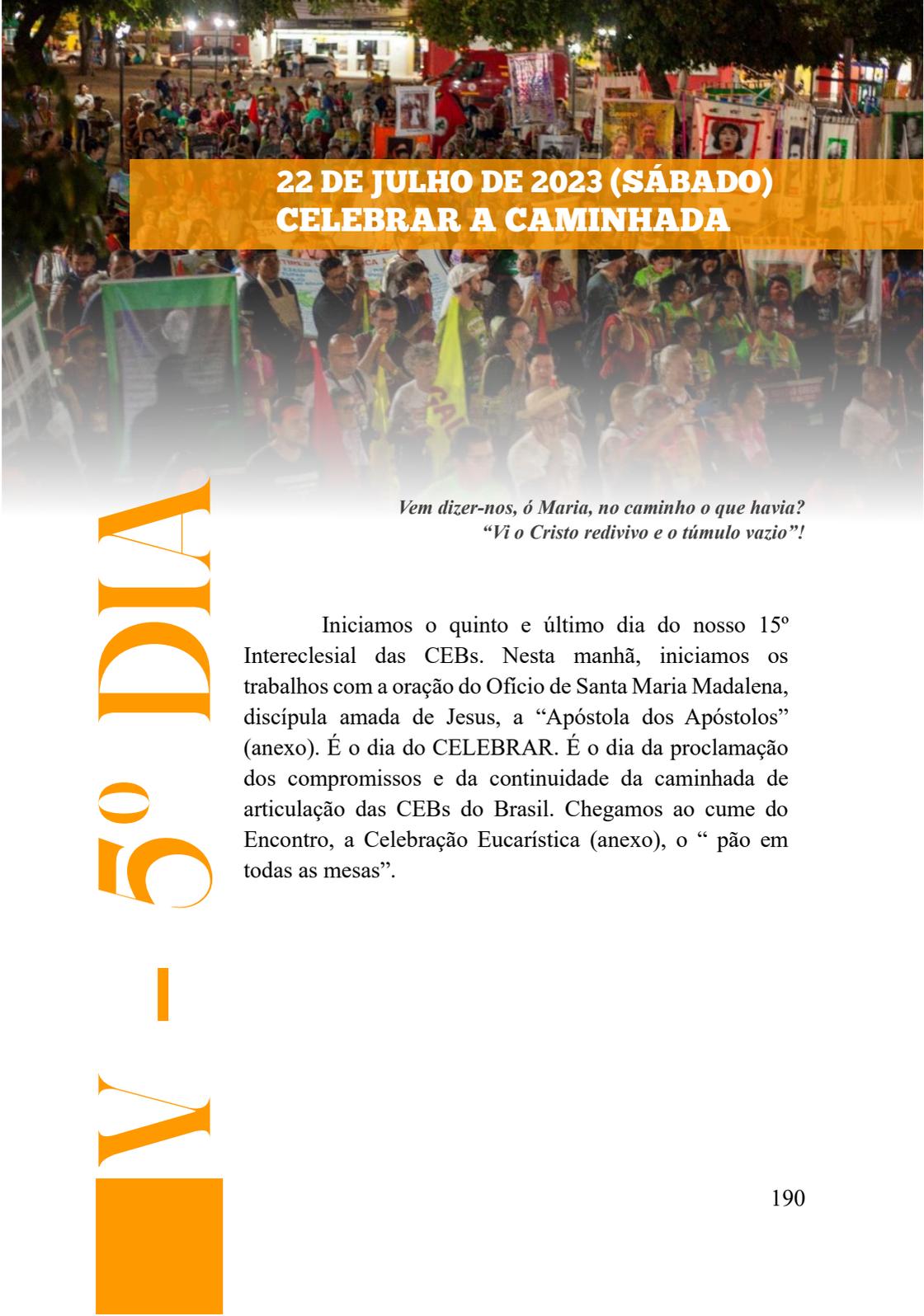
Eu vi que não podemos banalizar a missão. Ela é um modo de vida construído no cotidiano na lógica do Evangelho. Missão é de todos nós.

Eu senti que não podemos deixar morrer a profecia e a Palavra de Deus feita carne na humanidade e na defesa dos direitos dos pobres e marginalizados.

Eu vi que não podemos perder a esperança criativa, comprometida e lúcida diante das dificuldades.

EU VI E SENTI QUE UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA É POSSÍVEL E REAL...

(Pe. Marinaldo Serafim e Zanielza Pauli/ES)



22 DE JULHO DE 2023 (SÁBADO) CELEBRAR A CAMINHADA

*Vem dizer-nos, ó Maria, no caminho o que havia?
“Vi o Cristo redivivo e o túmulo vazio”!*

Iniciamos o quinto e último dia do nosso 15º Intereclesial das CEBs. Nesta manhã, iniciamos os trabalhos com a oração do Ofício de Santa Maria Madalena, discípula amada de Jesus, a “Apóstola dos Apóstolos” (anexo). É o dia do CELEBRAR. É o dia da proclamação dos compromissos e da continuidade da caminhada de articulação das CEBs do Brasil. Chegamos ao cume do Encontro, a Celebração Eucarística (anexo), o “ pão em todas as mesas”.

5.1 – ESCUTA DAS PLENÁRIAS DOS REGIONAIS

1 - Qual o AGIR das CEBs na busca da vida plena para todos e todas?

a. Bioma Amazônia – Regionais Norte 1, 2 e Noroeste

- Fortalecer os círculos bíblicos, através de visitas permanentes;
- Reencantar as comunidades, fortalecendo e retomando as CEBs;
- Trabalhar a fé-política, oferecendo formação às comunidades;
- Aproximar-se das juventudes e das crianças;
- Acolhida aos refugiados;
- A causa indígena: mais empenho e fortalecer a pastoral indigenista;
- Assumir a causa da Ecologia Integral, das mudanças climáticas.

b. Bioma Pantanal – Regionais Oeste 2 e Centro Oeste

- Fortalecer e articular as bases;
- Celebração dos momentos fortes nas comunidades para fortalecer a esperança e o encantamento pelas CEBs;
- Cultura do Cuidado: principalmente com as crianças, idosos e jovens. A pandemia nos ensinou ser presença mesmo de longe;
- Assumir a causa dos pobres e excluídos, para uma Igreja missionária e em saída.

c. Bioma Cerrado – Regionais Nordeste 4, 5 e Norte 3

- Olhar especial para a Juventude que comunga da nossa caminhada;

- Opção pelos empobrecidos, marginalizados e excluídos, a luz do Evangelho e do que nos pede o Papa Francisco;
- Dialogar com os padres para caminhar juntos, bem como com as nossas pastorais sociais;
- Vivenciar e reafirmar nosso jeito de ser igreja, não deixando morrer a profecia e sendo de fato uma Igreja em saída;
- Um comprometimento com a palavra de Deus e no cuidado com a Casa Comum, reafirmando nosso lugar enquanto Igreja, ao lado dos esquecidos, injustiçados e empobrecidos, fortalecendo a pastoral de conjunto;
- O agir em nossos territórios, olhando para realidade e de fato mudá-la;
- Fortalecer a Igreja doméstica, com círculos bíblicos, grupos de reflexão, grupos de rua;
- Formação política e bíblica, encarnada na vida do povo.

d. Bioma Caatinga – Regionais Nordeste 1, 2 e 3

- Fazer memória da história das CEBs, retomando a eclesiologia da Igreja Povo de Deus (Doc. 100 – CNBB, Comunidade de Comunidades);
- Fortalecer a Pastoral da Juventude para revitalização das CEBs;
- Produzir subsídios próprios das CEBs para uso ao longo do ano;
- Fortalecimento dos processos de comunicação através dos diversos meios de comunicação.

e. Bioma Mata Atlântica – Regionais Leste 1, 2 e 3

- Missões Populares, motivar os círculos bíblicos, incentivar a fomentação de Escolas de Fé & Política;

- Resgatar a Pastoral da Juventude; fortalecer a articulação entre juventudes e CEBs;
- Pastoral da Escuta; Pastoral Afro;
- Ampliar o debate da Laudato Sí - a Casa Comum;
- Estabelecer processos de formação: Escola de Teologia, Estudo Sistemático da Doutrina Social da Igreja; fortalecer a formação bíblica e política;
- Ser coerente e fiel ao Evangelho;
- Agir frente à emergência climática, cuidado com a casa comum;
- As CEBs como rede de articulação das lutas e comunicar estas lutas;
- Participar nos conselhos de direitos.

f. Plenária Casa Comum – Regionais Oeste 1 e Sul 1

- Criação de comunidades ambientais (grupos de trabalhadores, comerciantes, serviços domésticos) para, a partir da Palavra reconhecer os gritos;
- Retomar o Doc. 100/CNBB - Comunidades de comunidades - principalmente em cidades pequenas (só uma paróquia), seguindo a metodologia do “Ver-Julgar-Agir”; acolhimento das comunidades;
- Fortalecer a reflexão política, pastoral, bíblica. Fé e política têm que andar juntas. Trabalhar em vista das eleições municipais;
- Articular com os movimentos sociais e sindicatos;
- Formação sistemática na base para fortalecimento das CEBs com temas como Ecologia Integral, Economia de Francisco e Clara;
- Rearticular a Pastoral da Juventude; abraçar as galileias juvenis;

- O Marco Temporal é algo que tem que ter uma ação nossa como CEBs. É um primeiro agir imediato. Pensar uma vigília permanente em todo o Brasil;
- Questão da fome é urgente. Como está a compra de merenda da agricultura familiar? Tem conselho alimentar? Criar hortas domésticas e comunitárias;
- O Intereclesial está girando em torno de 3 temáticas: 1) Juventude: renovação, assessores jovens etc.; 2) terra (marco temporal, meio ambiente, povos originários e outras questões ligadas a terra; 3) poder na Igreja: clericalismo dos padres e dos leigos. É preciso pensar ações concretas para esses temas;
- Favorecer a união e a comunhão que nos alimenta no compromisso que nos anima, motivar a espiritualidade libertadora;
- Conscientização sobre o veneno no agronegócio nas redes sociais e meios de comunicação;
- Participação política nos movimentos e conselhos participativos, conselhos tutelares e junto ao legislativo;
- Estreitar, fortalecer e ampliar as relações das CEBs junto com as Pastorais Sociais, Fé e Política, Escolas de Cidadania para formação e atuação na defesa da vida;
- Reforçar a nossa identidade, o que somos, em que acreditamos. Entender que a responsabilidade é de cada um, o modo de ser. As CEBs estão presentes em todas as pastorais.

5.1.2 - ELENCAR 03 (TRÊS) COMPROMISSOS A SEREM ASSUMIDOS PELAS CEBs EM VISTA DE UMA IGREJA AUTENTICAMENTE SINODAL E UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E FRATERNA, PARA OS PRÓXIMOS 04 ANOS.

a. Bioma Amazônia – Regionais Norte 1, 2 e Noroeste

1. Círculos Bíblicos;
2. Pastoral da Juventude;
3. Pastorais Sociais;
4. Fortalecimento das Comunidades.

b. Bioma Pantanal - Regionais Oeste 2 e Centro Oeste

1. Formação: Bíblica, Teológica, Pastoral e Ecológica nas comunidades, paróquias e regional;
2. Articulação e formação para as juventudes nas CEBs;
3. Assumir as causas da defesa da vida dos povos e da Casa Comum.

c. Bioma Cerrado – Regionais Nordeste 4, 5 e Norte 3

1. Defesa da Casa Comum e Ecologia Integral (no âmbito eclesial, social e ambiental);
2. Formação Integrada (humana, política, social, ambiental, bíblica-teológica) para um laicato comprometido;
3. Articulação com a Juventude.

d. Bioma Caatinga – Regionais Nordeste 1, 2 e 3

1. Retomar os Círculos Bíblicos e as Formações a partir das Cartilhas próprias das CEBs do Brasil;
2. Fortalecer a comunicação por meio do uso das mídias sociais (Internet, TV, Rádio e Impressos);

3. Criar o GT de Juventudes nas CEBs Regional e Nacional e promover condições concretas para as juventudes participarem da caminhada das CEBs.

e. Bioma Mata Atlântica -Regionais Leste 1, 2 e 3

1. Resgatar o Círculo Bíblico e promover formação bíblica e política;
2. Colocar em prática a catequese do Papa Francisco (Igreja em Saída);
3. Reforçar o papel do cristão leigo e leiga nos espaços de referência eclesial;
4. Fortalecer a articulação nas bases;
5. Promover articulação com as juventudes.

f. Bioma Pampa – Regionais Sul 2, 3 e 4

1. Estimular a participação nos espaços consultivos e deliberativos intra e extra eclesial;
2. Investir nos Grupos de Reflexão/círculos bíblicos com materiais próprios das CEBs;
3. Assumir a Juventude na base das comunidades;
4. Incentivar as Pastorais Sociais.

g. Bioma Casa Comum – Regionais Oeste 1 e Sul 1

1. Poder na Igreja: atuação numa desclericalização através de formação e articulação das CEBs na base, círculos bíblicos aos moldes do CEBI;
2. Terra e cuidado da casa no nível individual e comunitário: conscientização sobre os recicláveis, cuidado alimentar e refletir os referenciais da agroecologia; defesa da Casa Comum, dos direitos dos povos e da natureza;
3. Promover formação para todos e todas, visando a conscientização política e social;

4. Fortalecer a visibilidade, comunhão e a unidade entre as CEBs;
5. Valorizar as práticas de ministérios leigos nas nossas comunidades, em especial de mulheres.

5.1.3. COMO VAMOS RETOMAR E/OU FORTALECER AS COMUNIDADES (CÍRCULOS BÍBLICOS, GRUPOS DE REFLEXÃO, ETC) E A INCLUSÃO E A PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE NA CAMINHADA DAS CEBs?

a. Bioma Amazônia

- Acompanhar as Comunidades Eclesiais de Base, através de encontros de setores (confraternização, animação, formação, celebração);
- Buscar as juventudes e criar espaços e grupos para os jovens;
- Realizar encontros de formação permanente.

b. Bioma Pantanal

- A partir do 15º Intereclesial retomar os círculos bíblicos (cartilhas, livro de mês da Bíblia, CF e outros subsídios das Dioceses);
- Valorizar os artistas da caminhada (música, artes, contadores de histórias), resgatando as músicas das CEBs;
- Continuar o processo de escuta das pessoas e comunidades; incentivar a participação nos Conselhos de Pastorais;
- Realizar encontros para celebrar a Memória dos Mártires das nossas comunidades e das vítimas da Covid-19;

- Estabelecer maior ligação entre CEBs, CPT, CIMI e Pastorais Sociais e os movimentos populares;
- Participar nas Políticas Públicas;
- Valorizar a participação dos jovens nas comunidades;
- Propiciar formação integral para as lideranças;
- Resgatar o Ofício Divino das Comunidades.

c. Bioma Cerrado

- Identificar as comunidades eclesiais de base para propor caminhos de fortalecimento;
- Formação política, humana e social, de preferência pelas políticas públicas;
- Iniciar uma experiência de encontros com as comunidades (dimensão celebrativa da palavra de Deus);
- Inserir a Juventude, em suas diversas galileias, no planejamento das ações na vida das comunidades.

d. Bioma Caatinga

- Buscar meios de sustentabilidade das comunidades e a participação dos membros nos encontros de CEBs;
- Criar pontos de comunicação entre o Regional e as Comunidades, divulgando o trabalho das comunidades;
- Promover formação integral (Eclesial, Bíblica, Política e de Relações sócio humanas);
- Participar das ações comunitárias visando contribuir na formação.

e. Bioma Mata Atlântica

- Propiciar formação para os formadores, promovendo um planejamento sistemático e continuado, tendo

sensibilidade para ir ao encontro de todos os cristãos e da juventude, pontuando a reinserção das CEBs nas próximas diretrizes evangelizadoras da Igreja no Brasil;

- Articular as CEBs através do fortalecimento dos pequenos grupos, incentivar e acompanhar nas bases a vida cotidiana das comunidades, mesmo no quadro em que não seja favorável essa presença;
- Trabalhar a caminhada das CEBs com ações locais nos territórios.

f. Bioma Casa Comum

- Conhecer a identidade das CEBs;
- Reforçar as CEBs como parte do magistério, que não pode ser apagada ou substituída. Ela faz parte da eclesiologia da Igreja na América Latina e Caribe;
- Incentivar as reuniões para rezar o ODC, as novenas de Natal ou padroeiro, CF, animar os grupos de rua, etc;
- Fortalecer a relação fé e vida, as práticas da espiritualidade libertadora, seja em processos formativos, como também em momentos de oração;
- Articular as CEBs, ser persistente, acreditar na luta e na força das comunidades; dar visibilidade às CEBs através de suas ações e meios de comunicação;
- Fortalecer a relação fé e vida, trazendo para as nossas ações: a) Economia de Francisco e Clara; b) Reencantar a política à luz do Evangelho; c) Formação bíblica com o CEBI; d) Formação dos agentes como protagonistas da ação eclesial, tendo em vista que muitas ações da Igreja são dinamizadas pelas pessoas das CEBs;
- Refletir o processo da vida e missão da Paróquia, tendo em vista que as comunidades estão ligadas às paróquias;

- Continuidade dos processos formativos iniciados na pandemia;
- Estabelecer o grupo de jovens como estratégia e espaço de preparação para a crisma, com jovens à frente desses grupos, apoiando e fomentando o protagonismo juvenil dentro da comunidade e um diálogo mais aberto com os jovens.

g. Plenária Povos Indígenas

- Apresentar aqui as estratégias e a realidade que os povos indígenas enfrentam nos territórios;
- Lutar pela demarcação dos territórios e reconhecimento/fortalecimento dos territórios já demarcados;
- Fortalecer a autonomia dos povos indígenas – educação escolar específica e diferenciada na área da saúde, da juventude, segurança e soberania alimentar;
- Estabelecer ações de parcerias com lideranças indígenas para superação das violências;
- Realizar ações de prevenção contra as drogas – principalmente o alcoolismo;
- Buscar apoio para o fortalecimento das organizações dos Povos Indígenas no Brasil.

5.2 – UM OLHAR SOBRE O AGIR

O olhar teológico sobre o agir a partir das reflexões de Aquino Jr. e Celso Carias, apontam os grandes desafios:

1) Negação dos direitos no campo e na cidade e exercício da missão na vida plena para todos e todas – CEBs a serviço da vida plena para todos e todas – a luta por direitos e pela casa comum, é missão de todos nós. Nada mais religioso do que o amor e a justiça. Vocês conhecem

São João, que nos diz que Deus é amor, e que não há nada de mais Santo que o amor. Ao socorro aos necessitados, aqui se vive o amor de Deus. Aqui tem as diversas formas de negação de direitos.

2) Desafios ligados à vida da Comunidade - O jeito da gente se organizar e viver em comunidade é o Reinado de Deus. As nossas comunidades não podem se organizar de qualquer jeito. Por isso o Papa Francisco nos apresenta – uma Igreja de Comunhão – Participação – Missão. Igreja em saída para as periferias e Igreja Sinodal. Aqui tem o desafio para que nossas comunidades possam ser espaços de comunhão e participação e de diversas formas de poder. Exercitar uma forma nova de viver a fé em comunidade. O serviço ao bem da comunidade, um desafio imenso.

Celso Carias lembra a narrativa do Evangelho, onde os discípulos dizem a Jesus: “vamos armar uma tenda e ficar aqui contemplando”. “Estamos vivendo aqui. Saímos do Intereclesial muito animados, retornando as nossas bases, recomeçando o processo. Vou aqui fazer uma breve provocação – o método ver-julgar-agir, acaba tendo umas lacunas. Sempre fazemos um bom ver, um razoável julgar e o agir muito superficial. Temos que pegar a luz e olhar para o horizonte, como podemos chegar às nossas bases e fazer com que determinadas perspectivas possam acontecer. JUVENTUDE apareceu em todos, CIRCULOS BÍBLICOS em todos. Chegando na nossa diocese, vamos conversar com o Bispo para dizer que assumimos compromissos, mas isso não vai resolver, nós precisamos tomar corpo pelo nosso Batismo – a colocação que a Tea fez, nas nossas comunidades somos minoria, precisamos encontrar no limite quais são os rostos, homens e mulheres que possam se encontrar e levar a frente aquilo que acreditamos. Mesmo que nossos bispos e padres não queiram, ninguém é proibido de criar círculos bíblicos, de se reunir nas casas. Precisamos de algum modo ir concretizando de maneira devagar, de modo que no próximo intereclesial muitas coisas conseguimos realizar dos compromissos aqui assumidos e os participantes aqui, lá na base sermos protagonistas. Assim nós teremos futuro, vamos em frente a estrada está sendo aberta”.

5.3 – MOÇÕES E MENSAGENS DO 15º INTERECLESIAL

5.3.1 – MOÇÃO DE APOIO EM DEFESA DO DIREITO ORIGINÁRIO DOS POVOS INDÍGENAS

Aos Ministros do Supremo Tribunal Federal – STF

Os povos indígenas Boe Bororo, Chiquitano, Xavante, Rikibaktsa, Xerente, Guarani e Kaiowa, Puroborá, Munduruku, Tupinikin, Tembé, Xukuru do Ororubá, Tremembé, Potiguara, Nambikwara, Kaigang, Macuxi, Wapixana e Religiosos, Leigos, Bispos, Padres, Diáconos, Comunidades Tradicionais, Igrejas Irmãs e outras Espiritualidades, presentes no 15º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, realizado na diocese de Rondonópolis-Guiratinga/MT aos dias 18 a 22 de julho de 2023, vimos apresentar a seguinte moção de apoio aos direitos constitucionais dos povos originários e contra o Marco Temporal.

Afirmamos nosso compromisso com os Povos Indígenas e contra toda forma de injustiça e estamos certos de que a tese do Marco Temporal é contra os direitos constitucionais dos povos originários e não tem razão de existir. Nesse sentido, solicitamos a proteção dos direitos adquiridos, que com muita luta e sangue foram aprovados na Constituição de 1988.

Acreditamos no importante papel que a Suprema Corte do Brasil tem na garantia da aplicação do texto da Constituição e, por isso mesmo, o Marco Temporal não é o caminho. Não há outra solução senão a confirmação do direito originário e a demarcação e regularização dos territórios e sua proteção.

Os povos indígenas e a sociedade brasileira esperam com urgência a retomada do julgamento do Recurso Extraordinário 1017.365/SC e entregar uma decisão aos povos indígenas é sim uma grande responsabilidade da Suprema Corte do Brasil. Mas também sabemos que o STF não se furtará da sua responsabilidade e dará a decisão justa.

Os povos originários têm seus territórios como uma extensão sagrada de seus corpos e espíritos, ligados a ocupação originária, às suas tradições, espiritualidades, suas culturas e modo de vida. São direitos que, definitivamente, não são mercadorias.

Deste modo, nós, os mais de mil e trezentos participantes do 15º Intereclesial das CEBs Comunidades Eclesiais de Base, afirmamos nosso compromisso de luta junto aos primeiros filhos deste país, os povos originários, e repudiamos o Marco Temporal como também as tentativas de restrição e flexibilização do direito constitucional indígena.

Portanto, em nome de todos os indígenas e indigenistas que tomaram na luta pelos direitos ao território, pedimos respeitosamente ao Supremo Tribunal Federal que confirme os artigos 231 e 232 da Constituição Federal.

E DIGAMOS:

NÃO AO MARCO TEMPORAL!

SIM AOS DIREITOS ORIGINÁRIOS DOS POVOS INDÍGENAS!

15º Intereclesial das CEBs
Rondonópolis-MT, 22 de julho de 2023.

5.3.2 – MOÇÃO DE APOIO AOS CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO BRASIL

A todos os municípios brasileiros,

Nós, Entidades que acompanham a luta diária dos trabalhadores e trabalhadoras de materiais recicláveis, vimos solicitar o apoio dos participantes do 15º Intereclesial das CEBs, para que, na busca por um novo céu e uma nova terra, ao pensar o cuidado de nossa casa comum como um compromisso profético, seja incluída a opção pelos irmãos e irmãs Catadoras e Catadores de materiais recicláveis, hoje tão invisibilizados, marginalizados socialmente, economicamente e culturalmente. O importante trabalho por eles/as desenvolvido, necessita de reconhecimento como agentes ambientais, além de serem remunerados justamente pelo trabalho comprometido com o cuidado da casa comum, nas cidades do Brasil. Hoje em nossas cidades os catadores e catadoras são vítimas de um sistema que valoriza mais o descartar e o enterrar do que o reciclar. Estão enfraquecidos, humilhados e explorados pela sociedade e infelizmente, pouco visibilizados pela igreja.

O cuidado com a nossa Casa Comum, necessita com urgência de uma mudança de cultura que valorize a Coleta Seletiva e toda forma de tratamento dos resíduos que produzimos, a separação dos resíduos, através de uma destinação correta dos orgânicos, como a compostagem e uma nova vida com a reciclagem aos resíduos sólidos. Só se faz coleta seletiva com catadores e catadoras.

Reafirmamos a necessidade das Comunidades Eclesiais de Base, em seus respectivos municípios, apoiarem, reconhecerem e fortalecerem o trabalho e a luta desses nossos irmãos e irmãs e assumirem a coleta seletiva do lixo e a reciclagem como prática de cuidado com a casa comum e o bem viver dos povos.

15º Intereclesial das CEBs do Brasil
Rondonópolis, 22 de julho de 2023.

5.3.3 – MENSAGEM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE DO BRASIL (CEBs) AOS BISPOS DO BRASIL – CNBB

“As ovelhas escutam a sua voz, ele (o pastor) chama cada uma pelo nome e as leva para fora” (Jo 10,3)

É com espírito fratersororal e no jeito de viver das CEBs, que caminham com Jesus de Nazaré, que encontramos inspiração para lhes escrever esta carta, com os melhores votos de feliz missão e em plena e fraterna comunhão como Igreja Sinodal, na qual, insiste o papa Francisco, *“é preciso escutar com o ouvido do coração”*. As CEBs querem escutar a voz do Pastor, mas também querem ser ouvidas!

Ao mesmo tempo em que somos gratos ao nosso papa Francisco pelo apoio manifestado: *“Quero estar próximo a vocês neste 15º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base. Sigam trabalhando, vão adiante, não se esqueçam: Igreja em saída”*, que está acontecendo nesses dias 18 a 22 de julho, aqui na Diocese de Rondonópolis-Guiratinga/MT, com o tema: **“CEBs: Igreja em saída na busca de vida plena para todos e todas”** e lema: **“Vejam! Eu vou criar um novo céu e uma nova terra”** (Is65,17ss), queremos expressar a nossa surpresa e também a nossa tristeza, diante do fato que, nas últimas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, a CNBB não sentiu a necessidade de nos chamar pelo nome – CEBs – para seguirmos as indicações dos nossos Pastores. As CEBs estão vivas e presentes em inúmeras Dioceses do Brasil, continuando a oferecer a sua contribuição para dar vida a uma Igreja em saída para as periferias, uma Igreja sinodal e missionária.

As CEBs nasceram sob a inspiração das primeiras comunidades cristãs, animadas pelo sopro do Espírito Santo de Deus, como um jeito simples de ser Igreja de Jesus a partir da renovação da Igreja pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Foram incentivadas pelas Conferências Episcopais de Medellín (1968), como “célula inicial de estruturação

eclesial e centro de evangelização” (cf. 15,10), permitindo que o povo tenha maior conhecimento da Palavra de Deus, compromisso social em nome do Evangelho, surgimento de novos ministérios leigos e educação dos adultos na fé (cf. DAp 178), Puebla (1979), confirmadas por Santo Domingo (1992) e reanimadas por Aparecida (2007), que diz: *“Queremos decididamente reafirmar e dar novo impulso à vida e missão profética e santificadora das CEBs”* (n. 179). A 1ª Assembleia Eclesial Latino-americana e caribenha reafirmou a confiança na caminhada das CEBs no Continente: *“As pequenas comunidades eclesiais ou de base, são a expressão de uma Igreja que quer assumir mais fortemente a opção pelos pobres. É importante revitalizar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), como um jeito de ser Igreja onde se vive a sinodalidade, espaço de inclusão da diversidade e de superação do clericalismo”* (cf. 316 e 317).

Os bispos da grande área missionária de nossa Querida Amazônia, reunidos em Santarém, para celebrar os 50 anos do documento de Santarém, reafirmaram sua esperança na caminhada das CEBs, dizendo: *“Ressaltamos a importância das Comunidades Eclesiais de Base, que constituem uma dinâmica muito própria da Igreja em nossas dioceses e prelazias. Reconhecemos nelas a força missionária de nossa ação evangelizadora e o sujeito eclesial da missão neste chão. Elas estão intrinsecamente implicadas no anúncio e na vivência da fé, na presença profética que torna evidente o Reino de Deus, no cuidado da casa comum”* (n.º 42).

Por tudo isso, reafirmamos com o magistério que as CEBs são uma forte expressão da sinodalidade tão sonhada pela nossa Igreja! Não podemos negar que a profecia das CEBs foi inspiradora e parteira de tantos serviços, pastorais sociais e mãe de tantos Mártires e Profetas da caminhada de nossa Igreja na América Latina.

Compreendemos que a missionariedade, já é da natureza das CEBs. Não se pode conceber uma Comunidade Eclesial de Base que não

seja missionária. E isso é visível desde a recepção criativa do Vaticano II no continente latino-americano e caribenho, pois as CEBs buscaram nos documentos do Concílio, orientações para sua ação evangelizadora e missionária: a) Uma espiritualidade bíblica (*Dei Verbum*); b) Ação transformadora no mundo (*Gaudium et Spes*); c) Coordenação partilhada na perspectiva da colegialidade e da sinodalidade (*Lumen Gentium*); d) Celebração dominical animada pela comunidade (*Sacrosanctum Concilium*); e) Uma igreja aberta à missão (*Ad gentes*) f) Abertura ao diálogo ecumênico e inter-religioso (*Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae e Nostra Aetate*).

Então, qual a motivação para as Diretrizes não mais nomearem as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e sim, Comunidades Eclesiais Missionárias (CEMs)? Não será importante responsabilizar e valorizar a fé e o compromisso de tantos irmãos e irmãs nesta caminhada eclesial? É justo não apoiar e não estimular as tantas comunidades eclesiais de base que continuam na sua missão com a Igreja e para o bem da Igreja? Que lugar ocupam as CEBs no coração da CNBB?

Sentimo-nos contemplados, amparados e abençoados pelo Documento de Aparecida: nossa Espiritualidade sempre encarnada e enraizada no Evangelho de Jesus, sua Palavra viva, nos ilumina noite e dia. **Por isso, reafirmando que as CEBs são missionárias como toda Igreja deve ser e com sentimento de pertença, solicitamos a reinclusão das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, nas próximas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.**

O trem das CEBs não pode parar de percorrer até o fim, os trilhos da vida do povo mais pobre e sofrido, como dom do Espírito de Deus e esperança dos pequenos. Continuaremos fiéis no caminho do discipulado de Jesus de Nazaré, carregando com alegria nos ombros, a nossa história e as nossas esperanças: “*A verdade e o amor se encontrarão, a justiça e a*

paz se abraçarão” (Sl 84,11). Como Igreja Sinodal, reafirmamos nossa opção preferencial pelos pobres, através do testemunho profético e martirial, em fidelidade à nossa identidade, inspirada na Trindade Santa. Agradecemos o apoio de nossos Bispos acompanhantes e os demais das Dioceses e Prelazias de nosso Brasil.

Fratersororalmente em Jesus de Nazaré, na proteção de nossa
Mãe Aparecida!

15º Intereclesial das CEBs do Brasil
Rondonópolis, 22 de julho de 2023.

5.3.4 – CARTA AO PAPA FRANCISCO

Rondonópolis/MT, 22 de julho de 2023.

*CEBs: Igreja em Saída, na busca da vida plena para todos e todas
“Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra!” (Is. 65, 17ss)*

Amado Papa Francisco,

Dos dias 18 a 22 de julho, as Comunidades Eclesiais de Base do Brasil (CEBs), como é do seu conhecimento, estiveram reunidas para a realização do 15º Intereclesial na Diocese de Rondonópolis-Guiratinga / MT.

Sentimos sua forte presença de pastor orientando-nos para sermos uma Igreja em Saída permanente as periferias. Sua mensagem pessoal foi muito importante para nos dar forças.

Sentimo-nos qual pequeno rebanho de batizados, chamado a ser uma Igreja Samaritana e a testemunhar ao mundo uma Comunidade de irmãos e irmãs que caminha sacramentalmente unida em direção à Vida Plena.

Sentimo-nos caminhando na força do nome “Francisco” que se coloca como pobre ao lado dos pobres. Sentimo-nos como Madalena, celebrada em oração nestes dias, que pergunta: “*Onde está o meu Senhor?*”, com a força do crucificado-ressuscitado que nos indica o caminho: “*Vai ter com os meus irmãos*” (Jo.10, 1.11-18).

Assim sendo, de forma singela, estamos expressando nossa gratidão por estar “presente” entre nós: a nos encorajar no Caminho, mas juntos e juntas; a nos convidar a retomar a sinodalidade, tão essencial para nossa Igreja. Sim, sentimos nestes dias como João Crisóstomo nos indicou: “Igreja e Sínodo são sinônimos”. Leigos e leigas, religiosos e religiosas, bispos, presbíteros e diáconos, lado a lado buscando o mesmo caminho.

Repetimos com insistência: queremos ser uma Igreja de irmãos e irmãs. Desejamos que nossas comunidades sejam espaço de acolhimento das dores e sofrimentos do mundo, sobretudo dos mais pobres. Desejamos que nossa Igreja não tenha medo de se enlamear diante da necessidade profética de interpelar um mundo cuja economia mata, e se comprometa com uma economia cujo centro seja a vida. Desejamos Francisco, que seu apelo pela paz mundial seja ouvido.

Agradecemos imensamente a Deus por sua presença eclesial, Papa Francisco. Por sua presença amorosa e solidária que aponta a profundidade em acreditar que a busca pela salvação começa aqui e agora. A vida no céu começa com a vida na terra. Portanto, enquanto tivermos forças, vamos continuar buscando, apocalipticamente, um novo céu e uma terra.

Na visita ‘Ad Limina Apostolorum’ em setembro de 2022, os bispos do Regional Oeste 2 do Brasil, através de Dom Maurício Jardim, entregaram ao senhor uma carta solicitando um vídeo saudando os participantes e uma ajuda material para contribuir nas despesas do encontro. Aproveitamos a oportunidade para agradecer o vídeo e o apoio material enviado pela Santa Sé.

Sinta-se abraçado por nós. Possamos celebrar em outubro de 2024 a sinodalidade que é constitutiva da Igreja, na forma, no estilo, na estrutura e na vivência. Neste tempo da graça, possamos ser impelidos, em ritmo processual, em direção a uma Igreja que caminha verdadeiramente, de forma sinodal.

Fraternalmente, em Cristo Jesus e com as bênçãos da Mãe
Aparecida!

Participantes do 15º Intereclesial das CEBs do Brasil
D. Maurício da Silva Jardim (Bispo de Rondonópolis-
Guiratinga/MT)

Marilza J L Schuina (coordenação do 15º Intereclesial)

5.3.5 – MENSAGEM ÀS COMUNIDADES

*CEBs: Igreja em saída, na busca da vida plena para todos e todas!
“Vejam! Eu vou criar Novo Céu e uma Nova Terra” (Is 65,17ss)*

Queridas irmãs e irmãos da caminhada, reunidos/as em Rondonópolis, Mato Grosso para a celebração do 15º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, nós, os mil e quinhentos participantes, tivemos a sensação exata de que éramos representantes de um coletivo muito maior, formado pelas milhares de CEBs espalhadas por todo o país. Desta forma, você estava presente também, apesar da distância.

A alegria foi a grande marca do encontro, pois, nos olhávamos como verdadeiros e verdadeiras sobreviventes da pandemia e dos seis anos de desgoverno que nos afligiu. Guiamo-nos pelo método *ver-julgar-agir*, de 18 a 22 de julho, e de modo fiel aos gritos e desafios de todas e todos vocês, fizemos uma maravilhosa ciranda inclusiva.

O rosto das CEBs neste 15º Intereclesial revelou a identidade das comunidades com seus mais variados membros: cristãos leigos e leigas, pessoas LGBTQIAP+, diáconos e padres, religiosos e religiosas, bispos católicos e representantes de outras Igrejas, irmãs de caminhada. A força da juventude e das irmãs e irmãos pretos e indígenas, nos fizeram sentir o calor do testemunho, da resistência e da resiliência. Um rosto latino-americano, com expressões de todas as regiões do Brasil e de outros países.

Vimos que a desigualdade social é fruto de um sistema capitalista neoliberal, político e financeiro, de natureza excludente e concentrador de renda. Em decorrência dele, constatamos uma triste realidade, como: a imensa fila de desempregados e desempregadas, de trabalhadores e trabalhadoras informais, muitos/as em trabalhos análogos à escravidão; a fome, a educação e a saúde sucateadas, a falta de saneamento básico, o desmatamento e incêndios criminosos afetando os diversos biomas, a poluição das águas, do ar e da terra, destruindo a vida do planeta e das

pessoas, o uso desregulado de agrotóxicos, o avanço do agronegócio e da mineração, o tráfico de entorpecentes e de pessoas, a questão urbana dominada pela violência, a presença de forças paramilitares, o armamento insano, o racismo estrutural e o alto índice de violência contra as mulheres e de feminicídios, o sistema carcerário injusto clamando pelo desencarceramento, a migração forçada e o sofrimento dos migrantes e refugiados, a criminalização dos movimentos sociais; o acesso seletivo dos meios tecnológicos, os constantes ataques aos direitos já conquistados por meio de leis que passam pelo Congresso Nacional, a exemplo de Projetos de Lei sem discussão ampla com a sociedade, a Reforma da CLT e da Previdência, e o marco temporal.

Olhando para o interno da Igreja, por um lado, as CEBs se ressentem pela falta de apoio de parte significativa do clero e, por outro, sentem-se fortalecidas pelo carinho e atenção do Papa Francisco, com suas atitudes e documentos, e por um grupo de bispos, padres, religiosas e religiosos que caminham juntos, na trilha da Igreja Povo de Deus. Constatamos ainda, que há nas CEBs, grande esperança no processo sinodal em curso, fomentando um imenso sonho de comunhão e participação em todos os âmbitos eclesiais, por uma Igreja toda ministerial, superando o clericalismo.

À luz do horizonte de um novo céu e nova terra, que a Palavra de Deus nos traz, discernimos às margens do rio da esperança, por meio dos mitos geradores de vida nova e do rito que faz a utopia ganhar sonoridade aos ouvidos dos sonhadores e sonhadoras da caminhada. Novo céu e nova terra são horizontes dos sonhos, mas também se constituem no princípio articulador das mais diversas utopias que apontam para a grande utopia do Reino, realizado em Jesus e antecipado na vida das CEBs.

As CEBs, qual mulher grávida, continuam gerando o novo, recriando os caminhos de libertação, sob o impulso do verbo sair, que funciona como um fio condutor de toda a nossa existência. De Gênesis a Apocalipses, a caminhada do povo de Deus se deu sob a inspiração da

Divina Ruah, fomentando um permanente sair. Do ventre da mulher ao ventre da pachamama, saímos sempre em busca da vida plena.

O AGIR nos enviou para cuidar. Cuidar para não perdermos o entusiasmo, para não banalizarmos a missão, para que as CEBs sempre tenham o coração ardendo pela Palavra e os pés firmes na caminhada do povo periférico. Cuidar dos grupos bíblicos de reflexão como sementes de novas comunidades. Cuidar da memória martirial e profética, das estruturas de comunhão e participação, do protagonismo das mulheres e das juventudes, da vida plena dos povos originários, da aliança e parceria com os movimentos populares, da força da sinodalidade que está na comunidade e dos processos de formação permanente. E em tudo, valorizar a força dos pobres nas iniciativas comunitárias e não deixar que nos roubem as comunidades!

E assim, com a esperança do verbo esperar, dispostos e dispostas a seguir nossa caminhada como CEBs - Igreja em saída para as periferias, partimos de Rondonópolis, certos de que, Jesus de Nazaré, a multidão de testemunhas, e os Mártires da Caminhada, seguirão animando e conduzindo as CEBs para as Galileias periféricas das terras mato-grossenses ao Estado do Espírito Santo, onde seremos acolhidos por nossa Senhora da Penha.

Rondonópolis, 22 de julho de 2023.

15º Intereclesial das CEBs

5.3.6 – CARTA DOS BISPOS PRESENTES NO 15º INTERECLESIAL

Aos irmãos Bispos do Brasil.

“Sim! Vou criar um novo céu e uma nova terra!” (Is 65,17).

Nós, 48 bispos participantes do 15º Intereclesial das CEBs, em Rondonópolis (MT), no período de 18 a 22 de julho de 2023, com o coração cheio de contentamento, partilhamos com todos vocês, amados irmãos, que não puderam estar aqui e nos acompanharam com suas orações, o que vimos e vivenciamos juntamente com cristãos leigos e leigas, religiosos e religiosas, diáconos e presbíteros, representantes de milhares de comunidades eclesiais de base que há no Brasil, pessoas de, praticamente, todas as Igrejas particulares.

Seguindo a metodologia ver, julgar e agir, o encontro aprofundou o tema: *CEBs – Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas, e o lema: “Sim! Vou criar um novo céu e uma nova terra!” (Is 65,17).*

Desde 1975, cristãos leigos e leigas membros de comunidades eclesiais de base, acompanhados de religiosos(as), diáconos, padres e bispos, encontram-se para aprofundar a fé, em meio às realidades em que vivem, à luz da Palavra de Deus, que lhes concede a força para serem testemunhas do Evangelho de Jesus Cristo na família, na Igreja e na sociedade.

Esta caminhada de tantos anos expressa adesão ao que nos pedem os documentos do Concílio Vaticano II, das Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. A Conferência de Aparecida reconheceu um florescimento das comunidades eclesiais de base (CEBs) no Brasil e em outros países da América Latina e do Caribe, tendo como

fonte de sua espiritualidade a Palavra de Deus e, como guia que assegura a comunhão eclesial, a orientação de seus pastores.

As comunidades procuram vivenciar o seguimento a Jesus, o enviado do Pai, demonstrando “seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados, tornando-se expressão visível da opção preferencial pelos pobres. O Documento de Aparecida ainda destaca que “as CEBs são fonte e semente de vários serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja. Mantendo-se em comunhão com seu Bispo e inserindo-se no projeto pastoral diocesano, as CEBs se convertem em um sinal de vitalidade na Igreja particular. Atuando, dessa forma, juntamente com os grupos paroquiais, associações e movimentos eclesiais, podem contribuir para revitalizar as paróquias fazendo comunidade de comunidades” (DAp, 179).

Nesses dias, em espírito de escuta, caminho sinodal e abertura ecumênica, acompanhamos, de perto, importantes partilhas e reflexões feitas por irmãos e irmãs de todas as regiões do Brasil. Valorizamos o testemunho de lideranças que, com fé e alegria, dedicam-se ao trabalho de evangelização, que tem como bases fundamentais a centralidade da pessoa de Jesus Cristo - o Verbo Encarnado e missionário do Pai, que se identifica com os pobres, com quem sofre e com todos os que vivem nas periferias - , a centralidade da Palavra e do Corpo do Senhor. As comunidades, alicerçadas nesses pilares da fé, tendo a missão como eixo fundamental que as dinamiza, celebram a vida, a ministerialidade, fazem a ligação entre fé e vida e reforçam a opção preferencial pelos pobres, revelando, por meio de ações concretas e em espírito sinodal, o amor de Deus aos irmãos e irmãs nas realidades sociais, eclesiais e culturais.

Ao lado de tantas experiências que nos encantam, percebemos também que há um certo cansaço em algumas lideranças das comunidades, talvez em razão de enfrentarem muitas dificuldades referentes ao processo evangelizador. Essas dificuldades trazem reflexos das várias eclesiologias e dos vários ambientes de nossa sociedade, quase sempre marcada pela urbanização desmedida, polarização política, pelo aumento da

desigualdade, do individualismo, do preconceito e do consumismo, ocasionando assim a destruição da vida no planeta e desconsiderando a ecologia integral, como alerta o Papa Francisco.

Neste Intereclesial, outros gritos se fizeram ouvir, indicando os grandes desafios presentes nas realidades urbanas, especialmente, nas periferias geográficas e sociais. Entre eles, o clamor pelo fim de todas as formas de violência contra as mulheres. Outro forte grito brota dos jovens que buscam sentido humano e cristão para sua vida e pedem maior abertura para uma presença mais significativa na vida das comunidades, visando aprimorar e assumir o sentido de pertença eclesial.

Os participantes desejam uma maior atenção à formação dos cristãos leigos e leigas, com o intuito de contribuir para que as comunidades sejam, de fato, missionárias, vivenciadoras da dinâmica sinodal e portadoras da Boa Nova, semente de um novo céu e uma nova terra (Cf. Ap 21,1). Desse modo, estão colaborando para que a sociedade seja justa, solidária, fraterna e ecologicamente sustentável. Ainda, várias vezes se levantaram para dizer da necessidade de as comunidades serem confirmadas na caminhada evangelizadora por parte de todos nós bispos e não experimentem um sentimento de “orfandade”.

O Espírito Santo nos ilumine a fim de que, em nossas Igrejas particulares, ajudemos as CEBs em seu florescimento a viverem, com muito ardor, *a comunhão que é missionária e a missão que é para a comunhão* (cf. CfL, 32). Maria, a Mãe Aparecida, missionária incansável, interceda por todos os que fazem parte dessa caminhada.

Rondonópolis, 22 de julho de 2023.
Bispos participantes do 15º Intereclesial.



CELEBRAÇÕES DO 15º INTERECLESIAL

VI - CELEBRAÇÕES

6.1 - CELEBRAÇÃO DE ABERTURA (PRESIDIDA POR UMA MULHER)

1º MOMENTO - Chegada

Animação

Enquanto o povo vai chegando e ocupando o espaço, cantos. A equipe de celebração ocupa o seu lugar.

1. Refrão meditativo

Estando para iniciar a celebração, a equipe de canto, inicia o refrão, repetindo diversas vezes e terminando suave, para conduzir a assembleia ao silêncio:

Seja bendito quem chega, seja bendito quem chega,
Trazendo paz, trazendo paz, trazendo a paz do Senhor.

2º MOMENTO - convocação e composição da assembleia

2. O rosto da cidade que acolhe o 15º Intereclesial

Quem preside entoia:

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar.
Ó CEBs do Brasil, venham celebrar!
- O Senhor é Deus, saiba o mundo todo!
Somos o seu rebanho, somos o seu povo.

Bem-vindas! Bem-vindos! Vocês que estão chegando de todos os cantos do Brasil e do mundo! De longe e de perto. Sejam bem-vindos nesta terra do Mato Grosso, nesta cidade de Rondonópolis, que abre suas portas a este encontro.

Começamos convocando as comunidades indígenas, originárias deste lugar, força de resistência contra todo massacre, em busca da terra sem males. [Indígenas entram tocando flautas e maracás...]

- Venham, ó indígenas, venham a cantar.
Guardiões da floresta venham festejar.

As comunidades quilombolas, terreiros de irmandade contra toda intolerância religiosa e racial em busca da terra livre. [Homens e mulheres entram tocando atabaques]

- Venha, ó povo negro, ao Senhor dançar.
Quilombos e terreiros, venham festejar.

Venham mulheres, homens, crianças e jovens, que vivem da agricultura familiar, que lutam nos acampamentos do Movimento dos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra, pescadores e mulheres artesãs. [de 4 a 5 pessoas]

- Povo que trabalha, povo agricultor,
Ricas mãos criadoras, subam a ti Senhor.

O povo das nossas comunidades do campo e da cidade, migrantes e gente da terra que carregam o sonho de uma Igreja Madalena e Samaritana. [Homens, mulheres, jovens, crianças, migrantes, o ícone ...]

- Venham ó migrantes, povo sofredor.
Ao Deus dos que caminham, tragam o louvor.
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito.
Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito.
- Vem ó Santo Espírito, venha iluminar.
Este nosso encontro, vem abençoar.

3. Acolhida dos participantes do 15º Encontro

Convidamos para entrar na grande roda deste 15º Intereclesial das CEBs do Brasil, o povo que chega das diversas regiões do nosso país, da América Latina e do Caribe, da África e da Europa:

- Da **grande Região Norte** do nosso país, trazendo o verde das florestas, a bravura dos povos, a fecundidade das águas dos rios e Igarapés. *A grande região se manifesta cantando:*

Sou missionário, sou povo de Deus
Sou índio, caboclo, mestiço fazendo da vida a missão

Aqui nesta grande tapera da Igreja Amazônica
Sou mensageiro de um Deus que é irmão
Ô, ô, ô, ô, ê, ê de um Deus que é irmão.

- Nossas boas-vindas a quem vem da **Região Nordeste** do Brasil, que traz a resistência do mandacaru, da caatinga, a beleza de seus mares e a força invencível de sua gente. [*A grande região se manifesta*]

Sou, sou teu Senhor, sou povo novo, retirante lutador.

Deus dos peregrinos, dos pequeninos, Jesus Cristo, redentor.

- Seja bem-vinda gente do **Centro Oeste**, vocês que trazem as marcas do cerrado, da Amazônia e do Pantanal, a beleza dos ipês floridos, e a determinação do seu povo. [*A grande região se manifesta cantando:*]

Sou romeiro que caminha, sou devoto do Senhor,

Caminhando pra terra santa, velha Trindade da fé e do amor.

- A grande Região Sudeste do Brasil, com sua diversidade cultural e com seus grandes desafios urbanos, seja bem-vinda trazendo a alegria de suas festas e a valentia do seu POVO. [*A grande região se manifesta cantando*]

Sou caipira Pirapora nossa Senhora de Aparecida.

Ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida.

- Gente da grande **Região Sul**, das planícies e montanhas, das araucárias e dos manacás, do chimarrão e do vinho, seja bem vinda... [*A grande região se manifesta cantando:*]

Eu sou do sul.

É só olhar pra ver que eu sou do sul.

A minha terra tem um céu azul. É só olhar e ver.

- São muito bem-vindos os que foram especialmente convidados para esta festa:
 - Povo da América Latina e Caribe, da África e da Europa;
 - Bispos, Comissões Episcopais da CNBB e demais Organismos Eclesiais;
 - Articulação Continental das CEBs;
 - Entidades, Organizações, Redes e Movimentos Sociais e Populares;
 - Outras Igrejas e Denominações Religiosas;
 - Imprensa e Observadores/as;
 - Comunidade local.

Todo o povo canta:

*Somos gente nova vivendo a união,
somos povo semente de uma nova nação é, é.
Somos gente nova vivendo o amor,
somos comunidade, povo do Senhor, é, é.*

Só os cantores cantam:

*Mais uma vez as CEBs do Brasil inteiro trazendo sua alegria,
sua luta, seu viver.
Vem renovar na irmandade a Esperança,
ser Igreja testemunha de Jesus, seu bem querer.*

3º MOMENTO - Memória dos Intereclesiais

Os encontros das Comunidades Eclesiais de Base em nosso país têm uma longa história. É esta a memória que trazemos neste momento. *(Durante a memória de cada encontro entra o estandarte com o cartaz do respectivo encontro. Alternar os anúncios de cada encontro entre mulher e homem da presidência.)*

*Lá vem o trem das CEBs caminhando com seu povo,
escuta meu amigo, venha ver o que há de novo.*

1. O 1º trem das CEBs saiu de Vitória, Espírito Santo, em 1975: “Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus”.
2. No ano seguinte, 1976, ainda em Vitória, o 2º encontro: “CEBs: Igreja, povo que caminha”
3. O 3º Intereclesial, 1979, em João Pessoa, Paraíba: "Igreja, Povo que se Liberta".
4. Em 1981, Itaici, São Paulo, o 4º Encontro: “Igreja, Povo Oprimido que se organiza para a Libertação”.
5. Em Canindé, Ceará, 1983, 5º Intereclesial: "Povo Unido, Semente de uma Nova Sociedade".

Lá vem o trem das CEBs caminhando com seu povo, escuta meu amigo, venha ver o que há de novo.

6. O 6º Encontro foi em Trindade, Goiás, 1986: "CEBs: Povo de Deus em Busca da Terra Prometida".
7. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 1989, 7º Encontro: "Povo de Deus na América Latina a Caminho da Libertação".
8. 8º Intereclesial, 1992, Santa Maria, Rio Grande do Sul: "Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas".
9. Em São Luís, Maranhão, 1997, foi o 9º Intereclesial: "CEBs: Vida e Esperança nas Massas".
10. No ano 2000, em Ilhéus, Bahia, 10º Intereclesial: “CEBs: Povo de Deus, 2000 anos de Caminhada”.

Lá vem o trem das CEBs caminhando com seu povo, escuta meu amigo, venha ver o que há de novo.

11. 11º Intereclesial, Ipatinga, Minas Gerais, 2005: “CEBs: Espiritualidade libertadora”.
12. 12º Intereclesial, 2009, Porto Velho, Rondônia: “CEBs: Ecologia e Missão”.

13. O 13º Intereclesial, 2014, Juazeiro do Norte, Ceará: “CEBs, justiça e profecia a serviço da vida”.
14. O 14º Intereclesial, 2018, Londrina, Paraná: “CEBs e os desafios no mundo urbano”.

Lá vem o trem das CEBs caminhando com seu povo, escuta meu amigo, venha ver o que há de novo.

4º MOMENTO - Proclamação do 15º intereclésial

4. Palavra de Abertura – Bispo anfitrião

Repicar de instrumentos (mocho, ganzá e viola – Vanda, Salomão e Marcílio) ... começa em volume alto e vão silenciando...

5. Acendimento do círio

Três mulheres acendem o círio e o incensam, enquanto se canta:

Tu és fonte de vida, tu és fogo, tu és amor.

Vem, Espírito Santo! Vem, Espírito Santo!

6. Oração

Deus criador, bendito por todos os seres que compõem e habitam o universo! Sê nosso abrigo, nestes dias em que nos convocas a esta grande tenda da Casa Comum. Abre os nossos ouvidos e o nosso coração para os sinais do teu Espírito ao longo destes dias, e desperte em todas as comunidades do Brasil, da Pátria Grande Latino-americana e do mundo, uma esperança corajosa à altura de uma Igreja em saída a serviço dos pequenos. Por Cristo nosso Senhor. Amém.

5º MOMENTO - Liturgia da palavra

7. Procissão com a Bíblia - *Por mulheres com a dança do siriri*

A Palavra de Deus em nosso meio vai chegar! (bis)

Por uma terra sem males, vamos todos aclamar! (bis)

Do cerrado ao Pantanal, Jesus Cristo vai falar! (bis)

Povos de todas aldeias, vamos juntos aclamar! (bis)

8. Isaías 65,17-25

9. Responso

- A tristeza não chegará ao coração...

Um novo céu e nova terra vou criar

- Salte dance de alegria tod'as gentes...

- Alegra-te Jerusalém, povo de Deus!

- Não haverá choro e nem clamor...

- A morte não terá mais sua vez...

- Da terra brotará todos os frutos...

- Comerão juntos o lobo e o cordeiro...

- Minha paz reinará no Monte Santo...

10. Brevíssima homilia

11. Preces

Apresentemos ao Senhor nossa intercessão, o clamor do povo e os gemidos de todo o universo.

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

1. Que as CEBs, qual flor indefesa, ganhe novo vigor neste encontro, e se torne visível o rosto de uma Igreja Madalena e Samaritana, oremos ao Senhor.

2. Que se renove entre nós e no mundo a esperança de novos céus e nova terra, oremos ao Senhor.
3. Que se fortaleça em nosso país, lideranças políticas que trabalhem pelo bem-estar do povo, especialmente dos mais vulneráveis, oremos ao Senhor.
4. Que cesse em nosso país, o choro das vítimas da fome, oremos ao Senhor.
5. Que as crianças, adolescentes e jovens recebam educação para que possam discernir o seu futuro e o futuro coletivo do nosso país, oremos ao Senhor.
6. Que as comunidades presentes neste encontro sejam reanimadas em suas lutas de cada dia e reacendam suas esperanças, oremos.

(Quem preside conclui): Atende, ó Pai, nossa oração que elevamos a ti, por Cristo nosso Senhor. Amém.

6º MOMENTO - LOUVAÇÃO E PARTILHA DOS ALIMENTOS

Como sinal sacramental da profecia exercida pelas comunidades de base em nossos territórios, vamos partilhar entre nós os frutos da terra e do trabalho de mãos generosas que cultivaram a terra, semearam as sementes e prepararam este alimento.

12. Entrada dos alimentos - *Os alimentos são levados e colocados sobre a mesa*

1. Debulhar o trigo, recolher cada bago do trigo, forjar do trigo o milagre do pão, e se fartar do pão.
2. Decepar a cana, recolher a garapa da cana, roubar da cana a doçura do mel: se lambuzar de mel.
3. Afagar a terra, conhecer os desejos da terra, cio da terra, propícia estação, de fecundar o chão...

As mulheres que acenderam o círio incensam a mesa dos alimentos.

Diante da fartura desta mesa, ergamos nossa prece e demos graças ao Senhor, nosso Deus!

1. Para nós é um prazer
bendizer-te, ó Senhor,
celebrar o teu amor
por Jesus teu benquerer!
(bis)

2. Sê bendito, ó Senhor,
pelos rios, pelos mares,
Pela terra e pelos ares
Criação do Eterno Amor.
(bis)

3. Dando graças
relembramos,
de Jesus em tantas ceias,
pelas casas e aldeias
todo povo se alegrando. (bis)

4. No deserto a multidão
como um povo sem pastor
nele encontrou o amor
quando repartiu o pão. (bis)

5. Ó Senhor, te bendizemos
pelos frutos deste chão,
que com generosas mãos
entre nós partilharemos.
(bis)

6. O alimento nos juntou
e esta santa assembleia
por si mesma manifesta

que o teu Reino já chegou.
(bis)

7. Pois pra sermos Povo
livre
Jesus Cristo nos liberta,
excluídos fazem festa
nova humanidade brilhe.
(bis)

8. Finalmente a nossa boca,
inspirada por teu Filho,
e seguindo o seu ensino,
o teu santo nome invoca:

Pai nosso que estais nos céus.
Santificado seja o vosso nome,
Venha a nós o vosso reino.
Seja feita a vossa vontade,
Assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
Perdoai-nos as nossas ofensas,
Assim como nós perdoamos
A quem nos tem ofendido.
E não nos deixeis cair em tentação,
Mas livrai-nos do mal,

Pois vosso é o reino, o
poder e a glória para
sempre.

13.Partilha

1. Um pouco além do
presente, alegre, o futuro
anuncia.

A fuga das sombras da noite, a
luz de um bem novo dia.

Venha o teu reino, senhor!

A festa da vida recria!

**A nossa espera e a dor
transforma em plena alegria!**

Aiê - eia - aiê - ae - ae.

2. Botão de esperança se abre,
anúncio da flor que se faz.
Promessa de tua presença
que a vida abundante nos traz.

3. Saudade da terra sem males,
do Édem de plumas e flores.

Da paz e justiça irmanadas,
num mundo sem ódio nem
dores.

4. Saudade de um mundo sem
guerras,

anelos de paz e inocência:

De corpos e mãos que se
encontram,
sem armas, sem morte e
violência.

5. Já temos preciosa semente,
penhor do teu Reino agora.

Futuro ilumina o presente,
tu vens e virás sem demora.

14. Oração sobre o povo

O Deus, fonte de toda sabedoria, derrama sobre nós o seu Espírito.
Inspira nossas palavras e conduz a ação de cada um e de cada uma para
que neste encontro tudo se realize em teu nome, pelo teu reino, agora e
sempre. Amém.

15. Bênção

A bênção do Deus de Sara, Abraão e Agar,
a bênção do Filho, nascido de Maria,
a bênção do Espírito Santo de amor,
que cuida com carinho,
qual mãe cuida da gente,
esteja sobre todos nós. Amém!

16. Informes – (organização local).

17. ciranda da paz

Como num manifesto ao mundo, invoquemos sobre nós e sobre toda a criação a força da frágil flor da paz. Que ela cresça dentro de nós, nas nossas relações e no mundo inteiro, fazendo brotar novas relações de justiça; aquela justiça única capaz de gerar a paz verdadeira. Dancemos e cantemos todos juntos, como irmãos e irmãs. (*Crianças formam um cordão com bandeiras da paz puxando a ciranda e interagindo com a assembleia*).

É bonita demais...

6.2 – CELEBRAÇÃO ECUMÊNICA

“Venha teu Reino senhor; a festa do povo recria, sua esperança e ardor transforma em plena alegria”.

Oração Inicial - “Vejam, eu vou criar um novo céu e uma nova terra” (Is. 65,17) – a Terra Sem Males.

(Ambiente: Elementos que recordam a Casa Comum: Globo, vasilhas de barro para colocar terra e sementes, plantas, água, fogo, enxada, rede de pesca, chapéu de palha, capacete do operário/a da construção civil).

1. Acolhida

Mantra: Tudo está interligado como se fossemos um, tudo está interligado nesta Casa Comum.

Palavra de acolhimento (*irmão Marcelo Barros*)

Saudação das pessoas presentes e acolhimento na celebração ecumênica. Quero destacar e reforçar o valor do diálogo ecumênico na construção de um novo céu e uma nova terra onde todas as pessoas sejam, de fato, irmãs e irmãos

Nilda de Assis: Com alegria, iniciemos nossa celebração cantando todas e todos juntas o anúncio e a esperança da chegada e da realização da Terra Sem Males, o sonho de Deus. Este hino que entoaremos é de tradição luterana, composto por Silvio Meincke e musicado por João Gottinari, de tradição anglicana e Edmundo Reinhardt.

Canto: Venha, Teu Reino, Senhor –

(Durante o entoar do canto – neste momento entram os símbolos, citados acima, que constituirão o ambiente de oração).

Queremos terra e sementes dos nossos territórios, trouxemos a terra e as sementes como sinal da nossa força na unidade e pluralidade. Nos unimos todos aqui nesta casa comum, aqui também onde estamos é a casa comum, viemos de tantos lugares, do serrado, da caatinga, da Mata Atlântica, do Pampa, Pantanal, Amazônia.

Canto: Cio da terra - Afagar a terra conhecer os desejos da terra e si o da terra propicia a estação e fecundar o chão... debulhar o trigo...decepar a cana...

Partilha da vida – Pastor Cláudio (Igreja Metodista), Salomão (Fé e Vida)

Canto - “Buscai em primeiro lugar o Reino”.

Acolhendo estas partilhas cantemos junto/as:

Canto – De todos cantos viemos

“Glorificado seja bendito seja, Jesus Libertador”

Leitura 1 - Pastora Claudia – Igreja Batista (Isaias 65, 17-25)

Leitura 2 - Vanda Pantanal (Poema de Ailton Krenak)

Momento vivencial e oracional

Com os nossos corpos nos unimos a toda Criação num grande louvor ao Criador. Convidamos para este momento nosso irmão Pajé Bewâri e nossa irmã Vanda.

Chamando para a dança – (Indígena, terreiro, ciranda)

Vamos trazer nossas bandeiras de lutas, nossos chapéus de luta, nossas fronteiras de luta ...

Canto: Essa festa boa, oferecerei! Toda dor sufocada-oferecerei!

Finalizando este momento festivo de louvor a Deus cantemos este hino presentes em diversos hinários de nossas igrejas cristãs e que nos convoca à unidade em torno de Jesus, pastor amado.

Benção: (Marcelo Barros): Agora vamos abraçar o irmão que está ao lado nos abençoando, com compromisso pela unidade das igrejas. E juntas peçamos a benção de Deus sobre este nosso dia de encontro e trabalho. Concluamos este momento na certeza da presença do sagrado e da espiritualidade em nossas vidas. Andemos com fé, botemos fé nesse mundo.

Canto: Andar com fé eu vou que a fé não costuma falhar.

6.3 – CELEBRAÇÃO INDÍGENA

(Oração preparada pelos Povos Indígenas –Oração de várias etnias indígenas – os povos indígenas se referem uns aos outros das diferentes etnias como parente/irmão).

Bom dia a todos que estão aqui presentes, vamos fazer uma oração de agradecimento em várias línguas. Começando com a entrega da terra nossa mãe e da água.

(canto e dança de alegria e agradecimento).

Canto de oração – o canto de luz e agradecimento, começando com nosso ancião –Vamos continuar com a oração dos nossos irmãos Xavantes. Gostaria de traduzir nossa oração:

- O Pai tão bondoso dai-nos a nossa força. O Pai é bondoso:
*Imamaiwêdzéhã (bis) Imamaiwêdezéhã (bis) ImamaIwêdzéhã
WamaTsômriwanhiptetedezéhã – Imana iwêdezéhã (bis)
Imamaiwêdzéhã Iwêdezéhã (bis) Imamaiwêdezéhã (bis)*
- Oração de agradecimento a Deus, neste canto ritual, onde a gente faz uma confraternização.

Bom dia, eu vou cantar um canto que sempre cantamos quando vamos para encontros e oração:

- Estou aqui contente, foi aqui que quis estar. Vamos defender a terra, porque é nossa mãe querida.
- Canto dos povos pankararuguerreiros.
- Oração dos irmãos Tupiniquim – música que representa a nossa cultura.
- Oração dos povos Guarani Kaiowa–Sou nascido nessa terra, nessa aldeia, neste chão queremos nossa terra por direito e com razão.
- Oração do povo Boe-Bororo –Temos música religiosa, música espiritual dos nossos povos. Eu queria um tempo em nome do povo, em nome do nosso saudoso Bispo Dom Juventino e em nome do nosso Bispo Dom Mauricio, porque aqui em Rondonópolis foi o primeiro chão que os povos indígenas pisaram...hoje estamos juntos com vocês nesta luta, onde nossas comunidades lutam por socorro que hoje estão sendo exploradas, morrendo por causa do agronegócio, não estão tendo cuidado com nossas lagoas, animais, peixes, se eles estão morrendo, nós também estamos morrendo. Peço que lutem e nos ajudem, rezem por nós para defender nossos povos e país.

- Somos muito ricos em línguas. Deus entende todas as línguas, temos que ter cuidado para não matar a língua. Quando chega a colonização a primeira coisa é que eles querem acabar com a nossa língua.
- Poema – Poluíram nossos rios, mataram nossos rios, mas não destruíram nossas raízes. Estamos vivos ainda.
- Importante agradecer a Deus – minha preocupação é muito com a mamãe terra, ninguém pode deixar nossa mãe terra acabar, ser arrastada, a gente se preocupa muito, se não amarmos a nossa mãe terra, que dá alimento para nossos filhos, que dá saúde para nós. Temos que cuidar da nossa mãe terra, para bem viver.
- Anciã dos povos fez um canto na sua língua do menino Jesus, filho de Nossa Senhora.

NÃO AO MARCO TEMPORAL

- Vamos dizer juntos: Não ao Marco Temporal – “Tudo está interligado nesta casa comum, tudo está interligado como se fossemos um”.

6.4 – CELEBRAÇÃO MARTIRIAL

1. CHEGADA

(No trio a equipe de canto acolhe quem chega com cantos populares e da caminhada.... Em meio aos cantos, se houverem caravanas que não estão participando do Intereclesial, acolhê-las, cantando):

Cantos: Cancioneiro do 15º

Que bom que você veio, olelé! Que bom que você chegou, olalá!

Nossa Romaria mais alegre, mais bonita, agora vai ficar!

*Seja bendito quem chega, seja bendito quem chega,
trazendo paz, trazendo paz, trazendo a paz do Senhor.*

(Animador/a e Presidente/a no coreto)

Animador/a 1: Irmãs e irmãos, é uma alegria nos encontrar neste fim de tarde. Enquanto o sol se põe e fecunda a terra, nós nos reunimos para celebrar nossas vidas e as vidas dos nossos melhores. Benditos e benditas somos nós, Povo de Deus, mulheres e homens viventes na Páscoa de Cristo que é a Páscoa da gente. Bendito seja.

2. SAUDAÇÃO

Presidente: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Presidente: O Deus da esperança, que nos cumula de toda alegria e paz em nossa fé, pela ação do Espírito Santo, esteja com vocês.

T. Bendito Seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3. PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA E O MISTERIO CELEBRADO

No carro de Boi – Técnica: Jogra! Um homem, com o lecionário nas mãos, veste branca (texto decorado); uma mulher, com uma peneira de palha nas mãos, veste vermelha (texto decorado). Ambos alternaram a leitura que segue:

Refrão: *Escuta, Israel, Javé teu Deus vai falar! (bis)*

Fala, Senhor Javé, o teu povo quer te escutar! (bis)

Homem

Palavra: Eu vi uma mulher que vinha da roça, trazendo o selo do Deus da vida. Ela gritou em alta voz aos quatro poderes do império da morte que se encarregava de fazer mal à terra e à água.

“Não escravizem a terra, não escravizem a água, não escravizem as árvores! Vamos marcar a frente dos servos do nosso Deus”.

Ouvi então o número dos que receberam a marca: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos servos do povo de Israel.

Mulher

Mistério: Eu vi o menino crescer de vento. Quis partir o pão. Quis amar. Quis viver. Liberdade. Foi vítima do império da morte. Foi marcado pelo

ferro em brasa do patrão, pelo estupro no corpo fraco, pela bala que não erra o rumo. Por defender a Amazônia, por morar na ribanceira, por comer peixe contaminado. Por ser negro, por ser indígena, por amar diferente. Ele foi um. Ele, foi apenas um entre os tantos assassinados no nosso Brasil. No altar e nos braços erguemos, remidos, seus corpos caídos, seus sonhos, seus passos...

Homem

Palavra: Depois disso, olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e palmas nas mãos. E clamavam em alta voz: "A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro".

Mulher

Mistério: Sacos pretos. Mãos vazias. Dias de procura.

Nome não há. Família nem sabe.

Tantos indigentes que nunca foram contados!

Tanta gente nas ruas desconsiderada!

Quantas mulheres? Quantas mulheres?

Homem

Palavra: Então um homem do povo tomou a palavra e me perguntou: "Quem são estes que estão vestidos de branco, e de onde vieram?".

Mulher

Recordação: Quem matou? Quem mandou matar? Todo o poder deste mundo carregado de ódio! A serpente antiga. O batalhão do dragão. Os poderosos da terra que semeiam a guerra. O ódio. Aquele que podia salvar e não quis.... Nossos amigos e amigas, Pai, Mãe, Vizinhos e irmãos, companheiros da caminhada. Quase 700 mil vidas que foram tombadas pela COVID 19, pelo projeto de morte.

(Assembleia: nomes de pessoas que morreram de COVID 19)

Refrão:

Cantamos o sangue dos nossos melhores, a prova maior!

Cobramos as flores de suas feridas.

Vivemos a vida que a morte ceifou!

Homem

Palavra: Eu respondi ao homem: "Senhor, tu o sabes". E ele disse: "Estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso, eles estão diante do trono de Deus e o servem dia e noite em seu santuário; e aquele que está assentado no trono estenderá sobre eles a sua tenda. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede. Não cairá sobre eles sol, e nenhum calor abrasador, pois o Cordeiro que está no centro do trono será o seu Pastor; ele os guiará às fontes de água viva. E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima".

Mulher e Homem: Tudo que meus olhos viram e minha boca proferiu é Palavra do Senhor.

T. Graças a Deus.

4. ENTRADA DOS ESTANDARTES: *(os estandartes entram e misturam-se no meio do povo).*

Vidas pela Vida [bis], Vidas pelo Reino [bis], Vidas pelo Reino [bis]. Todas as nossas Vidas [bis], Como as suas Vidas [bis], Como a Vida d'Ele [bis]. O Mártir Jesus! [bis]

5. ENTRADA DA CRUZ

Animadora: Povo de Deus, somos o Povo da Páscoa, Povo da Esperança, Povo da Liberdade. Somos testemunhas de Jesus Crucificado-Ressuscitado. A Cruz do padre João Bosco plantada no chão fecundo de sangue e suor de Ribeirão Cascalheira, Prelazia de São Felix do Araguaia e sinal de resistência, de testemunho e da teimosia da construção do mundo novo, novo céu e nova terra.

(- Som de tambor - 3 pessoas entram com a cruz).

6. ACENDIMENTO E BENÇÃO DO FOGO - *(um adolescente se aproxima e coloca a tocha na fogueira).*

Refrão: A nós descei Divina Luz...

Presidente: Ó Deus do universo, adorado com os mais diversos nomes e celebrados sob as mais diversas formas, tu és a fonte de toda luz, sol de nossas vidas, energia original.

Bendito sejas Tu por esse fogo!

Que esta festa martirial, de homens e mulheres, construtores e construtoras do novo céu e da nova terra, profetas e profetizas do Reino, acenda na humanidade a luz do mártir Jesus Cristo, a testemunha fiel.

Que o clarão resplandeça nas noites do teu povo, e aponte um novo horizonte de liberdade para toda a humanidade. Por Cristo Nosso Senhor. Amém.

7. ACENDIMENTO DO CÍRIO *(uma pessoa acende o círio com o fogo novo e canta):*

A luz de Cristo, que resplandecente ressuscita, dissipe as trevas do nosso coração; dissipe as trevas da nossa mente.

(Em seguida as acendem suas velas)

Canto:

Tu és fonte de Vida, tu és fogo, tu és amor.

Vem Espírito Santo, vem Espírito Santo.

8. CAMINHADA

(No trio)

Animadora: Irmãs e irmãos, como o povo de Deus no deserto guiado por uma coluna luminosa, vamos nós também seguir em caminhada a procura da terra prometida, da terra sem males, terra do bem viver, bem conviver.

Procurar com a vida aquilo que eles e elas procuram até a morte. Por que morreram? Por que morreram? Sigamos em caminhada.

(O círio vai à frente acompanhado pela cruz).

Canto: Bendito dos Romeiros da Terra

1. Bendita e louvada seja esta santa romaria. Bendito o povo que marcha, bendito o povo que marcha, tendo Cristo como Guia. [bis]

Sou, sou teu Senhor, sou povo novo retirante, lutador.

Deus dos peregrinos, dos pequeninos, Jesus Cristo, redentor.

Palavras de ordem:

- Vou criar um novo céu e uma nova terra.

- Mártires: sementes da Libertação.

Cantos até a parada

1ª PARADA: MÁRTIRES DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Animadora: Nesta primeira parada fazemos memória dos Mártires dos Povos Originários, queremos acolher o testemunho de ...

Refrão: Nossas causas valem mais que as nossas vidas! (6x)

Depoimento

Oração da causa dos Povo Originários

Presidente:

Oremos ao Senhor...

Pai Mãe da Terra e da Vida, Deus Tupã de nossos pais e mães, venerado nas selvas e nos rios, no silêncio da lua e no grito do sol:

Pelos altares e pelas vidas destruídos em teu nome, profanado, nesta nossa AbyaYala colonizada, te pedimos que fortaleça a luta e a esperança dos Povos Indígenas na reconquista de suas terras, na vivência da própria cultura, na fruição da autonomia livre.

Aweri, Amém, Axé, Aleluia.

Animadora: Sepé Tiarajú, Marçal, padre Rodolfo, Simão Bororo, Galdino Pataxó, Chicão Xucuru, Irmã Cleusa, Carlos Paez, Lazaro Condo, Ir. Veva, Irmão Vicente Cañas, Tomás Balduino, Missionários do CIMI, Dom Phillips, Bruno Pereira.

Todos: Presentes na Caminhada!

Canto: Canto Bororo

2ª PARADA – MÁRTIRES DAS CAUSAS NEGRAS

Animadora: Nesta segunda parada fazemos memória dos Mártires das causas negras, queremos acolher o testemunho de ...

Refrão: Nossas causas valem mais que as nossas vidas....

Depoimento

Oração da causa negra

Presidente: Oremos.

Ó Deus de todas as cores e de nenhuma cor, proximidade fraterna em Jesus de Nazaré e sempre mistério insondável: Concede ao povo negro desta nossa Afro-américa e da África Mãe e de todo o mundo a perseverante lucidez de seus ancestrais e a teimosa resistência de seus lutadores e mártires, para conquistarem plenamente seus direitos como pessoas e como Povo; concede-nos a todos, de todas as cores, uma infinita solidariedade.

Axé, Amém, Aweri Aleluia!

Animadora: Zumbi dos Palmares, Dandara, Anastácia, Martin Luther King, Nelson Mandela, Dom José Maria Pires, Padre Vitor Francisco de Paula, Mestre Môa do Katendê, Mãe Menininha do Cantois,

Todos: Presentes na Caminhada!

Canto: Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar, e neste dia os oprimidos, numa só voz a liberdade irão cantar.

Palavras de ordem

- Nunca mais trabalho escravo para os filhos e filhas de Deus;

- Sem preconceito, sem discriminação, sem racismos;
- Basta de escravos: um mundo de irmãos e de irmãs.

Cantos

3ª PARADA – MÁRTIRES DAS CAUSAS DAS MULHERES

Animadora: Nesta terceira parada fazemos memória dos Mártires e das mártires das causas das mulheres e queremos acolher o testemunho de ...

Refrão: Nossas causas valem mais que as nossas vidas....

Depoimento

Oração da causa da mulher

Presidente: Oremos.

Deus da vida e do amor, Pai-Mãe da família humana, que quisestes que vosso filho nascesse de uma mulher e fizesse das mulheres companheiras da sua Caminhada e testemunhas primeiras de sua Ressurreição: ensinaí à humanidade inteira a superar toda discriminação.

A conviver em igualdade de direitos e em harmonia de complementação, mulheres e homens sendo filhas e filhos vossos, sendo irmãos e irmãs de uma Família só. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Maria de Nazaré, nosso irmão, o Libertador.

Amém, Axé, Aweri, Aleluia!

Animadora: Margarida Alves, Dorcelina, Solange Rodrigues, Irmã Adelaide, Berta Cárceres, Padre João Bosco – Margarida e Santana, Marielle Franco, MamáTingô...

Todos: Presente na Caminhada!

*Canto: Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer,
participando sem medo de ser mulher.*

Palavras de ordem

- Mulher: fonte vida, companheira da caminhada;
- Na sociedade e na Igreja, todos os direitos da Mulher;

- Sem machismo, sem violência, semfeminicídio;
- Não é Não.

Cantos

4ª PARADA – MÁRTIRES DA TERRA E DAS CAUSAS ECOLÓGICAS

Animadora: Nesta quarta parada fazemos memória dos Mártires da terra e das causas ecológicas e queremos acolher o testemunho de ...

Refrão: Nossas causas valem mais que as nossas vidas...

Depoimento

Oração das causas ecológicas

Presidente: Oremos.

Deus de toda vida, único Senhor da Terra,
Pai-Mãe da família humana!

Tu nos queres vivendo em irmandade, sem medo e sem violência, sem egoísmo e sem corrupção: na justiça, na solidariedade e no amor, cuidando da vida!

Fortalece nossa marcha para a Terra Prometida da reforma agrária, da ecologia profunda e integral, do trabalho com dignidade, da economia sustentável, da democracia real!

Pelo pranto, pelos sonhos, pela luta e pelo sangue dos irmãos e irmãs que nos precederam e acompanham.

Por teu Filho, Jesus, o Libertador. Sempre na procura do teu Reino.

Amém, Axé, Aweri, Aleluia!

Animadora: Chico Mendes, Ir. Dorothea, Dema, Padre Josimo, Oscar Fallas, Sebastião Rosa da Paz, Nativo da Natividade, Nervado, Massacrados em Eldorado dos Carajás, martirizados em Colniza...

Todos (as) –Presente na caminhada!

Canto: Tudo está interligado como se fôssemos um.

Tudo está interligado nesta Casa comum.

Palavras de ordem

- Terra de Deus, terra de irmãos e irmãs.
- Terra: casa comum, casa do bem-viver.
- Terra santa, Terra mãe, casa da vida.

5º PARADA – MÁRTIRES DAS CAUSAS DAS JUVENTUDES E CRIANÇAS

Animadora: Nesta quinta parada fazemos memória dos Mártires das causas das juventudes e crianças e queremos acolher o testemunho de ...

Refrão: *Nossas causas valem mais que as nossas vidas....*

Credo da juventude – (dois Jovens)

1. Creio na juventude que busca o novo,
2. Que espera o amanhã melhor e sonha sonhos de criança.
1. Creio no jovem e na jovem que sabe o que quer,
2. Que enfrenta firme a luta, que não foge da raia.
1. Creio na rapaziada que segue em frente e segura o rojão.
2. Creio no jovem que descobre o valor de vivermos como irmãos e irmãs que busca a comunidade.
1. Creio na juventude que sempre se reúne para partilhar a vida.
2. Creio em nossa caminhada rumo à nova sociedade,
1. Onde todos e todas seremos irmãos e irmãs.
2. Creio no Deus pai e mãe, libertador,
1. E em todo jovem e toda jovem que sonha com seu reino de amor.
2. Creio no Cristo jovem,
1. Que fez a vontade de Deus e viveu com muito amor.
2. Creio no Espírito Santo,
1. Que com o fogo do amor anima toda a juventude na busca do libertador.

2. Creio em Maria, Mulher de dor e alegria,
 1. Mãe nossa querida, de todos os jovens e de todas as jovens
 2. Que na vida redescobrem seu valor.
 1. cremos que só com fé, força e confiança
 2. Chegaremos ao reino de Deus e do povo.
- 1/2. Amém!

Animadora: Vilmar de Castro, Pe. Henrique, Joilson, Nestor Paz Zamora, Luz Stela, Gisley, Lourival, Walderes, Raimundo, todos os educandos e educadores vítimas dos atentados nas escolas, meninos do Beco do Candeeiro, massacrados da candelária...

Todos/as: Presente na caminhada!

Canto: Deixa-me ser jovem não me impeça de lutar.

Pois a vida nos convida, a uma missão realizar.

Palavras de ordem

- Lugar de criança e adolescente é na escola.
- Faça Bonito, disque 100.
- As juventudes querem viver.
- Chega de Violência e extermínio de Jovens e crianças

Cantos

9. CHEGANÇA:

(Enquanto os caminheiros entram no espaço do casario).

1. Venham todos cantemos um canto que nasce na terra,
canto novo de paz e esperança em tempos de guerra.
Neste instante há inocentes tombando nas mãos de tiranos,
tomar terra, ter lucros matando são esses seus planos.
2. Lavradores, Raimundo, José, Margarida, Nativo,
assumir sua luta e seu sonho por nós é preciso.
Haveremos de honrar todo aquele que caiu lutando,
contra os muros e cercas da morte jamais recuando.

*Eis o tempo de graça, eis o dia da libertação,
de cabeça erguida, de braços unidos irmãos.
Haveremos de ver qualquer dia chegando a vitória,
o povo nas ruas fazendo a história,
crianças sorrindo em toda nação.*

10. LOUVAÇÃO

ANÚNCIO DA PÁSCOA DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA

Presidente: As mortes dos mártires da caminhada, não são mortes simplesmente mortidas.

Animadora: Nem são mortes simplesmente matadas.

Presidente: São mortes vividas. Pois quem luta no amor não pode morrer.

Animadora: Vidas doadas.

Presidente: Vidas pela vida.

Animadora: Vidas pelo Reino.

Presidente: Como a vida d'Ele.

Animadora: O mártir Jesus.

Presidente: Os e as mártires fizeram de suas causas: a fé, a terra, os direitos humanos, a justiça, a libertação...

Animadora: A razão de ser de suas vidas e a vitória em suas mortes.

Presidente: Eles e elas não morreram inutilmente. Morreram fecundamente.

Animadora: O Sangue dos mártires é semente de um novo tempo.

Presidente: O sangue de Jesus é vinho de festa. Licor de Páscoa. Bebida do Reino.

Canto:

*Quem disse que não somos nada, que não temos nada para oferecer?
Repare nossas mãos abertas, trazendo as ofertas do nosso viver! [bis]*

*1. A fé do homem peregrino, que busca um destino, um pedaço de
chão.*

*A luta do povo oprimido, que abra caminho, transforma a nação.
Ó,ô,ô,ô... recebe, Senhor! [bis]*

Animadora: Aguardamos e apresentamos um novo tempo, tempo de percorrer as estradas empoeiradas de sol e de povo. Por onde passam, retirantes, as dores da opressão. Tempo de ocupar os campos maduros do desperdício acumulado, recolher e repartir os frutos da solidariedade e da justiça. Tempo de mergulhar nas fontes da vida e banhar de esperança os sedentos de liberdade. Tempo de cantar com todo o povo as alegrias e direitos conquistados. Tempo de ofertar no altar da Páscoa-Igualdade as lutas e vitórias da caminhada...”

Presidente:

- Para nós é um prazer bendizer-te, ó Senhor, celebrar o teu amor, por Jesus teu bem querer. (bis)

- E por tuas testemunhas que suas vidas não pouparam
Seu caminho elas trilharam a serviço do teu Reino. (bis)

- Dando graças relembramos de Jesus em tantas ceias
E com ele em nossa mesa nós também nos alegamos. (bis)

(apresentando a comida)

- Ó Senhor, te bendizemos por comida tão gostosa
que com mãos bem generosas entre irmãos partilharemos. (bis)

(apresentando a bebida)

- Ó Senhor, te bendizemos por beber de tal delícia,
que entre nós com alegria como irmãos dividiremos (bis)

- E agora, ó Senhor, sobre nós e nossa mesa,
tua luz e fortaleza, manda o Espírito de amor!

-Teu Espírito congregue, tudo quanto está disperso;

tua Igreja em vida e verso, o teu Reino manifeste!

Finalmente a nossa boca, inspirada por teu Filho,

e, seguindo o seu ensino, o teu santo nome invoca.

Pai nosso.... Pois vosso é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém!

Animadora: Vocês todos e todas que buscam a justiça e anunciam a nova vinda do Senhor, venham e comam. E o Deus da paz esteja com vocês.

Partilha dos alimentos

Cantos: Pai Nosso dos Mártires

Viva a Esperança!

(Segue os cantos até que a partilha tenha sido completa).

Cirandas...

(O grupo de animação continua a celebração com músicas da caminhada, ciranda, forró, samba...)

6.5 - OFÍCIO DA MANHÃ – FESTA DE MARIA MADALENA - DISCÍPULA AMADA DE JESUS, APÓSTOLA DOS APÓSTOLOS

1. CHEGADA– Silêncio - oração pessoal

O sol nasceu, é novo dia, bendito seja Deus quanta alegria!

Colocar o estandarte de Madalena compondo o espaço desde o início.

Acender as velas com o mantra (5 velas. 5 Mulheres sendo uma de cada região).

2. ABERTURA

– *Estes lábios meus, vem abrir, Senhor! (bis)*

Cante esta minha boca sempre o teu louvor! (bis)

- Na manhã da Páscoa quando o sol raiou! [bis]

Maria Madalena viu o seu Amor! [bis]

- O Senhor, lhe diz: vai a meus irmãos. [bis]

Primeira testemunha da Ressurreição. [bis]

– Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)

Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito. (bis)

– Suba nosso incenso, nossa louvação, [bis]

(Incenso em torno do altar)

Lembrando as testemunhas da ressurreição. (bis)

3. RECORDAÇÃO DA VIDA

Faz muito sentido, este último dia do nosso encontro, coincidir com a Memória de Maria Madalena, a discípula amada de Jesus, a primeira a reconhecer o ressuscitado, a apóstola dos apóstolos. Assim Madalena era reconhecida na Igreja do primeiro século, que tinha as mulheres como protagonistas. Mulher mais citada pelo nome nos evangelhos e sempre em primeiro lugar na lista das mulheres, cede essa posição tão somente para a Mãe de Jesus aos pés da cruz [João 19,25].

Foi curada por Jesus e o seguiu, na sua itinerância pela Galileia, liderando um grupo estável de discípulas em pé de igualdade com os Doze [Lc 8]. Um discipulado feminino fiel, mesmo no tempo da prova mais dura: subiram com Jesus para Jerusalém, estiveram presentes ao pé da cruz, compareceram ao sepultamento e foram elas as primeiras a reconhecerem o crucificado-Ressuscitado.

Maria Madalena desaparece de cena ao longo da história, confundida com a pecadora anônima e com Maria de Betânia. E, no entanto, em nenhum lugar dos evangelhos Maria Madalena aparece como pecadora. A arte visual e cinematográfica a tem tratado como uma mulher subjugada e depravada.

No Concílio Vaticano II, o papa Paulo VI saiu em defesa de Madalena, dando-lhe um formulário litúrgico, que devolveu a ela a sua verdadeira identidade. E o Papa Francisco, completou elevando a sua memória a categoria de festa, como os apóstolos, com um prefácio próprio no qual é chamada apóstola dos apóstolos.

Portanto, atualmente há todo um movimento, que inclui o trabalho da exegese bíblica, de ressuscitar Madalena como discípula amada e ousada, que rompeu os paradigmas de sua época.

(Entram as 30 mulheres com blusas, chapéus, lenços e estandartes evocando: a Marcha das Margaridas; a luta da mulher nordestina, quebradeiras de coco; pastoral da mulher marginalizada; animadoras da

fé nas comunidades ribeirinhas, de periferias urbanas, das zonas rurais. Estas mulheres formam um semicírculo em torno do estandarte da Madalena, enquanto a pessoa continua):

E isso é decisivo em caminhada eclesial, onde as mulheres têm demarcado seu espaço além dos limites impostos, fazendo valer sua dignidade, sua autonomia, sua liberdade e seu serviço.

Cantemos o hino, unindo à memória de Maria Madalena, a ousadia de todas as mulheres que romperam padrões na sociedade e na Igreja, e são testemunhas de vida e libertação.

4. HINO

*1. Luminosa, a aurora desperta
e o triunfo de Cristo anuncia.*

*Tu, porém, amorosa, procuras
ver e ungir o seu Corpo, ó Maria.*

*2. Quando, o buscas, correndo
ansiosa, vês o anjo envolvido em
luz forte; ele diz que o Senhor
está vivo e quebrou as cadeias da
morte.*

*3. Mas amor tão intenso prepara
para ti recompensa maior:
crês falar com algum jardineiro,
quando escutas a voz do Senhor.*

*4. Estiveste de pé junto à cruz,
com a Virgem das Dores unida;
testemunha e primeira enviada
és agora do Mestre da vida.*

*5. Bela flor de Magdala, ferida
pelo amor da divina verdade,
faze arder o fiel coração
com o fogo de tal caridade.*

*6. Dai-nos, Cristo, imitarmos
Maria em amor tão intenso,
também, para um dia nos céus
entoarmos vossa glória nos
séculos. Amém.*

5. SALMO 63 [62]

Ao cantar o salmo 63, ouçamos na voz do peregrino sedento, a voz de Madalena, que vai na noite escura da sua fé, em busca do grande amor da sua vida. E oremos com todas as pessoas que buscam uma fonte em seu caminho.

Em meu peito arde o meu coração...

quero ver, quero ver meu Senhor!

eu procuro, eu procuro meu bem...

onde está, onde está meu amor?...:

1. *Ó meu Deus, ó Deus meu, desde cedo eu te anseio,
O meu ser tão sedento, por ti só anelo...*

- Minha carne te busca, por ti ela anseia.

Como terra sem água, feito árida areia.

2. *Assim eu gostaria de te contemplar,
Teu poder, tua glória, no Templo a provar!*

- Pois mais doce que a vida é teu grande amor,

E meus lábios irão celebrar teu louvor!

3. *E por toda minha vida, eu te bendirei,*

Em teu Nome, meus braços e mãos erguerei!

- Como em rico banquete me saciarei,

Com alegria nos lábios eu te louvarei!

4. *Noite adentro, em meu leito, em ti eu me ligo,*

Sobre ti, noite adentro, em vigília, eu medito

- Pois tens sido pra mim um socorro constante

De tuas asas à sombra, eu canto exultante!

5. *E meu ser todo em ti se segura e agarra,*

Tua destra é o que me sustenta e ampara...

- De minha vida os que buscam a destruição

Às profundas da terra é que descirão!

- E entregues nas mãos de quem usa da espada,

Dos chacais vão findar qual presa abocanhada!

6. Mas quem reina com Deus, nele irá se alegrar

E feliz há de ser quem por Ele jurar!

- E tapada a boca de toda mentira,

Glória ao Deus que meu canto anima e inspira!

6. LEITURA BÍBLICA

Aclamação

Aleluia! Aleluia! Aleluia! Aleluia! [bis]

Aleluia! Aleluia! Aleluia! Aleluia! [bis]

Vem dizer-nos, ó Maria, no caminho o que havia?

“Vi o Cristo redivivo e o túmulo vazio”! [bis]

Evangelho - João 20,1.11-18

Proclamação do Evangelho segundo João.

7. MEDITAÇÃO – (breve silêncio)

8. CÂNTICO DE ZACARIAS

(As mulheres tomam nas mãos os potes com o óleo perfumado. Quem preside faz a motivação:)

Ao raiar deste novo dia, lembrando as santas mulheres portadoras de perfumes, na manhã da Páscoa, vamos ungir, com o óleo perfumado esta, assembleia sacramento do crucificado-ressuscitado. Cantemos o nosso bendito, pelo dom do Sol nascente.

(As mulheres saem em direção à assembleia, para o gesto da unção).

*Mal começava o domingo, a
semana,*

*Lá vem as mulheres com flores
aromas!*

*De passo em passo, de rua em
rua,*

O sol já havia surgido aleluia!

1. Bendito o Deus de Israel,

Que seu povo visitou

*E deu-nos libertação,
Enviando um Salvador,
Da casa do rei Davi,
Seu ungido servidor.*

*2. Cumpriu a voz dos profetas
Desde os tempos mais antigos,
Quis libertar o seu povo
Do poder dos inimigos,
Lembrando-se da aliança
De Abraão e dos antigos.*

*3. Fez a seu povo a promessa
De viver na liberdade,
Sem medos e sem pavores
Dos que agem com maldade,
E sempre a ele servir
Na justiça e santidade.*

4. Menino, serás profeta

*Do Altíssimo Senhor
Pra ir à frente aplainando
Os caminhos do Senhor,
Anunciando o perdão
A um povo pecador.*

*5. É ele o Sol Oriente
Que nos veio visitar.
Da morte, da escuridão,
Vem a todos libertar.
A nós, seu povo remido,
Para a paz faz caminhar.*

*6. Ao nosso Pai demos glória
E a Jesus louvor também.
Louvor e glória, igualmente,
Ao Espírito que vem.
Que nosso louvor se estenda
Hoje, agora e sempre. Amém!*

9. PRECES

Lembrando Maria Madalena a primeira a levar a notícia do Ressuscitado aos apóstolos, oremos.

Ouve-nos Senhor!

- Dá às nossas comunidades, o amor, a força espiritual e a fidelidade de Madalena, para que sejamos uma Igreja Madalena e samaritana.

Ouve-nos Senhor!

- Firma em nossas comunidades o discipulado e o ministério das mulheres a exemplo das discípulas que te seguiram, contribuíram no teu ministério e foram apóstolas da tua ressurreição.

Ouve-nos Senhor!

- Dá-nos a graça de viver a vida nova que nos foi dada no batismo, para vencer o medo da noite escura e alcançar a alegria da Páscoa.

Ouve-nos Senhor!

- Firma com a energia amorosa do teu Espírito, todos os movimentos femininos na sociedade e na Igreja, para que a ousadia e a utopia, superem o medo e a apatia.

Preces espontâneas...

Oremos ao Pai, colocando-nos no lugar do filho, com a oração que ele nos ensinou: **Pai-nosso...**

Oração

Deus nosso Pai, a Maria Madalena,
o teu Filho Ressuscitado
confiou o primeiro anúncio pascal.
Concede também a nós em comunhão com ela,
a graça de proclamarmos
que o Cristo ressuscitado está vivo
e de contemplá-lo na glória do seu reino.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho,
na unidade do Espírito Santo. Amém.

10. BÊNÇÃO

O Deus da consolação nos dê a graça de vivermos em fraterna alegria e ajuda mútua, por Cristo, nosso Senhor. Amém!

Abençoe-nos o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amém!

— Ao longo de todo este dia bendigamos ao Senhor.

Graças a Deus.

Canto final

Maria, Maria é um dom, * uma certa magia,
Uma força que nos alerta, * uma mulher que merece

Viver e amar como outra qualquer do planeta.
Maria, Maria é o som, * é a cor, é o suor,
É a dose mais forte, lenta, * de uma gente que ri
Quando deve chorar e não vive, apenas aguenta.
Mas é preciso ter força, * é preciso ter raça,
É preciso ter gana, sempre, * quem traz no corpo a marca,
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria.
Mas é preciso ter manha, * é preciso ter raça,
É preciso ter sonho, sempre, * quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania * De ter fé na vida.

“Madalena é o testemunho da Igreja em saída – Testemunho dado ao mundo.”

6.6 – CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA - ENCERRAMENTO DO 15º INTERECLESIAL DAS CEBs – 16º DOMINGO DO TEMPO COMUM – ANO A

PRESIDE: Dom Maurício da S. Jardim (Rondondópolis-Guiratinga)

CONCELEBRA: Dom Gabriele Marchese (Referencial das CEBs do Brasil),
Dom Neri Tondello (Juína/MT), Cardeal Dom Leonardo Steiner (Manaus),
Dom Mário Antônio (Arcebispo de Cuiabá)

RITOS INICIAIS

Refrão: Louvemos todos juntos o nome do Senhor!

Louvemos todas juntas o nome do Senhor!

Acendimento do círio e das velas, Enquanto as mulheres fazem a incensação:

Como a fumaça do incenso, suba a nossa oração.

Chegue a Ti, Senhor. Chegue a Ti, Senhor, esta louvação

1. Procissão e canto de abertura

*1. Deus chama a gente pra um momento novo,
de caminhar junto com teu povo,
é hora de transformar, o que não dá mais,
sozinho isolado, ninguém é capaz.*

***Por isso vem, entra na roda com a gente, também,
você é muito importante. Vem! [bis]***

*2. Não é possível crer que tudo é fácil,
há muita força que produz a morte,
gerando dor, tristeza e desolação, é necessário unir o cordão.*

2. Saudação

Presidente: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Amém.**

A graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo, estejam com vocês.

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3. Recordação da vida

Do encontro

4. Rito da aspersão

Presidente: Irmãos e irmãs, como sinal visível da unidade que experimentamos neste 15º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, acolhamos as águas vindas das cinco regiões do Brasil. *(Águas vindas dos regionais são trazidas em bilhas e colocadas na fonte batismal, enquanto se canta)*

Água, água, água sagrada! (bis)

1 - Água que vem dos Pampas do Sul

Das serras geladas ao mar tão azul. (bis)

2 - Água que vem do sertão-agreste

Bem tão precioso, vem lá do Nordeste. (bis)

3 - Água que vem correndo em cascatas

Vem lá do Sudeste, de atlantes matas.

4- Água que vem do Brasil central

Vem do centro-Oeste, da Vida um sinal. (Bis)

5 - Água que rega os jardins do Mundo.

Que corre pro Norte, mistério profundo. (bis)

(O presidente, dirigindo-se à fonte batismal, de pé, convida a comunidade:)

Presidente: Irmãos e irmãs, bendigamos ao Deus da vida por esta água e peçamos que ele renove em nossa vida a graça do santo batismo, para permanecermos fiéis ao Espírito que recebemos.

(Todos rezam em silêncio. Em seguida o presidente faz a oração)

Deus de bondade, tu nos deste a irmã água, fonte de vida, e quiseste que, por ela, recebêssemos o batismo que nos consagra a ti. Nós te bendizemos pela água benfazeja! Renova, no mais profundo de nós, a fonte viva de tua graça, para que, livres de todos os males, possamos caminhar sempre em teus caminhos e, vivendo segundo o Evangelho do teu Filho, possamos colaborar com a criação do novo céu e da nova terra. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.

(Aspersão dos fiéis enquanto se canta)

Banhados em Cristo, somos uma nova criatura.

As coisas antigas já se passaram. Somos nascidos de novo.

Aleluia, aleluia, aleluia. (bis)

(Ao terminar a aspersão)

Presidente: Que Deus, em sua misericórdia, nos liberte de todo o pecado e pela participação na Eucaristia, nos torne dignos de participar na mesa do seu reino. Amém.

5. Kyrie – cantores / assembleia

Senhor, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

6. Glória

*1. Glória a Deus nas alturas é o canto das criaturas,
rios e matas se alegram, campo e cidade celebram!
Ó rei dos céus, e Senhor, a ti o nosso louvor!
Deus nosso Pai te adoramos tua glória proclamamos.*

***Glória, glória, glória te damos senhor!
glória, glória, a ti eterno louvor.***

*2. Paz para o povo sofrido, é o grito do oprimido!
Somos os teus preferidos, és nosso pai tão querido!
Ouve o clamor do teu povo, vem e nos livra de novo!
A terra mal repartida, clama por tua justiça!*

*3. Glória a Jesus nosso guia, filho da Virgem Maria,
Vens para o meio dos pobres pra carregar nossas dores.
Pelo Espírito ungido vens libertar os cativos!
Por nós a vida entregaste e Senhor nos libertaste.*

*4. De Deus o Filho amado, és o Cordeiro imolado!
Tiras do mundo a maldade, de nós, Senhor, piedade!
Tu és o santo, Senhor, és o mais alto o maior!
Com o divino amor, de Deus Pai no esplendor!*

7. Oração inicial

Ó Deus, sede generoso para com vossos filhos e filhas e multiplicai em nós os dons da vossa graça, para que, repletos de fé, esperança e caridade, guardemos fielmente os vossos mandamentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

Canto: Escuta, Israel, o Senhor é nosso Deus, um é o Senhor! (4x)

8. PRIMEIRA leitura – Sb. 12,13.16-19

9. Salmo Responsorial – Sl. 85

10. SEGUNDA LEITURA – Rm. 8,26-27

11. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Aleluia, Aleluia, Aleluia.

Eu te louvo, ó Pai santo, / Deus do céu, Senhor da terra:

Os mistérios do teu reino, / aos pequenos, Pai, revelas.

12. Evangelho – Mateus 13,24-43

13. Homilia

Irmãos e irmãs, a segunda leitura nos recorda, “o Espírito vem em socorro de nossa fraqueza. Ele mesmo intercede em nosso favor com gemidos inefáveis”. O caminho de cinco anos, percorrido desde Londrina,

foi marcado pelo novo cenário provocado pela pandemia do COVID 19. Esta edição do intereclesial necessitou se reconfigurar num formato com menos pessoas representantes das comunidades eclesiais de Base do Brasil.

Cheguei na Diocese no dia mundial das missões, 23 de outubro do ano passado e participei da última etapa de preparação do 15º Intereclesial. Desde que cheguei comecei a me perguntar: Qual a intencionalidade que moveu Dom Juventino Kesting, o conselho diocesano de pastoral, os bispos e as lideranças das CEBs do Regional Oeste 2, a se colocarem a disposição para acolher o 15º Intereclesial das CEBs aqui na Diocese de Rondonópolis-Guiratinga/MT?

Relendo o relatório da ampliada do dia 24 janeiro de 2019, Dom Juventino destacava a importância de ‘cuidar das comunidades’, dizia ele: “vamos aproveitar a organização do 15º intereclesial para nos aproximar e escutar as alegrias e os clamores das pessoas que pertencem as comunidades de base”, ou seja, o sujeito principal é a comunidade, como nos sugere o nome ‘intereclesial’, encontro entre as comunidades.

Agradeço ao Pe. Francisco de Aquino que no dia de ontem nos recordou que a comunidade não é secundária na nossa caminhada de fé. Diante da complexidade do contexto que vivemos, a comunidade precisa de atenção, pois é tentada perder sua identidade de tenda da palavra, do pão e da caridade em vista da ação missionária. A nossa vivência de fé cristã é comunitária. Não podemos ceder a tentação da autoreferencialidade, de ficar olhando mais para o espelho do que para janela.

O remédio para superar as tentações da comunidade é a missionariedade, sermos Igreja em saída às periferias que mais necessitam da luz do Evangelho para tocar a carne sofredora de Cristo nos pobres, doentes e descartados de hoje. Socorrer, cuidar, curar e testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo. Creio que a imagem de Igreja mais adequada neste processo de renovar e cuidar da comunidade é aquela assumida pelo Concílio Vaticano II, a Igreja é Povo de Deus e o 15º intereclesial nos

interpela a não desistir da comunidade, pois ela é sinal do Reino de Deus no meio do mundo.

A Palavra do Evangelho hoje nesta missa de envio, nos aponta o horizonte maior, o Reino dos Céus. O Reino está no meio de nós. O Reino nos é dado. De graça recebemos, de graça damos. O Reino é o próprio Jesus Cristo que tomou a iniciativa de nos chamar e enviar. O Reino é uma realidade que já experimentamos no cotidiano em cada pequeno gesto de fraternidade, solidariedade, defesa e promoção da vida, serviço, partilha, acolhida, doação, profecia e cuidado da casa comum. São as pequenas sementes de mostarda semeadas na vida das famílias, das comunidades, da sociedade e do mundo. Para acolher o Reino dos Céus tem uma condição: fazer-se pequeno. “Felizes os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus”. Quem se acha grande, poderoso, sábio e inteligente, não é capaz de acolher o Reino dos Céus já presente no meio de nós.

No horizonte deste 15º intereclesial das CEBs esteve presente o sonho do Reino dos Céus: “*Eu vou criar novo céu e um nova terra*”. A boa semente da fé, da esperança do amor, do sentido de pertença à comunidade, da valorização do cristão leigo e da leiga, do compromisso profético sócio transformador e da vivência da Palavra Deus no contexto onde estamos inseridos, são sinais da proximidade do Reino dos Céus.

A comunhão com o nosso Papa Francisco esteve muito presente neste 15º Intereclesial nas temáticas abordadas sobre a ecologia integral apresentada em *Laudato Si*, na Economia de Clara e Francisco, no Pacto Global pela Educação, na dimensão política-social e no tema da sinodalidade. Depois de um longo percurso, em outubro próximo teremos a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, cujo tema é “por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”.

Não tenhamos medo de sermos portadores da Boa Notícia do Reino dos Céus, sobretudo onde a vida se encontra ameaçada. Queremos sonhar juntos um novo céu e nova terra onde habita a lógica do cuidado, da reconciliação, da fraternidade, da justiça e da paz. Não tenhamos medo

diante dos ataques e perseguições, a nossa resposta será sempre o amor, a reconciliação e paz.

Impulsionados pela única missão de Deus, na qual somos cooperadores e cooperadoras, nossa ação missionária não para por aqui. Daqui desta Igreja local somos enviados aos confins do mundo, pois o encontro com Cristo ressuscitado faz nosso coração arder e nos impeli a caminhar.

Por fim, minha gratidão a tantas equipes de trabalho e pessoas, sem citar nomes, que se doaram gratuitamente na preparação e realização deste encontro. Gratidão aos cristãos leigos e leigas das comunidades dos dezanove regionais da CNBB que se puseram a caminho. Gratidão aos irmãos bispos, ministros ordenados, religiosos e religiosas pela presença e testemunho. Gratidão as famílias acolhedoras. Foi tudo preparado com amor pelas 21 equipes de serviço. Creio que vivemos entre nós a prática do espírito sinodal de comunhão, participação e missão. Deus os abençoe. Amém.

(Dom Maurício da Silva Jardim, Bispo de Rondonópolis-Guiratinga/MT)

13. Profissão de fé

14. Preces dos fiéis- Cantada

Presidente: Apresentemos as preces que as comunidades vindas de todo o Brasil, dirigem ao Pai, com confiança, cantando:

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

- Pela santa Igreja de Deus, na diversidade de confissões, para que supere os conflitos e a alcance a paz pela obediência ao Evangelho. Oremos ao Senhor.

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

- Por Francisco, bispo de Roma e servo dos servos de Deus, para que seja sustentado em sua missão de presidir a unidade da Igreja no caminho do amor e da justiça. Oremos ao Senhor.

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

- Pelas CEBs que se reúnem nos mais distantes recantos do nosso país, para que persevere fiel como Igreja Madalena e Samaritana. Oremos ao Senhor.

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

- Pelas pessoas e grupos que sofrem violência por causa de raça, gênero e condição social, para que encontrem em suas lutas segurança e apoio do Estado e das Igrejas. Oremos ao Senhor.

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

- Pelos países que vivem o embate da guerra, para que encontrem caminhos de concórdia e de paz. Oremos ao Senhor.

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

- Pelas multidões que vivem em condições de extrema pobreza, para que alcancem trabalho, moradia e o pão de cada dia. Oremos ao Senhor.

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

- Pelas crianças de nossas famílias e nossas escolas, para que recebam proteção e possam viver em segurança. Oremos ao Senhor.

Ó Senhor, escuta a nossa prece!

15. Preparação das oferendas

(Enquanto acólitos/as preparam a mesa, canta-se o canto. O canto se interrompe quando o pão é entregue nas mãos de dom Maurício que faz a oração sobre o pão e depois sobre o vinho. Em seguida o canto é retomado até encerrar o rito da incensação)...

Canto:

Somos a Igreja em saída o novo vai acontecer
O céu abrindo as portas para este povo acolher

Vou criar novo céu e nova terra para que todos tenham vida plena (bis)

Receba Senhor este pão que aqui vimos lhe ofertar
é fruto de nosso trabalho que alegra o nosso caminhar.
Receba Senhor este vinho que vimos lhe oferecer
é fruto de um mutirão que acaba de acontecer.

Trago as mãos calejadas de tanto lidar com o chão
dando sentido pra vida não solto a mão do irmão.
Buscamos em ti nossas forças para as CEBs não cansar.
Só tu és a nossa esperança venha conosco ficar.

Entrem irmãos nesta fila não deixem essa hora passar
tragam a sua família para ao Senhor ofertar.
Vida das comunidades não deixem nosso trem parar.
Botando os pés na estrada as CEBs vão continuar

(Ao receber o pão nas mãos, quem preside faz a oração):

Bendito sejais Senhor Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano que agora vos apresentamos e para nós se vai tornar pão da vida.

Canto: Bendito, bendito, bendito seja Deus para sempre.

(Ao receber o vinho nas mãos, quem preside faz a oração):

Bendito sejais Senhor Deus do universo, pelo vinho que recebemos de vossa bondade, fruto da videira e do trabalho humano, que agora vos apresentamos e para nós se vai tornar vinho da salvação.

Canto: Bendito, bendito, bendito seja Deus para sempre.

(Incensação – canto: Vou criar...)

Oração sobre as oferendas

Ó Deus, que no sacrifício da cruz, único e perfeito, levastes à plenitude os sacrifícios da Antiga Aliança, santificai, como o de Abel, o nosso sacrifício, para que os dons que cada um trouxe em vossa honra possam servir para a salvação de todos. Por Cristo, nosso Senhor. Amém!

16. Oração eucarística V

17. PAI NOSSO

18. FRAÇÃO DO PÃO

Solo: Cordeiro de Deus, que vences o mundo.

Ass.: Piedade de nós, compaixão Senhor.

Solo: Cordeiro de Deus, que vences o mundo.

Ass.: Piedade de nós, compaixão Senhor.

(Repetir enquanto dura a fração)

Solo: Cordeiro de Deus, que vences o mundo.

Ass.: Ó dá-nos a paz, tua paz Senhor.

Presidente: Felizes os convidados para o banquete nupcial do Cordeiro.

Eis o Cordeiro...

19. CANTO DE COMUNHÃO:

(A distribuição da comunhão – duas espécies)

1. A mesa tão grande e vazia de amor e paz – de paz

Aonde há luxo de alguns, alegria não há – jamais

A mesa da Eucaristia nos quer ensinar – a, a

Que a ordem de Deus nosso Pai é o pão partilhar.

Pão em todas as mesas da Páscoa nova a certeza:

a festa haverá e o povo a cantar, aleluia! [bis]

2. As forças da morte: a injustiça e a ganância de ter – de ter!

Agindo naqueles que impedem ao pobre viver – viver!

Sem terra, trabalho e comida, a vida não há – não há!

Quem deixa assim e não age a festa não vai celebrar.

3. Que em todas as mesas de pobre haja festa de pão – de pão!

E as mesas dos ricos vazias sem concentração – de pão!

Busquemos, aqui, nesta mesa do pão redentor – do céu

A força e a esperança que faz todo o povo ser Deus.

4. Irmãos, companheiros na luta, vamos dar as mãos – as mãos,

na grande corrente do amor, na feliz comunhão! – irmãos!

unindo a peleja e a certeza, vamos construir – aqui,

na terra o projeto de deus: todo povo a sorrir!

(segue outros cantos de comunhão)

20. depois da comunhão

Ó Deus, permanecei junto ao povo que iniciastes nos sacramentos do vosso reino, para que, despojando-nos da velha criatura, passemos a uma vida nova. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

21. RITO DE PASSAGEM DO 15º PARA O 16º INTERECLESIAL-

(Anúncio do local do 16º Intereclesial, com a entrega simbólica do ícone do 15º para o 16º).

Marilza – “A Divina Ruah escolheu e o 16º Intereclesial das CEBs volta para as origens, onde tudo começou: o Espírito Santo”.

22. Bênção

- Deus vos abençoe e vos guarde. Amém.
 - Ele vos mostre a sua face e se compadeça de vós. Amém.
 - Volva para vós o seu olhar e vos dê a paz. Amém.
- Abençoe-vos o Deus misericordioso, Pai e Filho e Espírito Santo. Amém.

23 – Saudação mariana

Presidente: Voltemo-nos à imagem de Nossa Senhora.
Ave Maria...

24. Despedida

25. Canto Final

1. Quando o dia da paz renascer,
Quando o sol da esperança brilhar, eu vou cantar!
Quando o povo nas ruas sorrir,
E a roseira de novo florir, eu vou cantar!
Quando as cercas caírem no chão,
Quando as mesas se encherem de pão, eu vou cantar!
Quando os muros que cercam os jardins,
Destruídos, então, os jasmims. Vão perfumar!

**Vai ser tão bonito se ouvir a canção, Cantada de novo.
No olhar da gente a certeza de irmão: Reinado do Povo.**

*2. Quando as armas da destruição,
Destruídas em cada nação, eu vou sonhar!
E o decreto que encerra a opressão,
Assinado só no coração, vai triunfar!
Quando a voz da verdade se ouvir
E a mentira não mais existir, será, enfim,
Tempo novo de eterna justiça,
Sem mais ódio, sem sangue ou cobiça: Vai ser assim!*



16° INTERECLESIAL

VII - ANEXOS

O TREM DAS CEBs AGORA SEGUE RUMO AO 16° INTERECLESIAL NO REGIONAL LESTE 3 - ESPÍRITO SANTO - DIOCESE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM



7.1. OS NÚMEROS DO 15º INTERECLESIAL DAS CEBs (MARILZA J. L. SCHUINA)

De 18 a 22 de julho de 2023 foi realizado o 15º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) do Brasil, na diocese de Rondonópolis-Guiratinga, na cidade de Rondonópolis/MT. Teve como tema *CEBs: Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas*; e como lema: *"Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra" (Is 65,17ss)*.

O número de participantes reflete, em certa medida, o que está acontecendo nas bases, ou seja, o processo de escolha buscou participantes que promovem direta ou indiretamente um caminho de mobilização, de construção de uma Igreja de comunidades em seus locais.

Como já foi publicado em documentos do Intereclesial, aproximadamente 1.500 pessoas participaram do encontro, dos quais 1.023 participantes diretos do encontro, escolhidos e escolhidas como representantes das comunidades, bispos, convidados, indígenas, assessores, assessoras, estrangeiros. Outras 400 pessoas foram os integrantes das 22 equipes de serviço que cuidaram de toda a infraestrutura e logística do encontro.

Dentre os 1.023 participantes, 53 são bispos (48 participações integral e 05 parciais), 60 convidados e convidadas (de movimentos, pastorais, Organismos, instituições, serviços), 04 convidados de instituições ecumênicas (dos quais 02 são pastores), 05 estrangeiros (sendo um jornalista italiano, um pesquisador italiano, um missionário em Moçambique, 02 das CEBs latino-americanas (Argentina e República Dominicana). 901 são os representantes das comunidades, dentre os quais, 28 são povos indígenas, sendo 16 mulheres e 12 homens dos povos Boe Bororo, Chiquitano, Xavante, Rikibaktsa, Xerente, Guarani e Kaiowa, Puroborá, Munduruku, Tupinikin, Tembé, Xukuru do Ororubá, Tremembé, Potiguara, Nambikwara, Kaigang, Macuxi, Wapixana.

A assessoria do encontro foi exercida por pessoas escolhidas dentre os participantes do encontro que estavam na categoria de convidados, convidadas e representantes das comunidades que compunham as delegações dos regionais. Foram 18 assessores e assessoras metodológicos e temáticos, 07 assessores e assessoras antenas/cronistas.

Veja em detalhes, alguns dados dos 901 representantes das comunidades, integrantes das delegações dos 19 regionais da CNBB. *Em outra oportunidade poderemos conversar mais sobre o perfil desses participantes, a partir das informações coletadas nas fichas de inscrição (fonte: Secretaria do 15º Intereclesial).*

1. Cristãos leigos e leigas, presbíteros, religiosos, religiosas, diáconos, seminaristas

VOCÊ É			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
DIÁCONO	13	-	-
LEIGO/A	714	424	290
PADRE	90	-	-
RELIGIOSO/A	72	57	15
SEMINARISTA	12	-	-

2. Participação das mulheres e homens:

SEXO		
TOTAL	FEMININO	MASCULINO
901	483	418

3. Idade dos participantes:

IDADE			
IDADE	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
MENORES DE 18 ANOS	03	2	01
18-30	82	23	59
21-30	3	01	02
31-40	148	61	87
41-50	112	50	62
51-60	301	186	115
61-70	190	123	67
71 ACIMA	62	37	25

4. Participantes de outros intereclesiais:

JÁ PARTICIPOU DE OUTROS INTERECLESAIS			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
SIM	511	286	225
NÃO	384	193	191
NÃO INFORMADO	6	4	2

5. Denominação religiosa:

DENOMINAÇÃO RELIGIOSA			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
CATÓLICA	871	468	403
PRÁTICA RELIGIOSA INDÍGENA	02	01	01
CATÓLICA (SIMPATIZANTE DO CANDOMBLÉ)	01	-	01
EVANGÉLICA	05*	04	01
NÃO INFORMADO	13	06	07
SEM RELIGIÃO	09	02	07

(*) Mais 04 convidados de instituições ecumênicas, sendo 02 pastores.

6. Escolarização:

GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
DOCTORADO	20	6	14
ENSINO MÉDIO COMPLETO	196	102	94
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	39	17	22
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	45	32	13
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	25	13	12
GRADUAÇÃO	298	158	140
MESTRADO	62	28	34
PÓS GRADUAÇÃO	216	125	91

7. Condição de trabalho:

VOCÊ ESTÁ			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
APOSENTADO/A	115	76	39
DESEMPREGADO/A	212	125	87
EMPREGADO/A	573	280	293

8. Faixa salarial:

FAIXA SALARIAL			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
1 SALÁRIO MÍNIMO	212	137	75
2 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS	371	172	199
4 A 5 SALÁRIOS MÍNIMOS	147	84	63
6 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS	40	23	17
SEM SALÁRIO	11	05	06
OUTRO	118	58	60
NÃO INFORMADO	02	02	0

9. Reside no campo ou na cidade:

RESIDE NO CAMPO OU NA CIDADE			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
CAMPO	170	82	88
CIDADE	729	397	332
NÃO INFORMADO	02	02	0

10. Filiação partidária:

É FILIADO A PARTIDO POLÍTICO			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
NÃO	618	347	271
NÃO INFORMADO	10	04	06
SIM	272	130	142

11. Associação sindical:

ASSOCIADO A SINDICATO			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
NÃO	684	364	320
NÃO INFORMADO	05	01	04
SIM	212	116	96

12. Participação em conselhos de cidadania, movimentos sociais ou populares:

PARTICIPA DE ALGUM CONSELHO DE CIDADANIA, MOVIMENTO, ORGANIZAÇÃO OU ASSOCIAÇÃO POPULAR OU SOCIAL			
CATEGORIA	TOTAL	FEMININO	MASCULINO
NÃO	554	295	259
NÃO INFORMADO	13	05	08
SIM	333	180	153

Em resumo:

1.023 participantes, sendo:

1. 53 bispos;
2. 60 convidados e convidadas (de movimentos, pastorais, Organismos, instituições, serviços);
3. 04 convidados de instituições ecumênicas (dos quais 02 são pastores);
4. 05 estrangeiros (01 jornalista italiano, 01 pesquisador italiano, 01 missionário em Moçambique, 02 das CEBs latino-americanas (Argentina e República Dominicana);
5. 901 representantes das comunidades, dentre os quais:
 - a. 28 indígenas, sendo 16 mulheres e 12 homens;
 - b. 13 diáconos
 - c. 90 padres
 - d. 72 religiosos/as
 - e. 714 cristãos leigos e leigas
 - f. 12 seminaristas

Os números são um referencial e servem para contribuir com a reflexão de como anda a articulação das CEBs do Brasil.

7.2. APRECIÇÃO DOS RESULTADOS DA CONSULTA REALIZADA JUNTO AOS REGIONAIS SOBRE OS IMPACTOS DA REALIDADE DO PAÍS E DA REALIDADE DA IGREJA NA VIDA DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (PEDRO A. RIBEIRO DE OLIVEIRA/ 05-06-2023)

Apresentação

Os dados que vou aqui comentar referem-se a como são percebidos por representantes das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – os impactos que a **realidade do País** e a **realidade da Igreja** provocam nelas. É preciso deixar claro que são respostas **subjetivas**, isto é, dependem

do ponto de vista de quem responde. A tarefa que recebi foi de detectar as realidades **objetivas** a que se referem essas respostas, isto é, mostrar o que elas dizem sobre a realidade do País e da Igreja e quais seus impactos objetivos nas CEBs.

As respostas foram resumidas em 12 categorias: a metade delas referentes à realidade brasileira e a outra metade para a realidade da Igreja. No interior dessas categorias são apresentados os itens mais relevantes para sua explicação. Na medida do possível foram reproduzidas as mesmas palavras encontradas nas respostas.

Fique claro, desde agora, que os dados que dispomos não provêm de uma pesquisa realizada com o método sociológico, mas sim de uma sondagem entre pessoas escolhidas para representá-las no 15º Encontro Intereclesial. Por isso evitei dar o título de “apreciação sociológica”, embora sendo sociólogo é este meu enfoque. Procurei valorizar esses dados porque a opinião de pessoas de liderança nas CEBs precisa ser levada a sério por quem quer refletir sobre essa realidade de Igreja do Brasil.

Fique claro, também, que não trabalhei com dados quantitativos porque certas respostas são individuais e outras de grupos. É possível, porém, constatar que alguns tópicos receberam muitas respostas semelhantes. Procurei ordenar a apresentação pelas respostas aparentemente mais frequentes.

Enfim, quero esclarecer que as respostas não foram discriminadas por regional devido à carência de tempo para análise dos dados. Mas a leitura atenta das respostas mostra que – salvo especificidades locais – elas não variam muito de uma região para outra.

1 - O impacto da realidade do País na vida das Comunidades Eclesiais de Base.

Duas respostas bem introduzem o conjunto:

- “As nossas comunidades não rezam somente uma liturgia dominical, mas rezam uma realidade, uma vida, uma

sociedade. A vida aparece na celebração. Tudo o que o país passa as nossas comunidades sentem.”

- “Nossa fé nos interpela a lutar por um país mais justo, sinal do Reino de Deus. Pois nossa missão é salgar essa sociedade dando o sabor do Evangelho e iluminando suas trevas de injustiça com a luz de Cristo.”

Vejamos, então, os fatos da realidade brasileira apontados pelo/as representantes de CEBs.

1.1. Realidade econômica.

Desigualdade econômica e social é um fato muitas vezes apontado nas respostas. O sistema em vigor privilegia o Agronegócio, a Mineração, as Hidrelétricas e deixa em segundo plano formas de economia popular como a agricultura familiar e pequenos produtores. Esse sistema apoia-se no Trabalho precarizado, favorece o desemprego e convive com o trabalho em condição similar à escravidão. Consequências dele é o aumento da população em situação de rua e do número de pessoas sofrendo fome.

1.2. Realidade Política

A fraqueza da Democracia e a Polarização política dos últimos anos, devido ao crescimento dos grupos de direita e difusão de ideias fascistas marcam o panorama brasileiro, onde se destacam também a corrupção, a criminalização dos Movimentos Sociais e a ausência de Políticas Públicas eficientes. Também a Reforma da Previdência e o desmonte dos Conselhos de políticas públicas foram apontados como fatos políticos de impacto nas CEBs.

1.3. Realidade Cultural dominante

Tão mencionados quanto os anteriores são os fatos referentes à cultura que hoje se difunde como componente do mesmo sistema

econômico e político dominante. Ela difunde o individualismo, a meritocracia e o indiferentismo como valores que devem nortear a vida das pessoas na sociedade e na economia. A seu lado estão a cultura do ódio, a homofobia, o racismo e outras discriminações. Essa cultura individualista marca o mundo urbano e usa as redes digitais como meio de difusão, atingindo principalmente as juventudes e a família. O fato é agravado pela desinformação, pelo desmonte da educação e pela falta de consciência de classe nos setores populares.

1.4. Convivência Social

Os fatos referentes à sociabilidade na vida cotidiana foram muito citados, geralmente associados aos fatos apresentados na categoria da cultura dominante. Eles mencionam especialmente a violência, destacando-se suas formas doméstica, contra mulheres e contra jovens. Povos originários e outros grupos economicamente vulneráveis como quilombolas e ribeirinhos também foram lembrados como vítimas de violências. O apoio ao armamento é um fator para o aumento da violência e da insegurança das pessoas. À violência são associados o tráfico e o uso de drogas, aí incluído o álcool.

1.5. Fatos conjunturais:

Com menor frequência do que os anteriores, foram mencionados a pandemia de covid, o novo normal após a pandemia e o negacionismo que questionou a eficácia das vacinas e até a própria pandemia. Também foram mencionadas doenças associadas à pandemia, como a depressão e a ansiedade.

1.6. Campo da Ecologia

Também com menor frequência foi mencionado o campo da ecologia e da crise climática como fatos da realidade que afetam as CEBs. Foram mencionados neste tópico o desmatamento e a crise hídrica em certas regiões.

* * *

Diante desses impactos da realidade, as comunidades percebem os seguintes efeitos:

- Desânimo entre os cristãos leigos e leigas: parece que todas as lutas do passado por uma sociedade justa e fraterna foram inúteis;
- Divisão na Igreja, porque quem critica o Papa diz que são os “comunistas” que seguem as orientações de Francisco;
- As pessoas com mais consciência política se afastam da comunidade, não se sentem à vontade nela;
- As pessoas sentem medo porque sofrem coerção e percebem o uso da força;
- Famílias abaixo da linha da pobreza estão desintegradas da vida comunitária;
- Não se percebe a palavra de Deus encarnada na vida da comunidade;
- Ausência de uma pastoral de conjunto;
- Leigos e leigas desconhecem sua missão na Igreja e na Sociedade;
- Crescente número de pessoas sem religião;
- Igreja dividida política e eclesialmente falando. Politicamente porque tivemos um lado pentecostalista alinhado com a extrema direita e outro lado lutando pela causa social;

- Evasão e desencanto com a Igreja (as pessoas tem a visão de uma Igreja opressora, manipuladora, ostentadora);
- Na pandemia a Igreja (CEBs) de uma certa forma se recolheu, gerando naquele momento certa apatia, distanciamento das atividades que uniam e congregavam as pessoas em torno da Palavra, da animação bíblica e, por conseguinte, do envolvimento comunitário social.

2. O impacto da realidade da Igreja na vida das Comunidades Eclesiais de Base

Duas respostas para situar esse tema:

- “As CEBs necessitam de guias que as ajudem a manter-se motivadas e com os pés firmes no caminho e no seguimento do Mestre, Jesus Cristo. À medida que a Igreja, por meio de seus líderes, testemunha com gestos concretos e com uma mensagem que toca o coração dos fiéis, as comunidades são beneficiadas”.
- “Foi a partir da Igreja que começamos a despertar para a realidade sofrida e de luta. Então a Igreja hierárquica não pode nos reprimir e sim nos chamar para entrar na roda e, juntos, lutar por um mundo mais justo e fraterno”.

Fatos da realidade da Igreja:

2.1. Clericalismo

- Há padres que se sentem elite. Os seminários fabricam senhores feudais. Há muitos clérigos midiáticos, popStar, viajantes.

- Atitudes machistas e sexistas por parte de padres, bispos e seminaristas, com pouca ou quase nenhuma participação de mulheres e homens negros e negros nos espaços de liderança da igreja.
- Comunidades têm ficado à mercê de párocos sem vivência comunitária.
- A realidade eclesial hoje mostra uma estrutura voltada para o estético, esquecendo o pobre, deixando de ser igreja de base e se tornando uma igreja cada vez mais voltada para o clericalismo. É uma igreja com receio de fazer mudanças e aceitar novas participações, como se isso a fizesse perder o poder que acredita ainda ter. Perguntamos: Que tipo de igreja é essa? Estamos caminhando juntos?
- O altar ainda é espaço de participação ativa e de centralidade apenas de homens brancos.

2.2. Celebrações e devoções

- Celebrações ritualísticas e religiosidade intimista. Mesmice das celebrações. Estrutura conservadora e neopentecostal da igreja favorece as celebrações devocionais.
- Devocionismo, inclusive para a juventude.
- A RCC implantou seu modo carismático nos ritos e celebrações da igreja, inclusive nas redes de TVs de “inspiração católicas”. A mídia, destaque para as TVs católicas, dissemina uma prática de fé intimista. Culto e missa pela TV são bem mais fáceis.
- A Teologia da Prosperidade, dos prodígios, arrasta multidões para eventos realizados na Matriz e enfraquece as comunidades.
- Falta vida do povo nas celebrações. Muita celebração, muita novena, muito terço, pouca comunhão fraterna.

2.3. Divisões na Igreja

- É grave porque são membros da própria Igreja, principalmente dos movimentos os responsáveis pelos ataques à CNBB e ao Papa Francisco.
- Grupo majoritário de católicos ignora o magistério da Igreja e rejeita o Papa Francisco.
- Duas eclesiologias: Francisco e uma Igreja sinodal, laical e profética, ou uma Igreja tradicionalista, reacionária, com um Cristo distante da história, emocionalista, contrária à CNBB e à CF.
- Outro modelo de Igreja, dissonante da eclesiologia do Vaticano II.
- Nossa CNBB Regional não comunga com as posições da CNBB nacional.
- Envolvimento político partidário de lideranças da Igreja, deixando de lado o projeto de Deus e adotando ações que vão contra o Evangelho de Jesus Cristo.

2.4. Igreja autocentrada

- Igreja de eventos e não de vivências.
- Igreja católica descomprometida com a política, com o bem comum.
- Conservadorismo, fundamentalismo; religião de “deus, pátria e família”: nela os ricos têm a precedência.
- “Paroquialização” exclui as pequenas comunidades e centraliza as atividades na matriz.
- A Igreja tem colocado de lado a opção preferencial pelos pobres e está cada vez mais preocupada com a beleza dos templos, as vestes e adornos.
- Igreja faz o casamento com as políticas de um Estado conservador e fundamentalista.

- O foco apenas na doutrina e nos ritos afasta muitas pessoas.
- Igreja engaveta os Documentos da CNBB, mercantiliza a fé e prega a cultura da prosperidade.
- A renovação carismática mudou a cara da igreja pelo descompromisso com o povo.
- O que realmente impacta na vida das Comunidades Eclesiais de Base são os movimentos pentecostais, que não por acaso proliferam dentro da Igreja.

2.5. Outras realidades

- Anulação e invisibilização das Comunidades Eclesiais de Base pela própria Igreja. Desaparecimento das CEBs nas diretrizes da CNBB, substituídas pelas CEMs.
- Desvalorização das lideranças. A nova geração está coordenando: hoje são os netos que estão assumindo.
- Os escândalos da igreja.
- Afastamento do nosso povo da igreja, por influência de neopentecostais.
 - **Realidades positivas:**
- A Igreja católica é a maior instituição de caridade e se preocupa com os mais necessitados,
- Resistência do Papa Francisco;
- Ensino Social da Igreja rumo a uma Igreja Sinodal;
- Resistência nas bases, animação renovada.
- Chegada do novo bispo.
- Esforços de presença de sacerdotes nas Comunidades Eclesiais de Base, mas insuficientes.

Diante desses impactos da realidade, **as comunidades percebem os seguintes efeitos:**

- Igreja é de comunhão, partilha, em saída, de caminhada e social. Igreja instituição impacta a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base com suas formas de pensar arcaico e muitas das vezes com um ensinamento que contradiz o ensinamento do papa!
- A igreja expulsa com seu negacionismo, obrigatorismo.
- As comunidades eclesiais estão intimamente ligadas à vida da Igreja. Os planos e projetos pastorais são direcionados a elas, pois é nelas que se encontra a realidade da Igreja diocesana. Quando a liderança da igreja apoia as CEBs e se engaja com elas, isso fortalece o poder dessas comunidades. Isso pode envolver o apoio financeiro, acesso a recursos institucionais ou espaços públicos, ou outras formas de suporte institucional.
- Nossas CEBs são vistas como perigosas, "comunistas".
- As pastorais sociais mais pujantes e mais próximas das CEBs, como Carcerária, Menor, Negro, Causa indígena, Mulher, Migrante, Juventude, Terra etc. têm pouca aceitação, como se fossem algo fora da Igreja.
- Não se investe numa igreja sinodal.
- Falta de formação nas comunidades e de lideranças.
- Esvaziamento dos conselhos paroquiais.
- Há resistência em compreender a existência das CEBs. Para muitos cristãos e padres, CEBs "foi no passado".
- O projeto das CEBs é fazer adesão ao Caminho de Jesus, mas está encontrando dificuldades para armar sua tenda dentro e fora da Igreja.
- A Igreja tem se mantido muito fechada ao trabalho comunitário, fazendo com que as pessoas passem a ouvir e não opinar.
- Uma resposta resume tudo isso: “As comunidades dentro dessa estrutura conservadora e neopentecostal da igreja, permite-se

apenas as celebrações devocionais. Não reflete as diversas realidades sociais, culturais e econômicas existentes. Muitas não seguem as orientações da CNBB de vivência dos tempos fortes das campanhas como CF, Semana da cidadania, Grito dos Excluídos e Excluídas, Jornada Nacional dos Pobres... E os cristãos leigos e leigas vão se calando para não criar conflito com o padre. Mas vemos ainda muitos cristãos leigo/as, enfrentando padres para seguir a missão de Jesus Cristo.”

Embora não tivesse sido pedido, certas respostas apontaram **algumas saídas:**

- Continuar o processo sinodal. As CEBs são indispensáveis para a horizontalização eclesial e a identificação da Igreja com o Povo de Deus: comunitária, solidária, participativa e missionária.
- As Pastorais Sociais precisam ser fortalecidas com urgência.
- Ministérios para as mulheres.
- O princípio básico de uma vida plena, em comunidade e de uma sociedade justa para todos e todas é a busca do bem viver, dentro de uma ecologia integral. Sonhamos uma igreja empenhada em levar o conhecimento para as pessoas sobre a construção de igualdades entre os povos e etnias, e que esteja em harmonia com as pessoas e comunidades, praticando a compreensão, a partilha e o fortalecimento da espiritualidade.
- A Igreja é mãe. E como mãe acolhe e orienta seus filhos e filhas. Mas depende muito de quem está à frente da diocese ou Paróquia. Se todos/as ouvissem o apelo do Papa Francisco haveria verdadeira unidade.
- As CEBs encontram força na ressurreição e são sinais de esperança. Mesmo diante desta dura realidade, os sonhos, as utopias e as esperanças continuam e nossas lutas por uma vida melhor. Tudo faz parte da Pedagogia do Fermento: fazer crescer, transformar

para o espírito de justiça, solidariedade e inclusão, tornar-se forte e dar sustento.

- A Igreja deve ser Evangelho. Deve viver o Evangelho. Ir na contramão da sociedade - a realidade que mata – e buscar a conversão, revisitar o primeiro amor, fazer a memória.
- Estamos sendo aquela pequena porção, o resto de Israel, que resiste, se levanta e segue!
- Temos um outro modelo de Igreja: CEBs uma Igreja sinodal.
- As CEBs se constituem enquanto modelo de Igreja profética, ecumênica, centrada na Palavra que liberta. Manter esse modelo de igreja será cada vez mais desafiador. Vamos depender cada vez mais dos nossos padres e bispos para propagar e fortalecer essa igreja presente e atuante no meio da comunidade.

3. Apreciação final

É geral a percepção de que as CEBs correspondem ao projeto de Igreja do Concílio Vaticano II segundo a orientação de Francisco: em saída, em direção às periferias. Sem idealização, mas com firmeza. Estão sofrendo marginalização pelo clero e setores tradicionalistas, mas não se sentem no caminho errado.

Isso não significa, porém, que suas lideranças pensem que devam reproduzir sempre o mesmo jeito de ser igreja do passado. Uma resposta me chamou a atenção ao lembrar que as lideranças de hoje são os netos das lideranças do período em que elas se implantaram numa diocese que foi pioneira. Uma coisa é a experiência de pessoas que, inspiradas nas propostas do Concílio Vaticano II e Medellín, criaram um novo jeito de ser Igreja; outra é a experiência de pessoas nascidas e criadas numa igreja que já promovia as CEBs e segue a mesma caminhada; outra, enfim, é a experiência de quem, tendo vivido a experiência de comunidade de base na juventude, vê hoje essa comunidade sendo rejeitada como “coisa do passado” pelo clero ou pelo bispo local. Essas diferentes experiências

refletem-se nas respostas analisadas, embora não possam ser precisamente detectadas.

Dito isso, concluo que embora haja diferentes experiências de CEBs entre as pessoas que as representarão no 15º Encontro Intereclesial, sua visão do lugar das CEBs diante da realidade brasileira e da realidade eclesial católica não tem divergências dignas de nota.

Pensam que as CEBs devem seguir sua caminhada – que em certas dioceses tem mais meio século – junto com o povo empobrecido, especialmente as mulheres, e todos os setores sociais excluídos do banquete do capital. Percebem que as eleições de 2022 representaram uma rejeição clara desse capitalismo predatório e dos políticos que o protegem, mas percebem também que a parcela da população que o aceita é grande e que tem o apoio de muitos cristãos nas Igrejas evangélicas – neopentecostais e clássicas – e na Igreja católica.

Embora poucas pessoas tenham feito essa relação explícita entre fundamentalismo católico e o clericalismo, pode-se perceber nas repostas que as críticas a um e outro se articulam. Por isso, essas pessoas intuem – mesmo quando não o dizem explicitamente – que seu projeto de uma Igreja de CEBs tem tudo a ver com sua luta por uma sociedade justa, fraterna, democrática e respeitadora da Casa Comum. Percebem bem claramente que esse é o projeto de Francisco quando fala de uma Igreja Sinodal.

Como participante dessa mesma Caminhada, concluo que o 15º Encontro Intereclesial tem a grande responsabilidade de alimentar essa reflexão em torno de uma Igreja Sinodal comprometida com a luta por uma sociedade solidária e responsável com a Casa Comum. Que essa expectativa se concretiza em julho deste ano!

7.3. CORDEL DO INTERECLESIAL – AUREOLINO SANTANA (MANAUS/REGIONAL NORTE 1)

*Nosso caminho tem sonho
Que buscamos realizar
Todas as nossas utopias
Procuramos alcançar
Ao perder um companheiro
Não deixamos de sonhar*

*Recordar Dom Juventino
Esse Bispo muito bom
Para as comunidades
Ele foi de Deus um dom
Exemplo de Jesus Cristo
Digo em alto e bom som*

*Pedro Casaldáliga, profeta
Que nos tratou com carinho
Foi como uma bússola forte
Mostrou e andou no caminho
Ao lado desse grande mestre
Nunca me senti sozinho*

*Nossa irmã de fé Solange
Sempre em CEBs caminhou
Pelas CEBs deu a sua vida
Seu coração e o seu amor
Nos protege de lá do céu
Junto de Nosso Senhor*

*Nós viemos para o Encontro
Do Décimo Quinto Intereclesial
As CEBs do Norte 01 em turmas
Se encontraram onde é o local*

*Via Brasília foi nosso trajeto
Por dois dias fomos recebidos
Depois seguir a Rondonópolis
Que era esse o destino pedido*

*Várias famílias nos acolheram
Mães adotivas ficaram então
Nos cuidando com o carinho
Demonstrando amor no coração*

*As representações regionais
Após cumprir a viagem inteira
Foram chegando vez por vez
Para as paróquias hospedeiras*

*E às dezoito horas reuniram
Na chamada Casa Comum
É o Centro Santa Terezinha
Pra celebração número um
Quase todos foram construir*

*Esse momento tão especial
Com o jeito comprometido
E foi para nós emoção total*

*E chamados para a acolhida
Vez por vez a cada regional
E se cantava: Obrigado Pai
Era um momento sem igual*

*No segundo dia a oração foi
Conduzida por um regional
E foi o nosso do Norte Um
Que fez a prece ser celestial*

*Os Regionais em sete grupos
Cerrado, Caatinga, Pantanal
Amazônia e Mata Atlântica
Casa Comum, Pampas. Uau!*

*Os grupos de estudo nomeados
Em Pupunha, Abacaxi, Cupuaçu
Abiu, Guaraná, Murici, Tucumã,
Cacau, Castanha do Pará,
Jambu*

*As questões na base de estudos
Que impacto nas CEBs que se diz
O que é realidade na nossa
Igreja
O que é realidade no nosso país*

*Segundo grupo, desafios e gritos
Pedem resposta da comunidade
Como vamos também responder
Para superar essas
dificuldades?*

*O terceiro dia começou
Com oração ecumênica
Igrejas que tem fé cristã
Orando com arte cênica*

*Esse dia feito pra julgar,
Pra discernir e iluminar
Partir da Palavra de Deus
Orientando o caminhar*

*Também pelo Magistério
Que traz a atual realidade
Com novo grito e desafio
E exige maior mobilidade*

*Coisas a Igreja quer ver
O poder e a sinodalidade
Com a ecologia integral
E mudar tudo de verdade*

*Também com Economia
De Francisco e de Clara
Se fará o mundo melhor*

Pois a nada se compara

*O que anima as CEBs hoje
Nas periferias, na missão
Por ser Igreja em saída
Essa foi a nova questão*

*Pediu-se a cada assessoria
Elabora assim uma questão
A partir de ser igreja em saída
Da temática em especificação*

*E a Feira da Solidariedade
O fim da tarde abrilhantou
E foi até a Noite Cultural
Momentos que nos agradou*

*No quarto dia nossa oração
Pelos povos indígenas feita
Foi de beleza e de perfeição
Não sei dizer qual a receita*

*E esse dia foi pra nós de agir
Os compromissos assumidos
A partir deste intereclesial
E devemos vê-los cumpridos*

*Qual o agir das CEBs na busca
A todos e todas dar vida plena
Sugestão de três compromissos*

Por quatro anos entrar em cena

*Como vamos retomar as CEBs
Fortalecer seu jeito e virtude
Buscar inclusão e participação
Com toda força da juventude*

*Depois fizemos a Romaria
A parte viva deste puxirum
E dos Mártires a Celebração
Vida do povo da Casa Comum*

*No quinto dia a oração foi
O Ofício de Maria Madalena
A “Apóstola dos Apóstolos”
A testemunha da vida plena*

*Apresentar compromissos
No modo de Proclamação
Para em cada Regional
Servir para a Articulação*

*É o cume do nosso encontro
Nossas chamas estão acesas
Queremos com a Eucaristia
Haja Pão em todas as mesas.*

